LINO DE MACEDO

AMAZONIA

Repositorio alphabetico de termos, descripções de localidades, homens notaveis, animaes, aves, peixes, lendas, costumes, clima, população, riquezas, monumentos, progressos, tarifas, indicações uteis, propriedades e curiosidades do grandioso valle do Amazonas.

OBRA INDISPENSAVEL A QUANTOS PENSEM EMIGRAR PARA A RIQUISSIMA E FLORESCENTE REGIÃO AMAZONICA.



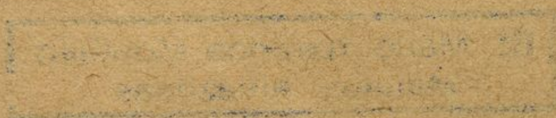


1906 — Typ. Adolpho Mendonça
Rua do Corpo Santo, 46, 48 e
50, 2.º — LISBOA

Obras do mesmo Auctor

A Filha do Jorge (romance realista), 1 vol. 400
A Familia no Seculo Actual. 100
A Alma Perante a Razão e a Sciencia. 1 vol 250
O Programma Republicano (carta ao ex.mo Sr. Dr. Theophilo Braga) 1 vol 100
Antiguidades do Moderno Concelho de Villa Franca de Xira (estudo historico archeologico, contendo muitas notas e documentos ineditos relativos aos principaes periodos da historia patria, descripção das sepulturas e lapides, dos extinctos conventos de Santo Antonio e Santa Clara da Castanheira, Nossa Senhora dos Poderes de Vialonga e dos Anjos, de Alvêrca, e d'um notavel estudo acompanhado do desenho dos perimetros de craneos romanos encontrados no Monte da Boa Morte pelo sabio anthropologo Dr. F. F. de Macedo, (com photographias e gravuras) 1 vol. . . . . 1$500
A Obra do Infante, publicação destinada a commemorar o quinto centenario do infante D. Henrique, 1 vol 400
A Bandeira (Estudo psychologico d'uma desiquilibrada, 1 vol. 800





Ao Ill.mo e Ex.mo Sr.

Dr. Augusto Montenegro

Dignissimo Governador do Estado do Pará; espirito illustradissimo, caracter impoluto, governante de pulso e de honestidade e enthusiastico admirador do surprehendente torrão que lhe foi berço.

O. D. C.

Lino de Macedo

Ao Ill.mo e Ex.ma Sr. Senador

Antonio José de Lemos

Inolvidavel transformador de Belem, a quem a Historia
fará a justiça que costuma fazer aos grandes caracteres.

O. D. C.

Lino de Macedo

Ao bom e carinhoso amigo

Domingos Pires Barreira

Um dos portuguezes mais illustrados, mais activos, mais honestos e mais dignos, que tenho encontrado no Brazil e que tanto honra a colonia portugueza como o paiz que habita.

O. D. C.

Lino de Macedo

Aos bons, queridos e inexqueciveis amigos

Mattos Areosa
Commendador Francisco G. da Costa Porto
Ismael Hall
Francisco José da Silva Ferraz
Eduardo Silva
J. J. Cardoso

Portuguezes tão dignos como amigos do Brazil, em testemunho dos muitos obzequios de que lhes é devedor

Off.ce

Lino de Macedo

PROLOGO

Tendo, por diversas vezes, percorrido esse vasto territorio Brazileiro, que se estende como um manancial de riqueza, de perfeição e de pujança, desde as ridentes e magestosas campinas do Rio Grande do Sul até ás margens do magestoso Amazonas, a minha alma sentiu-se commovida, fortemente impressionada, perante os quadros tão variados como bellos que a inegualavel pujança brazileira rasga perante os olhos do observador.

Nós outros, filhos d'esta velha Europa, onde a natureza se nos mostra como que receiosa, ficamos surprehendidos ao contemplar as maravilhosas galas com que se nos apresenta a vegetação do uberrimo solo de Santa Cruz.

D'essa surpreza nasce a nossa admiração e o nosso affecto a esse paiz assombroso e a esse povo affectivo e bom, a esse Brazil que nos recebe carinhosamente e nos hospeda com fidalgas bizarrias. E d'esse affecto, d'essa admiração, nasceu tambem este livro, gerado sob o pensamento unico de revelar as maravilhas da parte mais bella do vasto territorio brazileiro.

Percorrendo, em principios de 1905, uma parte da Amazonia, admirando, mais uma vez, os seus encantos e as suas incalculaveis riquezas, senti necessidade de collaborar nos seus progressos, de procurar para aquelle solo abençoado a unica cousa que lhe

falta: — braços que colham os thesouros que por lá jazem abandonados.

Possuem os Estados do Pará e de Manáos obras magistraes onde se collocam em evidencia os recursos extraordinarios que disfructam; mas essas obras, umas, hoje, raras; outras, difficeis de manusear e caras, não aproveitam, apezar do seu extraordinario merito, ao emigrante, que, pela primeira vez, pisa terra amazonica.

Temos em Portugal muitos guias e livros que nos marcam itenerarios e explicam a forma de viver em paizes alheios. Sobre o Brazil, porém, sobre a vasta região amazonica, não possuimos cousa alguma que possa guiar o nosso emigrante.

Foi esta falta que nos abalançou a copilar esta obra, respigando, entre os trabalhos dos mestres, quanto de util encontrámos e adiccionando-lhe o fructo da nossa pouca experiencia e estudo.

Se a emigração é uma fatalidade portugueza; se temos de buscar fóra da patria recursos que nos fazem mingoa, porque não preferiremos a amazonia, rica e prospera, a outros pontos onde difficilmente colhemos fructo de nossos esforços?

Divulgar, pois, as riquezas do Amazonas, chamar sobre a sua excepcional situação a attenção da corrente emigratoria, relatar as riquezas que jazem sepultadas no seu uberrimo solo e que só carecem de braços que as arranquem da sepultura, tal é o fim que nos propomos n'este trabalho.

Durante o anno de 1902, ultimo de que possuimos estatistica official, emigraram do reino e possessões ultramarinas 24:170 individuos, destinando-se entre estes 15:003 ao Brazil. A elucidar estes emigrantes e a prestar serviços a quantos vivem na riquissima Amazonia se destina este trabalho.

Seremos compensados com o triumpho do nosso labor? Não sabemos. O nosso maior galardão, porém, encontrar-se-ha, na utilidade do livro, que nos parece evidente, como se conclue d'estas palavras escriptas por um dos amigos a quem primeiro démos conhecimento do plano e que foram publicadas no jornal lisbonense *A Vanguarda:*

"O nosso camarada Lino de Macedo, que ainda ha pouco visitou parte dos Estados do Pará e Manáos e que ficou encantado com os melhoramentos que por

lá encontrou, está trabalhado n'um livro, que nos parece deveras util e curioso. E' um guia do emigrante n'aquelles vastos estados do Brazil, coordenado por ordem alphabetica, em fórma de diccionario.

Possuem os dois Estados, devido á iniciativa dos seus mais illustres homens publicos, magnificas obras historicas e descriptivas. Desde os luxuosos *Album do Pará e Amazonas* confeccionados em 1899, pelo dr. Henrique de Santa Rosa e F, A. Fidanza; as *Regiões Amazonicas,* do nosso illustre amigo barão de Marajó, a primorosa publicação *O Pará em 1900,* collaborada por notabilissimas e eruditas pennas; até ao recente e minucioso trabalho do notavel engenheiro civil, João de Palma Moniz, *Patrimonios dos Conselhos Municipaes do Estado do Pará,* muitos livros se têm publicado com o fim de tornar conhecida a riquissima e uberrima região banhada pelo Amazonas.

Até hoje, pelo menos que nos conste, ainda não viu a luz publica um trabalho que possa servir de tanta utilidade ao emigrante, que se destine áquelle Estado, como este de que vimos falando.

Todos os livros de que acima dissémos, além de caros são pouco manuseaveis e de difficil consulta para o emigrante pouco illustrado. O trabalho do nosso camarada, porém, methodicamente organisado, pode prestar altos serviços a quantos se destinem ao Estado do Pará.

Exemplifiquemos:

O emigrante viaja no Amazonas e ouve pela primeira vez a palavra «Ababá», «Abacaxi», «Ajuricaba». Abre o livro e pela ordem alphabetica encontra:

Ababá — Tribu indigena que habitou na serra de Parecís e que actualmente se encontra extincta.

Abacaxi — Fructo excellente, muito cultivado em todo o Brazil. Tem um gosto agradabilisimo e apreciado pelos europeus e brazileiros. A sua fórma é de pinha e mede em geral de 2 a 3 e meio decimetros de comprimento. Entre o rio Madeira e o Tapajós, tambem existe um rio com este nome.

Ajuricaba — Assim se chamava um valente da tribu de Manáos, que em serviço dos hollandezes praticou no Rio Branco e em varios pontos do baixo Amazonas correrias contra os estabelecimentos portuguezes, que invadia, arrancando d'alli os indios para serviço dos hollandezes. A sua maloca era situada ao pé do rio Ajuricaba, na margem esquerda do Rio Negro.

Encontra-se o emigrante no Pará e tendo de seguir para Santarem, quer saber a que distancia fica esta cidade. Além de encontrar uma resumida descripção de Santarem, na devida ordem alphabetica, encontra o seguinte na palavra.

Distancias — As distancias entre differentes pontos do Amazonas são as seguintes: Do Pará a Breves, 146 milhas; de Breves a Gurupá, 123; de Gurupá a Porto de Moz, 48; de Porto de Moz á Prainha, 96; da Prainha a Montealegre, 44; de Montealegre a Santarém, 60.

Superficie — A superficie do Estado do Pará é quasi de 11.500 myriametros quadrados e desdobrando-se ao longo do Oceano Atlantico cêrca de 355 milhas, occupa uma grande parte do valle amazonico . .

Finalmente: no trabalho do nosso collega Lino de Macedo póde encontrar com a maxima facilidade o emigrante inexperiente noticia de todos os termos que lhe interessem, no que diz respeito á fauna, flora, historia dos dois Estados, biographia dos seus homens mais importantes, edificios, escholas, necessidades hygienicas, salubridade do clima, precauções a adoptar, etc., etc.

O livro será acompanhado de retratos, gravuras de paisagens e monumentos, tabellas de preços de hoteis e mappas de toda a vasta região. Conta o autor tel-o concluido no espaço de um anno.

Divulgadas por este simples trabalho, que será um livro verdadeiramente popular e util, as riquezas e a facilidade de vida e recompensa de labor que os nossos emigrantes podem colher no Pará ou Manáos, com mais facilidade do que em outros Estados do Brazil, é muito natural que a emigração portugueza para alli derive em grande parte, colhendo os fructos da sua actividade e contribuindo para a prosperidade d'aquelle povo hospitaleiro e generoso».

N'estas palavras amigas, escriptas no justiceiro diario *A Vanguarda* e transcriptas em muitos jornaes portuguezes e brazileiros, aos quaes aqui registamos o nosso agradecimento, está todo o plano da obra. Procurámos que ella fosse clara e simples, fugindo a todo o sabor erudito e recopilando, reproduzindo dos bons mestres e de documentos officiaes, que devemos á generosidade dos illustres Governadores dos dois Estados, tudo quanto de util nos pareceu enfeichar para utilidade e deleite dos habitantes do Amazonas e dos emigrantes portuguezes.

Se o nosso bom desejo fôr coberto de applauso, uma nova e mais completa edição virá supprir as lacunas resultantes da rapidez com que executamos este trabalho. Nova e demorada viagem no Amazonas nos facultará os meios de tornarmos mais evidentes as opulencias do rico terreno banhado pelo rio mar.

Lisboa, abril de 1906.

LINO DE MACEDO.

A

Ababá. Tribu que habitou a serra Parecis e actualmente se encontra extincta.

Abacate. Fructo periforme de 1 a 1 $1/2$ decimetro de comprimento. Tem um gosto excellente. A semente serve para tingir de encarnado.

Abacaxi. Fructo excellente, muito cultivado em todo o norte do Brazil. Tem um gosto agradabilissimo e muito apreciado pelos europeus e brazileiros. A sua forma é de pinha e mede em geral de 2 a 3 $1/2$ decimetros de comprimento. Entre o rio Madeira e o Tapajós, tambem ha um rio com este nome, nas margens do qual ainda hoje existe uma aldeia fundada pelo *tuchaua* Abacaxi.



O districto da aldeia de Abacaxis é vastissimo, comprehendendo os rios Abacaxis e Pracony e os lagos Curopira, Jurupary e outros de menor importancia.

Abaeté. Foi fundada a cidade de Abaeté no anno de 1750. O seu nome, quando foi creada freguezia, era de Nossa Senhora da Conceição de Abaeté. Fica pouco distante da bahia de Marajó. No segundo semestre de 1905 tinha Abaeté matriculados no seu grupo escolar 254 alumnos. Em 1896 tinha Abaeté 12:054 habitantes.

Abaremotemo. Arvore da familia das acacias.

Abatiguaniba. Milho silvestre que algumas tribus selvagens torram e pisam para fazerem uma massa que lhes serve de pão.

Abio. Fructo do abieiro, do tamanho d'uma pera regular. É amarello, muito dôce e refrigerante.

Abundancia. E' incalculavel a abundancia e facilidade no viver que se encontra em todo o valle do Amazonas. A este res-

peito já o padre João Daniel escrevia em 1700: «Qualquer europeu póde mudar com sua familia para o Amazonas, seguro de ter lá tanta terra fertilissima á sua disposição, quanto elle com sua familia possa cultivar, seguro que nunca lhe faltarão terras, por mais que queira abarcar a sua ambição; regalia que não alcançam nem podem alcançar os europeus, onde as terras são tão poucas, que, sobejando os homens, faltam as terras e por isso quem alcança algum pequeno torrão, ainda que seja tão esteril como os montes, se dá por afortunado. Nas vastas solidões do Amazonas, offerece-se a todos um copioso thesouro de viveres».

Acajú-túa. Bahia entre Curuçà e Marapanim, na costa leste do Pará. E' fertil em tartarugas.

Acangatara. Ave de cujas pennas os indios se aproveitam para enfeitarem o corpo e os seus instrumentos de guerra.

Acapu. Madeira de fina qualidade e apparencia para construcções de portas e mobilias.

Acará e **Acará-Assu.** Peixe do rio Amazonas.

A freguezia de S. José do Acará foi fundada em 1758 pelo governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em observancia da lei de 6 de junho de 1755. Foi elevada a villa em 19 de abril de 1875. Encontra-se situada na margem esquerda do rio Acará, quasi em frente da junção do rio Miritypitanga com o rio Acará-Myrim ou rio pequeno, em terreno que se vae alteando para o centro. Tem 6:238 habitantes.

Acarahy. Rio Tributario do Xingu.

Acari. Peixe escamoso que se pesca no baixo Amazonas.

Acauã Ave rapineira das dimensões do Açor, de plumagem bruno-escura no dorso e nas azas; lado inferior branco, annel da nuca da mesma côr, cocuruto e occiput amarellos, rectizes e remigios fitados de branco. Abunda em todo o Amazonas e torna-se peculiar no grito que solta, comparavel a estrepitosa gargalhada. Alimenta-se de cobras e reptis. Por este motivo a consideram os indios ave santa e encantada, padroeira contra as mordeduras das cobras.

Acoiabá. Manto curto de pennas usado por algumas tribus indigenas.

Acuti. Vide *Cutia*.

Acutiboia. Cobra que se alimenta principalmente de acutis.

Acutipuru. Macaco pequeno de pelle felpuda e côr de ebano lustroso. Passa por ser muito dorminhoco. Todos, porém, que temos visto estão perfeitamente acordados.

Açougue. O primeiro que funccionou no Pará foi estabelecido pela Paschoa de 1726.

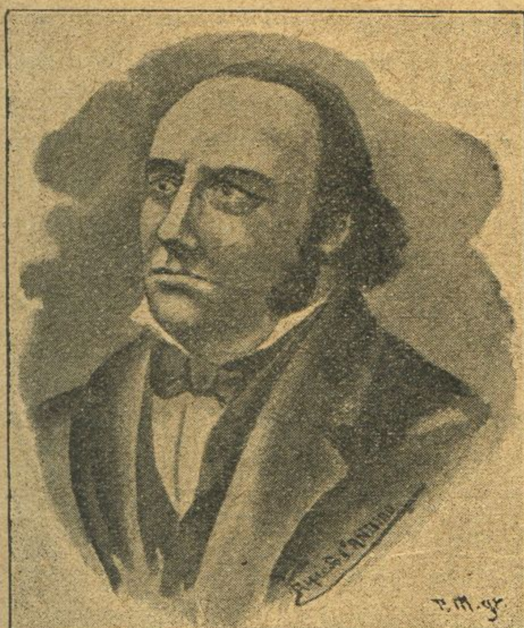
Affluentes do Amazonas. O magestoso rio mar recebe agua dos seguintes rios, cujo cumprimento, superficie e navegabilidade indicamos, como nol-a apresenta Reclus:

		Comprimento em kilometros	Superficie em kilometros q.	Navegabilidade	
				Á vapor	Á vela
Maranhão		2,400	1,000,000	1,450	1,800
Affluentes do N.	Içá	1,645	112,400	1,480	1,600
	Japurá	2,800	310,000	1,560	2,500
	Rio Negro	1,700	715,000	726	1,100
	Trombetas	570	123,500	450	500
Affluentes do S.	Javary	945	91,000	800	900
	Jutahy	650	38,000	500	600
	Juruá	2,000	240,000	1,500	1,825
	Purús	3,650	387,000	1,800	2,500
	Madeira	5,000	1,244,000	1,060	1,700
	Tapajós	1,930	430,500	350	1,400
	Xingú	2,100	395,000	120	1,500
Rio das Amazonas		5,800	5.594,000	5,200	5,650

Afuá. Pequena cidade situada na margem direita do rio de que toma o nome. Exporta cacáo, borracha, couros e gados. O municipio tem 6.124 habitantes.

Agami Vide *Trombeteiro*.

Agassiz. Naturalista suisso, nascido em 1807 em Mottier, cantão de Fribourg e fallecido em Cambridge-Boston, em 1873.

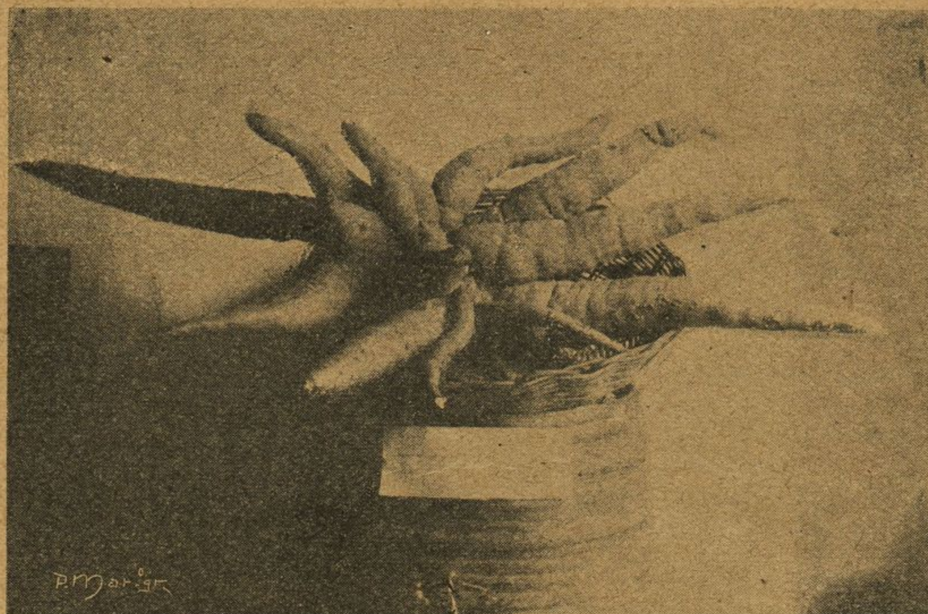


Foi um dos naturalistas mais distinctos que teem percorrido o valle do Amazonas, estudando a sua fauna e flora e legando-n'os um livro precioso sobre a sua viagem ás terras de Santa Cruz, intitulado *Voyage au Brésil*.

Ageru. Periquito de cabeça amarella.

Ai-ibirete. Perguiça de côr bruno-amarello-claro; desde as espaduas, o espinhaço é malhado de claro á direita e á esquerda da linha media. Vide *Perguiça*.

Aipim. E' uma variedade da mendioca, de que se faz muito uso no Amazonas. Vide *Macaxera*.



Airi. Vide *Coqueiro*.

Airi-tucum. Corda fabricada com os filamentos do *Airi*, de que se servem no Amazonas para diversos misteres.

Aiupiri. É um arbusto amazonico, de cujas folhas se faz decocoto efficaz contra as diarreas.

Ajuanã. Rio affluente do Rio Negro.

Ajuricaba. Assim se chamava um valente da tribu dos Manáos, que em serviço dos hollandezes praticou no Rio Branco e em varios pontos do baixo Amazonas correrias contra os estabelecimentos portuguezes, que invadia, arrancando d'alli os indios para serviço dos hollandezes. A sua maloca era situada nas margens do rio Ajuricaba, na margem esquerda do Rio Negro.

Ajuru catinga ou **macavana.** É uma das muitas variedades de araras que se encontram no Brazil.

Ajuru-coruca. Ave da familia dos papagaios.

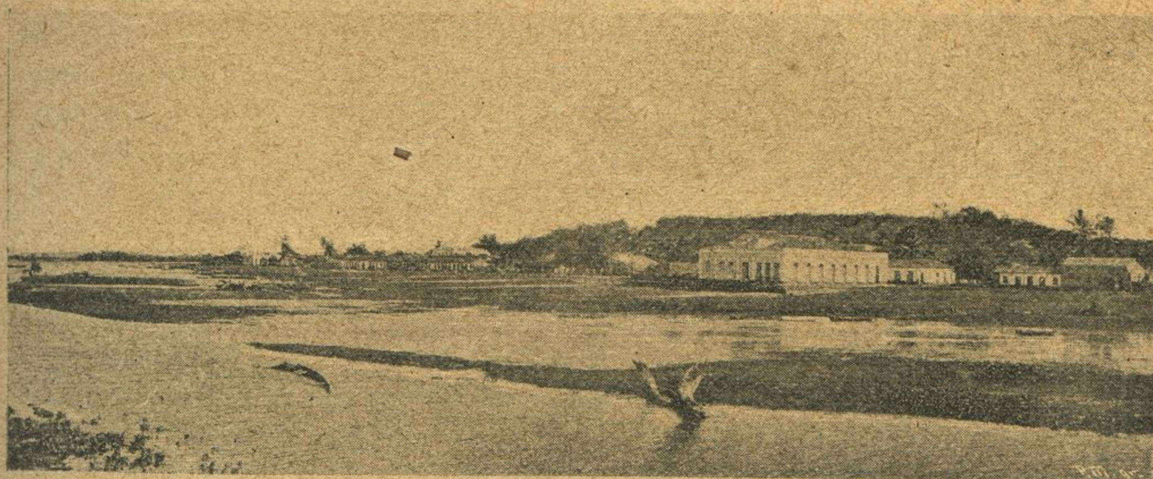
Aldêa. É uma povoação indigena quasi sempre á margem d'um ribeiro ou *igarapé,* que se compõe de quatro até seis cabanas, *occas*, dispostas de maneira que o centro fórma uma praça regular. Quando a cabana serve para abrigar uma só familia, denominam-n'a *tejupali;* se é para mais familias, chamam-na *tejupale.* Estas cabanas são cobertas com largas folhas da palmeira ou com

sapé, assentes sobre altos esteios de madeira e cercadas de palha ou barro, tendo duas ou mais entradas.

Estas aldêas são em geral defendidas por fortes e altas estacadas de paus a pique, bem unidos e profundamente enterrados.



Alemquer. Na aldeia de Surubiu, missionada pelos capuchos da Piedade, foi creada a freguezia da actual e ridente cidade de Alemquer; elevada a villa em 1758 pelo governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em observancia da lei de 6 de junho de 1755, perdeu esse predicamento, que ao depois lhe foi resti-



tuido pela lei n.º 160 de 23 de junho de 1848, sendo pela lei de 10 de junho de 1881, elevada á cathegoria de cidade.

A cidade de Alemquer, que é lindissima pela sua posição e amabilidade de seus moradores, gosa de excellente clima e está situada na confluencia do igarapé Itacará com o paraná chamado tambem rio Surubiu ou igarapé de Alemquer.

No segundo semestre de 1905 tinha Alemquer 146 alumnos matriculados no seu grupo escolar. O censo de 1896 dá ao seu municipio 7.415 habitantes. Produz muito cacáo, feijão, tabaco, oleos, borracha, couros, castanhas, etc.

Algodoeiro. Planta da familia das malvaceas, que produz o algodão.

Alimentação. Em todo o vasto Amazonas a principal alimentação é o peixe. Moqueado, assado, reduzido a pó, ou simplesmente cosido em agua, serve de alimentação habitual. A caça, apezar da sua abundancia, entra na alimentação em quantidade muito menor.

Almanach Paraense. Com excepcional brilho publicou-se nos annos de 1905 e 1906 este interessante e utilissimo almanach. É organisado e redigido pelos irmãos Moraes, adornado de formosas gravuras e enriquecido com muita materia de utilidade publica, taes como: indicações, tarifas, tabellas diversas e excellente parte litteraria.

Almeirim. Antiga aldeia chamada do Parú por causa das serras d'este nome que lhe ficam a cavalleiro, na margem esquerda do Amazonas. Hoje gosa fóros de villa. A freguezia é de N. S. da Conceição e o municipio tem 2.402 habitantes, que se occupam na colheita do cacáo e da borracha.

Alta Mira. Pequena povoação na margem oeste do rio Xingu. Diz Henri Coudreau que o seu clima é excellente.

Amaná. Pequeno lago e rio do estado do Pará.

Amapá. Vide *Montenegro.*

Amapá. Arvore da familia das apocynaceas. Temos visto applicar o seu succo, ou leite, no tratamento de golpes e feridas.

Amazonas. (*Rio*). Este rio foi primitivamente chamado Maranhão. É o mais longo curso d'agua da America meridional, visto que percorre 5.800 kilometros e o mais importante do mundo pela sua massa d'aguas (120.000 metros cubicos por segundo.)

Nasce com o nome de Maranhão, no largo de Lauricocha, perto do Cerro de Pasco, na cordilheira dos Andes. Só principia a ser navegavel desde o ponto onde se lhe reunem o Guanamá e o Pulcão. Até Jaen de Bracamoros só é navegavel em pequenas canoas, que possam passar as cachoeiras. De Bracamoros incline-

se a N. N. E. e a navegação torna-se mais facil até ao Pongo, auguentando o volume das suas aguas.

Foi Vicente Pinzon quem primeiro descobriu a foz do Amazonas; tomando posse d'elle em nome da corôa portugueza (1500). Os hespanhoes pretendem que foram descobertas as suas cabeceiras pelo capitão Maranhon, que fazia parte da expedição de Pizarro, e d'ahi o nome de *Maranhão*, que ainda muitos lhe dão, desde a confluencia do *Ucayale* até *Tabatinga*.

Quarenta annos depois da descoberta de Vicente Pinzon, deu Francisco Orellana a este rio o nome de *Amasonas*, por haver, diz elle, encontrado na foz do Nhamundá, que se lança na margem esquerda do grande rio, mulheres guerreiras com as quaes affirmou haver-se batido. Os indigenas davam-lhes o nome de *Icamiabas* e Orellana appellidou-as *Amasonas*. Suppunha-as habitadoras das cabeceiras do *Nhamundá*, na serra *Icamiaba* e guardadas por varias tribus extremamente ferozes, como os *Pariquis*, *Tagaris*, *Guacaris* e outras que habitavam as margens do *Nhamundá*. (Vide *Amazonas (As)*.

«A grandeza d'este celebrado rio, diz o padre José de Moraes, lhe tem publicado os nomes pela multiplicidade dos acontecimentos. Uns lhe chamaram o rio *Maranhão*, outros *Amazonas*, *Orellana* e *Grão-Pará*.

O primeiro, que é entre todos o mais antigo, sem ser necessario embaraçarmo-nos com deducções violentas, é a que lhe deram os castelhanos, de um seu capitão do mesmo apellido de *Maranhão*. O segundo o deu Francisco de Orellana, quando navegando por elle, foi accommettido das margens, por onde passava, de um pequeno esquadrão de mulheres, que com os arcos e flechas lhe picaram a marcha, alludindo ao mesmo nome, com que foram distinctas entre as do seu sexo as bellicosas Amazonas da Asia. E do seu mesmo appellido de Orellana lhe deram o terceiro os soldados da sua comitiva. O quarto, de *Grão-Pará*, que quer dizer *mar grande*, foi dado pelos portuguezes, porque defronte da cidade, aonde só logra este nome, se fórma a larga bahia, que compõe os quatro rios Mojù, Guamá Capim e Acará, que a não ter no meio a grande ilha das Onças e as que lhe ficam defronte, correndo para a barra, seria muito mais dilatada a sua grandeza».

A extensão do Valle do Amazonas foi avaliada por Humboldt em 260,000 legoas quadradas. N'essa immensa área existe um desenvolvimento superior a 7,000 legoas de rios navegaveis.

O Amazonas contem perto de quatro mil especies de peixes conhecidos.

Navegar pela primeira vez no Amazonas é um verdadeiro

encanto senão um deslumbramento. O rio ora se alarga n'um occeano ora se aperta n'um estreito em que as ramarias das margens beijam as canoas e até os vapores, offerecendo sempre uma variedade de panoramas devéras admiraveis. A floresta ou se afasta e vae confundir-se muito ao longe com o azul do ceu ou se aproxima tanto que os pequenos barcos navegam sob uma abobada de folhagem. Constantemente, pelo centro do rio, surgem ilhas marchetando, as aguas lodosas de verdura e flôres. Por todos os lados a natureza é pujante e bella em todos os seus aspectos. O scenario muda a cada momento, tendo a floresta no seu profundo silencio, algo de mysterioso, que faz recordar os grandes bosques druidas.

Amazonas. *(As)* Quando Christovam Colombo descobriu a America, recolheu entre os povos do Novo Continente uma lenda na qual se affirmava que entre elles existia uma nação sómente





composta de mulheres guerreiras. Orellana dizia ter encontrado e combatido essas mulheres bellicosas e até La Condamine, membro do instituto de França, sustentava que, na sua viagem pelo Amazonas, colhera noticias da tal nação feminil.

Para nós é uma fabula està nação de mulheres, vivendo sempre de armas na mão, como é fabula a existencia das amazonas da Lybia e da Scythia.

Seja porém, como fôr, fabula ou realidade, temos de relatar o que a respeito das celebres amazonas se tem dito.

N'uma região que se ignora, cercada de rios e coberta de arvoredo, habitava uma nação de mulheres formosas e fortes, de grande estatura e bella plastica, cabellos negros e compridos, olhos grandes, mulheres que manejavam com a maior destreza o arco e

o tacapé. A sua valentia e audacia no ataque aos povos visinhos tornaram-n'as respeitadas, permittindo-lhes a vida mysteriosa dos seus bosques.

Quando não combatiam adoravam a lua, que vivia como ellas sem marido, lá no alto dos ceus.

O templo para as adorações á casta Diana estava situado nas margens do lago Jaci-uaruá, que quer dizer: *espelho da lua*, d'onde traziam as muraquitans para offerecerem aos amantes na epoca propria, no tempo prescripto pelo rito religioso para receberem os homens de outras tribus, aos quaes mandavam convites antecipados.

O noivado, que era annual, durava apenas oito dias, sendo os indigenas, findo este praso, forçados a regressar ás suas tabas, sob pena de que a propria amante lhes varasse o peito com uma flecha.

Ficando gravidas, tinham o tempo necessario, no praso d'um anno, para terem os filhos. Se eram meninas aconchegavam-n'as ao peito com amôr e queimavam-lhes o mamilar direito para mais destras ficarem no jogo do arco. Se eram rapazes, olhavam-nos com aversão e matavam-nos, segundo uns, ou entregavam-nos aos paes, segundo outros.

Todas as pessoas que temos consultado sobre a lenda das amazonas, algumas das quaes até encanecidas a viajar pelo centro das margens do grande rio, teem a existencia das formosas guerreiras como uma lenda ou como natural confusão dos primeiros navegadores, que tomaram os homens por mulheres, o que nos parece facil e a certa distancia.

Gomes de Amorim, quando pela primeira vez visitou uma tribu juruna, nas margens do Tuccuruí tambem se illudiu, como se conclue das seguintes palavras:

Quando chegámos á entrada do cercado estavam no meio do terreiro alguns gentios, que eu tomei por mulheres. Traziam o cabello comprido, caído para as costas, e os rostos e corpos mais ou menos sarapintados com tintas de côres azuladas ou pretas. Nenhum tinha barbas; e esta circumstancia, bem como a de usarem longos cabellos, fez com que eu me equivocasse com o seu sexo á primeira vista.

— São mulheres nuas! — exclamei com pasmo. — Dar-se-ha caso que viessemos surprehendel-as em occasião de banho?!

— São homens — replicou Ferrugem, fazendo um gesto amigavel aos selvagens, que acabam de avistar-nos e partiam a correr para a barraca do chefe.

Facilmente se explica, pois, a illusão dos primeiros navega-

dores, illusão que deu origem á lenda, romantisada por cerebros visionarios.

Ambé. Rio confluente do Xingu.

Amigo do Amazonas. Em 1861 falleceu em Portugal Joaquim Antonio da Silva, que no Pará conseguira ajuntar uma avultada fortuna. Como signal de sua gratidão pela terra em que adquirira os meios de passar folgadamente a vida, deixou em testamento a seguinte disposição:

«Determino que da minha propriedade, que faz parte dos bens da minha casa do Pará e se denomina o «*cacoal Maracá-assú*» do rio do Amazonas, e que d'ora em diante se denominará «*Bom intento terceiro*» se faça uma plantação de seringueiras de vinte mil pés pelo menos; e em uma ilha de frente de Mocajuba, e que d'ora em diante se denominará «*Bom intento segundo*», se faça outra plantação tambem de vinte mil pés, pelo menos, das ditas seringueiras; e que d'estas disposições se dê conhecimento ao publico pela imprensa, para que se fique sabendo esta minha disposição patriotica, sendo todas estas despezas feitas pela minha casa em geral».

Este benemerito, verdadeiro amigo do Amazonas, advinhou a riqueza que adviria da cultura da seringueira para o Pará e com este legado lhe quiz provar a sua gratidão. *

Amorim (Francisco Gomes de). Foi um dos portuguezes que muito soube amar o Amazonas e descrever-lhe as bellezas, entre as quaes se creou.

Discipulo de Garrett, o esplendido iniciador da revolução romantica em Portugal, mais que discipulo, filho intellectual do *Camões* do grande homem, que o baptisou poeta — como as aguas do rio sagrado baptisaram o primeiro christão — no magestoso templo da floresta virgem, *a patria do seu pensamento*, ao som das cachoeiras e á face do opulento Amazonas, cujas aguas emballam as selvas, enlaçadas pelas palmeiras, pelos cajueiros e floridos cipós, e empellem brandamente dezenas de ilhas fluctuantes, especie de enormes flôres de nenuphar, povoadas de innumeras e variegadas aves, e onde não raro se ergue, atravez de enredados arbustos, a medonha cabeça do jacaré! Francisco Gomes de Amorim ficou sendo o continuador na terra dos fulgores do astro que foi occultar-se no tumulo!

Só elle herdou certamente o segredo de incomparavel naturalidade e desaffectada singeleza, que confere de prompto a popularidade aos livros, *deixando que se leiam*, como espirituosamente observa m.^{me} de Sevigné, e que immortalisou o estylo de Garrett.

Do sentido trabalho de Gomes d'Amorim muitas d'estas paginas são um reflexo nitido e por este motivo entendemos archi-

* Adivinhou nada. Se mandou plantar é porque a borracha já dava lucros na época.

var-lhe aqui o nome, como um dos amigos mais cultos da região que procuramos esboçar.

Anájás. A sua primitiva freguezia teve a invocação de Menino Deus de Anájás. Está situada na margem esquerda do rio Anájás, quasi em frente do seu posto de confluencia com o rio Mocoões.

Anájás. É o mais extenso e volumoso dos rios da ilha de Marajó e offerece uma navegação extensa e livre de perigos. As margens são em geral de terra firme, muito ferteis e arborisadas, produzindo muita borracha, cacáo e andiroba. O municipio tem 8.442 habitantes.

Anambés. Antiga tribu das margens do Pacajá Grande, d'onde retiraram para as cabeceiras do Cururuby, que é affluente do Pacajá Grande, onde ainda hoje residem, na aldeia do Tauá.

Os indios chamam *Anambá* a um passarinho de côres vivas e variadas.

Anani. Planta de que se extrahe uma resina propria para o calafeto de embarcações e outros misteres.

Anarapucú Rio da Guiana brazileira.

Anã-retam. Nome porque algumas tribus indigenas designam o inferno.

Anauirapucú ou *Aranapucu*, rio affluente do Amazonas.

Ancora Instrumento de ferro que agarrando-se ao fundo do mar aguenta o navio contra a força dos ventos e correntes, impede assim a que elle se affaste do logar onde se quer que fique. A ancora estando no fundo do mar é içada por meio de um cabrestante a vapor onde está presa a corrente que vai se enrollando no pôço que lhe é destinado. Quando a ancora chega á escovem é içada no castello de prôa e amarrada solidamente com correntes.

Andá-acú Nome d'uma arvore da familia das euforbiaceas, que produz um fructo ou amendoa de que se extrahe um oleo purgativo e que serve para illuminação e para pintura. Tambem é conhecida por purga do gentio.

Andira. Rio da Mondurucania, que se lança no rio Ureriá ou Ramos.

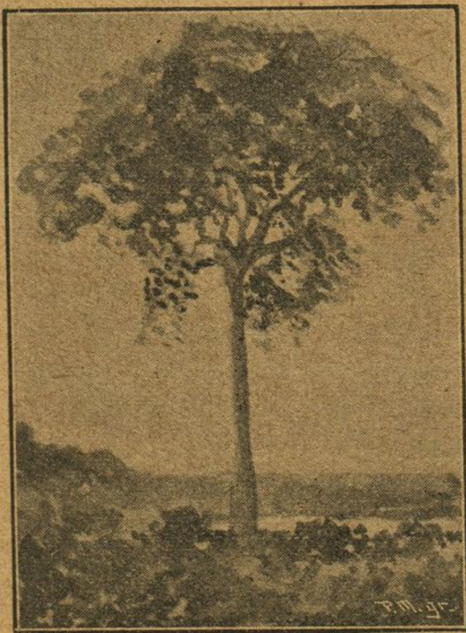
Andiroba. Planta da familia das meliaceas, de cuja amendoa se extrahe um oleo muito apreciado no Pará. Este oleo é fixo, extraordinariamente amargo e de côr amarella. Dá uma luz admiravel.

Angelim. Leguminosa do genero andira.

Anhangá. E' o génio do mal conhecido pelos indios, como o nosso Diabo; é uma terrivel divindade a quem attribuem todas as desgraças que lhes succedem.

Acontece muitas vezes, nas margens do Amazonas, como já temos presenceado, ouvir-se ao longe um ruido, que se vae aproximando e tornando cada vez mais forte e que depois passa, enfraquece e perde-se para voltar algumas horas depois, percorrendo o mesmo caminho em sentido inverso.

E' o som do vento na folhagem, que refresca com o cahir da noite. Os indios attribuem-n'o a uma causa sobrenatural. E' o espirito do mal nas suas correrias mysteriosas; é o *anhangá* que vae exercer o seu terrivel poder. Contam elles como na passagem d'este espirito as arvores se estorcem, as feras e as serpentes perdem a sua ferocidade, e mil outros prodigios. O caçador, o viandante extraviado, o imprudente que pernoitou no despovoado, cheios de assombro e de pasmo, dizem ter encontrado o *Anhangá* nas florestas.



Andiroba

Anhangapi. Pequena povoação do estado do Pará.

Anil. Substancia corante azul, extrahida das hastes e folhas da anileira.

Em 1787 dirigiu o ministro dos negocios da marinha e ultramar, uma carta ao governador do Rio Negro, recommendando-lhe a cultura e manufactura do anil e fazendo-lhe sensatas observações sobre a sua manipulação. Aquelle governador, aproveitando-se da idéa e das instrucções, que se lhe davam, cuidou seriamente da cultura do anil, sob tão bons auspicios, que nos annos que decorrem de 1786 a 1797, só elle forneceu ao laboratorio de Lisboa por conta da fazenda real 677 arbs. e 6 lbs. exportando os particulares, no mesmo periodo, 736, arbs e 3 ibs.

Aninga. Arbusto de dois a tres metros de comprimento, 6 a 9 centimentros de diametro, direito, cylindrico, de côr verde acinzentada, marcado de cicatrizes pelas folhas que teem cahido; a substancia do caule é esponjosa, summarenta, molle. Cria-se pela beira dos rios e das suas folhas se alimentam as tartarugas.

Aningal. Lago perto de Tefé, muito abundante em tartarugas.

Anisosperma. Planta da familia das cucurbitaceas, conhecida pela designação de *castanha de jabutá*. As sementes d'esta planta são purgativas.

Anory. Povoado do Amazonas.

Anta. E' o maior animal terrestre da America do Sul e muito vulgar no Amazonas. As femeas em geral são maiores, attingindo 2.m de comprimento por 1,m7 de altura. A fórma da anta é pesada, suina, cabeça espessa e nariz comicamente alongado que se projecta em tromba, mas sem o disco nasal do focinho do porco; olhos pequenos, grandes orelhas erectas e extremamente moveis, como as do cavallo; cauda e crinas curtas; pernas com quatro dedos adiante e tres atraz.

É caça muito estimada tanto por causa da sua carne, que é saborosissima, como por causa do seu couro.

Domestica-se facilmente, como por vezes temos observado. A fémea pare uma unica cria.

Anta não é vocabulo tupy. Alguns auctores o derivam do allemão, do arabe, do francez antigo e do latim. Outros o julgam de origem africana. O nosso Barros, nas *Decadas*, já fallava em «adarga de couro d'anta». Mas, venha d'onde vier, os indios do Brazil substituiram o nome de *tarpiiereté* e *tapiyra caapora* pelo de anta, hoje adoptado por quasi todas as tribus do Brazil. O individuo a que elle pertence abunda na provincia do Amazonas. É durante a noite que elle se compraz em percorrer as selvas, descer ás margens dos rios ou dos lagos, atravessal-os a nado, pelo simples prazer de banhar-se, e não raro se aventura, nos seus passeios, até ao centro das plantações, deliciando-se com alguns dos fructos que n'ellas encontra, especialmente nos melanciaes. De madrugada recolhe-se aos sitios escuros das florestas, preferindo smpre os logares frescos, onde as germineas mais tenras lhe offereçam pasto com que entreter os ocios do dia. Costuma andar sempre pelos mesmos caminhos, emquanto não tem motivo para desconfiar que lhe façam ali emboscadas, e chega a abrir com a sua passagem nas barreiras dos rios trilhos de alguns metros de profundidade. Caça-se, de noite, á espera ou com armadilhas, em que se põem espingardas engatilhadas, que elle dispara contra si e que raras vezes lhe acertam; e de dia, com cães, que o fazem sair dos bosques cerrados para as clareiras e margens dos lagos, onde se lhe possa atirar a descoberto. Para o matar com o primeiro tiro é preciso atravessar-lhe o coração ou o cerebro. É dotado de tão extraordinaria força que se a onça faminta o espera e lhe salta em cima, corre com ella por debaixo das arvores caídas até acertar com alguma que batendo na cabeça ou no peito da onça a derrube morta. A giboia, que esmaga o touro com os seus tremendos anneis, costuma enroscar-se na anta e prender-se ás arvores; a anta porém não lhe dá tempo de a subjugar;

arranca tres ou quatro vezes em corrida furiosa, até que rebenta a serpente!

Os que dizem ser grosseira e pouco saborosa a carne do tapir americano, com certeza a não comeram nunca bem preparada. E' tão boa como a melhor dos nossos animaes da Europa; e posta de escabeche, depois de assada nas grelhas, chega a ser deliciosa.

A anta, apanhada em pequena, domestica-se facilmente e torna-se ainda mais mansa do que o porco.

Ha exemplos de tomar tanta affeição á pessoa que d'ella trata, que a segue por toda a parte e, se vem a faltar-lhe, deixa-se morrer de paixão! Creada ao pé de creanças, costuma-se a brincar com estas, perde inteiramente a timidez nativa, e torna-se mansa e meiga como os cães. No estado de braveza, a fuga é o seu unico recurso para evitar a morte. Não é comtudo prudente aproximar-se-lhe quando está ferida mortalmente, porque, apezar de não morder, agarra os cães com a bôca e sacode-os com tamanha furia que os mata, batendo com elles nas arvores; e mais de um caçador tem ficado gravemente ferido com os coices que ella despede n'esse extremo.

Apapá. Peixe escamoso, que se pesca ao anzol.

Apiácas Ramo da grande familia tupy. Tribu indigena que habita o Alto Tapajoz. N'esta tribu dá-se o phenomeno de todos os homens andarem vestidos e as mulheres... como Eva, no Paraizo, antes de provar o fructo.

Apohy. Povoação do estado do Pará.

Apurynãs. Tribu das margens do rio Purus, que se distingue pela formosura das suas mulheres.

Apuy. Planta da familia dos urticaceas, vulgar no valle do Amazonas.

Apuyares. Indios descendentes dos tabayares e dos tapuyas.

Araçary. Ave da ordem dos picadores.



Araguahy. Ave que méde entre 35 e 39 centimetros de comprimento. Tem pennas vermelhas e verdes e o bico côr de carne.

Arapapá. Ave ribeirinha, pardacenta, corpulenta, de largo bico, chato.

Arapixy. Rio da ilha de Marajó.

Arara. Ave trepadora de vistosissima plumagem. Algumas attingem o comprimento de 93 centimetros a um metro e são como os papagaios faceis de domesticar.

Araras. Ilha situada entre as do Pará, Bagre e Rasa.

Ararica. Ave da familia das araras, muito vulgar em todo o Amazonas.

Araruta. Farinha extrahida da planta do mesmo nome, muito applicada na alimentação.

Arary. O maior lago da ilha de Marajó, muito abundante em pirarucú.

Arary. Rio importante da ilha de Marajó.

Araticúpanan. Arvore que produz um fructo venenoso.

Arauaná. Peixe comparavel ao peixe espada, chato, amarello esbranquiçado e por vezes vermelho ou côr de rosa.

Arauató. Canal do lago Saracá, onde desagua o rio Urubu.

Araúna ou **araruna**. É uma ave preta, do tamanho d'uma rola, que vive em bandos e põe os ovos nos ninhos dos japins para que estes lhes criem os filhos.

Arco. Arma de que se servem os indigenas para arremessarem as flechas.

Arinos. Rio que desagoa no Tapajoz. O terreno por onde elle corre passa por ser bastante aurifero e diamantino.

Armas. O escudo de armas da cidade do Pará foi creado pela lei n.º 912, de 9 de novembro de 1903, referendada pelo illustre Governador do Estado, dr. Augusto Montenegro. O escudo é vermelho, cortado por uma faixa obliqua, branca, da esquerda para a direita, tendo a mesma faixa ao centro uma estrella azul. Este escudo assenta sobre outro, graciosamente recortado nas extremidades, de fundo roseo, encimando-o duas volutas ligadas a um pedestal, sobre o qual se vê uma altiva aguia prestes a levantar vôo. No ultimo plano, por traz da aguia, destaca-se o sol nascente. Na base do escudo maior cruzam-se dois virentes ramos, um de seringueira, outro de cacueiro, o primeiro acompanhando á esquerda os recortes do escudo e o segundo levantando-se pela direita entrelaçado com uma fita amarella que se alonga até á parte superior e sobre a qual se lê: *Sule lege progrediamur. Estado do Pará.*

Arreação. Chama-se *arreação* ao trabalho dos seringueiros quando collocam a tigelinha que recebe o leite da seringueira. Este trabalho pratica-se da fórma seguinte:

O seringueiro, suspenso nos bicos dos pés, ergue uma pequena machada e descarrega na maior altura que póde alcançar, um golpe na arvore, cortando apenas a casca. Uma pequena tigelinha de folha se colloca nos beiços da ferida e durante algumas horas ahi se deixa permanecer para apanhar o leite da seringueira. As seringueiras mais grossas supportam até dez amarrações.

Arthur Vianna. Distincto escriptor e habilissimo bibliothecario da bibliotheca publica do Pará.

Arumá ou aruman. É um junco de cujas talas são fabricadas as esteiras de que se servem os indigenas para diversos misteres. Tambem se emprega em tecelagem e em outras industrias. O *Catologue of the Amazonas Exhibits St. Louis Exposition,* faz-lhe referencia nos n.ºs 170 e 782.

Arvoeiro. Segundo Baena é uma arvore espinhosa e tem venenos, tambem conhecida por assacu-miri.

Aspecto agricola. A gravura que acompanha representa um dos interessantissimos aspectos agricolas que se nos apresentam constantemente em todo o Amazonas: — representa uma familia



do Rio Grande do Norte empregada na descasca do milho, na fazenda *Iracema,* pertencente ao nosso amigo Angelo Leite, de quem em seu logar fallaremos.

Assacu. Planta de cujo leite os indios compõem com outros ingredientes, um veneno para empeçonhar os bicos das setas.

O leite do assacu é de côr branca e extrae-se por incisões na arvore colossal *hura brasiliensis,* a qual cresce expontaneamente

em todo o valle do Amazonas. Pertence á familia das *euphorbiaceas*.

Assahyseiro. Vide Juçara.

Assucar (canna de). Em 1666 foi esta planta, por ordem do ministro de estado conde de Castello Melhor, levada da ilha da Madeira para o Pará, onde nunca teve o devido desenvolvimento por falta de braços que a cultivassem, visto que os que por lá existem se entregam a outras culturas muito mais remuneradoras, especialmente a da borracha.

Aveiro. A freguezia denomina-se N. S. da Conceição d'Aveiro. Foi fundada pelo general governador José de Napoleão Tello de Menezes em 1781. Está situada em terreno plano, na margem direita do rio Tapajoz. Tem 2.295 habitantes.

Aviu. Pequeno camarão muito abundante nas proximidades de Cametá.

Aymorés. Antiga tribu india.

B

Bacaba. Fructo da palmeira de que se extrahe um oleo applicado para illuminação.

Bagre. Villa situada a sudoeste da ilha dos Bagres, na foz do rio Passama, que desagua no furo que separa a parte sul da ilha de Marajó do continente. Tem 1.877 habitantes.

Bahias. Muitas e formosas bahias possue o estado do Pará. As principaes e mais irequentadas são: as de Gurupi, Piryatinga, Caetá, Juapiriga, e Maracanã na foz dos rios d'estes nomes; a das Salinas na costa junto ao pharol; as do Sol e Santo Antonio, na costa oriental do golpho Pará; as de Guajará, Marajó, Boccas e Melgaço, no prolongamento do mesmo golpho; a de Marapatá, na foz do Tocantins, a dos Vieiras, que não é senão um braço meridional do Amazonas, e finalmente a do Tapajoz, entre Santarem e Villa Franca.

Baião. Orago Santo Antonio. Cidade fundada em 1758 pelo portuguez Antonio Baião. O municipio tem 5.851 habitantes e está situado na bacia parcial de Tocatins, em lugar aprazivel. Produz muito cacáo, tabaco, oleos, borracha, couros, castanhas, gados, etc. Dão acesso á povoação duas enormes escadarias, com perto de duzentos degraus cada uma. Das primitivas egrejas restam apenas as ruinas. Dista da séde da comarca 49 kilometros.

Balaio. Cesto fabricado com o junco arumá.

Balanço. Diz-se balanço o movimento do navio de bombordo a estibordo e *tangagem* o baloiço de proa á pôpa.

Bambú ou **taboca cramury**. Especie de canna europeia com largas applicações.

Bananeiras. Ha grande quantidade em todo o valle do Amazonas, sendo as principaes as chamadas pacovas, que teem um fructo de tamanho descommunal, chegando alguns a medir dois palmos de comprido e tres pollegadas de diametro.

Banco Amazonense. Foi fundado em 17 de dezembro de 1903, em Manáos, começando a operar no mercado alguns mezes depois.

O fundo social d'este banco é constituido por duas contas:— uma, *Capital*, consequencia das entradas dos accionistas, e a outra *Capital subsidiario* formada pela conversão do producto do imposto creado para subvencionar o banco.

Estas contas estão descriminadas pela fórma seguinte:

Capital	2.000:000$000
» subsidiario	1.009:400$000
Total reis	3.009:400$000

O primeiro balanço d'este banco, de que é director gerente o sr. Carlos de Figueiredo, honradissimo negociante da praça de Manáos, respectivo ao anno de 1904, foi o seguinte:

ACTIVO	1.º SEMESTRE	2.º SEMESTRE
Accionistas	1.242:030$000	911:940$000
Moveis	10:000$000	18:000$000
Fundos em Londres:		
1.º sem. £. 8.000, 2.º sem. £. 15.000	156:734$600	271:698$100
Thesouro Publico do Estado c d.	159:636$300	137:106$520
Apolices da D. P. do Amazonas — papel	6:563$480	81:450$000
Apolices da D. P. do Amazonas — ouro	—$—	37:875$000
Caixa	634:130$183	642:464$828
Caução da Directoria	140:000$000	140:000$000
Garantias diversas	1.209:034$346	2.022:461$885
Titulos de garantia	123:100$000	192:740$000
Letras depositadas por caução	221:378$995	158:763$410
Cobranças de c/3.os	—$—	56:433$530
Contas correntes garantidas	614:992$720	1 204:384$190
Emprestimos caucionados	258:600$000	199:230$000
Letras descontadas	148:614$940	223:059$902
Juros a receber	—$—	5:584$290
Correspondentes	19:314$730	15:965$200
	4.944:130$294	6.319:156$855

PASSIVO	1.º SEMESTRE	2.º SEMESTRE
Capital	2.000:000$000	2.000:000$000
Fundo de reserva	55:530$100	80:593$000
Capital subsidiario	852:501$000	1.009:400$000
Fundo de juros do capital subsidiario	—$—	166:943$130
Depositantes	1.693:513$341	2.570:398$825
Contas correntes com retiradas livres	77:600$000	207:801$840
Contas correntes simples	34:398$920	29:629$700
Letras de cambio	—$—	9:504$950
Descontos	13:261$510	11:649$750
Dividendos	44:310$150	84:953$700
Incorporação	105:507$000	47:618$900
Commisaão da Directoria	52:753$573	23:809$460
Correspondentes	13:754$700	76:853$600
	4.944:130$294	6.319:156$855

Bancos do Amazonas. Como succede em quasi todos os rios, são tambem os bancos do Amazonas mui variaveis; mas o volume d'agoa é tal que os conserva profundamente submergidos grande parte do anno, permittindo livre direcção mesmo aos navios de maior calado.

Os bancos movediços, em geral formados por uma enchente e que outra faz desapparecer, são raros na entrada do Amazonas.

Os fixos, isto é, os que existem ha muitos annos, tambem modificam com o andar dos tempos, crescendo ou diminuindo, levantando-se ou abaixando-se e deslocando-se em algumas partes, segundo a maior ou menor violencia da corrente.

O maior numero de bancos existe entre Teffé e o rio Jutahy.

Bancos do Pará. Muitos e importantes bancos possue a praça do Pará, onde se póde transaccionar com toda a confiança e garantia. Entre outros citaremos o *Banco Commercial do Pará*, com o capital de dez mil contos; o *Banco do Pará*, com um capital de quinze mil contos; o *Banco Norte do Brazil*, com um capital de dois mil contos, e o *Banco de Credito Popular*, com um capital realisado de tres mil contos.

Estes bancos fazem todas as operações propriamente bancarias, inclusivé:

Cobrança de letras sobre a praça e as de Manáos, Maranhão e Ceará, cobrando-as pela mala após o recebimento, e bem assim de dividendos de acções, juros de apolices, etc., etc., mediante commissão modica.

Emittem cartas de credito e saccam a praso ou á vista sobre todas as praças onde teem correspondentes.

Realisam pagamentos por telegramma.

Compram e vendem por conta propria e de terceiros titulos e coupons da divida publica federal, interna ou externa; da divida externa do Estado do Pará, interna da intendencia de Belem e acções e obrigações de Bancos e Companhias com cotação real na praça.

Fazem emprestimos sobre garantia de hypotheca de predios localisados n'esta cidade e sob caução de titulos da divida interna e externa federal ou estadoal, e acções e obrigações de Bancos e Companhias com cotação real na praça.

Emittem vales-ouro para pagamento de direitos aduaneiros.

Recebem dinheiro em conta corrente com retiradas livres e a prasos fixos.

Encarregam-se da cobrança de alugueis de predios situados dentro do perimetro urbano da cidade e da administração dos

referidos immoveis, nas condições do Regulamento estabelecido para a respectiva carteira, que os interessados poderão requisitar.

Prestam todas as informações por carta ou pelo telegrapho, que possa interessar os seus commitentes.

Banhos. Como aceio e como refrigerante é indispensavel o uso de banhos diarios, de immersão ou de chuveiro.

As populações amazonicas banham-se constantemente, a toda a hora do dia e da noite.

Barbaridade dos Indios. No Alto Amazonas encontram-se ainda algumas caravanas de indios barbaros que não duvidam de atacar os brancos, sempre que para isso tenham occasião.

Os indios parintins, especialmente, são uma raça cruel como se póde avaliar pela scena que nos narraram, desenrolada no Rio Madeira.

No barracão Mairy, propriedade de Antonio Cavalcante, perto d'um seringal de duzentos metros, morava o boliviano Belisario Nosa com sua familia.

Na manhã de domingo, 12 de novembro de 1905, Carmen filha de Belisario, casada com Pedro de tal, foi ao fim do campo para o lado de traz, tirar umas varas e ao voltar disse a seu pae que suspeitava da presença de indios ali, pois sentiu um forte cheiro almiscarado de que elles usam. Belisario, sem acreditar, dirigiu-se para o banho, no porto, e Carmen voltou aos seus serviços em casa. Casualmente, olhando pelas frestas das pachiubas que formavam as paredes da barraca, Carmen ficou horrorisada vendo que uma grande quantidade de indios marchava em direcção á casa; correu á porta e gritou pelo pae que já voltava do banho. Belisario foi n'essa occasião alvejado pelas flechas dos indios, sendo ferido em um braço; correu para casa pegou em um rifle, que estava descarregado, e não tendo com que se defender fugiu para o porto, mas ao embarcar n'uma canôa foi agarrado pelos indios que ahi o mataram.

Carmen disparou contra os indios duas unicas balas que havia em outro rifle; mas ficando desarmada, carregou ao collo um filhinho de 2 mezes e com sua mãe e mais duas mulheres atirou-se ao rio, perseguidas todas pelas flechas do inimigo.

Uma d'estas frechas attingiu a cabeça de Carmen, não a ferindo por ter batido no pente de cock que lhe prendia o cabello, quebrando-o.

Uma mulher do Piauhy, que ali esperava o vapor *Justo Chermont* para descer, quando fugia, foi morta no terreiro. Estava em adiantado estado de gravidez.

Um filhinho de Carmen, de 6 annos de idade, tambem foi

encontrado morto, sem cabeça e com o corpo crivado por 37 flechas.

Algumas pessoas do barracão Maicy, vendo descer aquelles vultos agua abaixo prestaram-lhes os seus soccorros, indo salval-os em uma canôa. Ao chegar a terra falleceu a mulher de Belisario; uma das mulheres que a acompanharam estava flechada e a outra e Carmen sem nenhum ferimento.

Essas mesmas pessoas dirigiram-se depois á barraca do Belisario, que encontraram incendiada, recolheram os cadaveres do menino e da mulher, á cabeceira da qual se achava um seu filhinho de 7 annos presumiveis, que milagrosamente escapou á sanha-terrivel dos barbaros.

Todos os cadaveres foram sepultados no logar Maicy.

Barquinha de helice. Instrumento inglez de invenção recente, substituindo o do systema antigo, que serve para avaliar a velocidade da marcha de um navio, isto é, o numero de milhas percorrido no correr do dia ou durante um numero determinado de horas.

Compõe-se de um cylindro de cobre collocado na pôpa do navio e no qual se acha fixado, com um parafuzo de gancho giratorio, um cordel de barquinha ordinaria em cuja ponta está um helice de cobre. Atira-se o cordel ao mar e a velocidade do navio fazendo girar o helice indica sobre o mostrador do apparelho quantas milhas o navio tem percorrido em um tempo marcado.

Medir por meio da barquinha a velocidade do navio, chama-se *deitar a barquinha.*

* **Barra do Japurá.** Legoa e meia acima do logar de Alvarey, e na mesma margem austral do Amazonas fica a ponta chamada Parauari. N'esta, diz Mr. de Condamine pag. 53 e 59 do seu Diario, que estivera a aldeia do Ouro, aonde o Capitão Mór Pedro Teixeira ergueu um marco, e tomou solemnemente posse por parte da coroa portugueza, em 26 de agosto de 1639. Funda-se que no acto da posse se faz menção dos Gueyariz, defronte das boccainas do Rio do Ouro. E suppondo que a dicção — Pará — no idioma geral dos Indios do Brasil, equivale ou significa — Rio; — infere que o nome — Paraguari — val o mesmo que rio dos Guariz, ou rio que banha a terra dos Guariz; consequentemente, que em Paraguari se tomára aquella posse, e que o Japurá é o rio, cujas boccainas se declaram fronteiras.

Para o exame d'esta questão seria necessaria maior extensão, da que permitte esta obra. Apontaremos todavia as noticias que bastem para desvanecer a conjectura de Mr. Condamine. A ponta sobredita chamam, e sempre chamaram os indios — Parauári, — e

não Paraguari. E no idioma geral dos mesmos indios se não denomina o *rio* Pará, mas sim — Paraná. — E ainda que se verificassem estas duas supposições, isto é, que a ponta se chamasse Paraguarí, e a dicção — Pará — fosse propriamente significativa de rio ou se conceda que o nome Paraguarí se acha syncopado, por se lhe tirar a syllaba — na — não podia legitimar-se a etymologia, que inculca Mr. de Condamine, por dois motivos:

O primeiro porque na invariavel phrase do idiòma geral dos indios do Brazil concorrendo dois substantivos precisamente se antepõe o do genitivo ao do nominativo, sem que possa descobrir-se o exemplo contrario e por isso havendó de significar-se —Rio dos Guariz, se deve dizer indispensavelmente—Guari-Paraná, e não Paraguari, porque d'este modo vale o mesmo que — Guari do Rio. O segundo, porque na ponta referida, ou suas visinhanças nunca houve gentio, ou outra qualquer cousa com denominação de Guariz ou Guayariz.

Não ha precisão de se dar origem a todos os nomes, porque só dependem de uma livre e voluntaria imposição dos homens; nem é facil saber-se a etymologia dos nomes, que a tem, ignorando-se a linguagem dos que os impozeram: o que succedeu em muitos nomes d'estes sertões, impostos pelos seus primeiros habitantes e conservados até agora. No caso de ser o nome Parauai imposto pelos indios, que usavam da lingua geral, e havendo de buscar-se-lhe alguma etymologia, é muito natural, que se derivasse do nome Parauai, que significa periquito, talvez porque fossem vistos muitos d'esta especie n'aquelle sitio, e que ao depois se accrescentaria na pronunciação mais um — r — para se dizer — Pararuari — em vez de Parauai

O padrão ou marco foi eregido pelo capitão mór Pedro Teixeira na margem septentrional do Rio Napo, alguns dias de viagem por elle acima, aonde se acham verificadas todas as indicações do auto da posse. Julgando o sr. Alexandre de Sousa Freire, no tempo que governou o estado do Pará, que já estaria corrupto o sobredito marco, despediu para o renovar Belchior Mendes de Moraes com uma escolta de 15 soldados e 2 sargentos, os quaes chegando ao Rio Napo, acharam, posto que mui damnifiado, o marco no sitio confrontado no auto da posse, ergueram outro, estando presente o jesuita João Baptista Julião, superior das Missões de Quito, que andava em visita.

Este facto desvanece evidentemente a conjectura de Mr. Condamine, e muito mais attendendo-se a que sempre os portuguezes conservaram a posse do Amazonas, de Pararuari para cima, praticando todos os actos legaes na navegação do rio; na extracção

dos seus generos; na reducção dos indios seus habitantes; e na fundação de muitas colonias, não obstante as contrarias diligencias dos jesuitas hespanhoes, que pertenderam arrogar a si o dominio e posse do Rio Amazonas, até á barra do Canal do Cuchiuará, como confessa o mesmo Mr. de Condamine na pag. 53, e sem embargo do attentado do jesuita Samuel Fritz, que descendo pelo rio abaixo com animo de privar os portuguezes da posse, e fazel-a sua, suggeriu praticas aos indios Cambebas, ou Mauaz, para os reduzir á sua communhão e mudal-os d'onde habitavam para as margens do rio, tratando-os por seus catecumenos.

Mr. de Condamine, talvez por não ter mais noticias das que a seu favor lhe communicaram os jesuitas de Hespanha, affirma resolutamente na pag. 42 do mesmo extracto que os portuguezes principiaram a allegada posse do anno de 1710 em diante e parece attribuir-nos violencia, por dizer na pag. 34 que no mesmo anno, espantados dos portuguezes, os indios Cambebas, ou Mauaz, este é o verdadeiro nome da nação, e não Omagua, reduzidos ao gremio da egreja pelo jesuita Samuel Fritz, abandonaram as suas terras e subiram pelo rio acima, até ao sitio onde fundaram a sua nova povoação. Porém esta asserção é muito livre, e a verdade dos factos é a seguinte:

No tempo da guerra entre Portugal e Hespanha, pela alliança de Carlos VI, quizeram-se aproveitar os jesuitas de Hespanha d'aquella opportunidade para a execução dos seus intentos, e a este fim fizeram descer pelo rio abaixo no anno de 1709, brancos, indios e mestiços, os quaes chegando á povoação de Nogueira, aprisionaram n'ella o missionario Fr. Balthazar da Madre de Deus, religioso carmelita e dois brancos, levaram todos os indios, que existiam em uma povoação fundada na margem septentrional do Amazonas, no sitio chamado Tayaçútyba, fronteiro e pouco mais acima do Rio Juruá, com os quaes estabeleceram os jesuitas hespanhoes a aldeia, a que deram o nome dos Jurimaguas; levaram, finalmente, alguns indios cambebas, das quatro povoações, que então dominavamos, a saber: S. Paulo, antiga villa de Olivença, S. Christovam, ou logar de Castro de Avelans, N. S. de Guadalupe, no logar de Fonte Boa, S. Mathias, que se encorporou com Castro de Avelans, e estabeleceram-nos na aldeia, a que chamaram os hespanhoes S. Joaquim.

Logo que chegaram estas noticias, Christovam da Costa Freire, que governava o Estado do Pará, despediu uma grossa tropa commandada por José Antunes da Fonseca, o qual, subindo pelo rio Amazonas, aprisionou em uma ilha o jesuita Francisco

de Sana e outras mais pessoas. Chegando á aldeia de Santa Maria Maior, recobrou o nosso missionario Fr. Balthazar da Madre de Deus e outros portuguezes.

Este é o unico facto a que póde referir-se Mr. de Condamine, pelo qual se mostra contra elle, primeiro: que já n'aquelle tempo tinhamos acima de Parauri quatro povoações de cambebas ou Omauas, além de outras differentes nações de indios; segundo, que os cambebas foram para a aldeia de S. Joaquim, não espantados dos portuguezes com os quaes viviam em boa harmonia, e ficou a maior parte habitando nas tres povoações de Olivença, Castro de Avelans e Fonte Boa; mas sim levados violentamente pelos hespanhoes; terceiro, que a expedição portugueza foi posterior á hostil invasão dos hespanhoes, e dirigida, unicamente, á restituição da nova posse, e que elles ficaram prizioneiros, para desaffronta das armas portuguezas.

Defronte da ponta do Parauari está a quinta e a principal barra do rio Jupurá em 3 graus ao sul. Ella tem a sua origem em uma serra que fica ao oriente de Popayaó, e corre de oeste a leste, parallelo ao rio Negro e Amazonas. Os hespanhoes chamavam á parte superior d'elle Caquetá. Os portuguezes a todo o rio chamavam Jupurá, que lhe impozeram os indios, por ser muito usual entre o gentio d'elle uma massa branda, negra, e de ingratissimo cheiro, feita de certas fructas chamadas Yupurá (assim pronunciam tambem os indios o nome do rio) depois de corruptas, a qual comem como pão, ou beiju, e com tudo o que lhe parece, e tambem por serem da nação Yupurá os indios que antigamente habitavam as margens d'este rio.

Barcarena. Povoação banhada pelo rio do mesmo nome. Fica nas proximidades do Pará.

Barreira (Domingos Pires). Não é este livro destinado a largas biographias porque se o fôra nenhuma aqui teria melhor acolhimento do que a do distincto portuguez e nosso valioso amigo, sr. Domingos Pires Barreira. Mas se o mingoado das linhas e o desatavio da penna não dão, porque não podem, ao caracter que procuram collocar em fóco, todo o brilho que elle merece, nem por isso deixaremos de prestar a nossa homenagem ao distincto membro da colonia portugueza e que tanto a honra, no Pará.

Como uma grande parte dos portuguezes embarcou Domingos Pires Barreira, muito novo ainda para o Brazil. A pouca edade, porém, do emigrante de 1882 era compensada por enorme cabedal de virtudes, que seus paes lhe tinham inoculado no coração, por vivissima intelligencia e por indomavel força de vontade.

Logo que chegou ao Pará os seus predicados destacaram-n'o

na consideração dos patricios e os naturaes principiaram de estimal-o. Alma francamente aberta a todos os grandes principios, de envolta com o trabalho quotodiano, curou sempre com affecto não só dos interesses da patria amada como tambem dos aper-



feiçoamentos e progressos da terra que elle tem como sua segunda patria e á qual está ligado pelos mais intimos e commoventes affectos.

N'uma vida de lucta, de intelligencia e de probidade nunca a torpeza da maldade e da inveja deixa de procurar brecha por onde espere lançar infamias. Domingos Pires Barreira tem sido alvejado; mas os louros colhidos no seu arduo batalhar teem-n'o compensado

da má vontade dos insignificantes e dos nescios. As manifestações lealissimas e numerosas d'aquelles que teem o dever de apreciar, com justiça, o esforço do trabalho dedicado e perseverante deram-lhe sempre o apreço que só se confere aos grandes caracteres.

Chegado ao Brazil n'um periodo em que ainda ali existia a escravatura, elle foi um ardente paladino d'essa luminosa lucta do abolicionismo, a que dedicou toda a sua alma de crente. Data d'esta epoca o seu primeiro triumpho, a sua consagração perante o publico. N'um comicio abolicionista, o velho general Cardoso Junior, então presidente e commandante das armas da antiga provincia do Gran-Pará, desceu do solio presidencial e foi entre a multidão, que o cercava e applaudia, abraçar Pires Barreira, agradecendo-lhe e excitando-o para a lucta da Santa Cruzada.

Em 1887, tendo menos de vinte annos, recebeu Domingos Pires Barreira, do Visconde Vieira da Silva, ministro da marinha do Imperio, um officio onde se lhe declarava que o governo considerava os seus trabalhos como valiosos serviços á causa publica.

Dedicado appostolo do Bem e da Humanidade, deve-lhe a maçonaria brazileira os mais assignalados serviços durante constantes annos de batalha, em altos cargos que tem desempenhado.

As suas altas qualidades e virtudes e o seu entranhado patriotismo são tão conhecidos e apreciados no Pará, que por occazião do seu anniversario, um alto funccionario da republica, homem austero e justiceiro, em amavel carta de felicitações, fazia votos pela prolongação d'uma existencia *que tem sido tão util ao seu paiz.*

Nunca em Portugal houve tentativa honesta e digna que Pires Barreira lhe não dispensasse todo o seu affecto e lhe sacrificasse o seu trabalho. Devem-lhe altos serviços muitos emprehendimentos e o que elle tem feito em prol da Associação das Escolas Moveis João de Deus, que o digam os relatorios da mesma associação e o benemerito Casimiro Freire, que d'elle falla sempre com respeito e veneração.

Como vice-consul de Portugal e como membro da Beneficencia Portugueza do Pará os seus serviços ha muito que deviam ter sido premiados se nas altas regiões officiaes de Portugal não reinasse a ingratidão para com todos aquelles que se sacrificam pelo paiz.

O Gabinete Portuguez de Leitura, instalado em magnifico edificio, construido pela tenacidade e em parte pelo bolso de Pires Barreira, como em outro logar veremos, é não só a sua melhor obra como a sua maior paixão. Vimol-o todo, guiados pelo nosso bondoso amigo e não soubémos o que mais admirar, se a magestade

do edificio, a sua disposição interior, se o gosto artistico com que está ornamentado. Lemos no olhar de Pires Barreira, vendo concluida a sua grande tentativa, o fulgurante triumpho d'um emprehendimento grandioso. Nunca nos esquecerá a alegria, o enthusiasmo com que nos mostrou a casa destinada a aula nocturna pelo methodo de João de Deus, para arrancar das trevas da ignorancia os portuguezes, adultos, que pelo seu mourejar diurno não podem frequentar alguma das muitas escolas que o espirito superior do dr. Montenegro tem espalhado pela bella cidade de Belem.

Pois este homem superior, este espirito esclarecido, esta inteligencia robusta, este patriota digno, este caracter sem macula, este appostolo do Bem, para não fugir aos destinos mundiaes, tem um defeito e um defeito grande: a injustificada modestia. Todos os actos que pratica, todas as generosas acções em que abunda e que a outros serviriam de tropheu desfraldado a todas as brizas, sabe elle occultar sob o manto d'uma modestia que se é muito bella nunca a encontrámos mais injustificada.

E como é d'uma commovente modestia, como o pouco que aqui deixamos é como que uma traição á sua generosa amisade, fazemos ponto, dizendo apenas, que Pires Barreira é um dos ornamentos mais prestigiosos da colonia portugueza em Belem do Pará.

Baunilha. Apezar do valor que tem este producto e de se desenvolver perfeitamente em todo o Amazonas a sua cultura está ainda muito abandonada.

A baunilha é uma planta sarmentosa e trepadeira, da familia das orchidaceas. Tem os caules verdes, nodosos e cylindricos, munidos de raizes adventicias, que lhe servem para se agarrar ás arvores em que trepa e tambem para alimentar-se. As suas folhas são rentes, alternas, distantes, ovaes oblongas, agudas, lisas, um pouco espessas e com nervuras longitudinaes. Dá as flores no apice dos ramos, em cachos axillares pedunculados; o periantho é de um verde amarellado por fóra, branco por dentro e formado de seis sepalas. O fructo, uma capsula carnosa, verde ao principio e depois de côr roxa escura, comprida e siliquosa; tem numerosas sementes globulosas, pretas, cheias de um succo roxo, espesso e balsamico. Colhe-se antes de maduro para evitar que rache e deixa-se escorrer o succo; secca-se á sombra, ata-se em mólhos de cincoenta a cem capsulas, que se mettem em caixas de folha, e assim se entregam ao commercio.

Ha differentes variedades de baunilhas no Brazil; as do Pará consideram-se as melhores pela suavidade do cheiro.

Bento de Figueiredo Tenreiro Aranha. Nasceu na villa

de Barcellos em 4 de setembro de 1769. Foi um dos mais inspirados poetas amazonicos.

Os sêus sonetos são notaveis pela elegancia e correcção da phrase, e entre elles passa como um verdadeiro primor o que vae transcripto e que tão popular é no Pará.

Foi escripto por occasião do assassinato de uma mulher mameluca, chamada Maria Barbara, por um individuo que tentou violental-a.

O assassinato d'essa mulher, perpetrado no caminho da Fonte do Marco, nas immediações da cidade de Belem, foi attribuido a um soldado, que por isso foi condemnado á morte e soffreu a pena, protestando por sua innocencia. Annos depois, ralado de remorsos, fazia o verdadeiro assassino, á hora de morte, publica confissão do seu crime.

Eis o primoroso soneto:

«Si acaso aqui topares, caminhante,
Meu frio corpo já cadaver feito,
Leva piedoso com sentido aspeito
Esta nova ao esposo, afflicto, errante.

Diz-lhe como de ferro penetrante
Me viste por fiel cravado o peito,
Lacerado, insepulto, e já sujeito
O tronco fêo ao corvo altivolante.

Que d'um monstro inhumano, lhe declara,
A mão cruel me trata d'esta sorte,
Porém que alivio busque á dôr amara,

Lembrando-se que teve uma consorte,
Que, por honra de fé que lhe jurara,
Á mancha conjugal prefere a morte.»

Como prosador, foi tambem Tenreiro Aranha um escriptor de muito merecimento. É pena que sómente escapasse á voracidade do tempo e ao facho incendiario da revolução um pequeno volume, publicado em 1850 por seu filho, João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, o primeiro presidente da provincia do Amazonas.

Barreirinha. Municipio do Amazonas.

Beiju. Bolo feito de farinha de mandioca amassada com agua.

Beja. Villa situada na margem do rio Pará.

Belem (Municipio de). O grau de prosperidade que o municipio de Belem tinha adquirido em 1904 póde calcular-se pelo relatorio aprezentado na sessão do concelho municipal de 15 de novembro de 1905 pelo illustre senador sr. Antonio José de Lemos.



Este lucido documento, mais tarde impresso em elegante volume, revela o quanto o genio superior do sr. Antonio de Lemos, tem contribuido para o desenvolvimento da bella cidade do Pará.

«A preoccupação de viver ás claras», disse-o muito bem, a fls. 5, o intendente do Pará, «é tão grande no seu espirito que, de tres annos a esta parte, tem vindo offerecer aos vogaes não uma recompilação dos relatorios parciaes, e sim o seu desenvolvimento em modo consideravel, augmentando tanto a qualidade dos esclarecimentos, quanto a das estatisticas municipaes».

E nem só isto. De par com a exposição methodica de todos os actos da Intendencia, ainda no volume de que nos occupamos, como nos anteriores volumes, estão reunidas as melhores, mais sabias, mais apreciaveis idéas, no interesse do progresso publico, «da belleza urbana e do glorioso renome da capital».

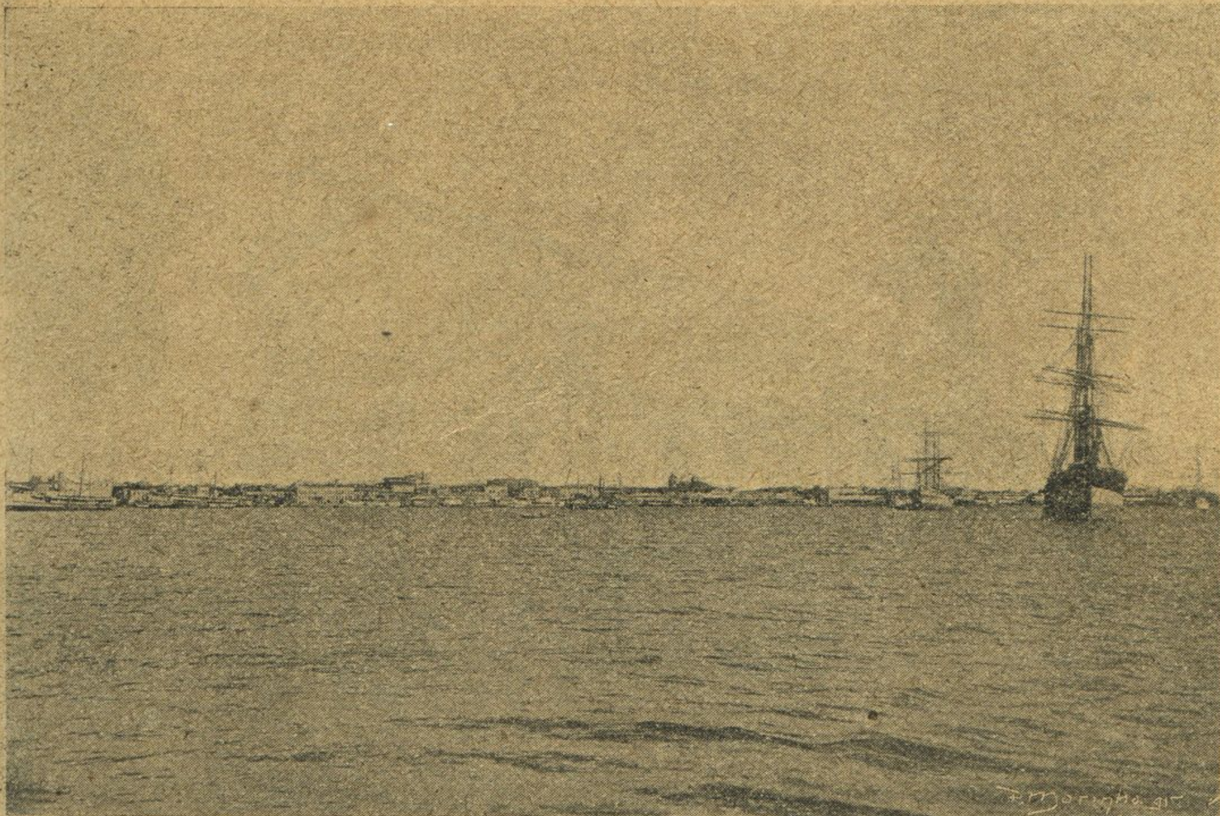
Não se trata, por consequencia, de um repositorio banal sobre as resoluções e actos da Intendencia, no anno de 1904. Trata-se de um esforço intelligente e excepcional, de uma obra de mestre, unica na sua especie, onde se sente vibrar flagrantemente o adiantamento de Belem, onde o minimo labor não foi poupado, onde se retratam as creações do espirito fecundo e da actividade sem igual, tanto na administração como na politica, de Antonio de Lemos. Escriptos desta subida valia é que immortalizam as administrações: em resumos que synthetizem, como o relatorio em questão, grandes dotes e maiores labôres é que o historiador sincero irá, de futuro, colher os fundamentos da historia leal do progresso paraense, relatando ao futuro as razões detalhadas que fizeram a Antonio de Lemos o idolo bemquisto e adorado de toda a população paraense e o mais talentoso administrador municipal do Brazil inteiro.

Além da materia largamente explanada no texto, o livro ainda contem 60 folhas de annexos, em que figuram quadros e mappas sobre o movimento dos variolosos, nos isolamentos, sobre a receita do Mercado Municjpal, sobre generos condemnados na succursal do Mercado de Ferro, no Reducto, sobre o movimento total do Matadouro de Belem, especificando as rezes entradas, abatidas e sahidas, as pesagens, o estado sanitario e as procedencias, sobre reformas municipaes na construcção e reconstrucção de predios urbanos, sobre a mortalidade de adultos e menores, sobre a reorganisação do ensino municipal e sobre o entreposto.

Um balanço geral da receita e despeza vem a fls. 60 dos annexos. Finalmente dois trabalhos de grande valor encerram o livro:

o primeiro é uma planta da cidade de Belem, feita pelo sr. José Sydrin, escala de 115.000; e o segundo uma carta de todo o municipio do Pará, com a divisão judiciaria, e que se deve á proficiencia do dr. Palma Muniz. Sobre a utilidade e valor, para quantos se interessem pelas cousas paraenses, de quejandos desenhos é inutil bordar adjectivos, de fórma tal um e outro se impõem ao espirito mais apaixonado e parcial.

Não ha, no relatorio deste anno, ponto algum, por minimo que



Cidade de Belem, vista da bahia

seja, que consiga escapar ás largas vistas e ao carinho meticuloso e benefico do chefe e director supremo da edilidade. Desde a pontualidade das sessões do Conselho Municipal, ás festas republicanas de 15 de Novembro; desde as relações do municipio com o Estado e a União, mantendo com escrupuloso cuidado a praxe das visitas e outras demonstrações de estima para com o integro e egregio governador do Estado e representantes civis e militares do governo federal, até os assumptos de expediente intimo da Intendencia, e sua secretaria; desde os despachantes municipaes, até á suppressão do gabinete da Intendencia, secção de

obras e distribuição dos trabalhos pelo director, engenheiros auxiliares e desenhista — cujos mappas, como já acima nos referimos, merecem elogios francos — até á explanação dos grandes beneficios advindos da creação do serviço sanitario, como um departamento municipal, com minuciosidades amplas sobre o muito que se fez contra a invasão de todas as molestias epidemicas, especialmente a variola e a peste bubonica; desde a correcta disciplina, garbo e



Egreja da Nazareth

dedicação do Corpo de Bombeiros, sob o commando do major Francisco Barbosa, com a relação completa dos apparelhos technicos, modernissimos, instrumentos, accessorios e material novo, importados pelo Intendente, da Allemanha, armamento, situação das lampadas, baixas por doença, exercicio de incendios simulados, formaturas, escola de gymnastica, caixa de beneficencia, — até o codigo de policia municipal e fiscalisação na communa, sob os principios da equidade e as normas liberaes de uma administração que comprehende e applaude as reformas, para o aperfeiçoamento e para a melhoria; e todas as leis e resoluções, em numero elevado,

approvadas; o serviço de limpeza da cidade; a cremação do lixo; a alimentação publica, com secções sobre commercio de travessia e mercados; matadouro, estado sanitario do gado; abastecimento de leite animal, aleitamento infantil, amas; garapeiros e matriculas de empregados; embellezamento urbano; rêde geral de esgotos; docas e calçamento; avenidas, monumentos publicos, obras d'arte; edificação e alinhamento; detalhes completos sobre jardins, parques e praças; bosque e horto municipaes; asylo de mendicidade; directoria do ensino instrucções primaria, civica-judiciaria e artistica; orfanato municipal e illuminação publica; a viação urbana e o entreposto de inflammaveis; subsidios, desapropriações, vestorias; districtos do interior; estatisticas completas e minuciosos informes sobre finanças; isenção de direitos federaes, theatro municipal, beneficiamento da borracha; recenceamento, kioskes, seguros — emfim tudo quanto se refira ou toque de leve com o serviço giganteo, que, em hora tão feliz, foi entregue ao largo tino, á cultura aprimorada, ao labor fecundo, á intelligencia fina, e ao criterio sagacissimo de Antonio Lemos.

E' preciso demorar a vista sobre as estampas que illustram o relatorio. Porque nas bellas praças ajardinadas e frescas, nos adoraveis recantos da cidade saluhre, que ellas reproduzem, está a gloria da administração municipal de hoje, queiram ou não queiram os despeitados e os preguiçosos de todos os tempos e de todos os matizes.

Livros como este honram o Pará, honrando sobretudo o cerebro prodigioso e infatigavel de quem póde e sabe escrevel-os.

Bellido (Remigio de). Habil guarda livros do importante Banco Commercial do Pará. É um caracter dignissimo e um brazileiro distincto pelas altas qualidades do seu espirito.

Benevides. Importante povoação marginal da Estrada de Ferro de Bragança, a poucas leguas de Belem.

Bibliotheca de Manáos. Possue o estado de Manáos uma excellente bibliotheca publica, contendo mais de quatro mil volumes sobre todos os ramos dos conhecimentos humanos.

Bibliotheca do Pará. Magnifico estabelecimento, riquissimo em documentos preciosos e livros rarissimos. Possue milhares de volumes, que desmentem d'uma fórma brilhante a affirmativa de Castelnan no ponto em que nota falta de livros no Amazonas.

A Bibliotheca do Pará, que se encontra aberta todos os dias uteis, é superiormente dirigida pelo talentoso brazileiro e primoroso escriptor Dr. Arthur Vianna, a cujos trabalhos muito deve este livro.

Bichas. Sesões, segundo a giria dos seringueiros.

Biriba. Arvore da familia das anonaceas, que produz um fructo do mesmo nome em fórma de pinha mansa, muito semilhante ás anonas.

Bispo. (O 1.º do Pará) Foi D. Fr. Bartholomeu do Pilar, religioso da Ordem do Carmo. Chegou a Belem no dia 29 d'agosto de 1724.

Bittencourt. (Coronel Antonio C. Pinheiro). Illustre vice-governador do Amazonas; tem larga folha de serviços ao estado e é muito querido pelo povo amazónico.

Boa Vista. Villa do estado do Amazonas. O municipio tem vasta extensão e população no interior. A receita municipal regula por trinta contos.

Bocas do Amazonas. Este grande rio lança-se no mar por duas grandes bocas que a ilha de Marajó, de 180 leguas de circumferencia, divide.

A maior d'estas duas bocas, a verdadeira entrada do rio, a chave da America do Sul, é a boca do norte ou de Macapá, situada na margem esquerda do rio, a cincoenta legoas da sua entrada, e onde o Brazil tem uma fortaleza, que podia ser de muito grande importancia pela posição estrategica em que se acha. A segunda boca, a mais larga e sem interrupção de ilhas, é a do Sul ou do Pará.

Pela boca do norte, que é visinha da Guyana franceza, lança o rio tão consideravel volume de agua, que, ao contrario do que se dá em todos os rios tributarios do Atlantico, não penetram em seu leito as marés do oceano. O rio é que repelle o mar. É por isso, que em frente da boca de Macapá, até muitas legoas ao largo, em pleno oceano, encontra-se agua doce e o imponente Amazonas traça sobre as aguas verdes do mar uma larga fita barrenta, que é como magestosa estrada que conduz o navegante ao Pará.

Boias de salvação. São cintos de cortiça que vão amarrados em volta de todos os navios e no interior dos camarotes, promptos para serem lançados ao mar, em caso de sinistro.

Boim. Aldeola das margens do Tapajoz, fundada nos fins do seculo XVIII.

Bombordo. Lado esquerdo do navio olhando da pôpa para a prôa.

Booth Line. Diversas companhias fazem carreiras entre Leixões-Lisboa e o Pará e Manáos. Uma das mais antigas e certamente a melhor pelas commodidades que os seus navios offerecem e pela rapidez com que fazem a travessia do Atlantico e a subida do Amazonas é a companhia The Booth Steamship Co... Ltd. (30, James St., Liverpool).

A linha Booth foi inaugurada em 1866 com dois pequenos paquetes, o *Augustine* e o *Jerome* e tanta tem sido a sua prosperidade que actualmente conta muitos barcos de grande lotação.

A travessia dura em geral de 10 a 12 dias de Lisboa ao Pará e d'esta cidade a Manáos, 3 dias.

Borba. Municipio do estado do Amazonas.

Boré. Trompa, trombeta ou clarim guerreiro dos indios. Tem o feitio d'um clarinete, de 6 a 7 palmos de comprido. Os sons que se tiram d'esse instrumento tem uns longes do chiar das noras.

Borracha. É este o genero mais productivo em todo o valle do Amazonas. Em um seringal silvestre um homem activo póde ganhar 20 libras por dia.

A borracha exportada pelos estados do Pará e Amazonas, durante os annos que se seguem, foi a seguinte:

Annos	Kilos
1839-1844	1,445,760
1844-1849	2,875,350
1849-1854	7,893,555
1854-1859	9,800,685
1859-1864	13,829,340
1864-1869	21,197,272
1869-1874	27,006,223
1874-1879	30,360,123
1879-1884	51,589,536
1884-1889	70,861,436
1889-1891	32,347,168
Total kg.	269,206,448

Brabo. Corrupção de *bravo*. Nome por que são conhecidos os seringueiros recem-chegados ao Amazonas.

Bragança. Os serviços de Gaspar de Souza, no governo geral do Brazil, foram recompensados com a carta de doação de uma capitania de juro e herdade, desde o Turiassu até o Caeté. Fundou o donatario uma povoação que adquirira o nome de Souza do Caeté, perdendo-o em 1753, quando o 19.º governador, Mendonça Furtado, povoando-a com açoreanos, a elevou á cathegoria de villa com o nome de Bragança. Foi elevada á cathegoria de cidade em 1854 e tem por padroeira N. S.ª do Rosario e 16.817 habitantes.

A cidade de Bragança está situada na margem esquerda do rio Caeté, em uma planicie e exporta feijão, farinha, milho, tabaco,

borracha, curumá, madeiras, gados, couros, aves, camarão, peixe salgado, etc.

Branca. Nome porque é conhecida a cachaça, ou aguardente de Paraty, no Amazonas. É bebida muito adoptada e que facilita a transpiração.

Brazão do Municipio de Manáos. Por decreto de 18 d'abril de 1906, do sr. coronel superintendente, foi adoptado para a municipalidade de Manáos um escudo cuja descripção é a seguinte:

A peça é encimada por um sol, sobre o qual se vê a data: «21 de Novembro de 1889», allusiva a adhesão da proclamação da Republica, pela antiga provincia do Amazonas.

Tres secções o dividem; duas representando o encontro das aguas dos rios Solimões e Negro, dois pequenos bergantins antigos, ou o descobrimento da foz do segundo rio pela expedição Orellana, em meiados do seculo XVI; e a terceira a fundação definitiva de Manáos em principios do seculo XVIII. N'uma fortaleza vê-se hasteada uma bandeira que significa o dominio então portuguez; do lado opposto estão palhoças representativas dos fundamentos da cidade; duas allegorias ás pazes celebradas entre os indios e a metropole pelo casamento da filha do Cacique com o commandante da escolta militar portugueza. Na secção maior divisa-se um trecho do rio, tendo em relevo, na frente, uma arvore, symbolica da natureza agricola e industrial da região que tornou Manáos o grande emporio da syphonia elastica.

Breves. Freguezia de Sant'Anna. Cidade situada na costa da ilha de Marajó, á margem do furo Paranaú, em terreno baixo. A população da comarca de Breves, uma das melhores do estado do Pará e uma das maiores, divide-se em tres districtos judiciaes, tendo uma população de 17.000 almas, segundo se calcula. Exporta cacáo, farinha, oleos, borracha, couros e peixe salgado.

Bujarú. Villa do estado do Pará.

Bussola. Instrumento que serve para determinar com exactidão certos pontos do horisonte; contem uma agulha magnetica achatada, fina, com as pontas em forma de frechas e constantemente voltadas para os polos da terra.

C

Caá-caminha. Planta cujas folhas são empregadas na cosinha como adubo.

Cabanos, cabanagem ou *revolta dos cabanos*. Ainda hoje o espirito se alvoroça e estremece dolorido ao pensar o que seria essa terrivel carnificina de que foi theatro o valle do Amazonas.

Na noite de 7 de janeiro houve na cidade do Pará uma carnificina comparavel á de 24 de agosto de 1572, preparada por Carlos IX e a celebre Catharina de Medicis. Não foi porém o fanatismo politico nem o espirito religioso o que moveu o braço dos assassinos. Foi o predominio do crime, a paixão do roubo e do sangue, o odio aos portuguezes, e a torpeza do vicio, que impeliram um bando de miseraveis a armarem-se para satisfazerem os seus instinctos ferozes.

Os bandidos reuniram-se no rio Acará, proximo a Belem, e d'ali vieram, na noite de 6 de janeiro, occultando-se nos mattos, que ainda cercavam as primeiras habitações. O presidente da provincia e o general das armas receberam noticia do que se passava; mas não fizeram caso da nova, sendo as primeiras victimas dos facinoras. Presidente, general das armas, commandante de marinha, commandantes e milicias dos corpos, todos cahiram sob o ferro homicida dos scelerados. Negociantes, operarios, empregados, homens de todas as classes, mulheres, crianças, foram mortos a tiro, ás coronhadas e cacetadas, á faca, a machado, depois de inflingirem ás victimas tratos infernaes.

Donos da cidade, os mais ferozes dos assassinos, nomearam-se a si proprios presidentes e generaes e trataram de organisar defeza contra a punição que temiam. O incendio e a morte pairaram muito tempo sobre a formosa Belem do Pará. A' falta de adversarios foram os cabanos dilacerando-se como féras que eram, uns aos outros, até que o governo foi parar ás mãos de um que dominou pelo terror e que mais tarde foi preso no rio Acará.

Ainda ha pouco, em Belem, ouvimos contar com horror, a um pobre velho, diversas scenas da cabanagem.

Caboculo. Os indios do Brazil não teem quasi nenhum cabello na barba e por este motivo lhe davam, e ainda dão, o nome de caboculos, que em lingua tupy quer dizer pellados.

Cabo-Verde. Mosca damninha, cuja ferroada produz uma dor tão aguda como se a tromba do animal fôra uma agulha que se espetasse na epiderme. Quando é morta, ou foge, deixa o ponto onde mordeu escorrendo sangue.

Cabureíba ou **cabureúba**, que uns classificam *Myrospermum*, outros *Miroxylon cabriúva*, vem descripta no *Diccionario de Botanica Brazileira* com o nome de *Mirocarpus fastigiatus*. E' uma copaífera muito grande, parda e incorruptivel, de que se fazem obras para engenhos. Quando a queimam ou aplainam o seu cheiro espalha-se até grande distancia. Diz Gabriel Soares de Sousa, que d'esta arvore se tira balsamo suavissimo; dando-lhe piques até certo logar, onde começa a chorar este suavissimo licor na mesma hora, o qual se recolhe em algodões que se metem nos golpes; e como estão bem molhados do balsamo, os expremem em uma prensa, onde lhe tiram este licor, que é grosso e da côr do arrobe; o qual é milagroso para curar feridas frescas, e para tirar os signaes d'ellas no rosto. O caruncho d'este pau, que se cria no logar d'onde sahiu o balsamo é preciosissimo no cheiro e amassa-se com o mesmo balsamo, e fazem d'esta massa contas que depois de seccas ficam de maravilhoso cheiro.

A' resina aromatica da cabureíba chama-se cabureicica.

Cacaoeiro. Arvore de 3 a 4 metros d'altura, que produz um fructo oval de 20 a 24 centimetros de comprimento, contendo dentro as sementes a que no commercio se dá o nome de cacau. Essas sementes teem adherente uma polpa branca, agri-doce; deitando-as em agua e esfregando umas nas outras obtem-se uma bebida refrigerante e muito agradavel. Tabem se faz vinho de cacau fermentado.

O cacau é hoje um importantissimo ramo de commercio em todo o Amazonas. Apezar do seu preço ter baixado, regula ainda por 500 réis o kilo.

O cacau exportado do Pará e Manaos foi o seguinte nos annos que indicamos:

Annos	Kilos
1880	3,121,085
1881	5,404,954
1882	6,322,125
1883	5,128,148
1884	5,188,924
1885	3,257,843
1886	1,922,226
1887	4,926,657
1888	7,539,096
1889	4,432,103
1890	3,016,800
1891	6,079,469
Total, kg...	55,639,433

Cacaoal Grande. E' uma das mais bem montadas fazendas do Estado do Pará. E' situada na margem norte do Amazonas, em frente da serra Curuá. Tem grandes plantações de cacao, creação de gado, etc.

Cachoeira. Villa que tem por orago N. S. da Conceição, fundada em 1747 na margem esquerda do rio Arary. O municipio tem 4.421 habitantes. Exporta farinha, borracha, couros, madeiras, gados e peixe salgado.

Cacuri. Tapagem destinada a apanhar peixe.

Caetetu. Especie de porco. Os caetetus andam sempre aos bandos e teem uma carne excellente

Caiçara. Na lingua geral quer dizer *curral*. Este nome foi dado antigamente a uma povoação das margens do rio Solimões, por servir de curral aos indios escravisados no rio *Japurá* e outros.

Caipóra. *A caipóra* segundo a mui conceitosa opinião do povo brazileiro, ninguem sabe precisamente o que é: sabe-se todavia que é uma cousa *do outro mundo.*

A palavra *caipóra*, substancía em si, tudo quanto ha de terrivel e medonho, como: vampyro, duende, lobishomem, mêdo, papão, alma do outro mundo, alma penada, finalmente *o cão tinhoso ;* porque a *caipóra* é tudo isso, quer separado, quer junto.

O indigena brazileiro, mas das classes menos illustradas, residente no centro dos Estados da grande republica, julga que *caipóra*, como as suas lendas da «*Bitú*» e da «*mãe d'agua*», deve ser thema forçado dos contos terrorificos, com que de noite e á luz da lua, delicia a imaginação das crianças e mesmo dos adultos, no terreiro da sua casa.

Não ha pessoa alguma d'essa classe de individuos, que não accrescente um ponto á narração: todos, mais ou menos já presenciaram factos, que os leva ao conhecimento de que a *caipóra*

é — cousa do outro mundo. — Cada Estado dá sua fórma especial á constructura plastica da *caipóra;* mas todos a pintam grutesca e fantasticamente, como cousa sobrenatural que é. Daremos idéa de uma d'essas formas.

A *caipóra*, representa uma *tapuia*, mas o cinto e capacête é de pennas de fogo; na dextra empunha uma vara e na sinistra um facho acceso.

Nas noites escuras, n'essas noites nêgras, negras, como uma das sete boccas do inferno, sae a *caipóra* do seu antro, na casca dos velhos troncos, no coração do bosque, e empunhando a vara e o facho, illumina instantaneamente tudo, incita com ininterrompido alarido, uma immensa matilha, que os mais sabidos n'estas cousas, dizem ser de — diabrêtes — e corre todo o bosque, caçando *viados, paccas e tatûs* e levando o terror a toda a parte.

Só de longe se póde observar socegadamente essa correria, que semelha um incendio lavrando por todo o bosque. Quantas vezes, os *valentaços* se reunem e se armam; vão ao bosque accommetter aquella terrivel visão e dão de face com o silencio e as trevas, que tanto os intrigam!?

Quantas vezes, suppõem o bosque completamente incendiado e vão no dia seguinte achar tudo como d'antes!?

Oh!... a caipóra!... é terrivel, terrivel!!!

Como o leitor vê, a *caipóra* não é felizmente um papão *urbano*, mas em tudo *selvatico;* todavia, *a peitica*, essa ave terrivelmente agoureira, tem um temeroso concorrente na *caipóra*.

Se *Cazûza* soffre ha muito tempo uma enfermidade teimosa, e lhe perguntam o que tem, responde: «a maldita da *caipóra* escarrachou-se-me ha tres mezes no cachaço, e não me larga». Se alguem fez uma perniciosa viagem, se os negocios lhe correm mal, se varias pessoas da sua familia andam doentes, diz-se logo: foi viagem encaiporada; os seus negocios andam encaiporados; caiu-lhe a *caipóra* em casa, etc.

A *caipóra* é um phenomeno de ordem vulgar, que se observa de noite, especialmente nas mattas virgens, e cemiterios; é — um fogo fatuo — proveniente, não só da electricidade exhalada da vegetação, mas particularmente de — cem mil gerações de folhiço e outros restos vegetaes e animaes — que apodrecem n'aquella quente humidade do solo, desde o diluvio até aos nossos dias. Ninguem vê esse *fogo fatuo*, senão a distancia, d'onde a vista possa abraçar todo aquelle conjuncto, que ás vezes fórma ondulações de bonito effeito, quando agitado pelas brisas.

Cajatuba. Rio do Estado do Pará. Nas suas margens existem grandes creações de gado.

Cajú. A arvore que deita esta deliciosa fructa, (cajueiro), é muito grande e frondosa, e encontra-se com muita abundancia em todo o norte do Brazil; em algumas partes existem legoas de terreno, em que se não vê outra arvore: não precisa de cuidado algum; nasce em qualquer sitio onde se lance a castanha, e atura por centenares de annos. A sua folha reduz-se a bom estrume.

É o cajú uma fructa muito saborosa e até medicinal. D'ella se faz excellente doce secco e de calda, bem como delicioso vinho, aguardente e vinagre. O bagaço da fructa, quando se extrae o liquido, serve de nutritivo alimento aos animaes. A castanha assada simplesmente, ou coberta de assucar, é muito apetitosa. Cada uma arvore deita milhares de cajús desde principios de Outubro até fins de Janeiro, bastando seis ou oito para encherem uma garrafa de liquido, que se bebe puro, ou com agua e assucar, quando se não quer comer a fructa, pois que muitos preferem unicamente beber o liquido. No tempo do cajú ha pobres que se não alimentam d'outra cousa.

Camamury. Fructa silvestre de delicado sabor. Abunda nos mezes de março e abril e só produz de quatro em quatro annos.

Cambrey. Arbusto de tronco ramoso e liso, ramos verticaes, folhas pequenas, estreitas e lustrosas, dando abundantissimas flores, brancas e cheirosas, em feixes, que occupam todos os pontos da axila das folhas e ramos.

Cametá. O primeiro governador e capitão general do estado do Pará e Maranhão, Francisco Coelho de Carvalho, em 14 de dezembro de 1633, fez doação das terras de Cametá a seu filho Feliciano Coelho, para n'ellas fundar uma capitania. Confirmada em 1635 pelo rei de Portugal, a doação, em dezembro d'este anno fundou o donatario a Villa Viçosa de Santa Cruz de Cametá, dando-lhe para padroeiro S. João Baptista. Posteriormente foi transferida a villa do logar hoje conhecido pelo nome de Cametá-tapera, para o que occupa actualmente e foi elevada á cathegoria de cidade em 1848. Está situada na margem esquerda do rio Tocatins e dista 30 leguas do Pará. O municipio tem 21.361 habitantes.

Cametá é imporio do rico commercio que se faz pelo rio Tocatins e serve de escala ás embarcações que navegam entre a cidade de Belem e a provincia de Goyaz, sendo o cacáo, do qual ha duas safras por anno, o seu principal genero de producção. O commercio entre Cametá e Belem é feito por barcos de vella e por paquetes a vapor. A industria mais notavel, que ali ha, é a manufactura de loiça de barro, pintada e doirada; tambem se pintam e doiram cúias, e se preparam cachimbos, artefactos mais ou

menos grosseiros, que têem grande consumo no paiz. A laranja de Cametá passa por ser a melhor do Estado.

Exalta-se esta terra por ser berço de homens taes como D. Romualdo Antonio de Seixas, sabio arcebispo da Bahia e marquez de Santa Cruz; D. Romualdo de Sousa Coelho, bispo do Pará; do doutor Angelo Custodio Correia, que morreu martyr do seu dever e do seu amor aos cametaenses, quando o cholera-morbus lhes invadiu a cidade e do padre Prudencio José das Mercês Tavares, que á frente dos seus valentes conterraneos defendeu Cametá dos horrores da anarchia em 1835, com a bravura d'um verdadeiro heroe. Foi das praias de Cametá que partiu o grande capitão Pedro Teixeira, em 28 de outubro de 1637, para a expedição do Perú.

A igreja é de tres naves, mas sem estylo architectonico definido. Na capella mór d'este modesto templo foi sepultado, em 16 de setembro de 1836, Francisco Coelho de Carvalho, primeiro governador e capitão general do Estado do Maranhão e Gram-Pará, que fallecera em Cametá, estando a ares; foi tambem ali que o marquez de Santa Cruz celebrou a sua primeira missa, em novembro de 1810.

Campinas. Nas immediações de Macapá, de Mont'Alegre, de Alemquer, no Xingu, em muitos outros logares dos estados do Pará e Amazonas encontram-se vastissimas campinas de muitas leguas de comprimento. E' quasi sempre nas bordas dos lagos que ellas principiam, dirigindo-se para o interior da terra firme. Algumas são povoadas de gado vaccum e cavallar, que todas as noites recolhe ás fazendas dos proprietarios.

Canal de Tagipuru. Entra na bahia de Melgaço, poucas milhas acima de sua foz; segue parallelamente aos rios dos Breves e Macacos, communicando-se com o rio dos Breves pelo estreito, furo ou canal do Aturiá, que vem surgir quasi no mesmo ponto de bipartição d'este rio.

Canduru. Peixe pequenissimo que muitas vezes se introduz na uretra dos banhistas.

Canna d'Assucar. E' uma das culturas que mais largo proveito póde produzir no Amazonas.

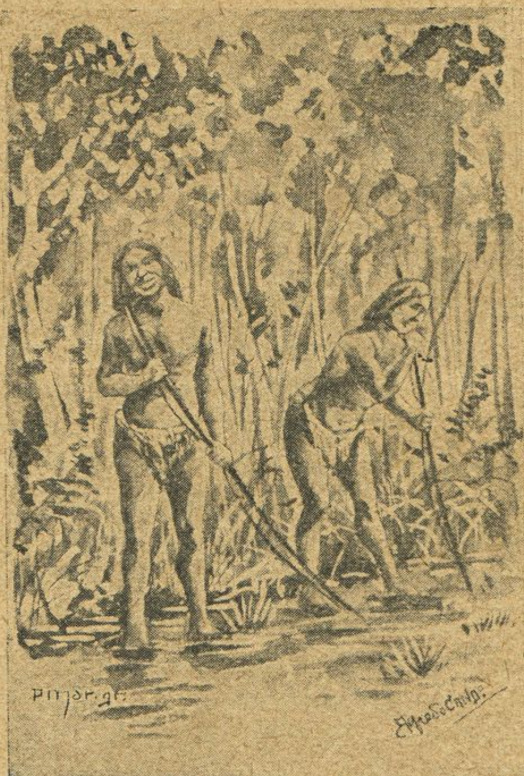
Canôa. Pequena embarcação que navega no Amazonas e nos seus igarapés. Quasi todas são governadas por um só remo ou pá, que os indigenas movem tanto á direita como á esquerda da embarcação, segundo o rumo que desejam levar. Algumas canoas, diz o dr. Mendes d'Almeida no seu seu *Livro de Familia*, pag. 12, chegam até a ter 17 palmos de boca e 100 de comprido. Tão grandes nunca as vimos, pelo menos que nos recorde.

Capim. *(Ilha do)* Fica situada no rio Pará, em frente da divisão judiciaria de Conde.

Capim. *(Rio)* E' formado pela reunião do Surubiu e do Ararandeua. E' muito extenso e estreito.

Capivara. E' o maior dos roedores conhecidos. Cria-se nos rios e lagôas de agua doce; tem o tamanho dos porcos do matto, côr cinzenta, pouco cabello e come-se-lhe a carne, que é um pouco molle, mas saborosa.

Capoeira. Logar onde houve plantação e que depois se abandonou, tornando ahi a crescer matto, sem que todavia chegue á altura dos outros arvoredos. Diz-se tambem do homem desordeiro, fadista.



Carajás

Carabobocas. Nome primitivo da ilha Marajó.

Caracará. Rio da ilha de Marajó.

Caraipé. Arvore cuja casca, reduzida a cinzas, se emprega na ceramica, na confecção de vasilhame, filtros, etc.

Carajás. Indios vagabundos que vivem nas margens do Tocatins.

Carajuru. Tinta vermelha, extrahida das feculas d'um cipó. E' muito empregada nas artes.

Caraná. Arvore cujas fibras das folhas novas se empregam no fabrico de redes e de cordas. Dá fructos em cachos grandes.

Carapanã. Em todo o Amazonas dá-se este nome a um mosquito que zumbe e ferroa desesperadamente. Para o evitar o que é sempre de grande conveniencia, visto que as *carapanãs* são vehiculos de febres malarias e outras molestias, deita-se por sobre a rede onde se dorme um mosquiteiro.

Carapanuba. A casca d'esta arvore tem propriedades medicinaes, sendo muito empregada em casos de ictericia.

Caraxoé. Ave que tem o canto suave e melancolico, comparavel ao do rouxinol. No sul do Brazil chamam-lhe sabiá.

C rimau. Pó applicado á confecção de dôces e extrahido da mandioca.

Caruá ou *carauá*. Planta muito fibrosa d'onde se extrahe uma especie de linho com que se fabricam cordas.

Caruara. Segundo os indios suppõem, os pagés, quando lhes apraz, para se vingarem de qualquer individuo, introduzem-lhe no corpo uma enfermidade ou feitiço a que dão o nome de caruara.

Carurú Planta que produz uma especie de sal vegetal. Os indios colhem a planta, seccam-n'a ao sol, carbonisam-n'a depois de bem secca, dissolvem a cinza em agua, filtram-n'a em folhas seccas, evaporam-n'a ao fogo e assim obtém o sal, que não é muito puro, porque o filtro, que empregam, de folhas seccas, não póde reter em si todas as impurezas.

Outra utilidade d'esta planta, menos apreciada, porém não menos real, consiste em que crescendo ella nas cachoerias e justamente nos logares por onde é preciso arrastar as canôas, que procuram as margens na subida dos rios, serve esta herva de leito ou almofada, sobre a qual ellas resvalam mais facilmente e sem offensa do casco.

Carvão de pedra. Tão rico é o valle do Amazonas que até este precioso mineral ali existe, apezar de não estar explorado.

Cascavel. Cobra venenosissima, cuja mordedura póde victimar os homens e os animaes.

Castanha *(Arvore da)* Humboldt e Bompland, que foram os primeiros que descreveram a arvore da castanha, deram-lhe o nome de *Bertholetia excelsa*, naturalmente porque domina as demais arvores, que a circudam, por sua altura colossal e notavel robustez.

As castanheiras não tem sido até hoje descobertas senão no Pará e no Amazonas e nas florestas do Alto Orenoco.

Na provincia do Pará e em parte da do Amazonas, ellas, por uma singular disposição geographica, determinam geralmente os limites da extensão livremente navegavel dos rios. Ao norte e ao sul das planicies do Amazonas, diz o sr. F. Penna, ellas occupam uma larga facha, passando de um lado pelas cachoeiras do Tocatins, Pacajás, Anapú, Xingù, Tapajóz e Madeira, e do outro lado pelas do Jary, Parú Maycurú, Curuá e Trombetas, indo reapparecer nas terras altas e pequenas montanhas do Jamundá e Uatuman. Assim, para este precioso vegetal, continúa o sr. F. Penna em vez de um *centro de creação* propriamente dito, ha duas vastas zonas, que acompanham de longe o curso do Amazonas.

No Tocatins chegam a formar grupos, mesmo em algumas ilhas das cachoeiras e não começam a apparecer na parte inferior, senão onde esse rio se torna innavegavel pela multidão de rochas que lhe obstruem o leito.

No Pacajá succede o mesmo, apparecendo em numero consideravel junto ás cachoeiras do Uruá e Grande e á de Pependá, no affluente Cururuhy. Abaixo d'estes obstaculos do rio, raras vezes se vê uma ou outra arvore, e essa mesma não é senão o resultado da dispersão de algumas sementes emigradas na sua zona de creação.

A castanheira vegeta unicamente em terrenos altos e fortes, ao passo que a sapucaia vegeta indifferente n'esses terrenos ou em varzeas, ainda quando alagadas durante o periodo das grandes aguas.

Viajando pelo rio Pacajá, conta o sr. F. Penna, avistei acima de uma floresta alagada a bella cupula de uma castanheira, e bem que se me assegurasse que tudo ali era um extenso *igapó* (matto alagado) pude penetrar por este até ao pé da arvore e verifiquei que ella se firmava em uma especie de ilha sobre um terreno solido e elevado cerca de dois metros acima do nivel do igapó, tendo a ilha talvez de 100 a 120 metros de circumferencia. Factos identicos se reproduzem e podem induzir a erros, mesmo a espiritos os mais intelligentes, como já succedeu a um illustre viajante brazileiro que, por um facto identico, mas de certo não bem observado, disse em uma memoria muito estimada que a castanheira era uma planta *cosmopolita*.

A castanheira eleva-se a 24 e 30 metros d'altura, dominando as florestas visinhas. Esta arvore gigantesca offerece o mais notavel exemplo do poder das forças organicas na estructura de seus fructos, especie de côcos arredondados e revestidos de espesso lenho, os quaes contém sementes triangulares, encerradas tambem n'um tegumento lenhoso. Estas sementes ou amendoas, creadas dentro de um ouriço, são em numero de 12 a 16.

A immensa altura a que attinge a castanheira não permitte facilmente chegar-se aos seus galhos para apanhar-lhe os fructos, e quando o permittisse, seria este trabalho perdido em grande parte, pois que tem provado a experiencia, que não sendo colhidas em completa madureza, deterioram-se as castanhas em pouco tempo. E' necessario pois esperar a queda espontanea dos ouriços.

A colheita dos fructos, que se faz precisamente na epoca em que começam a desprender-se dos galhos, de fins de setembro a fins de fevereiro, é um trabalho simples, porém exige a maior precaução contra os perigos que o acompanham. Volumosos, revestidos de uma couraça de consistencia cornea e formando com as amendoas que encerram, uma massa de 2 a 4 libras de pezo, os ouriços da castanheira, escapando dos altos galhos, onde amadureceram, cahem com tanta força, que se enterram no chão,

abrindo uma cova mais ou menos profunda, segundo a natureza do solo.

Esta simples enunciação exprime o perigo da colheita, perigo, acrescenta o sr. F. Penna, que mais uma vez tem roubado a vida a colhedores inexperientes.

Para evitar semelhante perigo, continua o infatigavel investigador, costumam armar debaixo da floresta uma ligeira barraca, de coberta, fortemente inclinada para o chão, e ali dentro esperam a hora em que, depois de agitados pelos ventos, os galhos tem desprendido de si todos os ouriços maduros e conservam-se em quietação completa. O colhedor prudente sahe então do abrigo, que o deffendera, e enche o paneiro com os fructos, que vae encontrando espalhados no chão. Terminada esta operação, recolhe-se de novo á barraca, e aguarda outra opportunidade para continuar a colheita. Em quanto está refugiado, occupa-se em quebrar os ouriços.

As amendoas da castanheira ou as castanhas, como geralmente se diz, não entraram na ordem de artigos de commercio senão nos primeiros annos do seculo passado. Em 1775 eram tão pouco apreciadas, que apenas se empregavam para sustento dos animaes domesticos.

Hoje, porém, constituem um importante genero de exportação do Pará. O seu preço regulava ha 80 annos, ou pouco mais, a 80 reis o alqueire, e por muito tempo conservou-se a 100, 160 e 200 reis. Mais tarde elevou-se a 500 reis, preço então animador.

O preço normal regula actualmente 12$500 a 15$000 conforme o cambio.

O oleo da castanha, quando fresco, é empregado nos usos culinarios. E' proprio para o fabrico do sabão branco e susceptivel de ser aromatisado.

Tambem serve para luz.

Castanhal. Importante povoação do municipio de Belem.

Catitu ou *queixada.* E' um porco bravissimo, especialmente quando vê cães e tem filhotes. As onças respeitam-n'o tanto, que quando querem matar algum, trepam a uma arvore por cujo sitio sabem que elles hão-de passar e então atiram-se sobre o ultimo que faz parte do bando.

Cáua. Vespa diabolica, que faz ninho pelos troncos das arvores.

Cauré. Planta de cuja raiz se tira agua odorifera.

Cauxo. Assim se denomina a borracha mais ordinaria.

Cavallo de vapor. Força que póde elevar um peso de 75 kilos n'um segundo, a um metro d'altura.

Caxinduba. Arvore que contém um leite excellente como anthelmintico.

Caxiri. Bebida indigena fermentada de milho ou mandioca. E' intragavel e supponho que prejudicial á saude,

Cereana (Fr. Pedro de) Dominado das melhores intenções a favor da cathechese dos indios da provincia do Pará, confiada á sua administração, tratou o finado conselheiro Jeronimo Francisco Coelho, d'esse importante ramo de serviço publico com interesse de zeloso administrador.

No empenho que tinha de ver realisados os seus desejos, entre outras providencias que tomou, julgou dever nomear o capuchinho italiano Fr. Pedro de Ceriana para missionar a povoação do rio Andirá, que não havia muitos annos tinha sido victima das depredações e violencias do feroz indio Chrispim de Leão.

Aquelle religioso, porém, longe de procurar corresponder á confiança que n'elle depositára o benemerito administrador, tratou de fazer, por assim dizer, do Andirá um Paraguay em miniatura, tendo apenas como unico incentivo os seus interesses particulares.

Sem respeitar os limites, que se achavam traçados á missão que lhe fôra confiada, tratou pelo contrario de amplial-os, levando-os até as portas de Villa Bella pelo lado do Amazonas, e até ao lago do Castanhal pelo do rio Ramos. Em todo o espaço comprehendido n'estes limites por elle traçados, dizem que não consentia sequer um inspector de quarteirão, e nem sequer podiam cumprir ordens, ainda de auctoridades superiores.

Affastando para longe os negociantes que giravam por aquellas paragens, não consentia que os indios, ainda os mais civilisados, vendessem os seus generos a outro, que não a elle, pondo-se a negociar em larga escala.

De um caracter irrascivel e violento, tratava os indios confiados á sua direcção, não com a brandura de um pastor, mas com o despotismo de um regulo.

Chaves. Antiga aldea dos Aruans. Freguezia Santo Antonio. Foi elevada a cidade em 1891. E' logar muito aprazivel e saudavel, situado na costa septentrional da ilha de Marajó, ao occidente da ponta do Maguary e em frente á ponta oriental da ilha Caviana. O municipio tem 6.707 habitantes.

Cherimbabos. Animaes domesticos. Tambem se emprega para designar todos os viventes d'uma casa, incluindo a familia da pessoa que usa do termo.

Chéo-chéo Vide *Japim*.

Chibé. Beberagem de farinha, assucar e agua, muito usada pelos seringueiros do baixo Amazonas.

Cigana. Ave de plumagem pardacenta escuro.

Cipó. Existem muitas variedades de cipós em todo o Amazonas. Teem desde a grossura d'uma linha até á grossura d'um homem. Uns formam por si sós cipoal fechado, crescendo como arvores gigantescas, enroscados uns nos outros, cobertos de folhagens, de fructos e de flores; outros trepando pelas palmeiras e pelos cedros; uns são espinhosos e outros lisos.

As suas raizes são delgadas, pouco entranhadas na terra. Lançam uma haste e esta divide-se em muitos ramos. As folhas são brancas, do feitio do ferro de lanças, tem os pés curtos, e estão symetricamente collocadas. Quando a planta está completamente creada, torna-se rubra.

Ciry. Especie de caranguejo muito saboroso e abundante no Pará.

Clima. Muito embora a cidade do Pará esteja quasi sob o Equador, o clima não é excessivamente quente. Durante tres annos a temperatura só uma vez chegou a 30.º centigrados. A temperatura media é em geral de 27.º centigrados.

A temperatura egual, a pujante verdura, a frescura da estação secca, quando o calôr do sol é temperado pelas fortes brizas maritimas e a moderação das chuvas periodicas, tornam o clima um dos mais agradaveis da superficie da terra.

Coatá. Macaco um pouco menor do que o guariba.

Coaxy. Nateiro que se fórma á superficie do aguaçal no tempo das enchentes e que se agarra aos troncos e depois de secco voa e difunde-se no ambiente. O seu contacto com a pelle produz uma comichão tão impertinente que chega ao desespero.

Cobio. Especie de maçã de que se faz um saborosissimo dôce.

Cocar. Adorno com que os indios se enfeitam.

Codajás. Municipio do estado do Amazonas.

Coivara. Montão de lenha.

Collares. Povoação de 1.436 habitantes. Exporta muita farinha, borracha, gado, peixe salgado, etc.

A respeito d'esta povoação escreveu em 1775, o ouvidor e intendente geral, Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio.

Combuca. Pequeno cabaço com uma abertura n'uma das extremidades. Enterradas e cheias de milho servem para armadilha aos macacos. Estes animaes, lambareiros como são e gostando muito de milho, metem a mão espalmada pelo orificio da combuca e enchem-n'a a mais não poder ser. O buraco, porém, só lhe dá passagem á mão vazia e o macaco, agarrado á preza, que segura com avidez, estrebucha e grita e deixa-se agarrar estupidamente.

Conceição (Ilha da). É situada no Alto Tapajoz e méde 15

kilometros de comprimento. Tem muitos lagos e produz grande quantidade de borracha.

Conde. Villa da margem do rio Pará.

Copear. Varanda exterior, ao rez do chão. Especie de terreiro em frente das habitações indigenas.

Copoassu. Vide Mamaurana.

Coqueiro. Arvore da familia das palmeiras. Produz o excellente fructo chamado côco.

Corimatan. Peixe saborosissimo do Tocatins.

Corregedor. Assim denominam no Amazonas o empregado encarregado de receber a borracha nos armazens.

Cotia. Quadrupede do tamanho d'um coelho. Tem as orelhas redondas e os cabellos asperos como as sedas dos porcos. Ha cotias pretas e vermelhas. A carne d'estes animaes é saborosa e muito apreciada.

Cotimboia ou **Cobra-Cipó** Esta cobra é celebre não só pela sua parecença com o junco de que toma o nome, como tambem pela tenacidade e modo por que persegue os seus inimigos. Costuma fincar a cabeça no chão e levantar todo o corpo no ar, e n'esta posição faz as suas *esperas* ás victimas que lhe devem servir de sustento, e que, enganadas com a sua apparencia de cipó, càem na cilada. Se acontece passar-lhe perto alguma pessoa desprevenida, descarrega-lhe rijas chicotadas com a cauda, e persegue-a a grande distancia, se a pessoa não tem com que se defender. O seu comprimento excede ás vezes a doze palmos, e o seu diametro não passa de 4 a 5 polegadas.

D'esta cobra possuimos um lindo exemplar, conservado em alcool, que nos foi offerecido na fazenda Iracema, do nosso amigo Angelo Leite.

Cotitiriboia. Cobra venenosissima.

Cotitiribá. Arvore da familia das guttiferas, que produz um fructo do mesmo nome.

Coudreau (Esposos). Os esposos Coudreau teem sido dois dos mais illustres exploradores dos rios do Estado do Pará. Os volumes que teem publicado sobre as suas explorações revelam muito talento e estudo.

Infelizmente Henry Coudreau foi victima das febres n'uma das suas viagens, mas os seus trabalhos foram continuados pela sua viuva.

Aqui deixamos a nota do nosso sentimento pelo fallecido, grande amigo do Amazonas, e os nossos respeitos para com a digna e arrojada senhora que tão dignamente soube continuar o magistral trabalho do seu desditoso marido.

Crepusculo. É muito rapido no Amazonas. A aurora torna-se repentinamente em dia claro nas paragens amazonicas.

Cuapassu. Dôce de calda feito com o fructo do mesmo nome.

Cuatá Macaco de pelle preta, movimentos demorados e que a caminhar vae lançando a cauda á maneira de arpéo.

Cubio. Doce de calda feito com o fructo d'este nome.

Cudajaz. Localidade nas margens do rio Solimões.

Cuia. Assim chamam em todo o Amazonas á metade d'um cabaço, que nasce n'uma arvore chamada cuieira e que os indios pintam de diversas côres e com desenhos muito originaes. Servem de escudellas, pratos, pucaros e muitos outros mistéres.



Em Santarem faz-se actualmente largo commercio com as cuias. *Vide* «Cumaty.»

Cumaty. Tinta arroxada, escura, preparada com a casca da arvore do mesmo nome e que se torna preta pela acção do amoniaco. Emprega-se na pintura das cuias.

Cumbarú. Tambem conhecida por *cumarú*, é uma arvore colossal, de folhas pennadas e foliolos alternos; as flôres são papilionaceas terminaes, dispostas em racimos; o fructo é legume ovoide, formado de um tecido esponjoso, contendo uma unica semente branca por dentro e coberta por uma pellica escura. Esta semente é de sabor amargo, de cheiro aromatico particular e comparavel ao do meliloto, porém mais activo.

Com as sementes ou favas costumam aromatisar as roupas e preserval-as assim dos insectos. Tambem as deitam no rapé para dar-lhe cheiro agradavel.

O Dr. Martins era de opinião que as favas do cumarú podem ser empregadas como nervino, analeptico, cordial, diaphoretico e emmenagogo.

Cuminá. Affluente importante da margem esquerda do rio Trombetas. É rico em castanhaes, copahyba e quina amarella.

Cunauaru. Sapo de côr escura e olhos vermelhos, vulgar em todo o Amazonas. Vive constantemente sobre os troncos das arvores e dá-se a conhecer por um grito particular, como se proferisse a palavra *cunan*, que repete a miudo em tom lamentativo.

Este sapo segrega uma materia resinosa, com a qual faz uma especie de panella pequena em que se aninha. Essa materia resinosa e de aroma muito agradavel quando se queima, é não só empregada como remedio, mas tambem dizem que é excellente breu. A côr é semelhante á do jutahy-sica.

Acreditam os indios que o achar o *cunauarú* é prenuncio de felicidade.

Temos possuido porções d'essa resina e queimando-as, como incenso, temos notado que deixam um agradavel aroma no ambiente.

Cunambi. Euphorbia que dá uns fructinhos comparaveis a pinhões, julgados venenosos pelos indios, mas que apenas teem a força toxica sufficiente para entorpecer os peixes.

Cupacá. Lago na margem direita do rio Solimões, onde por ordem do governador Berredo foi destruida a aldeia dos indios *Achouaris*.

Nas margens d'este lago, com o occulto fim de dar direito futuro aos hespanhoes, tentou o commissario hespanhol Requena crear diversos estabelecimentos; não podendo entretanto levar avante o seu intento, porque, penetrando aquelle designio o governador da capitania Manoel da Gama Lobo d'Almada, obrigou-o a abandonal-o.

Cupahiba. É abundantissima nas matas do Pará e de facilima extracção.

Cupassu. Fructa d'um aromatico penetrante, do tamanho d'um melão.

Cupary. Rio importante das proximidades de Aveiro, marginado por terras fertilissimas.

Curauá Planta bastante fibrosa e comparavel ao ananaseiro, d'onde se extrahe uma especie de linho alvo. Applica-se com grande proveito em cordoalha e manufactura de finissimas redes.

Curralinho. Cidade desde 1895. Está situada na margem esquerda do rio Pará, em terrenos baixos da costa sul da ilha de Marajó. A freguezia tem por padroeiro S. João Baptista. Tem 4.078 habitantes em todo o municipio e exporta cacáo, borracha, couros e gados.

Curuçá. A freguezia de N. S. do Rosario de Curuçá, fundada em 1757, foi denominada aldea de Curuçá. Actualmente disfructa a cathegoria de cidade e está situada na margem esquerda do igarapé Curuçá-miry, affluente do rio Curuçá. Tem 5.857 habitantes, segundo o censo de 1896, e exporta farinha, milho, tabaco, madeiras, borracha, couros, etc.

Curumin. Rapazinho. Vara de que se servem os pescadores na pesca do pirarucu.

Curumú. Rio do estado do Pará. Tambem ha um lago com este nome a dois kilometros de Santarem, perto do Surubiú.

Curupira. Segundo diz Gomes d'Amorim, é o espirito, o genio, a mãe, o Deus ou Diabo, que habita nos bosques, assim como a Oiára é a deusa das aguas. Os indios, como se a tivessem visto,

descrevem-n'a na figura d'uma rapariga tapuya, completamente despida, que léva a vida a descaminhar os mortaes que penetram no mais recondito da floresta.

Cururu (Ilha Grande do). Fica situada no Tapajoz e terá uns 15 kilometros de comprimento. Tem vastas campinas, lagos, castanhaes e arvores productoras do caroço com que se defuma a borracha. Está quasi que por explorar como quasi todo o riquissimo Amazonas.

Cururú-boia. Cobra de côr verde, que se aninha nas raizes das arvores e se alimenta de sapos.

Cutijuba. Ilha da grandiosa bahia de Marajó.

D

Defumadôr. Barraca onde se prepara a borracha, tendo ao centro um forno ou buraco por onde sahe o fumo produzido pela combustão do caroço do urucuri.

O seringueiro agarra uma vara do tamanho d'uma bengala e



mergulha-a repetidas vezes no leite da seringueira expondo-a em seguida ao fumo. A parte liquida evapora-se em seguida deixando uma delgada camada de borracha. Repete-se a operação e assim se obteem camadas successivas, stratificações elasticas e regulares d'uma certa espessura e sem a menor impureza, formando-se assim a *pelle*.

Demographia Sanitaria de Manáos. Apezar das idéas pessimistas que se teem espalhado, póde affirmar-se que Manáos é uma cidade saudavel, como se conclue pela sua bem elaborada estatisca demographo-sanitaria.

Sendo a população de Manáos calculada em 50.000 habitantes, a media da sua mortalidade diaria não excede a cinco obitos.

Egual phenomeno occorre no Pará, onde a mortalidade chega a ser inferior á de Paris.

Densidade da população. Tem sido até hoje impossivel averiguar o numero de indios em estado selvagem, que habitam no Estado do Amazonas. A população civilisada eleva-se a 251.000 almas, o que reprezenta em relação á superficie total do estado uma densidade de população de 0,1 habitante por kilometro quadrado.

O que será este grande estado quando chegar a ter 113 habitantes por kilometro, como a Italia ou sequer os 40 da Grecia?

Diamba. Planta cujas folhas teem effeito narcotico.

Dimensões. O estado do Pará méde 11.500 myriametros quadrados.

Distancias. As distancias entre os differentes pontos do Amazonas são as seguintes: Do Pará a Breves, 146 milhas; de Breves a Gurupá, 123; de Gurupá a Porto de Moz, 48; de Porto de Moz á Prainha, 96; da Prainha a Monte Alegre, 44; de Monte Alegre a Santarem, 60; de Santarem a Obidos, 68; de Obidos a Villa Bella, 95; de Villa Bella a Serpa, 137; de Serpa a Manáos, 110. A distancia total de Belem a Manáos é de 927 milhas.

A distancia de Leixões a Lisboa é de 174 milhas; de Lisboa á Madeira 530; da Madeira ao Pará 2.746.

Do Rio de Janeiro á Bahia, 734; da Bahia a Maceió, 270; de Maceió ao Recife, 120; do Recife a Parahyba, 70; da Parahyba ao Natal, 78; do Natal á Fortaleza, 260; da Fortaleza a S. Luiz, 360; de S. Luiz a Belem, 250.

Divida fundada do Estado de Manáos. Em 10 de julho de 1903 era a divida fundada do Estado de Manáos a seguinte:

De apolices em circulação da 1.ª e 2.ª emissão ainda não convertidas	15.998:000$000
De apolices oiro collocadas em New-York £ 498.560 equivalendo a cambio de 12 d.	9.971:200$000
Collocadas em Manáos £ 61.000 a cambio de 12 d.	1.220:000$000
Empregados em conversão em New-York £ 22.475, ao mesmo cambio	229:500$000
Idem, idem, em Manáos £ 60.930, ao cambio citado	2 228:600$000
	28.637:300$000

Divida Municipal de Belem. Em 1903, a municipalidade converteu toda a sua divida interior e fluctuante a 7 %, em um unico emprestimo a 6 %, que se eleva hoje a 14.948 contos, 18 milhões de francos, mais ou menos, ao cambio de 12 dinheiros por mil réis.

O senador sr. Antonio Lemos, previdente, e, com justa razão, contando com o futuro, obteve do Conselho Municipal, auctorisação de converter de novo, mas esta vez, em titulos oiro de um emprestimo exterior, o total da divida interior em papel moeda.

A tendencia do cambio para a alta produziu uma diminuição consideravel dos encargos municipaes, além dos melhoramentos materiaes que permittiu executar, productivos e de grande utilidade publica.

Esta operação, realisada em Londres, com pleno successo do seu encarregado, o sr. tenente-coronel Brito Pereira, teve a satisfação de vêr o syndicato da emissão subscrever, sem hesitações, a totalidade do emprestimo, que foi de 1.000.000 de libras esterlinas.

Este emprestimo está garantido pela totalidade das rendas municipaes, cuja média nos ultimos cinco annos, foi superior a 7 milhões e meio de francos, e mais particularmente, por uma affectação especial e privilegiada dos impostos do valor locativo e em caso de insufficiencia, ainda, pelas contribuições das patentes.

O serviço d'este emprestimo a 5 %, resgatavel em 5 annos, por sorteios e compras provenientes de um fundo de amortisação ½ %, eleva-se annualmente a 1.383.125 francos, está coberto, como se póde facilmente verificar, mais de cinco vezes pela média das receitas geraes, e mais de quatro pelas hypothecas especiaes e privilegiadas. Estas, no orçamento municipal de 1905, elevam-se a perto de 6 milhões de francos, dos quaes, 1.875.000 para as taxas locativas e 3.937.500 francos para as contribuições das patentes.

A annuidade d'este emprestimo tende a decrescer de anno para anno, em papel moeda.

Se ao cambio de 12 dinheiros exige 1.106 contos, ao cambio de 16 dinheiros, mais ou menos, não pedirá senão 885 contos.

A construcção provavel e proxima de um novo porto em Belem, como diremos em seu lugar, augmentará considèravelmente os recursos da municipalidade, e por consequencia, as garantias do emprestimo, assim como muitas obras em andamento, ou planeadas.

Divisão do Amazonas. O territorio, que hoje constitue a provincia do Amazonas, foi por carta regia de 3 de março de

1755 dirigida ao governador e capitão-general do Gram-Pará Francisco Xavier de Mendonça Furtado, pelos fundamentos n'ella declarados, de se poder administrar justiça com maior brevidade e para evitar delongas aos moradores do Rio Negro, elevado á cathegoria de capitania, subalterna da do Parà, com a denominação de capitania de S. José do Rio Negro.

Em 1758 tomou posse o primeiro governador o coronel Joaquim de Mello Povoas, sendo a capital o logar da antiga aldeia de Mariuá, que passou a ser villa, com a denominação de Barcellos. Em 1791 foi transferida a capital para a villa da Barra, hoje cidade de Manáos; em 1798 voltou de novo para Barcellos, e finalmente em 1804, tornou para a Barra.

Teve a capitania do Rio Negro sete governadores de nomeação regia, além de quatro governadores e um governo interinos, até que a nova ordem constitucional estabelecida em Portugal, fez baixar o decreto de 29 de setembro de 1821, pelo qual se installou ali, como nas outras provincias, uma Junta provisoria, que entrou no governo em logar do governador nomeado o coronel Antonio Luiz Pires Borralho, que ainda não havia temado posse do cargo.

Enviou o Rio Negro dois deputados ás ditas côrtes, que foram João Lopes da Cunha e José Cavalcanti de Albuquerque.

Proclamada a independencia do Brazil, o decreto de 20 de outubro de 1823 aboliu as Juntas provisorias, nomeando para as provincias presidentes com conselhos electivos. N'estas nomeações não se contemplou o Rio Negro, que continuou a ser administrado até 1825 pela Junta provisoria. N'essa época, sendo presidente do Pará, Josè Felix Pereira de Burgos, depois barão de Itapicurù-mirim, e constando-lhe a agitação em que se achava o Rio Negro, pelos conflictos suscitados entre o ouvidor e a Junta provisoria, tomou a deliberação de mandar dissolver a mesma Junta e de ordenar que a camara de Barcellos passasse a exercer as suas funcções no logar da Barra, nomeando para ali commandar as armas o capitão Hilario Pedro Gurjão; do que tudo deu parte ao governo, geral, que approvou, por aviso de 8 de outubro de 1825, todas estas medidas. As instrucções que haviam baixado do governo geral, a 26 de março de 1824, designando nominalmente todas as provincias e o numero de deputados, que ellas deveriam dar á Assembléa Geral, nenhuma menção fizeram do Rio Negro. Sómente em 8 de novembro de 1825, por occasião da extincção da Junta provisoria, officiando o governo á presidencia do Pará, pediu informações sobre o estado e causas da decadencia da provincia do Rio Negro.

Portanto, depois da proclamação da independencia o governo do Brazil não contemplou o Rio Negro como provincia, não obstante o artigo 2.º da Constituição, que determinou que o Imperio ficasse dividido nas provincias que então existiam.

Depois d'essa época occorreu no mez de junho de 1832 uma sublevação do povo e tropa, que proclamaram o Rio Negro provincia, nomearam presidente por acclamação o ouvidor da comarca Manuel Bernardino de Sousa Figueiredo, o qual, bem que protestasse, percorreu as ruas mais publicas da villa da Barra debaixo do pallio. Foi igualmente acclamado commandante das armas o tenente Boaventura Bentes. Em seguida lavraram os insurgentes uma acta de desmembração do Pará, deputando ao governo imperial o carmelita Fr. José dos Innocentes, o qual dirigindo-se ao Rio de Janeiro pelo Madeira, foi impedido pelo presidente de Matto Grosso e obrigado a regressar.

O presidente do Pará, José Joaquim Machado de Oliveira fez marchar uma força expedicionaria; os insurgentes preparam-se para a defeza, fortificando com trincheiras os pontos das Lages e do Bomfim, onde assentaram 30 peças de artilharia e acamparam para cima de 1.000 homens. Foram porém batidos os sublevados e no dia 10 de agosto foi dissolvida a provincia, que, voltando a ser comarca, foi administrada pelo commandante da força expedicionaria.

Por varias vezes pretendeu-se restabelecer o Rio Negro na sua antiga cathegoria como provincia. Em 1843 foi discutido e passou na camara dos deputados um projecto para se elevar a provincia a comarca do Rio Negro com a denominação de provincia do Amazonas, com uma assembléa provincial de 20 membros e dando um deputado e um senador á assembléa geral.

Finalmente pela lei de setembro de 1850 foi de novo a comarca do Rio Negro elevada a provincia, tendo lugar a sua installação no 1.º de janeiro de 1852.

Dizer auctorisado N'um discurso pronunciado perante a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, o sabio geographo Elizée Réclus, disse o seguinte sobre o Amazonas:

«Póde-se antever o que será este paiz quando, em vez da população disseminada que possue, a tiver densa e compacta como a Allemanha e a Belgica, e, em vez dos seus dezeseis milhões de habitantes, poder registar nas suas estatisticas um milhar de milhão, proporção que lhe é bem cabida.»

Documento Curioso. Por nos parecer curioso e hoje quasi desconhecido, transcrevemos a seguir o officio que o ouvidor Ribeiro de Sampaio dirigiu em 1755 ao Governador:

Carta ao Governador, e Capitão General do Estado Ill.mo e Ex.mo Snr.=Tendo completado a visita e correição das povoações desta Capitania; e sendo obrigado em cumprimento das ordens de V. Excellencia, a informa a V. Excellencia sobre os diversos artigos concernentes ao estado das mesmas povoações, nos quaes V. Excellencia me instruio, communicando-me a copia que sobre este particular dirigio em officio datado de 28 de Fevereiro de 1773, ao Desembargador Intendente Geral do Commercio dessa Capitania; devo dividir a minha informação em duas partes. Na primeira darei conta a V. Excellencia do que achei particularmente em cada huma povoação. Na segunda referirei o que geralmente observei em todas ellas.

Principiei nesta Capital, aonde achei Director a Filippe Serrão de Castro. O genio deste Director he altivo; tratando por essa causa mal aos principaes, que vivem queixosos do mesmo. Não sei que a povoação tenha tido diminuição no numero dos seus habitantes. Conheço que não prosperão nellas as culturas, ou roças; sendo comtudo de ponderar, que como capital são os Indios della applicados a muitos serviços. Faz annualmente o commercio do sertão, empregando, nelle huma grande canoa, com o numero de gente, que V. Excellencia verá do mappa junto. As casas dos Indios conservão-se em bom estado. Não ha porêm casa de Camara, nem cadea; falta na verdade prejudicialissima ao bem da Capitania; porque em nenhuma villa da mesma se acha huma cadea; o que he incommodo aos povos; sendo necessario executar as prisões, ou na fortaleza, ou no calabouço desta villa, que aliás bastaria que fossem feitas nos proprios lugares dos delinquentes. Accrescendo a isto o pouco respeito, que por este motivo, tem às justiças ordinarias, faltando-lhe o fundamento da coacção, em que elle se estriba. Ao mesmo Director d'esta villa achei pouco exacto na arrumação dos Livros do Commercio, e olaria, como V. Excellencia verá dos provimentos, que a este respeito deixei.

Desta villa passei ao lugar de *Poiares*, aonde achei Director Pedro de Faria Mello e Vasconcellos, de bom procedimento, e caracter, cuidadoso da agricultura, do asseio das casas dos Indios, e da povoação.

Este Director foi o primeiro que plantou hum cafezal para o commum da povoação; do progresso do qual estabelecimento eu espero se alcance a experiencia, para ver se pode continuar em outras povoações; pois que se encontrão difficuldades neste particular, sendo huma a da communidade das mesmas povoações. Não me parece que tenha havido diminuição nesta povoação, excepto a originada de algumas molestias.

Costuma esta povoação fazer bom negocio no sertão, empregando nelle huma canoa grande, e o numero de Indios, que constará do mappa: no qual verá V. Excellencia tambem o numero de Indios, que a habitão. Pela copia dos provimentos, que neste logar deixei, serão a V. Excellencia constantes as determinações que nelle ficárão.

Passei daqui ao lugar de Carvoeiro, em que he Director Manuel Pinheiro de cuja conduta não alcancei más informações. He certo que a povoação não tem tido augmento, nem tambem decadencia.

São penosas neste lugar as culturas; porque he necessario ir fundar as roças na margem opposta, hum dia, e mais de viagem; porque o Gentio Mura persegue as visinhanças da povoação; o que tambem impossibilita a cultura do café, proprio a toda a margem do sul do rio Negro, e infructifero na do Norte. As casas da povoação achei um grande numero dellas sem portas. Emprega no commercio do sertão huma canoa de mediana grandéza, com o numero de gente, que V. Excellencia verá do mappa; como tambem a que habita na povoação. A Igreja, casas de résidencia do Vigario, e Director, está tudo em máo estado.

Continuei á Villa de Moura, de que he Director Pedro Affonso Gato, de bom procedimento, e augmentador desta povoação, que he uma das mais florescentes da Capitania: costuma fazer o commercio do sertão em em huma canoa grande, em que emprega ordinariamente o numero dos Indios, que constão do mappa. He certo que a diminuio a deserção da maior parte dos Indios da Nação Juma, que por más praticas do seu Principal se ausentarão para o Lugar de Alvaraes: porêm tambem se augmentou com a vinda de hum grande numero de Indios da Nação Carajahi, que fugindo ás incursões Muras se recolherão áquella villa. A Igreja se conserva em bom estado. As casas porêm do Vigario, e Director se achão em total ruina, e se principião a fabricar de novo. As casas dos Indios em bom estado; posto que algumas faltas de portas. Padece aqui igualmente o augmento da agricultura, por causa dos Muras. Não tinha ainda fórma a administração da olaría, a qual dei como constará dos provimento ordenados a esse respeito.

Em Airão achei Director Silvestre José Cordovil, de procedimento menos ajustado, por olhar mais para os seus interesses particulares do que para os commus da povoação. Ella cada vez vai em maior decadencia com as repetidas deserções dos Indios que lhe facilitão as proximidades das suas terras. Com tudo actualmente entrou nella numero de gente, que constará a V. Ex-

cellencia do mappa, pelo qual tambem verá V. Excellencia o total dos Indios, seus habitadores. Manda com effeito ao sertão, empregando o numero de gente, que do mappa constará. A Igreja ameaça ruina, e o mesmo as casas da residencia do Parocho e Director, e em egual ruína as dos Indios.

Na fortaleza achei ao Ajudante Custodio de Matos Pimpim, sem macula no seu procedimento. Não tem diminuido esta povoação. Faz o commercio do sertão e algumas vezes o das manteigas. Os Indios, que actualmente a habitam, e os que emprega no commercio verá V. Excellencia no mappa. Padece porem muito a agricultura, experimentando grandes faltas, por causa dos Muras, que impossibilitão as lavouras nas terras da margem opposta, que são as melhores; e as em que se acha situada e sujeitas á praga da formiga. A Igreja, casa da residencia do Vigario, Director, e Indios em estado mediano. O que mandei nesta povoação constará a V. Excellencia dos provimentos.

Passei á Vila de Silves, em que achei Director Ignacio Caetano de Bequeman, sem abuso no seu procedimento; mas antes oppresso por huma quasi conjuração de alguns moradores brancos, insultado pelo Cabo da canoa, que por essa causa se tinha refugiado. Não conheci diminuição presente nesta villa antes algum augmento. Constará do mappa os Indios, que a habitão, e os que emprega no commercio do sertão. A agricultura desta villa consiste no algodão e tabaco, que plantão nas Ilhas do Lago. As formigas destroem muito aqui; e o Mura impede o estenderem-se as roças para as terras do Amazonas. A Igreja he nova e ainda se não acha rebocada: as casas da residencia do Director e Vigario em bom estado. Pelos provimentos verá V. Excellencia o que deixei determinado nesta villa.

Continuei a viagem a Serpa. Era nesta villa Director Manoel Teixeira, pouco exacto nas suas obrigações. Não tem tido augmento esta povoação no numero dos seus habitadores; posto que tambem nem extraordinaria decadencia. Por meio do Sargento Mór, Antonio da Costa de Medeiros, se trabalhava em descer alguns Indios do Rio Uatumá, cuja diligencia deixei ordenada. Verá V. Excellencia do mappa o numero dos Indios habitantes, e os que repartem para o commercio do sertão. A Igreja, casas do Parocho, e Director em bom estado. As dos Indios quasi todas sem portas. Poucas agriculturas, falta que se attribue á praga da formiga.

Passei a Borba, de que era Director, e Commandante o Sargento Mór José Henriques da Costa e Almeida, contra o qual se não mostrou culpa na sua direcção. O numero dos Indios desta

villa, e os empregados no commercio do sertão, conhecerá V. Excellencia pelo mappa. He certo que esta villa não tem tido augmento, por se não terem feito para a mesma descimentos ha muito tempo. A agricultura se tem desprezado, havendo uma grande falta de moradores brancos; sendo certo que as circumstancias da situação, e a fertilidade das terras indica que poderia ser esta uma das mais florescentes colonias, se se lhe introduzissem casas de brancos. A Igreja, e a residencia do Vigario estão em bom estado; e ameaçando grande ruina as do Director, e Commandante. As casas dos Indios sem reparo de cobertura: para mediar o que, tinha o actual director despedido Indios para transportarem as costumadas coberturas.

No Lugar de Arvellos achei por Director a Domingos de Macedo Ferreira, desinteressado e zeloso. Tem tido esta povoação augmento em varios descimentos; mas no anno presente tinha padecido grave diminuição; por causa do contagio das bexigas, morrendo delle muitos Indios, e desertando outros para os matos, como costumão nessas occasiões. Verá V. Excellencia do mappa o número de gente que actualmente tem, e o seu destino. A Igreja, e as residencias do Director, e Vigario, achei em estado ordinario, e em igual as casas dos Indios. Não aqui plantações algumas; sendo causa o receio do Gentio Mura, que não deixa cultivar as terras remotas da povoação, que são as mais ferteis, e as proximas innundadas de formigas.

Daqui passei á Villa de Ega, aonde estava Director Victoriano Francisco da Roza Lobo, negligente no asseio da villa, e das casas dos Indios, achando-se um grande nunero dellas sem portas.

Não tem esta villa tido diminuição consideravel; antes continua sempre a conservar-se com descimentos. O numero de Indios, que a habitam os destinos que elles tem, e os que são empregados no commercio do sertão, consta do mappa. Costuma esta villa, como universalmente as povoações dos Solimões, aproveitarem-se do negocio das manteigas de tartaruga. As plantações são desprezadas, e ainda de roças achei grande falta, que se imputa á persiguição do Gentio Mura. A Igreja nova, porêm ainda sem obra alguma interior. As casas da residencia do Vigario, e Diretor quasi arruinadas. A copia dos provimentos deixados nesta villa mostrará a V. Excellencia as faltas que havia, e que deixei providenciadas.

Achei em Nogueira Director a Filippe Coelho, homem de genio aspero para com os Indios, e interessado. Nesta povoação houve no presente anno não pequena diminuição, por causa das

bexigas. Com tudo ella se conserva em bom estado pelos descimentos que tem tido. Do mappa constará a V. Excellencia o numero de Indios da mesma, e o seu emprego. A Igreja asseada, e em bom estado as casas do Vigario, Director e Indios. A agricultura padece por causa do Mura, que infesta as suas visinhanças.

Em Alvaraes estava por Director João Pedroso Neves, de bom procedimento; mas descuidado na factura das obras, que esta povoação necessita, não havendo nella casa de residencia de Director, nem armazães, e sem mais Igreja, do que huma Capella indecente, e incapaz, não obstante as ordens antigas para ella se construir. Achei porem as casas da residencia do Vigario em bom estado e semelhantemente as dos Indios. Tem tido sempre aumente esta povoação por causa dos descimentos, que successivamente para a mesma se fazem, porêm as bexigas do anno presente a diminuírão muito, levando-lhe mais de cincoenta e tantas pessoas: as que actualmente conserva, e as que emprega no negocio do sertão e outros destinos, mostrará a V. Excellencia o mappa. Cuida-se na agricultura; sendo esta povoação abundante em farinhas; e applicando-se os moradores brancos ás plantações do cacáu e anil.

Era Director em Fonte-Boa Antonio José Ribeiro, em cujo procedimento sómente achei a falta de asseio nas ruas do lugar, e pouca formalidade nos Livros dos Dizimos: tem tido muito aumento esta povoação, por causa de varios descimentos, que nella se tem introduzido, e no anno presente padeceo, por causa das bexigas. O numero de Indios, que actualmente povoão este lugar, constará a V. Excellencia do mappa, e por elle verá V. Excellencia o seu destino, e os que tinha empregado na canoa do negocio. A Igreja em estado ordinario; e o mesmo as casas dos Indios, e Vigario. A do Director quasi arruinada; mas proxima a construir-se, porque ja se achava feita a do armazem. Havia grandes faltas de farinhas, porque as bexigas e a deserção dos Indios por causa dellas, não dêrão lugar a fazerem-se roças, sendo esta huma das povoações mais abundantes de mandioca. Ha muita falta de moradores brancos, que se necessitão nas povoações para segurança dos directores.

Na nova povoação de S. Fernando do Içà não ha ainda Director; estando por hora recomendada ao de Castro de Avelãs. Mostrará a V. Excellencia o mappa o numero de gente, que a habita. Tambem aqui chegárão as bexigas, das quaes morreo o Principal que fez falta. Não tem por hora canoa de negocio; e sómente alguns Indios desta povoação se unem aos de Castro de Avellãs para esse fim. He notorio o interesse que resulta do esta-

belecimento desta povoação: e eu, capacitado delle trabalhei por deixar logo esta povoação em maior augmento, mandando praticar ao Rio Tonaty os Cayuuicenâs, qué nelle habitão, da qual nação são a maior parte dos Indios de S. Fernando. Quando de volta aportei neste lugar achei a resposta de que elles virião com a possivel brevidade, mandando-me logo o Principal alguns Indios, para cuidarem no primeiro estabelecimento de todos; sobre o qual importante objecto deixei instruido o Director. No sobredito logar de Castro de Avellãs achei por Director a João Rodrigues Pereira, desinteressado, mas negligente da factura da roça do commun e algumas formalidades do Livro do Commercio, e Dizimos- Padeceo esta povoação igualmente o contagio das bexigas, morrendo dellas mais de quarenta pessoas; mas tem tido alguns descimentos nos annos anteriores. O numero actual dos Indios seus habidores, e a occupação delles mostrará a V. Excellencia o mappa. Não ha neste lugar plantações algumas. A Igreja é nova, e as casas do Vigario, Director, e Indios se conservão em bom estado. Os provimenros deixados neste lugar farão conhecer a V. Excellencia o que nelle determinei; sendo alguns destes provimentos respectivos á povoação de S. Fernando, dirigida por aquelle mesmo Director.

Em Olivença achei Director a Fernando Correia Pestana, homem de conhecida probidade, e sómente negligente por ignorancia na materia, que emendão os provimentos na mesma villa deixados.

Tem esta villa tido consideravel augmento, por causa dos descimentos, que nella se tem introduzido, sendo afortunadamente livre do contagio das bexigas. Verá V. Excellencia do mappa o actual numero de seus habitantes Indios. Costuma fazer abundantes negocios no sertão, no que emprega a maior canoa desta Capitania com os Indios da esquipação, que o mesmo mappa mostrará a V. Excellencia. A sua agricultura não passa de roças para a subsistencia, nem se cuida em plantações, porque a proximidade dos cacoaes silvestres, dando aos moradores um lucro certo, os faz menos applicados. A Igreja, as casas de residencia do Vigario, Director, e Indios, tudo em bom estado.

A villa de Javary está debaixo da direcção do Commandante na Tabatinga, o Sargento Mór Diogo Luiz Rebello. Esta villa não tem tido consideravel augmento, nem diminuição. Constará a V. Excellencia do mappa o numero dos Indios, que a habitão, e o seu destino, e os empregados na canoa do commercio do sertão, que faz unidamente com Tabatinga. As suas culturas consistem em roças para a subsistencia. A Igreja, casas da residencia do Vigario, e Director, em estado mediano.

No Lugar de Tabatinga, que dirige o dito Sargento Mór, não se acha semelhantemente, nem augmento, nem diminuição. He elle exacto nas suas obrigações, e se emprega com cuidado em praticar descimentos, a que tinha dado principio. Pelo mappa conheerá V. Excellencia o numero de Indios deste lugar, e os que havia empregado na canoa do negocio, que como já disse faz juntamente com Javary. A sua agricultura consiste em algumas roças de macaxeira. A Igreja deste lugar se acha em estado mediano, mas falta de retabolo, e ornamentos. As casas do Commandante tambem em estado mediano; e o mesmo as casas dos Indios.

Entrei no Rio Jupurá, aonde ainda nenhum dos meus antecessores tinha entrado. Visitei as duas povoações de Santo Antotonio, e S. Mathias, proximo huma a outra, aonde achei Director Mathias Fernandes, de bom procedimento. Ainda aqui não havia Livro do Commercio, e Dizimos, sobre o que dei providencias. Na povoação de Santo Antonio, que he a mais antiga, está já edificada huma Igreja, e ainda sem ornamentos e alfaias, que são de necessidade; como tambem a vinda de Vigario para as mesmas povoações, que já representei a V. Excellencia. As casas para o mesmo Vigario estão já edificadas; e as do Director, e dos Indios em estado mediano. As de S. Mathias principião a edificcarse; e se contiuuarem os estabelecimentos principiados neste rio, nada será mais util para o augmento desta Capitania, pelos interesses que podem resultar da população delle,

Darei agora conta a V. Excellencia das povoações superiores a esta Capital, que são as que ultimamente vesitei, principiando pelo Lugar de Moreira, aonde achei por Director a José Gomes da Silva, que mostrou ser desinteressado, e de bom procedimento. Esta povoação se tem diminuido proximamente pela fuga de varios Indios, que passárão para as Cachoeiras com um seu Principal: e pelo mappa verá V. Excellencia os Indios que tem, e os seus destinos, digo, diversos empregos. Faz annualmente negocio do sertão. Florece aqui a agricultura do café, e cacáo; e costuma ser este lugar fertil em farinhas, exceptuando o anno passado, e este, por causa da esterilidade, que houve. A Igreja se está edificando de novo, e proxima a acabar-se. As casas da residencia do Vigario, Director, e moradores em bom estado. Os provimentos deixados neste lugar, mostrarão a V. Excellencia o que nelle ficou determinado

Em Thomar era Director Paulino da Silva Rego, que mostrou ser desinteressado, mas negligente, e descuidado, principalmente na reedificação das casas dos Indios, que são raras as que se

acham compostas. Esta povoação se conserva sem grande diminuição: emprega huma grande canoa no negocio do sertão, que annualmente faz: applicão-se aqui, principalmente os moradores brancos, ás culturas do café, e cacáo. O numero de Indios que presentemente habitão nesta villa, constará a V. Excellencia pelo mappa, aonde se vê tambem o seu emprego. A Igreja se conserva em estado mediano. A residencia do Vigario está no chão. A do Director em bom estado. O mais que ficou determinado nesta villa, verá V. Excellencia dos provimentos.

Passei daqui a Lamonga, que é até onde tem chegado em Correição os meus antecessores. Neste lugar he, ha pouco tempo, Director Francisco Xavier Mendes de Moraes, contra o qual se não mostrou falta nas suas obrigações. Esta povoação, que mereceria ser huma das melhores da Capitania, pela situação, que occupa, se acha na maior decadencia, por causa das fugas dos Indios. Com tudo ella sempre faz o commercio do sertão annualmente, no que emprega uma canoa mediana, e o numero de Indios, que o mappa mostrará a V. Excellencia. Pelo mesmo verá V. Excellencia os Indios, que presentemente povoão este lugar. As casas dos moradores se acham quasi todas arruinadas. A egreja em estado mediano, como tambem a casa da residencia do Director. A do Parocho no chão.

Posto que eu não passasse desta povoação para cima, examinei aqui o estado da povoação de Santa Izabel, primeira, que se segue, de que he Director Francisco de Torres. Este lugar com a infeliz successão de tres Directores, tem chegado á ultima decadencia; sem casas de particulares, nem publicas, nem Igrejas: não se applica a negocio, nem tem canoa para o mesmo, nem sei que se adiantem as culturas nella, nem os mais estabelecimentos determinados; vivendo os seus Indios em Tujupary, e quasi dispersos. O mappa mostrará a V. Excellencia o numero delles, que se me deu. Para que o mappa fosse completo com as povoações de toda a Capitania, pedi ao Snr. Governador determinasse ao Capitão Filippe Sturm, Commandante das Caxoeiras, enviasse aqui hum de todos aquelles destrictos, pelo modelo, que lhe apresentei; o que o mesmo Capitão assim executou, e vai incerto no que agora ponho na presença de V. Excellencia. O dito Capitão he o que administra todas aquellas povoações e sobre ellas melhor poderà informar a V. Excellencia o Snr. Governador. O que eu sómente posso dizer a V. Excellencia he, que até agora se não acha nem huma destas povoações estabelecidas com as formalidades praticadas nas mais; sendo dirigidas arbitarimente pelo dito Commandante que em algumas costuma pôr um soldado de

guarnição. O negocio d'estas povoações do commum não passa até agora de roças, cujas farinhas se ccstumão vender á Fazenda Real.

No que toca á segunda parte desta informação, que concerne aos capitulos, que V. Excellencia me aponta, e que são de objecto geral, direi a V. Excellencia que a liberdade dos Indios se acha no estado, que a lei quiz. A sua civilisação tem feito não pequenos progressos. A cultura das terras, no que toca aos Indios, pouco excede de roças; e unicamente os brancos, moradores das povoações, se applicão a ella. Eu tirei hum mappa de todas as plantações desta Capitania, para fazer presente a V. Excellencia mais convincentemente do que nesta materia se passava. Eu lia aos moradores a parte das sabias instrucções com que V. Excellencia me honrou, que tratava de semelhante objecto, persuadindo aos mesmos a compra dos escravos; sem o que nada se adiantará.

As escolas, não ha em todas as povoações, por faltarem pessoas na maior parte dellas, que possão servir de Mestres.

Vai-se fazendo o maior uso dos pezos, e medidas; e agora fica toda esta Capitania, reduzida á unica regra de medidas, sendo ellas até aqui todas diversas humas das outras, porque levei comigo hum modelo por onde fiz regular todas as mais.

Casas da Camara, e Cadêa, não as ha nem em huma só villa da Capitania; e o mais he, que nem nesta Capital, sobre o que, já fiz a V. Excellencia as devidas reffexões.

Os descimentos posso dizer a V. Excellencia, que nas povoações dos Solimões são successivos, por causa da proximidade dos rios, em que habitão innumeraveis nações: e se houvesse o maior cuidado neste ponto, ellas se multiplicarião muito mais.

Com isto me parece tenho respondido ao que V. Excellencia me ordena, e que cabe no possivel poder eu informar a V. Excellencia. Ponho na presença de V. Excellencia uma copia dos provimentos, que deixei em cada povoação; devendo dizer a V. Excellencia, que aquelles, que a sua materia mostra generalidade, ficárão em todas as povoaçōcs; e por isso nesta copia não vão em cada huma de persi, indo sómente os que respeitão a cada povoação em particular.

Deus Guarde a V. Excellencia, Barcellos a 25 de Março de 1775=Ill.mo e Ex.mo Snr. João Pereira Caldas=O Ouvidor, e Intendente Geral, Francisco Xavier Ribeiro de Sampayo.

E

Elisée Reclus. Este sabio geographo que percorreu grande parte do Brazil, escreveu sobe o Amazonas o seguinte:

«Em seu longo percurso, a corrente muda tres vezes de nome, como se os ribeirinhos não tivessem a força de abarcar o seu todo fluvial. Nos limites do Perú denomina-se Maranhão; de Tabantiga à confluencia do Rio Negro, chama-se Solimões ou Alto Amazonas, e só o seu curso inferior tem a designação especial de rio das Amazonas.

Os Indios de suas margens viam n'elle o Paraná Tinga ou «Rio Branco», o Paraná Guassú ou «Rio-Grande», e chamavam-n'o tambem simplesmente Pará ou «Rio» por excellencia, nome que ficou tendo o de um dos braços lateraes; finalmente, os brazileiros applicaram á sua magestosa corrente o appellido poetico de «Rio Mar». Os missionarios de diversas ordens disputaram tambem o direito de baptisar o rio: chamaram-n'o S. Francisco de Quito, S. Ignacio de Quito, e S. Domingos de Quito.»

Embarcações entradas no porto de Manáos de 1893 a 1897

1893 — Embarcações	nacionaes	372
»	estrangeiras	28
		400
1894 — Embarcações	nacionaes	413
»	estrangeiras	61
		475
1895 — Embarcações	nacionaes	496
»	estrangeiras	73
		569
1896 — Embarcações	nacionaes	649
»	estrangeiras	44
		693

1897 — Embarcações nacionaes	....	810
» estrangeiras	....	91
		911
Differença para mais de 1893 a 1897	....	511

Emprego de madeiras. Pródiga foi a natureza com a variedade e preciosidade de madeiras que se criam em todo o valle do Amazonas. Os seus empregos são muito diversos.

Enchentes do Amazonas. O dilatado curso do *rio-mar* influe para que as marés sejam inteiramente desconhecidas de Obidos para cima.

Esse immenso volume d'agoa que se observa e que sem embargo de correr perennemente para lançar-se no Atlantico, se eleva á altura descommunal de 35 palmos, submergindo terras que parece incrivel passarem por essa transformação annual, é todo originado pelas chuvas e pelo degelo das cordilheiras, que attravessam este continente de sul a norte.

O degelo começa a operar-se no equinocio de setembro pela passagem do sol para o hemispherio do sul. As agoas d'essa proveniencia chegam ao leito do suzerano dos rios em novembro, e fazem apparecer o que vulgarmente se chama *repiquete.*

Na verdade são um verdadeiro alarme em toda a extensão do grande rio as primeiras pollegadas d'agoa que sobem acima do nivel da ultima vasante!

É assumpto de todas as conversações. Cada um faz as suas conjecturas, e perguntam-se mutuamente: *Será grande a enchente que começa?*

A resposta geral é conhecida: *Quem sabe?* Todos estremecem com as apprehensões de futuros desastres.

Entretanto esta primeira impressão desvanece-se e poucos são os que cuidam em acautelar-se!

O Amasonas, cumprindo as leis naturaes, vae na sua marcha imperceptivel subindo as altas ribanceiras e espraiando-se pelos prados, d'onde arrebata os animaes, destruindo as plantações. Isto repete-se muitas vezes, sem que se cogite em estabelecer meios de salvação!

«No Egypto, diz um escriptor brazileiro, para obviar os estragos das enchentes do Nilo, fizeram um padrão no qual estava marcado, por dias, o progresso ordinario das agôas e bem assim o extraordinario de certo tempo em diante; entre nós, que vivemos em tempos de progresso, ainda ninguem se lembrou de estudar um meio pelo qual se possam determinar os phenomenos, que prece-

dem as grandes enchentes, para assim se evitar enormissimos prejuizos.

Quanto a mim julgo isto muito possivel.

Estou na convicção de que se póde com precisão predizer se uma enchente tem de ser ordinaria ou extraordinaria pela observação das causas que a determinam.

É sabido que tres são as causas da diminuição das agoas vindas das cachoeiras e fornecidas pelas chuvas: 1.ª o esgoto feito pela corrente que as derrama no Oceano; 2.ª a evaporação produzida pelo calorico atmospherico; 3.ª a absorpção feita por uma vasta área de terras de alluvião. Ora, a primeira d'estas causas não póde falhar, nem modificar-se, porque no mesmo plano inclinado a corrente estará sempre na razão directa do volume d'agoa, e o esgoto na razão da corrente; — a segunda causa póde modificar-se pela variação do tempo e ommittir-se a abundancia de evaporação por falta de acção dos raios solares e a terceira póde totalmente faltar, achando-se ensopados ou cheios os *igapós.*

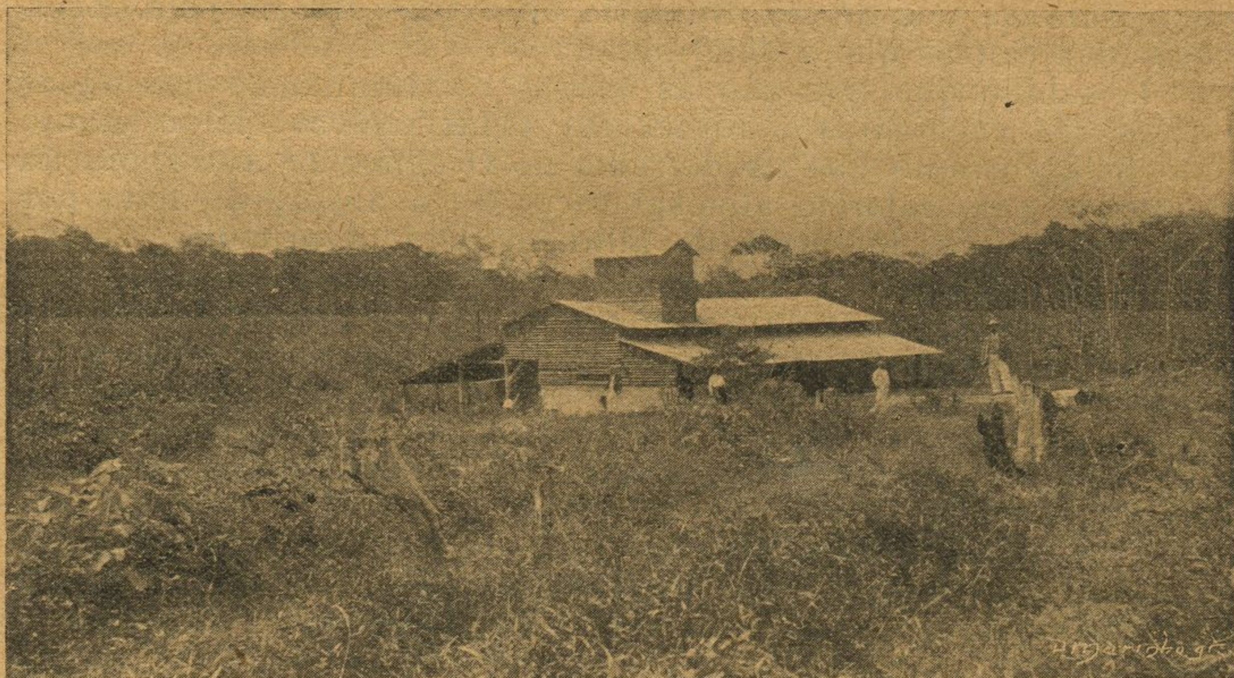
Fica evidente que havendo falta de evaporação regular ou de absorpção, as agoas que deviam desapparecer por esse modo, superabundam e avolumam nos leitos, causando as inundações.

Os habitantes do Valle do Amazonas são unanimes em affirmar que cahindo tarde a Paschoa da Resurreição ha grande cheia; mas ignoram a razão d'essa verdade. A Paschoa cahe sempre na primeira dominga, depois da lua cheia do equinocio de março: ora, se succede dar-se o equinoccio conjunctamente com a lua nova, como em 1859, ou ao menos com o quarto crescente, é costume apparecerem grandes chuvas em todo o mez de abril, que imbebem os póros da terra: a passagem do sol para o hemispherio do norte produz o derretimento do gelo na cordilheira, e a agoa d'essa origem chega ao leito do rio em principios de maio, encontrando já os *igapós* completamente ensopados ou cheios, e superabundam produzindo a innundação.

As festas moveis, porém, não podem servir de regulador, porque se a cheia de 1859 foi grandissima, cahindo a Paschoa a 24 de abril, a de 1866 foi tambem muito grande, cahindo a Paschoa no 1.º de abril. De sorte que bem se póde dizer aos lavradores do Amazonas: *acautelae-vos todas as vezes que o repiquete de novembro surprehender os igapós, ainda ensopados ou cheios, e que se sigam grandes e continuadas chuvas.*

Engazeiro. Leguminosa de que ha muitas variedades, produzindo todas fructos comestiveis.

Engenhos de destilação Muitos são, e aperfeiçoados, aquelles que jà hoje funccionam em todo o Amazonas. Entre os muitos que temos visitado não podèmos ainda esquecer os dos



nossos bons amigos Ezequiel Monteiro do Sacramento (Bahia) e Angelo Leite, este reprezentado na nossa gravura.

Envira branca. Madeira muito resistente e empregada em diversos misteres.

Envira vermelha. Madeira bastante apreciada. Diz Gomes de Amorim, nas suas notas ao *Cedro Vermelho*, que envira ou envireira, embira, imbira, são differentes arvores da familia das bombaceas, de cuja casca se extrahem cordas excellentes. Uma das que mais abunda no Parà e Amazonas é a envira tinga *(Helicteres baruensis*, Linn.). Da envira vermelha *(Couratarìa ardentis)* tiram-se umas achas que servem de archotes, aos indios. Esta pertence à familia das myrtaceas.

Escolas de Manàos Em 1889 eram as escolus publicas de Manàos frequentadas por 574 alumnos e as particulares por 492. O numero de escolas elevava-se a 137, sendo do sexo masculino 30, do feminino 31 e mixtas 76.

Alem d'estas escolas primarias de ensino publico possue Manàos uma bem montada escola Normal e o Gymnasio Amazonense.

Escolas publicas em Manàos. Sobre estes importantes es-

tabelecimentos diz o illustre governador do Estado, ex.mo sr. Silverio José Nery, no seu relatorio de 1903:

Muito se ha conseguido nas escolas publicas da capital, devido em parte à immediata fiscalisação do ensino pela Directoria Geral da Instrucção Publica, como jà vos fiz notar na minha anterior mensagem. No interior, porém, sem embargo das medidas rigorosas que têm sido adoptadas, o serviço muito deixa a desejar, ainda. O professor, com honrosas excepções, abusa do favor da licença e as escolas ficam entregues à regencia de pessoas alheias ao magisterio e que não reunem as condições de edoneidade para o ensino.

No que respeita à instrucção secundaria me é grato affirmar que a feição do ensino é muito diversa e muito mais animadora. O ensino superior ministrado no nosso Gymnasio, Escola Normal, Escola Modelo e Instituto Benjamin Constant, não receia parallelo com o de quaesquer estabelecimentos congeneres das mais adiantadas capitaes do paiz. Os corpos docentes compõem-se de professores que disputaram em concursos publicos as cadeiras que regem e em geral se esforçam em bem desempenhar os mistéres de seus cargos.

Escovem. Buraco, proximo á roda de proa, por onde passa a amarra.

Espinhel. Linha de pesca com muitos anzoes.

Estabelecimento importante. Um dos mais importantes estabelecimentos, que temos visitado em toda a America do Sul, é o *Armazem Andresen*, em Manàos. Esta casa, fundada no Porto em 1845, estabeleceu a sua filial em Manáos, em 1883, e os progressos que teem realisado d'então até hoje podem attestal-os o credito e a sempre crescente freguezia.

N'este estabelecimento e em secções respectivas, encontra-se tudo quanto se pode ambicionar, desde a chapa de ferro atè ao comestivel fino; desde a vassoura até á luva perfumada; desde o medicamento até ao espumante champagne.



Estabelecimentos Pios. Possue Manáos os seguintes estabelecimentos pios: Instituto Benjamin Constante, Sociedade Portugueza Beneficente, Hospital de Caridade e Hospital de Variolosos.

Estado do Amazonas. Aquelles que nunca tiveram a felicidade de visitar o estado do Amazonas devem ficar surprehendidos ao terem conhecimento da sua superficie. O estado

do Amazonas mede 1.897:027 kilometros quadrados de superficie, isto é: 360 leguas de norte a sul e 300 de este a oeste. Só este Estado é mais vasto do que a Inglaterra, a Irlanda, a Allemanha, a Italia, a Belgica, e Portugal, reunidos. E' o mais vasto (vide *Superficie do Brazil)* dos vinte estados que compõem a grande Republica Brazileira. A sua previlegiada situação geographica confére-lhe o papel de medianeiro e soberano no que respeita á communicação entre o territorio brazileiro e as republicas neo-hespanholas da America do Sul. A bacia fluvial do Amazonas è não só a maior como a mais rica e formosa de todas as bacias fluviaes do mundo.

Segundo o dr. Alois Bludau, a bacia do Amazonas occupa, á sua parte, superficie quasi egual à occupada, conjunctamente, pelos rios Mississipi, da Prata e Orenoco. Nasce este rio nas altas regiões do Perú, na vertente da cordilheira dos Andes e, ahi, em seu berço, deslisa como modesto filão d'agua sob o nome de Alto Maranhão. Vide *Amazonas (Rio)*.

Sobre o clima d'este Estado, tomemos a opinião dos estrangeiros: diz Agassiz: «... *que é perfeitamente salubre e d'uma temperatura muito mais moderada do que geralmente se suppõe.*»; Maury, affirma: «... *o clima do Amazonas é um dos mais notaveis do mundo*; Liais: «... *a temperatura de inverno, lá, é a do verão em França, aliás sem os dias abafadiços que esta accidentalmente nos offerece. A temperatura do verão distingue-se, ali, pela presença dos grandes calores, os quaes são, comtudo, muito mais faceis de supportar do que entre nós.*»

Emquanto o Brazil fazia parte da corôa portugueza, conservou-se sempre o territorio que actualmente constitue o estado do Amazonas, subordinado ao governo do Parà. Em 1882, declarada a independencia do Brazil, o estado de coisas relativas ao Amazonas, não foi alterado no sentido de serem reconhecidos aos seus naturaes os fóros e regalias a que se criam com jus, pelo que protestaram elles com energia, chegando a installar um governo provisorio local, luctando durante dez annos consecutivos, pela reivindicação dos seus direitos postergados. Vencidos pela força, eil-os em 1832 ainda mais subordinados ao Pará, a que foram annexados.

Trinta annos decorridos apoz a data da independencia, a 5 de setembro de 1850, lograram os amazonenses, que pela lei n.º 582, fosse a comarca do Alto Amazonas, elevada à categoria de Provincia do Amazonas, tendo por capital a villa da Barra, que mais tarde passou a chamar-se Manáos. A inauguração da provincia do Amazonas, realisou-se no dia 1 de janeiro de 1852. Foi seu primeiro presidente, o sr. João Baptista Figueiredo Tenreiro Aranha.

A este seguiram-se, successivamente, no governo, do Estado os cidadãos: dr. Fileto Pires, coronel José Ramalho Junior, dr. Silverio Nery e o major dr. Antonio Constantino Nery, governador actual.

A população d'este Estado està calculada em 240.000 habitantes.

No Amazonas não ha, por emquanto, estradas de ferro. As linhas de communicação são os seus rios, os mais vastos e mais pittorescos da America. Entre muitos, citaremos Solimões-Amazonas, o Javari, o Juruà, o Purús, a Jutaï, o Teffé, o Madeira, o Negro, o Branco, e o Tacutú.

Está, comtudo, para breve uma estrada de ferro de Manáos á foz do rio Mahù, e outra do Rio Branco á fronteira da Guiana ingleza.

Estatisca criminal de Manáos. Em 31 de Maio de 1903 existiam na cadeia 67 reclusos, sendo 34 sentenciados, 9 appellados, 1 com protesto e 23 pronunciados.

A commissaria policial do porto trabalha com a maior regularidade. Foram concedidos 307 passaportes no 2.° semestre de 1902 e nos cinco primeiros mezes de 1903. Durante o anno anterior o commissario de policia visitou 1.099 embarcações, que entraram e 1.094 que sahiram. Do interior vieram 13.255 passageiros e do exterior 15.024. No mesmo periodo retiraram-se para o interior 10.960 passageiros e para o exterior 12.957 ou seja um movimento total de 52.196 passageiros.



Apezar da jà crescida população da Capital e do grande numero de passageiros que aportaram é de notar a indole pacifica dos habitantes. Durante o 2.° semestre de 1902 e os cinco mezes do anno de 1903 effectuaram-se apenas 1.319 prisões.

Estrada. Na extracção do leite da seringueira começa o operario por fazer uma estradinha, geralmente conhecida pelo

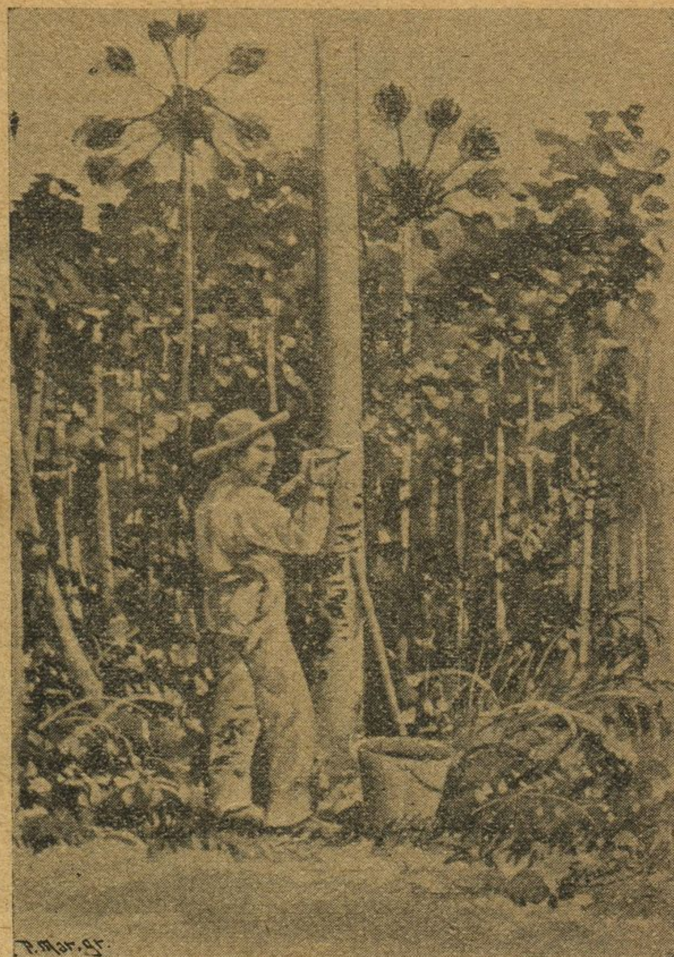
nome de *picada*, pela matta dentro, indo de pé em pè, junto aos quaes limpa o terreno num circulo de dois metros de diametro e assim vae seguindo até que tenha promptas de 80 a 120 arvores para o trabalho.

Essa *picada* toma a forma de uma linha curva, para que as extremidades se possam aproximar, afim de que pregadas as tijelinhas, dê-se logo inicio à colheita de leite no principio da estrada, finalizando-se esta colheita ao pé do defumador, que fica numa das extremidades para não haver demora na defumação.

Logo após a abertura da *picada* circular o trabalhador interna-se por ella e dà em cada arvore um ou dois golpes perpendiculares, sobre os quaes colla com barro uma fôrma de zinco ou estanho do feitio de um copo de fundo estreito, que tem entre elles o nome de tijelinha. Cada seringueira pode receber por dia de tres a oito tijelinhas e portanto tantos golpes quantas forem ellas.

Esses golpes são feitos com um machadinho de nove centimetros, na altura do braço, de sorte que só fira a casca.

Dois ou tres dias antes de começar a colheita do leite, golpeiam elles a arvore simplesmente, sem as tijelinhas, para prepararem as seringueiras para a extracção.



No dia da primeira colheita, vai o explorador muito cedo para a estrada com o machadinho, um bôlo de barro, de quatro a cinco kilos, de antemão preparado, formando uma massa viscosa, e o balde de depositar e conduzir o leite extraído para o defumador.

Cada seringueira é então por elle golpeada, colla as tijelinhas com o barro viscoso e assim até á ultima. Chegando ao fim da *picada*, está, naturalmente, pela curva, levado ao ponto de onde partiu, e sem perda de tempo, retira as vasilhas, deita o leite no balde, deixando-as

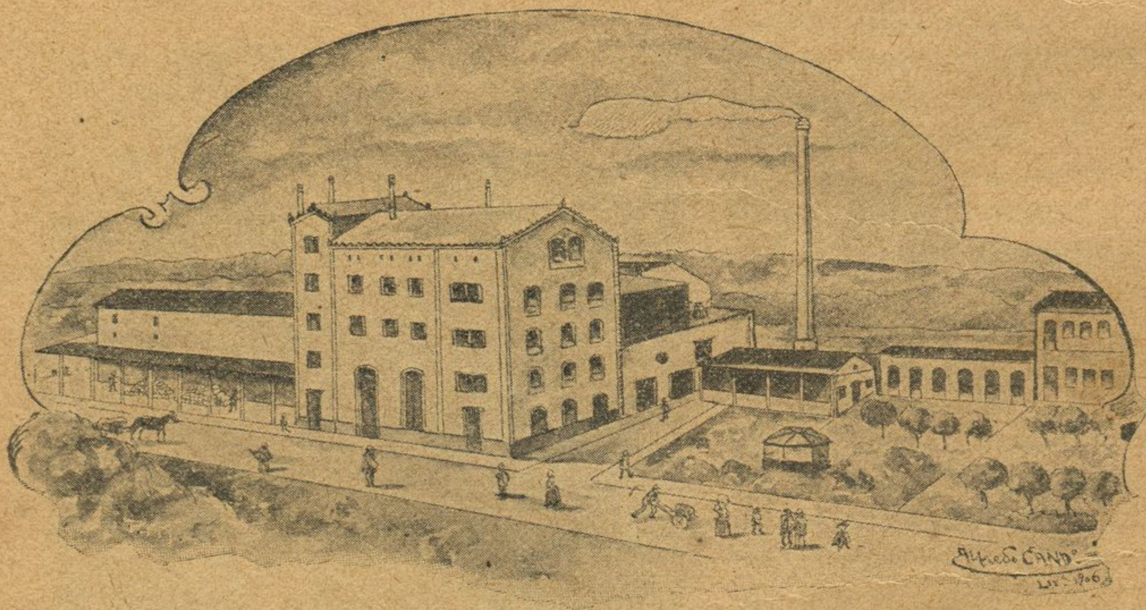
depois a seccar, emborcadas no chão, e seguindo assim até á ultima arvore.

Extracção da borracha. A borracha está contida no suco das arvores chamadas seringueiras e encontra-se sob a forma globular. Vide *Seringueira e Seringal*:

Para se escorrer o leite da seringueira cingia-se, outr'ora o tronco da arvore com uma corda, atada obliquamente a oito ou dez palmos do solo, fazendo-se por cima pequenas incisões. Quando a seiva deslisava encontrava o embargo da corda e dirigia-se para o mesmo ponto, onde era recolhida n'uma vasilha de barro. Este systema, primitivo e barbaro, chamava se *arrocho*. Ha muito, porem, que foi substituido pelo systema das *tijelinhas*, onde se recolhe o leite pelo jà indicado processo.

F

Fabrica de Cerveja Paraense. O Pará não possuia, ainda ha pouco, uma fabrica de cerveja, apezar do largo consumo que alli se faz d'esta bebida. Alguns espiritos energicos, reuniram capitaes e emprehenderam a creação d'uma fabrica de cerveja, empreza de largo e compensador futuro.



Depois de diversas e mallogradas tentativas, foi a gerencia dos trabalhos e negociações confiada ao sr. Domingos Pires Barreira, e este, com a sua comprovada intelligencia e tenacidade, conseguiu pôr o estabelecimento em laboração. Do que Pires Barreira conseguiu, dil-o o relatorio de 1906, que é mais um documento valioso para a historia dos progressos da industria paraense.

A fabrica de cerveja Paraense, actualmente, é um estabeleci-

cimento modelo. A intelligencia e a actividade de Pires Barreira conseguiram dotar a novel fabrica de todos os aperfeiçoamentos e machinismos de que só as fabricas allemãs dispõem e converter o estabelecimento nascente n'um emporio de actividade e de orgulho para a industria paraense.

Devido á energia de Pires Barreira e dos seus companheiros de direcção, no decurso do anno de 1905, havendo-se iniciado a elaboração da cerveja em fevereiro e proseguindo lentamente até maio, as fabricações totaes elevaram-se a cerca de um milhão de litros, dos quaes se venderam 528:040, a dinheiro apurado; consumiram-se na inauguração e offertas em epocas e por motivos differentes, cerca de 30:000 litros; existindo em deposito nos toneis de conserva e fermentação, ao encerrar o anno, a totalidade de 415:477 litros.

Afim de augmentar as fabricações, encommendaram já a madeira, machinismo e material para completar seis adegas de conserva e mais outra para fermentação e bem assim nova machina motora, de muito maior força, novos geradores de frio, condensadores e compressores que poderão elevar a fabricação do gelo a cerca de 25 toneladas e fornecer o ar frio necessario ás novas adegas.

Esse novo material está orçado, com as despezas da alfandega e montagem respectiva, em cerca de 340:000$000.

Além da cerveja, teve o estabelecimento um lucro liquido de 23:769$350 na vendagem do gelo, havendo mimoseado os freguezes de *schopp*, n'esses seis mezes, com 178 toneladas de gelo, a titulo gratuito, para melhor conservação do liquido.

Para a fabricação do milhar de litros de cerveja, em 1905, dispendeu-se:

Materias primas	105:234$457
Serviços technicos	66:438$740
Despezas da fabricação	14:053$670
Somma......................	185:725$917

Custou a entrega e distribuição d'essa cerveja, nos seis mezes, 16:301$400 réis.

Não obstante a quantidade de cerveja produzida ser insufficiente para as exigencias do consummo local, convem, todavia, recordar que essa producção é proporcionalmente á importação geral da praça antes do funccionamento da fabrica.

Domingos Pires Barreira e os seus collaboradores conseguiram n'um anno o que difficilmente se obtem em largo periodo de lucta e dispendio de capitaes.

Nunca, em tão curto praso, uma empreza conseguiu adquirir tamanha prosperidade como a fabrica de cerveja paraense.

«Temos liquidado — diz o relatorio — o antigo debito, de 1900, por um saque vencido e protestado n'aquelle anno. D'essa liquidação aproveitámos a dispensa dos juros e auferimos mais um lucro de 31:999$000.

«Tivemos em differenças de cambio um saldo de 11:307$080.

«Toda a nossa importação do anno passado fôra calculada a cambio de 15 d. a 16 1/4 d.

«Com a somma de 10:779$390, abatemos os saldos das contas de toneis, barris e dórnas, moveis e utensilios.

«Na creação dos fundos de depreciação do material e de reserva fizemos avultar a quantia de 83:159$000.

«Ainda nos resta um saldo de 78:443$778 na conta de lucros e perdas que passámos, em balanço, para este anno, e que representa n'aquella conta o saldo provindo do saldo do anno de 1904, restante do desconto feito aos accionistas da primeira emissão e o lucro auferido na liquidação da antiga divida com a firma de Ludwig Albrecht & C.ª, de Hamburgo.

«Auctorisados por vós, consolidámos nossos vencidos compromissos hypothecarios, n'um só titulo, a amortisar em 20 prestações semestraes, sendo a primeira a 30 de junho d'este anno.

«Da conta de privilegio resta, á data da apresentação d'este relatorio, apenas o pagamento da ultima letra de 50:000$000 a vencer-se em 30 de setembro do anno fluente, pois pagámos as duas primeiras letras no total de 100:000$000.

«Com a respeitavel firma Montenegro & C.ª, a quem grandemente devemos valiosa parcella da existencia social da nossa fabrica, temos egualmente saldado, n'este anno, o credito ultimo constatado em balanço com a somma de 48:672$600.»

O dividendo distribuido pelos accionistas foi de 6 por cento sobre o capital realisado.

Risonho futuro aguarda, pois, o emprehendimento paraense.

Farinha d'agua. Este genero, de uso geral em todo o Amazonas, é preparado da fórma seguinte:

Põe-se a mandioca de molho por espaço de quatro ou cinco dias, depois amassa-se com agua e aperta-se no tipiti para extrahir-lhe o caldo. Feito isto, peneira-se a massa na *gurúpema* ou *urúpema*, e cose-se em fornos de barro. Quasi sempre se junta um pouco de massa fresca á massa pura.

Ha talvez no valle do Amazonas mais de quarenta qualidades de mandioca, umas amarellas e outras brancas; umas que

chegam ao completo desenvolvimento em seis mezes e outras em dez ou doze.

Os naturaes aproveitam as vasantes para pelas margens dos rios ou igarapés, que ficam a descoberto no verão, plantarem a mandioca de seis mezes.

A farinha d'agua, quando bem preparada, substitue perfeitamente o pão.

Faro. Cidade situada nos limites do estado do Amazonas, na margem esquerda do rio Jamundá, no ponto em que elle se alarga formando um vasto lago.

A comarca de Faro, que é dividida em tres circumscripções judiciarias, possue uma população calculada em sete mil e quinhentas almas.

Ferreira (Adelino A). Actualmente consul portuguez em Belem do Pará. E' tão estimado, querido e cumpridor dos seus deveres, que, tanto a imprensa local, como a de Lisboa e Porto, lhe tem tecido os maiores elogios.

Festejos indigenas. Entre os indigenas a posse do que podia satisfazer os seus apetites, lisongear o seu orgulho ou redundar em gloria do chefe ou da tribu a que pertenciam, era motivo de regosijo em que todos tomavam parte. Uma pescaria abundante, uma caçada feliz, uma boa colheita de fructos e legumes ou sómente de generos proprios para o fabrico do seu *cauim*, assim como a victoria sobre os seus inimigos ou a tomadia de um prisioneiro, eram occasião de festejo solemne, para o qual convidavam as tribus alliadas das circumvisinhanças. Eram estas festas de duas naturezas, civis ou religiosas; porém, a sua indole e educação guerreira faziam com que todas, em ultimo resultado não tivessem outro fim que não fosse dispertar os sentimentos briosos ou antes ferozes de cada tribu e de cada individuo.

Celebram os indios periodicamente as suas festas nacionaes, diz o capitão-tenente Amazonas, com mais ou menos formalidades, que se resentem de apparencias religiosas; algumas começando pelo jejum e maceração e acabando pela devassidão.

Entre ellas, a que mais se tem observado, é a que celebram, por occasião da admissão dos mancebos na fila dos guerreiros. Começam a festa, açoitando-se alternadamente com duros azorragues, por espaço de oito dias, durante os quaes as mulheres preparam licôres e comidas. Passam então ao *puracé* (baile), durante outros oito dias, em que comem e bebem copiosamente e tomam o *paricá*, que é o pó a que reduzem a amendoa de uma fructa.

Ficção ou realidade? Segundo é voz corrente em todo o

Amazonas, o jacaré, ferocissimo para o homem e outros animaes è pusilanime perante a onça.

Agarra-o este animal pela cauda, segundo muitas vezes temos ouvido contar a pessoas de todo o credito, e devora-o, sem que elle se atreva a tentar a menor resistencia. Salta no rio ou no lago, puxa-o para terra, vira-o uma e muitas vezes, dá-lhe nas queixadas, mette-lhe as garras no ventre e martyrisa-o á semelhança do gato antes de devorar o rato.

Depois de haver assim martyrisado aquelle immenso e possante amphibio, que ali está quieto, immovel, e como fascinado, pula sobre elle e começa a devoral-o pela cauda.

Terminada a primeira refeição, cobre com folhas a parte comida, affasta-se da victima, que ainda vive, e retira-se segura de que a encontrará no mesmo logar, quando voltar. Se por ali acontece passar alguem, embravece-se o jacarè, abre a immensa goela e ameaça atirar-se contra o individuo que passa; e entretanto espera sem fazer o menor movimento, sem tentar sequer fugir, que volte de novo a onça para acabar de devoral-o.

Será ficção ou realidade?

Finanças. E' muito prospero o estado financeiro do Amazonas. Basta vermos a arrecadação effectuada no exercicio de 1897 a 1898 para nos convencermos do que levamos dito. Essa arrecadação foi a seguinte:

Thesouro	1.665:161$267
Recebedoria	19.578:159$384
Collectoria de Parintins	112:753$423
» » Maués	66:639$276
» » Itacoatiara	60:177$832
Agencia de Urucará	24:376$133
» » Silves	11:996$145
» » Urucurituba	26:190$663
Collectoria de Javary	655:362$230
Intendencia de Floriano Peixoto	1:392$950
» » S. Paulo de Olivença	500$000
» » Humaytha	11:129$642
» » Manicoré	18:463$780
» » Canutama	3:843$765
» » Barreirinha	1:151$831
» da Capital	4:744$713
» de Teffé	911$354
» » Manacapurú	2:048$220
» » Codajás	1:719$904
» » Labréa	5:628$778
» » Coary	4:687$410
» » S. Philippe	175$800
» » Borba	2:061$341
	22.259:275$830

Finanças e Economia. O Estado do Pará é hoje um dos mais prosperos pelo estado florescente em que se encontra economica e financeiramente.

Economicamente, porque a sua administração desenvolve com cuidado e actividade, todas as suas fontes de riqueza.

Financeiramente, porque as receitas augmentam com prodigio de anno para anno.

Um estado tão florescente ha de forçosamente ter um futuro brilhante.

Ha de ser um sustentaculo da Republica.

Uma joia do Brazil.

A borracha, que é a maior riqueza do grande Estado, augmentou prodigiosamente n'um só anno, tanto em quantidade como em valor esterlino.

Em 1903 fóra a safra de 11.360:000 kilos e em 1904-5, subiu a 11.740:000 kilos. De 2.807:641 libras esterlinas, que a borracha produziu em 1903-4, elevou-se em 1904-5 a 3.462:391 libras. Não obstante a subida do cambio, foi notavel a differença do valor d'esta saffra. Em moeda brazileira 53.633:014$807 réis, contra 58.813:271:$925 em 1904.

Tambem o caucho, que ainda ha pouco era desconhecido no Estado, teve grande progresso na producção.

O Pará retomou o primeiro logar como praça exportadora da borracha no Brazil.

Quando o dr. Montenegro assumiu o governo, em 1901, a divida fundada do Estado do Pará, era de 13.120:400$000 réis, pelos quaes pagava de juros 737:020$000 réis e de amortisação 1.317:000$000 réis ou o total de 2.054:020$000 réis.

Além d'essa divida fundada havia a divida fluctuante, de 7.400:000$000; para solução dos compromissos do thesouro realisou-se um emprestimo, e essa operação, de excellentes bases, deu resultados.

A receita arrecadada em 1904 foi de 7.520:947$693, ouro, ou 16.909:332$242, papel, que, comparada com a de 1903, dá o accrescimo de 959:125:$144, ouro, ou 1.921:648$046 papel.

A receita geral do Estado no primeiro semestre de 1905, foi de 3.353:887$666 réis, em ouro, ou 7.268:605$301 em papel, podendo-se estabelecer o balanço do exercicio do anno de 1904 do seguinte modo:

A receita, inclusivé o saldo do exercicio anterior, foi de 7.521:715$597 e a despeza de 7.506:586$695, havendo portanto o saldo de 15:128$672 réis.

Mas temos mais:

A proposta do orçamento de 1906 consigna a receita em ouro 7.086:000$000 e a despeza em 6.613:579$700.

Por aqui podemos calcular quanto a administração do illustre dr. Montenegro e seus anxiliares tem sido acertada e honesta e até que grau de prosperidade chegará o estado do Pará continuando á frente do poder homens da tempera d'estes que ora o dirigem.

Forma de receber. A hospitalidade, nas provincias do Pará e do Amazonas, quer exercida pelos naturaes, quer por estrangeiros estabelecidos no paiz, tanto nas villas e aldeias como nos *sitios* isolados á borda dos rios e dos lagos, começa sempre do mesmo modo. Offerece-se uma rede á visita, para descançar, baloiçando-se; dà-se-lhe um cachimbo muito comprido, bem carregado de tabaco; e em seguida o café, que nas casas medianamente abastadas está sempre ao lume, e que os ricos e remediados servem em chicaras e os pobres em cuias.

Foz do Tocatins. Pouco abaixo da bahia de Paquetá, na altura da ilha do Goiabal, onde a bahia de Marajó, depois de um curso pelo rumo de sudoeste, volve a tomar o rumo de oeste, desagua n'esta bahia o caudaloso Tocantins por uma bocca de 8.998 braças ou 10 milhas de largura, produsindo tal copia d'agoa, que bem se pode dizer que a bahia d'este ponto para baixo até cahir no oceano, é o prolongamento do mesmo Tocantins, pois que toda ella conserva proximamente aquella largura de dez milhas até defronte da cidade de Belem, onde mais se espaça, crivada por uma plebe de ilhas com a agglomeração dos rios Muaná, Atuá, Adapú, Tucumanduba, Mojù, Guamá e Guajará, defluentes proximos da mesma capital.

Frasqueira. Garrafão de aguardente, chamada branca, canna branca ou cachaça. O nome d'esta bebida differe em quasi todos os Estados do Brazil.

A frasqueira é uma medida de pau ou de cobre, que se usa nos engenhos para medir a cachaça e que leva dose frascos. Cada *frasco* mede 5 quartilhos.

Frechas. São instrumentos offensivos de que mais geralmente se servem os indios, ou para a caça e a pesca ou para a guerra. São especie de settas, compostas de duas partes distinctas, a haste e a ponta. A haste é ordinàriamente feita da propria taboca, sendo delgada e direita, e a ponta ou *suumba* é feita ou de madeira rija aguçada, como paracaúba, maçaranduba, ou de palmeira paxiúba ou de outra qualquer madeira menos rija, porém armada a sua extremidade inferior de pedaços aguçados de ossos longos de animaes ou mesmo dos proprios ferrões da arraia ou tambem

das espinhas de peixes. Estas frechas umas são aladas, outras não. As aladas são as que tem pennas de varios passaros collocadas uma pollegada abaixo da extremidade superior e no sentido longitudinal. Estas são as de que se servem para maiores distancias, ou arremessadas directamente ou descrevendo uma parabola; as outras são exclusivamente empregadas para as pequenas distancias.

Tambem costumam os indios untar as pontas das frechas com um preparado composto de substancias vegetaes venenosas, em que figura especialmente o cipó *uirary*.

Ha tres especies de frechas usadas na guerra, diz o sr. Gonçalves Dias, —*uagike comm* — a harpoada—*uagike méran;* e a outra para caça dos animaes menores—*uagike bacamnumok*. A primeira tem a ponta alongada ou eliptica, feita de taquara; tostam-na para ficar mais dura, e a raspam e aparam para que fique cortante como faca, e a ponta fina como agulha. O animal, ferido d'ella, sangra muito, porque um dos lados é concavo. A ponta da frecha harpada, que tem polegada ou polegada e meia de comprimento, é feita de páo d'arco ou de *airi*. É fina e muito aguda. Tem oito ou dez harpéos, e se emprega na caça de animaes grandes e pequenos e tambem na guerra: a sua ferida é perigosa por ser de difficil extracção.

As frechas da terceira especie são obtusas e matam por contusão: tomam para isso uma vara que tenha tres ou mais nós, formando como um botão, de que fazem a extremidade da frecha.

Para dar mais força ás primeiras, untam-nas com cera, passam-n'as ao fogo para que penetre melhor e assim fazem tambem com os arcos.

Fundação de Manáus. Sobre este assumpto publicou *Z*..., no *Almanach do Palais Royal*, para 1906, o seguinte e interessante artigo:

«Conta o ouvidor Sampaio nas suas viajens de correição, que a cidade de Manáos foi fundada mediante um accordo entre o Tuxaua da Manáus e um branco. O nome d'este não nos trnsmitte o chronista. Diversas vezes os europeus tinham sido repellidos. Más aquelle branco devia ser uma figura insinuante. Pelo menos se soube insinuar no coração da filha do Tuxaua a ponto dos dois cazarem um bello dia á face da tribu. Como Marselha e Roma, a nossa cidade possue tambem a sua lenda poética.

«Assim se fundou Manáus em fins do seculo XVII. Póde-se então erigir a fortaleza e os brancos principiaram as suas rossas ao longo do territorio que se estende desde o Amatary á bocca da bahia do Boiassú. No Tarumã Grande, os Frades collocaram

uma aldeia. Os Tarumãs passavam por sèr grandes plantadores de mandióca. Mais tarde os Frades continuaram a subir o rio e transferem a aldeia para Ayrão.

«No seculo XVII Manáos soffre diversos eclypses. Uma praga invencivel de 3 annos destroe as suas plantações. Não ha como eliminar esse germen mau da lavoura. As bandeiras de resgates deslocam a sua importancia para o interior do rio e Barcellos constitue a nova séde do governo; as outras povoações florecem e o movimento desusado das syndicaçães completa a decadencia de Manáus. É apenas uma atalaya perdida na bahia do rio. Em fins do seculo XVII o bispo D. Caetano Brandão manda, horrorizado com a blasphemia, consumir as particulas sagradas da egreja. Esta não tinha nem portas, nem ganchos; e a cerca não existia mais. Os animaes dormiam quasi em promiscuidade com o SS. Sacramento. É o proprio bispo quem nol-o refere com as lagrimas nos olhos.

«Em principio do seculo XIX a figura admiravel de Lobo de Almada restaura Manáos e lhe imprime um brilho excepcional. Custa-lhe isso, porém, a vida e o ostracismo.

«Nos chronistas d'essa epoca encontrámos uma nomenclatura avultada de fabricas e olarias de barro, e as fibras textis eram utilizadas na pintura de um sem numero de objectos. No seu Relatorio, o fundador da Provincia, Tenreiro Aranha, allude a esse progresso com um ar de tristeza por se ter destruido tudo pelo tempo e pela incuria.

«O aspecto de Manáos nos meados do seculo XIX póde-se ver bem em duas gravuras appensas ao livro de viagem de Agassis; ambas representam o litoral e as duas pontas de terra, a do Mercado e a do trapiche 15 de Novembro. No litoral duas ou trez escunas, que no Pará se chamam vigilengas; quatro ou cinco canôas; a ribanceira núa de vegetação e em cima, d'uma ponta à outra, como que extremando, uma da outra, duas casas de sobrado, communs.

«Os mortos não voltam mais; mas se um manáoense de ha cincoenta annos resucitasse, como se poderia haver no labyrinto de ruas, praças e avenidas que circulam e subdividem a cidade? — Onde diabo era a fabrica da cordoaria? diria exasperado. Do bond electrico e da luz do arco voltaico, é claro que fugiria espavorido.

«A nossa cidade, segundo se assevera, irá em breve pagar com uma estatua a divida que contrahiu com Eduardo Ribeiro, o seu restaurador. Completem, pois, a obra ligando os principios do seculo XIX aos nossos dias. Um baixo relevo, ou medalhão na

estatua, juntará n'uma mesma homenagem o fidalgo taful, que foi Lobo de Almada, e o modesto e obscuro mestiço, o pensador, enfim, que todos nós conhecemos e tratámos durante muitos annos.»

Furo. Canal que um rio principal conduz a um tributario ou a um lago. Errada e inconscientemente diz o *Diccionario Illustrado da Lingua Portugueza*, que, FURO é um pequeno affluente do Pará. *Boa Noite*...

Em todo o baixo Amazonas ha inumeraveis furos que muitas vezes formam um verdadeiro labyrintho, como succede a S. O. da ilha de Marajó e nas embocaduras do Tocatins e Jamundá.

G

Gabarra. Barco de fundo chato, do tamanho d'uma sumaca.

Gallo da Serra. E', sobretudo nas margens do Alto Rio Branco, que se encontram os lindos e tão afamados gallos da serra. Tem bico e esporões como o verdadeiro gallo e um penacho quasi da formatura de um leque aberto, que lhe principia do pescoço até á ponta do bico, bordado todo o pennacho de uma orla encarnada. São em geral amarellos.

Gambá. Mamifero da familia das fuinhas. E' vagaroso; tem o cabello arruivado, sedoso e pouco basto; focinho ponteagudo e uma dupla pelle, desunida, no ventre, onde encerra os filhos. Tem notavel predileção pela aguardente de canna e quem as quer apanhar colloca-lhes nas *cortadas* pratos com o liquido para ellas querido, que bebem até á embriaguez, deixando-se então agarrar sem a minima resistencia.

Ganhador. Carregador ou moço de esquina.

Gaponga. Dá-se este nome a um caniço com anzol adoptado na pesca do tambaqui.

Garantia da Amazonia. Companhia de Seguros fundada no Pará e que tem prosperado sob a direcção do illustre visconde de Monte Redondo.

O ultimo relatorio publicado pela directoria da Garantia da Amazonia é mais que edificante e sufficiente para provar o grau de prosperidade alcançado por essa instituição que figura como a primeira da America do Sul. A simples leitura d'esse trabalho, feito com o criterio peculiar a homens abalisados n'esse genero de actividade e baseado na logica indestructivel dos algarismos, deixa patente aos mais pessimistas e aos menos credulos, os resultados espantosos que esperam sempre os capitaes extrangeiros ou nacionaes, quando entregues a homens de criterio e actividade, unicos elementos de que carecem as emprezas commerciaes

Tratando-se de uma companhia de seguros, em concorrencia

com outras nacionaes e estrangeiras, parece, effectivamente quasi phantastico o resultado que apresenta a Garantia da Amazonia. Longe estavamos nós de suppor, quando se fundou esta empreza, que ella chegasse a attingir a esse desenvolvimento em que se encontra hoje.

Com effeito, segundo se vê do relatorio apresentado á assembléa geral em 24 de abril do anno de 1905, é collossal a somma de garantias que essa empreza apresenta aos seus segurados.

O activo, que segundo o seu primeiro balanço era de réis 1.877:493$878, elevou-se conforme o ultimo balanço á importante somma de 12.053:760$628, quantia só por si capaz de mostrar o esforço da directoria. E, semelhantes affirmações que não pódem ser postas em duvida, por que invocam a logica das cifras, dão exacta medida da tenacidade, do criterio e sobretudo da honesta persistencia com que a administração da empreza procurou dar cumprimento ao mandato que recebeu dos seus mutuarios.

Dos resultados obtidos pela Garantia da Amazonia deduz-se ainda um facto consolador que não deve passar despercebido á sociedade brazileira.

Por elles se vê que o povo já começa a comprehender a necessidade de cuidar do futuro, de prover o seu bem estar por meio do seguro de vida, que constitue a força das raças mais adiantadas do mundo.

Gratos, portanto, devem ser os interessados directos na prosperidade da Garantia da Amazonia á sua digna directoria, convindo destacar para primeiro plano, como preito de justiça, o nome sympathico do Visconde de Monte Redondo. A nosso vêr. essa empreza tão prospera hoje, deve inesqueciveis serviços a esse incansavel trabalhador honesto, que caminha triumphante sob o sol de fôgo do Equador.

Seriamos ainda injustos se fechassemos estas linhas sem lembrar o nome do commendador José Simão da Costa, actuario, que vem auxiliando com a sua competencia technica a Directoria d'esta Sociedade, desde o inicio da empreza, emprestando-lhe o seu trabalho sensato e recto, de homem incansavel e superior.

Que os nossos patricios se lembrem sempre, quando quizerem por meio do seguro de vida, abrigar as suas familias da miseria, de consultar os prospectos da primeira companhia de seguros da America do Sul, a Garantia da Amazonia.

Garápa. Summo da canna d'assucar, que se toma como refrigerante.

Garça Ave de lindissima plumagem, vulgar no Amazonas. O illustre director do Museu Gœldi, tem creado artificialmente es-

tas aves, com magnifico resultado. As pennas das garças brancas, que andam no commercio com o nome de *aigrettes*, chegam a vender-se a cinco francos a gramma.

Gavião (Serra do). Ergue-se nas margens do rio Xingu.

Generos de exportação. Durante o anno de 1898, de diversas procedencias, entraram em Manáos os seguintes generos: Borracha fina, 4.405.234 kilos; Sernamby, 1.070.074 kilos; Caucho, 837.052 kilos; castanhas, 47.611 hectolitros; peixe, 202.974 kilos; cacáo, 15.753 kilos; piassava, 568.960 kilos; tabaco, 12.139 kilos; Salsa-parrilha, 2.917 kilos; couros de veado, 2.493 kilos; oleo, 3.406 latas; farinha, 662 alqueires; mirrha, 222 kilos; couros frescos, 140 kilos; copahyba, 484 latas; guaraná, 309 kilos; couros de onça, 5 kilos; breu, 351 barricas.

Giboia. Cobra monstruosa que chega a adquirir até 50 e 60 palmos de comprido. No Pará temol-as visto mettidas nos forros das casas e debaixo dos soalhos, onde se alimentam dos ratos e dos morcegos. E' animal inoffensivo para o homem.

Giquit hy. Manipulado de pimenta torrada e reduzida a pó, de grande duração sem perder o seu principio activo.

Girau. Xadrez feito no fundo das canoas para se collocar a carga sem que lhe chegue a agua que possa penetrar pelas costuras da embarcação. Grade suspensa nas cabanas para ter paneiros de farinha, roupas, etc. Sobrado de barracas, formado sobre estacaria, nos lugares alagadiços.

Grandes Armazens da Amazonia. Assim se denomina um importante estabelecimento de Manáos, de que são proprietarios os srs. Borges, Hall & C.ª e que fica situado na praça de Tamandaré, no predio n.º 7.

E' deposito de fazendas e miudezas por atacado, importação e exportação, deposito de farinhas do Pará, etc.

Grandioso emprehendimento. No dia 28 de março de 1906, o magnifico jornal a *Provincia do Pará* publicou uma extensa noticia, sobre a proposta que os Srs. Dr. Raymundo Pereira da Silva, engenheiro brazileiro, e o capitão Arthur Schrisdelar, industrial e capitalista norte-americano, apresentaram ao governo d'aquelle Estado para construcção de uma colossal estrada de ferro que, partindo do Parà, ligue todos es estados do norte á capital da Republica.

O desenvolvimento total da rede projectada cuja concessão, além do territorio do Pará, será opportunamente solicitada ao Congresso Federal e aos Estados directamente servidos, é aproximadamente de 4.060 kilometros, sendo:

Linha tronco entre Belem e Pirapora, 2.470; ramal para o

Alto Xingú, 850; ramal para o Gurupy, 270; ramal para a Parnahiba (Santa Philomena), 180; ramal para o Rio Preto (Formosal), 290.

A *Provincia do Pará* termina assim a sua interessante e detalhada noticia sobre essa grandiosa empreza:

"Sendo a extenção da Estrada de Ferro Central do Brazil de 1.011 kilometros entre o Rio de Janeiro e Pirapora, a distancia de Belem ao Rio será de 3.470 kilometros aproximadamente, o que permittirá reduzir-se o tempo de viagem entre as duas capitaes a 72 horas ou tres dias dando-se aos trens de passageiros velocidade commercial não superior a 48 kilometros por hora.

A distancia por mar do Rio a Belem é de 2.293 milhas. Mesmo em viagem directa, por vapores de marcha constante de 16 milhas por hora, serão necessarios seis dias para os transportes de um ponto para outro, e isto seria um ideal, não muito facilmente attingivel.

As consequencias que a realização de uma tal empreza traria não só para os Estados directamente servidos em particular, como para a Nação brazileira, são taes e tão evidentes, que se torna excusado salientaI-as. Cada um de nós sente que somos pobres e fracos, quando habitamos o solo mais opulento do mundo e já formamos uma familia de mais de vinte milhões de almas, simplesmente porque vivemos esparsos e isolados. O nosso maior inimigo é a distancia.

A execução d'este projecto, segundo nos informa o Dr. Pereira da Silva poderia ser levada a effeito em seis annos, sendo um anno para estudos e cinco annos para a construcção propriamente dita, a qual seria atacada simultaneamente de Belem para sul, de Pirapora para o norte, e de Formosa do Rio Preto para Porto Franco do Rio do Somno, de onde as obras seriam immediatamente atacadas em direcção a Belem e em direcção a Pirapora.

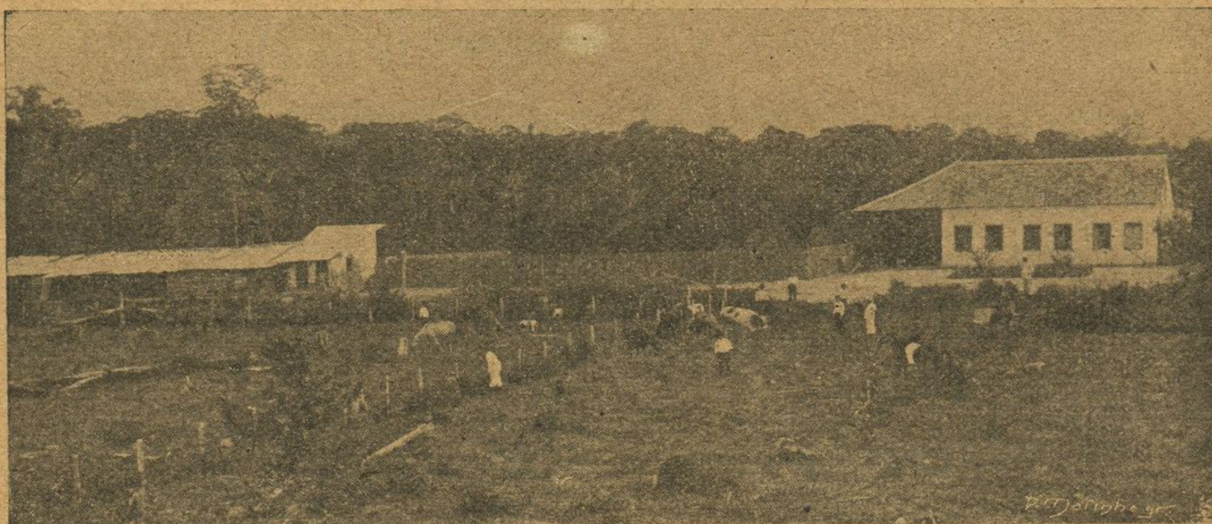
O capital da empreza seria de 70.000.000 de dollars, correspondente a 210.000 contos da nossa moeda, ao cambio actual.

Entretanto, o que parece por emquanto resolvido — em virtude das diversas conferencias realizadas entre o Dr. Pereira da Silva, o Dr. Montenegro e o senador Antonio Lemos — é a construcção das linhas que fazem objecto da proposta apresentada ao governador do Estado e por este acceita, com a condição de submettel-a ao *referendum* do Congresso, em sua primeira reunião, as quaes como dissemos acima e como se verifica facilmente, constituem isoladamente uma rede de caracter puramente estadoal, com elementos proprios de vida e vindo incontestavelmente prestar ao

Pará inestimaveis beneficios sob todos os pontos de vista, ainda que fique circumscripta aos limites do seu territorio.

Para a execução d'esta rede acha-se já reunido em Nova-York, o capital necessario, que monta a 27.500.000 dollars (82.500 contos, moeda brazileira), esperando apenas o syndicato a communicação de que a proposta foi definitivamente aceite para ser incorporada a empreza e a approvação do Congresso do Estado para serem iniciados os estudos.

Fazemos votos para que, quando este livro acabe de imprimir-se, tão grandioso emprehendimento tenha já os seus trabalhos muito adeantados.



Granja Iracema. A gravura que acompanha representa a casa de moradia, pomar e barracas da explendida Granja Iracema, devida à iniciativa tenaz do nosso amigo Angelo Leite, negociante honradissimo da praça do Parà.

A granja Iracema, situada a algumas horas de viagem de Belém, em caminho de ferro, póde já dizer-se uma fazenda modelo, onde o bom gosto se allia á intelligencia e ao desenvolvimento de diversas culturas e creação de animaes.

Gremio Litterario Portuguez. Está situado em magnifico edificio proprio, devido em grande parte á tenacidade e patriotismo do illustre sr. Domingos Pires Barreira, na rua Nova de Sant'Anna. As salas da bibliotheca, leitura e direcção, teem magnificas decorações, como já vamos dizer.

O Gremio Litterario Portuguez foi fundado em 1867 e é um dos padrões de gloria da colonia portugueza, em Belem. O novo edificio, inaugurado em 4 de abril de 1906, por occasião da visita da canhoneira *Patria*, ao Pará, descreveu-o por esta fórma o sr. Domingos Pires Barreira, no seu opusculo *Ad Fratres*:

A inauguração do edificio do Gremio Litterario Portuguez representa a satisfação de um justo e nobre desejo, realisado por um louvavel esforço de portuguezes, aqui na terra fraterna e amiga, os quaes assim se dessedentaram das saudades da Patria, no culto fervoroso das suas glorias e do seu renome.

Os que o emprehenderam, vencendo obstaculos, resistindo ao desanimo, superando as injustiças faceis e crueis, ahi o apresentam construido e alfaiado, prompto para o fim generoso e utilissimo a que é destinado.

Quando se tratava da disposição interna do edificio, foi reconhecida a conveniencia de installar no extenso salão de todo o segundo andar a bibliotheca da sociedade, em altas estantes de nova feitura e moderno estylo, alinhadas d'encontro ás paredes, afim de ser esse mesmo salão utilizado para a leitura; conveniencia que se impoz, principalmente pela amplitude do alludido compartimento, pela sua elevação acima dos predios circumvisinhos, varrido continuamente pelo ar livre, a vinte seis metros do nivel maximo das aguas do Guajará, isolado do sussurro impertinente do movimento das duas vias publicas, que se cruzam em frente ao predio, com a passagem de subida e descida continua de *bonds* urbanos, no trafego de quatro agitadas linhas differentes e approvada por taes motivos a utilização do segundo andar superior, o pavimento nobre ficára, consequentemente, destinado a salão de honra e de reunião.

O mobiliario e decoração condignas d'esse salão, de trinta e um por dez metros, e do amplo vestibulo, preoccupara-n'os desde lógo, sobremodo, dadas as circumstancias escassas da sociedade.

Como mais elevado e consentaneo á natureza e fins d'esta bella aggremiação portugueza, tanto como pelo incomprehendido desuso, entre nós, da decoração artistica, mural, do interior das casas e edificios, sobrelevára-se em nosso espirito a ideia revelada por modesto, quanto consciencioso artista, para a execução do plano decorativo que hoje se impõe á consideração e critica dos competentes. Execução combinada sobre bases de economia, que, a mais, evitava a necessidade de quantioso mobilario e de outra qualquer especie de decoração sobreposta de maior custo e nem sempre graciosa.

Estabelecida a divisão dos sóccos e dos rodapés, o genero

das molduras decorativas e applicações artisticas, a escolha dos marmores a reproduzir, fina e irreprehensivelmente executados, para as divisorias dos quadros a pintar directamente sobre as paredes, — sobreveio a escolha de cinco vultos historicos a retratar em tamanho natural e a caracter, e treze outros, em bustos, imitando gesso, em alto relevo.

Dividido naturalmente o vasto salão, bem a meio, pela balaustrada da ampla escadaria de dois lances e completada a divisão por um grosso cabo de velludo carmezim, prezo por armações de metal, das columnatas finaes dos lances da escada para os dois membros da parede do frontão principal — ficára o lado esquerdo destinado para as reuniões solemnes e o lado direito, com as suas dezesete janellas sobre a rua Senador Barata e Travessa Fructuoso Guimarães, de recanto graciosamente curvo, á esquina d'estas duas vias publicas, — destinado a salão de honra e recepção.

Para este salão, o da direita, fôra escolhida a reproducção de tres vultos principaes e de quatro bustos, representando figuras proeminentes da historia de Portugal; — guerreiros, navegadores, scientistas e politicos.

A escolha dos tres retratos principaes recahira no infante Dom Henrique, que occupa o centro do plano; de Nun'Alvares e do duque de Saldanha. Para os bustos o de Affonso d'Albuquerque, por ser o primeiro heroé da epopéa portugueza, na India; a seguir os mais felizes navegadores, Vasco da Gama e Pedro Alvares Cabral, que realizaram as duas mais brilhantes conquistas maritimas do seculo XV, rasgando, o primeiro, a estrada para a India e engastando na corôa portugueza a perola oriental, e o segundo, que na eventualidade d'uma tormenta com a sua frota descobriu o mais amplo territorio da America do Sul — o Brazil, a perola meridional.

Em continuação a estes, a ultima gloria militar, comtemporanea, do exercito Portuguez, — o heróe de Chaimite, Mousinho d'Albuquerque.

Entre emblemas maritimos e os representativos do commercio, industrias, agricultura, sciencias, lettras e artes, destaca-se o busto do *Principe Perfeito*, tendo ao lado, gravada, a legenda que substanciou a sua vida publica: — *pela lei e pela grey*.

Dom João II fôra, com effeito, o monarcha mais completo de Portugal. Politico o mais habil e sagaz da Europa no seculo XV; o que primeiro coodificou os direitos da nobreza e do clero em relação com a plebe, derrubando privilegios e centralizando na corôa a auctoridade suprema; que déra o maximo alcance e de-

senvolvimento ás empresas maritimas inauguradas pelo infante Dom Henrique, deixando traçada a nóta das grandiosas conquistas que trouxeram para Portugal a posse dos mais vastos territorios e a magnificencia do periodo aureo que se lhe succedeu.

A Dom João II faltou-lhe, para ser irreprehensivelmente completo, ter advinhado Christovão Colombo, fechando os ouvidos ás intrigas dos conselheiros e palacianos, quando o immortal genovez se lhe apresentou a desenrolar o panorama dos seus planos maravilhosos.

E por fim, na série dos bustos, n'esta parte do amplo salão, exhibe-se, energico e incisivo, o vulto do Marquez de Pombal, o *reformador*, o maior ministro de Portugal em todos os tempos.

Passando aos tres grandes quadros a oleo que se ostentam sobre a parede, n'um plano de oito metros de extensão, justificaremos, apesar da celebridade historica d'essas figuras nobilitantes do passado de Portugal, que o infante Dom Henrique, filho do Mestre de Aviz, o rei de *bôa memoria*, se nos apresenta alli despojado do seu caracteristico chapéu de largas abas, por se achar no interior do seu retiro de trabalho, no promontorio de Sagres, todo attento aos profundos estudos da nautica e da geographia physica, em frente a um globo terraqueo, com o indicador sobre Ceuta, que elle tomára pessoalmente aos Mouros e cuja victoria fôra o inicio da phase das conquistas portuguezas em terras d'além-mar.

Eis, pois, o infante portuguez, de quem disse um escriptor insigne:

«O infante Dom Henrique é o vulto mais brilhante da historia da Edade Média, o homem que deve symbolisar para a Historia a gloria dos descobrimentos.

«Quem foi que antes d'elle pensou em sondar os mysterios do Oceano?

«Quem foi que ousou perscrutar esse segredos que aterravam os mais intrepidos?

«Quem reuniu em torno de si os homens mais sabios, mais estudiosos, e conseguiu formar uma eschola d'onde sahiram todos os grandes navegadores do seculo XV e do seculo XVI?

«Elle só; elle o glorioso infante, que mais do que ninguem contribuiu para o progresso do mundo.

«Colombo foi um dos neophytos da grande eschola, que teve o infante Dom Henrique por iniciador».

E' ás suas observações e á energia do seu caracter mystico e guerreiro que, no dizer d'um illustre publicista brazileiro, Portugal deve particularmente o seu maximo engrandecimento, pelos

triumphos que alcançou na expansão do commercio e no renome dos gloriosos feitos maritimos.

Oliveira Martins, chama-o... «genio d'aço temperado na chamma d'um designio».

O segundo retrato, Nuno Alvares, o Condestavel, no reinado de D. João I, é a copia d'um bello quadro do pintor portuguez Luciano Freire que, ha dois annos, fôra inaugurado na sala Dom João VI, do Museo d'Artilharia, de Lisboa.

Representa o quadro o heroe Condestavel, arrimado ao seu glorioso montante, tendo no olhar a expressão de bravura que o definia, com a nota perturbadora d'um mysticismo ardente.

Cavalleiro de outras eras, alma de fogo!

Moço ainda, desbaratou audazmente o estrangeiro invasor nas famosas batalhas de Atoleiros, Trancoso, Aljubarrota e Valverde, salvando a honra da nacionalidade e a integridade da patria, assegurando a dymnastia d'Aviz que elle auxiliára a fundar, a primeira reinante em Portugal por vontade e iniciativa do povo.

Fôra ainda Nun'Alvares o primeiro que praticára o quadrado moderno na arte da guerra, obtendo inesperada e extraordinaria victoria contra a flôr da numerosa cavallaria castelhana, com uns troços de peões, de joelho em terra e os coutos das lanças firmados no chão, formando quatro faces eguaes e tendo ao centro os besteiros e os peões com fundas a arremessarem dardos e pedras.

Foi principalmente á surprehendente tactica do Condestavel que se devem aquellas victorias da guerra e a independencia, realmente as mais bellas e maravilhosas estrophes d'essa longa epopéa portugueza.

E, finalmente, o retrato do ultimo marechal do exercito portuguez, o ultimo cavalleiro, o ultimo grande nome da valente raça, que tantos traços de heroicidade deixou na historia guerreira,— o duque de Saldanha, digno neto do marquez de Pombal e digno emulo do Condestavel, e quem mais contribuiu para a implantação do constitucionalismo em Portugal.

Dissera d'elle um seu contemporaneo:

—«Conduziu soldados á victoria sem jámais soffrer uma derrota; impôz-se á admiração da Europa e o seu nome soou pelo mundo como o d'um dos mais extraordinarios cabos de guerra do seculo XIX».

O Porto, a invicta cidade do norte, em momento de justo enthusiasmo, o acclamou *Dom João VII*, ao que elle resistira com aquella máscula energia que o caracterizava.

D. Antonio da Costa, biographando-o, escrevera:

—«Tinha o quer que era de veneranda a sua figura majestosa. Quando elle passava, todos cortejavam aquella realeza das tres corôas;—a dos cabellos brancos, que lhe cingia a fronte, a do saber, que lhe esmaltava a intelligencia e a das virtudes, que lhe enriquecia o coração».

Latino Coelho, o insuspeito e aprimorado escriptor, que fôra ao mesmo tempo chefe do partido republicano portuguez, dissera:—«Saldanha era o poeta da guerra. A personificação do genio e da gloria portugueza no seculo XIX».

—Passando á descripção dos quadros e decorações do salão á esquerda, destinado ás reuniões do Gremio, começaremos pelos trabalhos artisticos da parede, ao fundo, onde estão representados, em tamanho natural, os vultos de Camões e Gil Vicente, ladeando um custoso docel de velludo e sêda vermelha, forrado de setim da mesma côr, sobre o qual se destaca, pendente, um bello retrato a oleo, de el-rei D. Carios I, trabalho executado em Lisbôa pelo conhecido pintor Conceição e Silva, e ricamente moldurado e encimado com o escudo portuguez.

Em frente ao docel, estão collocados sobre artistico estrado a mesa e assentos destinados á presidencia, nas solemnidades e outras reuniões da sociedade.

Camões e Gil Vicente!

Aquelle grande èpico portuguez que dóou á sua patria o singular e raro privilegio, entre os povos da moderna Europa, de possuir um poema verdadeiramente nacional, em que deixou cantada a rutilante historia do seu povo.

Latino Coelho dissera:

—«Fazer o elogio de Camões é tecer o panegyrico da patria.

«Camões é a patria corôada de poeticos laureis. Os *Luziadas* são a estatua da nação, cinzelada pelo escopro do maior engenho portuguez.

«A obra de Camões é ao mesmo tempo a voz eloquente da posteridade, é a grandiosa resurreição dos tempos heroicos de Portugal».

E, o segundo, Gil Vicente, o fundador do theatro portuguez, escriptor, dramaturgo e o artista consagrado, que na lusa litteratura, como na alma nacional, tem um logar tão proeminente quanto Shakespeare, entre os inglezes.

O insigne Theophilo Braga considera-o como—« o maior escriptor dramatico, apesar de terem passado tres seculos e uma mais vasta civilização sobre a sua obra gigantesca».

A seguir, n'este mesmo salão, encontram-se pintados a oleo

sobre bellas applicações artisticas de rico marmore roseo, os bustos de:

— Antonio Feliciano de Castilho, uma das mais puras glorias da litteratura portugueza do seculo XIX, o renovador e reformador da poesia em Portugal, como Garrett o foi do theatro, e como Herculano o foi da historia.

— Almeida Garrett, o restaurador do theatro portuguez e o possante creador do poema *Camões*, justamente considerado a primeira producção épica depois dos *Luziadas*, e ornamento imperecivel das nossas lettras.

Luiz de Camões teve em Garrett um cantor digno de si!

— Alexandre Herculano, o mestre da historia e do romance em Portugal, impeccavel na fórma e no estylo, vernaculo por excellencia:

Do nome de Garrett ninguem separa
Os nomes de Herculano e de Castilho;
Tres engenhos da mesma essencia rara,
Tres estrellas, talvez, do mesmo brilho.

Trindade sublime de educadores, contemporaneos entre si, consagrados a fins diversos e com bem diversas obras e, no entanto, tão eguaes nos apparecem, que difficil é falar d'um sem evocar os outros,

Seguem-lhe:

— Camillo Castello Branco, o mais fecundo escriptor em todos os generos e o maior novelista da lingua portugueza, verdadeiro homem de genio na accepção rigorosa da palavra; Camillo ficou para a posteridade como Herculano e como Garrett.

Eça de Queiroz, o maior representante do espirito artistico-litterario do Portugal contemporaneo.

— João de Deus, o lyrico inimitavel nas harmonias e sonoridades da lingua, que elle engrandeceu com os seus versos e com a sua *Cartilha Maternal*, o engenho educativo mais fecundo que conhecemos.

E' uma gloria nacional e como tal fôra acclamado em vida; è um nome querido onde quer que se fale o idioma portuguez.

— Guerra Junqueiro, o ultimo dos retratados e o unico sobrevivente.

O poeta mais vigoroso e mais arrojado da geração moderna.

O creador da poesia scientifica em Portugal, o genial auctor da *Oração á luz*.

A decoração, pois, d'este salão, symboliza o preito do Gre-

mio á litteratura antiga, moderna e contemporanea da nossa cara Patria.

— Descendo para o vestibulo da ampla entrada, que occupa um espaço de seis por oito metros, onde toda a decoração moral fôra executada *d'aprés croquis* de Antonio Parreiras, o festejado pintor brazileiro que, na *tournée* que o trouxe a Belem, por vezes diversas honrára a nossa obra decorativa, visitando-a e externando a sua sempre acatada opinião de artista emerito.

Sóbria é a pintura das paredes lateraes, desde a entrada divididas em espaços differentes, moldurados a figurado estuque, d'onde promanam cambiantes de luz invertida.

Na parede, ao fundo do patamar do primeiro lance da escadaria, onde o visitante, ao pisar no limiar da entrada, poisa logo a vista, Irineu de Souza, o artista decorador, copiára e desenvolvera com superior mestria o bello quadro, que Antonio Parreiras pintou originariamente para a sala das sessões do Supremo Tribunal Federal, no Rio de Janeiro, de cuja decoração fôra incumbido pelo presidente Campos Salles.

A idéa de reproduzir esse bello quadro foi, pela commemoração do seu assumpto, traduzir o sentimento fraternal dos dois povos.

Representa essa composição o facto historico do descobrimento do Brazil ao assentar do sol de quarta feira, 22 de abril de 1500, quando os cinco primeiros navios da armada de Pedr'Alvares Cabral, havendo passado ao sul d'uns arrecifes, singraram para dentro d'um vasto porto com larga entrada e de fundeadoiro seguro para mais de duzentas naus, e ancoraram em onze braças d'agua, na distancia, a uma legua de 18 ao grau, de um recife de onde avistavam um grande monte, muito alto e redondo, seguido ao sul por outras serras mais baixas e terras chans cobertas de copado arvoredo, tendo a ampla praia, de areias amarellentas, deserta de habitantes, cujos aldeiamentos assentavam, escondidos no recesso das selvas, a mais de legua e meia do littoral.

O *croquis* de Parreiras, que Irineu de Souza executou magnificamente, apoia-se na narração da celebre carta de Pero Vaz de Caminha, escrivão da armada de Cabral, dirigida de bordo do navio capitanea ao rei dom Manoel para noticiar-lhe a descoberta das terras de Santa Cruz; carta que com toda a sua auctoridade João Francisco Lisboa traslada á paginas 428 do tomo segundo de suas obras completas, e da qual o proprio governo portuguez divulgou uma copia authentica, em 1892, por occasião das festas do quarto centenario do descobrimento da America.

Tambem foi subsidio historico para esse trabalho *A missa de*

frei José Henrique e o estudo analytico sobre este famoso descobrimento, do almirante Ignacio Joaquim da Fonseca.

Ladeando este quadro, occupando o restante da parede, assentaram-se duas lapides commemorativas; — uma da fundação da Liga Redemptora, em 1887, nos salões d'este gremio e que tão assignalados serviços de humanidade prestára aos infelizes escravizados e a outra fundação do mesmo gremio em 1867, encerrando esta uma devida homenagem á memoria dos seus fundadores e dos primeiros directores já extinctos.

Era uma divida de honra, que de ha mais tempo a nossa sociedade lhes deveria ter prestado.

Temos attingido o final d'esta importante jornada, sem pretenções litterarias, a que não ousariamos.

Eis o quanto nos pareceu necessario elucidar, senão explicar n'estas linhas traçadas *currente calamo*, sem tempo para uma melhor e selecta rebusca sobre o sentimento que presidiu á decoração interior do edificio do Gremio Litterario Portuguez, a bella e utilissima agremiação, cujas prosperidades, n'um fructuoso porvir, nos será relevado antever.

— As lapides a que se refere o sr. Barreira, dizem o seguinte.

AV LABOR!
LAPIDE COMMEMORATIVA DA FUDAÇÃO DO
GREMIO LITTERARIO PORTUGUEZ,
EM 29 DE SETEMBRO DE 1867

HOMENAGEM Á MEMORIA
DE SEUS FUNDADORES E DA SUA PRIMEIRA
DIRECTORIA:
FRANCISCO ANTONIO CARDOSO
FORTUNATO ALVES DE SOUSA
ANTONIO JOS DA SILVA LEITE
SEBASTIÃO AUGUSTO GONÇALVES PEREIRA
GUALTER JOS RIBEIRO

e no extremo inferior da lapide, as lettras minusculas:

A DIRECTORIA DE 1905 — 1906

(á esquerda):

AVE, LIBERTAS!
LAPIDE COMMEMORATIVA DA INAUGURAÇÃO
DA SOCIEDADE LIGA REDEMPTORA,
NO SALÃO DE LEITURA DO GREMIO LITTERARIO
PORTUGUEZ Á 1 HORA DA TARDE DE 5
DE ABRIL DE 1888.

Grupos escolares. O grande progresso que o Estado do Pará realisou nestes ultimos annos, manifestou-se em todos os ramos da actividade humana e com racional e methodica intuição no desenvolvimento da instrucção popular, base em que devem assentar todas as grandes aspirações.

Antigamente o ensino primario no Pará era ministrado em escolas publicas isoladas que, apezar do paciente, affanoso e dedicado trabalho, dos professores que as regiam, não conseguiram satisfazer inteiramente os seus fins.

Depois de demorado estudo, foi pelo governo, resolvida a creação dos grupos escolares.

Esta instituição obteve da população o mais lisengeiro acolhimento.

Coustruido um predio especial, para o funccionamento do primeiro grupo, que recebeu o nome de «José Verissimo», como homenagem ao grande educacionista paraense e tendo começado a funccionar com regularidade esse novel estabelecimento de instrucção popular, foi o governo levado á creação de outros grupos, em vista dos resultados verdadeiramente surprehendentes que o primeiro desses estabelecimentos apresentava.

Actualmente conta o Pará 5 grupos na capital e mais de vinte no interior, todos dotados de excellente material escolar e funccionando segundo os preceitos da moderna pedagogia.

Este progresso é devido ao inteligente exforço do Dr. Augusto Montenegro, illustre governador do Estado.

Guainambi ou colibri é o beija-flôr de que ha numerosas e formosissimas variedades em todo o Amazonas.



Guajará Nome porque é conhecida a bahia de Belem.

Guájaratuba. Ilha do Solimões, entre o lago Taracajá e o rio Uamory.

Guamá. (Rio). Tem pequeno curso, dirigindo-se ao principio de S. a N. e depois de E. a O. até confluir com o rio Capim, a 16 legoas da sua foz, formando então o rio Guajará.

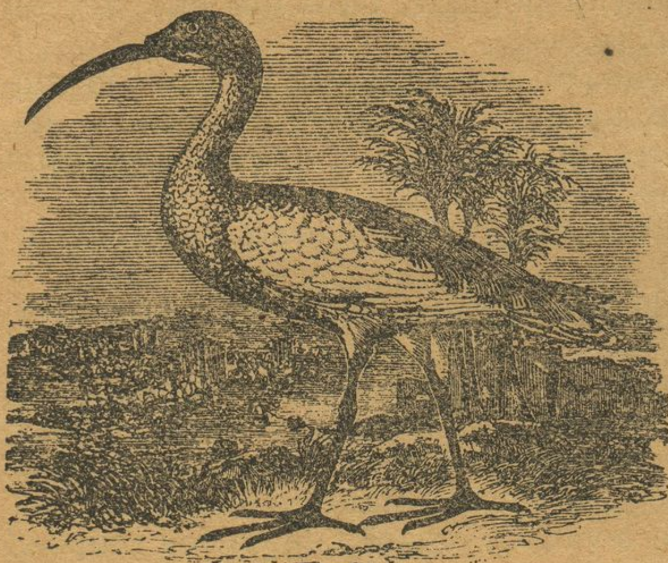
E' muito habitado na parte inferior. Na sua embocadura ficam entre outras as ilhas de Paulo da Cunha, Murututa, Marinheira, do Cunha, etc.

Guapuhi. Planta trepadeira, cuja raiz depois de preparada opera como tonico.

Guará. Ave corpulenta, toda vermelha, de cujas pennas os indios enfeitaram as suas armas de guerra. Suppomos que esta ave é a antiga Ibis, dos egypcios.

Guaraná. Planta vivaz da familia das pindaceas. Contem grande quantidade de cafeina, gomma e tanino.

Emprega-se o fructo, reduzido a massa, sob diversas fórmas. É refrigerante, calmante, subtonico e adstringente; tambem é reputado como anti-febril. Toma-se internamente, reduzido a pó tenue e fino, por meio de uma grosa, na dose de seis a dose grammas, para quatro decilitros de agua fria ou ligeiramente tepida, adoçada com assucar.



Guará (Ibis amazonica)

É empregado com grande proveito nas diarrhéas agudas ou chronicas, nas molestias das vias urinarias, provenientes de relaxamento dos orgãos e nas excitações nervosas. O seu uso continuado, porém, produz insomnias. Da raiz, que é amargozissima, usam os indios em infusão como preservativo das febres intermittentes.

O *guaraná* tem sido empregado por medicos notaveis nas diarrhéas, cholera, enxaquecas, e até contra a tisica. O Dr. Stenhouse, na analyse que fez do producto d'esta planta, achou-lhe uma quantidade consideravel de *theina*, que é a materia que dá ao chá o seu valor peculiar.

O fructo é um cacho á semelhança dos de uva, e, quando maduro, é de uma bella côr vermelha, rutilante.

Os indigenas dão á massa do guaraná feitios de fructos e animaes. D'esta massa possuimos um bonito ramo, em miniatura, de cacoeiro, com os fructos pendentes, que nos foi offerecido no Pará.

Guariba. É uma especie de macaco, ou louro ou preto e muito corpulento. Reunidos em bandos e trepados nas arvores, costumam soltar, quando presentem chuva, gritos agudos ou roucos, que se ouvem a grandes distancias.

Quando em abril de 1905 percorri a estrada de ferro de Bragança, acompanhado pelo meu illustre amigo sr. José Camillo Rodrigues da Silva, vi perto de Jambo-assu grandes bandos d'estes animaes, que pouco mostraram receiar a nossa presença.

O Guariba tem barbas como o homem e usa-as todas compridas.

Guarumá. As folhas d'este arbusto são empregadas em varios usos e especialmente em peneirar farinha, cobrir as bocas dos potes, etc.

Guéréré. Guizado feito das tripas grossas do pirarucu.

Guiriri. O mais extenso dos affluentes do Xingu.

Gurijuba. Peixe das costas paraenses.

Gurupá. O capitão mór, Bento Manuel Parente, em 1823, depois de valiosos triumphos alcançados sobre os hollandezes, inglezes e francezes, que tenazmente procuravam estabelecer-se nas margens do Amazonas, fundou na ilha do Gurupá, no sitio denominado Mariocay, uma fortaleza que chamou Santo Antonio. Em 1639, o povoado, que se agrupára nas proximidades da fortaleza, foi elevado á cathegoria de villa. Em 1692 uma ordem regia mandou construir um pequeno hospicio de que no anno seguinte tomaram posse os capuchos da Piedade. Os carmelitas construiram em 1645 um convento que tiveram de demolir em 1674 por causa d'uma horrivel peste que reduziu a villa á ultima penuria. A freguezia de Santo Antonio de Gurupá é hoje prospera cidade. Está situada na margem direita do rio Amazonas, em uma nesga de terreno pedregoso e accidentado, que se eleva de norte a sul. A leste é cercada de pantanos. Tem 8.129 habitantes.

H

Hall. *(Ismael)* Antigo negociante da Praça do Pará, distingue-se pela generosidade da sua alma e pela bondade nativa que o caracterisa. Todos lhe querem porque elle para todos é bom. O seu estabelecimento, situado na rua de João Alfredo, 15, é um dos mais importantes do Pará. Tem sucursal em Manáos.

Harpão. Instrumento de pesca, que consta d'uma larga haste de madeira, cylindrica, de desiguaes diametros e de uma ponta de ferro chamada *bico*, armada de duas outras pontas lateraes, recurvas para cima. Estas farpas servem para não deixar o harpão sahir do corpo do peixe a que é arremessado.

Hiapuá. Especie de mandioca brava, que em geral serve para fazer gomma. Muitos preparam tambem com ella a farinha, tendo o cuidado de lavar a massa muitas vezes e em muitas aguas por causa do veneno que encerra.

Hiumara, tambem conhecida por *rasga mortalhas*. E' uma ave nocturna cujos gritos se semelham ao som do panno quando o rasgam. Acreditam os indios que quando esta ave passa gritando por ao pé da maloca de alguem, annuncia-lhe grande calamidade ou a morte proxima.

Tenho-a ouvido cantar a pequena distancia e.... ainda estou vivo.

Hoteis em Manáos. No anno de 1898 tinha Manáos os seguintes hoteis:

Hotel Internacional, rua dos Remedios.
» do Porto, rua dos Remedios.
» Duas Nações, Becco do Commercio.
» Cassino, Praça da Republica
» do Commercio, Praça da Republica.
» Familiar, rua Municipal.
» de França, rua Municipal.

Hotel Cercle, rua da Installação.
» Central, rua G. Moreira.
» dos Artistas, rua Affonso de Carvalho.
» Dous Amigos, rua Marechal Deodoro.
» Cova da Onça, rua G. Moreira.
« Francez, rua da Matriz
» Estrella do Norte, rua Saldanha Marinho.

Humaythá Municipio do estado do Amazonas. Tem uma população calculada em mil habitantes e ares muito salubres.

I

Ibira-pitanga. Nome por que os indios denominam o pau-brazil.

Içá (Rio). É um dos muitos affluentes do Amazonas.

Tem perto de 400 braças de largura na foz e fundo sufficiente para a navegação de navios de 10 palmos de calado, em uma extensão maior de 100 leguas, menos nos mezes da secca. As suas cabeceiras acham-se nas visinhanças da cidade de Pasto, na republica do Equador, onde, como no Perú, é conhecido pelo nome de Putumayo. Communica com o Japurá, na parte superior das cabeceiras, pelo canal *Perida* e na inferior, por meio do *Puréos*.

Igapó. Matta invadida pela agua da enchente. A sua feição varia consoante a do terreno submergido. Sob a matta virgem, de arvores robustas e altas, espaçadas, de grande copa espessa, tem o Igapó um aspecto soturno, ás vezes grandioso. Mal consegue o sol fazer penetrar ahi alguma frecha de luz, atravez do estreito espaço entre duas folhas. Grudam-se pelos troncos e galhos, vegetações parasiticas e musgos espessos. Do alto pendem os cipós de mil fórmas e grossuras das convulvulaceas amazonicas, uns longos como taboas, outros delgados como fios de retroz. Um silencio triste e pesado reina, apenas raras vezes cortado por algum bando de macacos hilares ou pelo pipilar d'alguma avesinha perdida.

Igara. Assim chamavam os indios ás canôas em que navegavam.

Igarana. Arbusto muito copado.

Igarapé. É um riacho onde só podem navegar pequenas canôas, como o vocabulo indico está indicando: *igara*, canôa pequena; *pé*, caminho.

Estas denominações, porém, no dizer do erudito José Verissimo, nem sempre são rigorosas. Assim os nomes de *furo* e *paranamirim* entram a confundir-se, do que são exemplos o Cabory e o Adeucá, que são em rigor *furos*, e que embora conservem ain-

da esta designação recebem já a de *paranamirins* ou *paranás*. Esta fórma, no dizer de José Verissimo, é uma agglutinação ou apocope de *paranamirim*. Com *igarapé* dá-se o metaplasmo, a alteração nas letras ou sylabas, contrario da apentese do *a*, ouvindo-se já por todo o Amazonas, como verificámos na nossa ultima viagem, *garapé*. Isto não quer dizer que, apezar da significação etymologica de *caminho de canôa pequena*, não existam no alto e baixo Amazonas *igarapés* por onde naveguem até vapores de muito calado.

O igarapé que a nossa gravura representa é um dos mais lin-



Igarapé

dos que temos visto no Amazonas. Pertence ao nosso bom amigo Angelo Leite e fica situado na sua fazenda *Iracema*, na beira da Estrada de Ferro de Bragança, a algumas leguas do Pará.

Igarapé-miry. Villa situada na margem do igarapé do mesmo titulo. Fica na bacia parcial do Tocatins e o municipio conta 9.153 habitantes. Produz cachaça, cacau, farinha, melaço, borracha, madeiras e grudes.

Igarité Embarcação de 7 a 8 toneladas de carga.

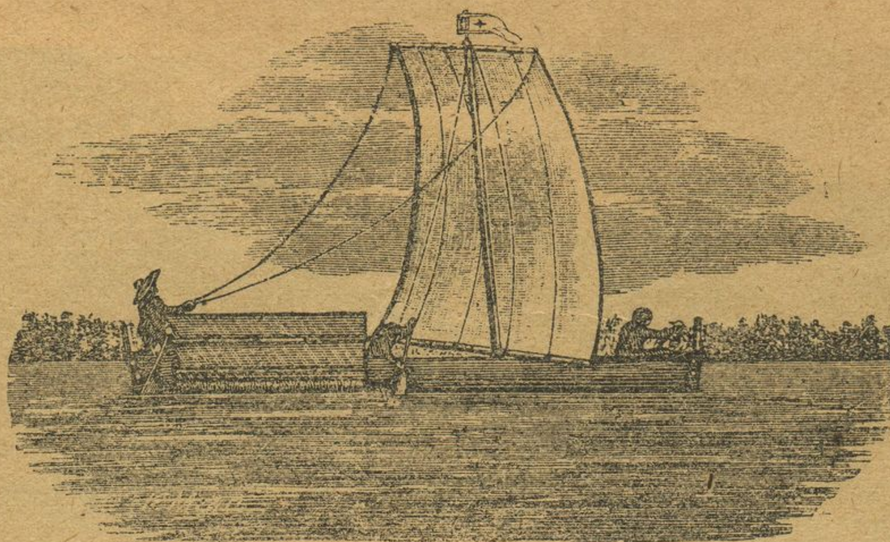
Ilhas do Rio Madeira. Só até á cabeceira de Santo Antonio tem o rio Madeira cincoenta e duas ilhas, muitas das quaes tem tres e quatro legoas de comprimento, sendo a mais importante a das Araras, que é povoada e tem muitos seringaes.

Ilhas do Curral. Ficam situadas no rio Tapajoz, perto de Itaituba.

Imprensa Official. A imprensa official do Pará, funcciona no edificio proprio do estado, na praça da Independencia, canto da travessa do Vigia. É superiormente dirigida pelo sr. Hygino Amanajas.

Inayé. Ave comparada ao gavião.

Inajá. É uma palmeira que dá fructo da feição de um côco pequeno e em cachos. Come-se cru, cosido ou assado O caroço



Igarité

d'este fructo serve aos seringueiros na falta do *uri cury* para dar consistencia á borracha.

Os foliolos d'esta planta ainda não abertos, e a epiderme dura e lisa do peciolo das suas folhas, são tambem aproveitaveis.

Servem os foliolos para o fabrico de esteiras e chapeos grossos e as laminas delgadas da epiderme para paneiros, cestas e muitos outros objectos semelhantes.

Os indios gostam de trazer ao pescoço, rosarios dos caroços de inajá, cortados ao meio, furados e tendo dentro, em fórma de badalos de campainhas, dentes de cotias e d'outros animaes e ás vezes dos adversarios, mortos por elles.

Inambu. Ave da ordem dos gallinaceos, muito parecida com a gallinha. Põe ovos azues. Como o mutum dizem que tem o privilegio de relogio, por cantar de duas em duas horas.

Inambu-toró Passaro que se ouve de noite nas florestas do

Amazonas, e que parece repetir no canto as duas sylabas *to-ró*, que lhe deram o appelido. Os indios, e até alguns brancos, teem o seu canto por agourento.

Indicações uteis para o Estado do Pará. O actual governador do Estado do Pará, é o Ex.mo Sr. Dr. Augusto Montenegro; ajudante d'ordens de S. Ex.a o capitão Antonio Cassulo de Mello; official de gabinete, major Licinio da Silva e auxiliar o sr. Celso Vieira de Mello Pereira.



Brazão d'armas do Estado do Pará

O sr. dr. Montenegro dá audiencia a quem a solicite no palacio do Governo da 1 ½ ás 3 da tarde, todas as terças e sextas-feiras.

Secretaria de Estado da Justiça, Interior e Instrucção Publica: Funcciona no Palacio do Governo. O expediente é das 12 ½ ás 4 da tarde.

Está dividida em tres secções, tendo cada uma um chefe, um primeiro e dois segundos officiaes, um porteiro, dois continos e um servente.

Procuradoria Geral do Estado: Funcciona no Palacio do Governo. O expediente é das 9 ás 12 ½ horas da manhã.

Tribunal Superior de Justiça: Funcciona no palacete Municipal, das 8 ás 12 da manhã. Presidente: Desembargador Gentil Augusto de Moraes Bittencourt.

Tem como membros seis desembargadores, e para o expediente um secretario, dois amanuenses, dois escrivães, dois officiaes de justiça e um porteiro.

Forum: Funcciona no pavimento terreo do palacete Municipal. Tem um juiz de direito, um juiz substituto e um promotor, para cada districto criminal. Os districtos criminaes são quatro.

Tem mais um juiz seccional e um substituto.

Tribunal do Jury: Funcciona quatro vezes por anno, em um salão devidamente preparado, no mesmo compartimento do pavimento terreo do palacete Municipal, onde funcciona o Forum.

Jury Correccional: Funcciona nos dias 1 e 15 de cada mez, no mesmo salão onde funcciona o Tribunal do Jury.

Senado: Funcciona na praça Saldanha Marinho, no edificio do Gymnasio Paes de Carvalho.

Compõem-se de dezoito membros, eleitos por nove annos, mediante suffragio directo, reformando-se o terço triennialmente.

Instrucção Publica: O ensino publico é dado em varios estabelecimentos, taes como: Academia Livre de Direito, Escola de Pharmacia, Gymnasio Paes de Carvalho, Escola Normal, Instituto Lauro Sodré, Instituto Gentil Bittencourt, Instituto Carlos Gomse, Instituto Orphanologico do Outeiro, Grupo Normal, Grupos Escolares e escolas isoladas.

Academia Livre de Direito: Funcciona no predio proprio do Estado, no largo da Trindade.

Director, Desembargador Ernesto Chaves.

Vice-director. Desembargador Augusto Borborema.

Escola de Pharmacia: Funcciona no Palacio do Governo (pavimento terreo).

O horario das aulas é das 8 ás 10 e das 2 ás 4 horas da tarde.

Dirrector, Dr. Francisco da Silva Miranda.

O expediente da escola é dado conjunctamente com o do Serviço Sanitario Estadoal.

Gymnasio Paes de Carvalho: Funcciona no predio proprio do Estado, á praça Saldanha Marinho. O expediente é das 8 ás 12 horas da manhã.

Camara dos Deputados: Funcciona no palacete Municipal. Compõem-se de trinta membros, eleitos por tres annos, mediante suffragio directo.

O expediente da secretaria é das 8 ás 12 horas da manhã. Tem um director, um sub-director, dois officiaes, um archivista e tres amanuenses.

Escola Normal: Funcciona no predio proprio do Estado, na rua 28 de Setembro, canto da travessa Santo Antonio. O expediente é das 8 ás 12 horas da manhã.

Tem um official, onze lentes, um preparador de physica e chimica, seis inspectores de alumnos, um porteiro, um continuo e tres serventes.

Instituto Lauro Sodré: Funcciona no predio proprio do Estado, situado ao Marco da Legua. E' uma escola profissional do Estado, contendo varias officinas como de alfaiate, encadernador, funileiro, ferreiro e serralheiro, typographo, marceneiro e sapateiro.

Estabelecimento importante e proveitoso, caprichosamente montado, é considerado com justiça um dos primeiros do Brazil.

Além das materias elementares e superiores, ha ainda aulas de musica, physica e chimica, gymnastica, mathematica e exerci-

cios musculares. E' seu director o illustre Dr. Ernesto Mattoso Maia Forte.

Tem dez lentes, um adjunto, dois offiiaes, quatro inspectores de alumnos, um economo ajudante, um thesoureiro almoxarife, um enfermeiro, sete mestres de officinas e seis contramestres.

Instituto Gentil Bittencourt: Este estabelecimento de instrucção para meninas, funcciona no predio proprio do Estado, na rua de Santo Antonio, canto da travessa do mesmo nome.

Instituto Carlos Gomes: Funcciona no predio proprio do Estado na rua João Diogo.

Instituto Orphanologico: Funcciona em predio proprio do Estado, no Outeiro (Pinheiro).

Segurança Publica: Funcciona no predio alugado pelo governo do Estado, na travessa de S. Matheus, n.º 181. O expediente é das 8 ½ ás 11 ½ horas da manhã e da 1 ás 5 da tarde.

A secretaria tem um primeiro-official-director, quatro segundos officiaes e um official-thesoureiro.

O serviço é dividido por tres prefeitos, que fazem plantão das 7 ás 10 horas da noite, tendo cada um, um segundo official servindo de escrivão, além dos do expediente.

Ha mais seis sub-prefeitos com jurisdição igual, que permanecem na Chefatura 24 horas cada um, acompanhados de um escrivão.

Cada arrabalde da Capital e villas do municipio tem um subprefeito.

Ha mais 41 prefeitos distribuidos por diversas localidades do interior do Estado.

A Chefatura tem gabinete de identificação judiciaria, com dois medicos effectivos e um anthropometra.

Cadeia de S. José: Funcciona no predio proprio do Governo do Estado, no largo de S. José.

Brigada Militar: A força publica do Estado é composta de um Corpo Auxiliar (artilharia), dois Corpos de Infanteria e um corpo de Cavallaria, prefazendo ao todo um effectivo de 1322 homens inclusive officiaes.

Bibliotheca e Archivo Publico: Funcciona em predio proprio do Estado, na travessa Campos Salles, esquina da rua 13 de Maio. Director, Arthur Octavio Nobre Vianna.

Tem um primeiro e tres segundos officiaes, um porteiro, dois continuos e um servente.

Serviço Sanitario do Estado: Funcciona no pavimento terreo do Palacio do Governo. O expediente é das 8 ás 11 horas da manhã e da 1 ás 4 horas da tarde.

Tem 17 inspectores medicos, 3 officiaes, 1 chimico, 1 pharmaceutico, 5 auxiliares de pharmacia, 1 agente, 1 conservador de laboratorio, 1 porteiro, 1 continuo, 4 desinfectadores e 7 serventes.

Sob a direcção d'esta repartição, funccionam tambem os hospitaes: Domingos Freire, para amarellentos; S. Sebastião para variolosos, e os hospitaes de alienados e dos Lazaros.

Museu: E' situado na estrada da Independencia, canto da travessa 9 de Janeiro.

E' exposto á visitação publica nos domingos e quintas-feiras, das 8 ás 11 horas da manhã e das 2 ás 5 horas da tarde. Director e chefe da 1.ª secção, Dr. Emilio Augusto Goeldi.

Tem 1 chefe de secção botanica, 1 chefe de secção geologica, 1 auxiliar e 2 preparadores de Zoologia, 1 encarregado do serviço meteorologico, 1 desenhista lithographo, 1 inspector do horto, 1 preparador botanico, 7 serventes, 1 jardineiro, 1 guarda do jardim Zoologico e 1 guarda portão.

Secretaria do Estado das Obras Publicas, Terras e Viação: Funcciona no Palacio do Governo. O expediente é das 11 $^1/_2$ da manhã ás 4 $^1/_2$ horas da tarde.

Está dividida em 3 secções, tendo a 1.ª e a 3.ª um chefe, um primeiro e dois segundos officiaes, e a 2.ª um engenheiro chefe, dois engenheiros e dois agrimensores.

Estrada de Ferro de Bragança: A estação central funcciona em predio proprio do Estado, á Avenida 16 de Novembro, canto da estrada Almirante Tamandaré.

Tem um chefe do trafego e locomoção, um chefe de linha, um contador, um thesoureiro, um almoxarife, tres primeiros e quatro segundos officiaes, um auxiliar technico, um desenhista, um porteiro e dois continuos.

A Estrada de Ferro tem varias officinas como de carpinteiro, marceneiro, fundidores, serralheiros, torneiros e ferreiros, que funccionam no predio proprio do Estado, á praça Floriano Peixoto.

Secretaria de Estado da Fazenda: Funcciona no Palacio do Governo. O expediente é das 11 $^1/_2$ da manhã ás 4 $^1/_2$ horas da tarde. Está dividido em tres secções, tendo a primeira e a segunda um chefe, dois primeiros officiaes e um segundo, cada uma, e a segunda um procurador fiscal, um solicitador, um segundo official, um thesoureiro e dois fieis.

Recebedoria do Estado: Funcciona no predio proprio do Estado, situado no Boulevard da Republica. O expediente é das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Instrucção Municipal: A instrucção municipal é dada em va-

rios estabelecimentos, como o Instituto Civico e Juridico *Paes de Carvalho*, Orphanato Municipal e muitas escolas.

A directoria do ensino, funcciona n'uma das salas do Instituto Civico e Juridico *Paes de Carvalho.*

Tem um inspector escolar, um amanuense, um porteiro e um continuo.

Instituto Civico e Juridico Paes de Carvalho: Funcciona em predio alugado pelo Governo Municipal, á travessa Dr. Fructuoso Guimarães, n.º 59.

O horario das aulas é das 7 ás 9 horas da noite.

Tem seis professores, um amanuense-archivista, um porteiro e um continuo.

Orphanato-Municipal: Funcciona em predio alugado pelo Governo do Municipio, na estrada de S. Jeronymo, entre a travessa 14 de Março e Estrada Generalissimo Deodoro.

Corpo de Bombeiros: Funcciona no predio proprio do Municipio, na rua João Diogo.

Tem um capitão-fiscal, dois tenentes, sete alferes e 140 soldados e musicos.

Dispõem das mais aperfeiçoadas machinas locomoveis e materiaes de primeira ordem para extincção de incendios.

Asylo de Mendicidade: Funcciona no predio proprio do Municipio, além do Marco da Legua — (Estrada de Bragança).

Tem uma superiora, um capellão, seis religiosas, um agente externo, dois auxiliares, dois cosinheiros, uma lavadeira e 4 serventes, um encarregado do estabulo, tres padeiros, um hortelão, dois enfermeiros e um barbeiro.

Mercado publico: Funcciona em predio proprio do Municipio, na rua 15 de Novembro.

Abre ás cinco horas da manhã e fecha ao meio dia.

Cemiterio da Soledade: E' situado na avenida Serzedello Corrêa, entre as estradas Conselheiro Furtado e Dr. Gentil Bettencourt.

Cemiterio Santa Izabel: E' situado na travessa José Bonifacio.

Serviço funerario: Funcciona á rua de Santo Antonio, n.º 33, no mesmo predio onde funcciona o Registo Civil.

Indios (Os). Com respeito aos indios que ainda habitam o valle do Amazonas escreveu o sr. conselheiro Brusque:

«O caracter do indio é o mesmo em todas as tribus, com as raras excepções que a civilisação tem já estabelecido.

«Inaccessivel a todo o sentimento generoso, indifferente a todos os motivos de gloria, de honra e de reconhecimento.

«Vingativo, porque a idéa de perdão não cabe em sua intelligencia de indio.

«Para elle o sangue péde sangue, quer seja em aguerrido combate, quer por effeito da mais execranda traição.

«Faminto e insaciavel quando encontra a abundancia de meios de lenir a lei da fome, sobrio e soffredor em extremo quando lhe fenecem os recursos.

«Indolente, inimigo do trabalho, sem inquietação pelo futuro, incapaz de previdencia e reflexão.

«Entretanto é em geral docil ao aceno do homem civilisado, a cujo trato se sujeita, até que a impassibilidade de seu caracter se esgote, sempre porque o trabalho lhe repugna.»

Apreciando o indio por outra face, assim se exprime o sr. G. Dias:

«Sendo muito vigorosa a sua compleição, resistem os indios tanto aos mais duros trabalhos, que Ulloa os chama *insensiveis* pela coragem com que supportam os soffrimentos; em outra parte os denomina *animaes*, porque são robustos e não os encommodam muito as fadigas e as intemperies. Soffrem por muito tempo, sem o demonstrarem, a sêde e a fome, e raras vezes adoecem; bem que affrontem a humidade, o calor e o frio, sem tomarem precauções contra molestias. A prova mais concludente da sua optima constituição é o costume que tem as mulheres indigenas, de paridas lavarem-se logo em agua corrente, continuando no mesmo dia no seu trabalho, como se nada lhes houvesse acontecido.

«Os velhos ignoram os males da decrepitude, possuem o goso dos sentidos, como na mocidade, conservam os dentes intactos e cabellos que não cahem nem alvejam nunca, tem a vista, o ouvido, o olfato finissimos, os movimentos desembaraçados e o rosto pouco enrugado.

«Quanto á longevidade, d'Orbigny conhecendo a difficuldade de a determinar, dá-lhes o maximo de 100 annos, observando porém que passam além de 80. Dizem Lery e outros que chegam aos 120 e mais annos.»

Em outra parte.

«Educados nas florestas com um tacto de observação extremamente delicado, adquirem invejavel perfeição de sentidos. No borborinho confuso das florestas, distinguem sons quasi imperceptiveis, que lhes revelam a passagem de um animal, quebrando os ramos, ou a marcha cautelosa do guerreiro que os evita. Pelas pégadas que viam impressas no chão distinguiam a tribu que ali passára e pelo olfato a direcção que levava. Olhos de lince, descobriam nas sombras das florestas o inimigo ou a presa e com

o arco despediam, por entre as folhas, a morte rapida e silenciosamente.»

Moravam os indios, diz Cardim, em aldeias, em umas *malocas* ou casas muito compridas, de 200, 300 ou 400 palmos, e 50 de largo pouco mais ou menos, fundadas sobre grandes esteios de madeira, com as paredes de palha ou de taipa de mão, cobertas de pindoba... e duram 3 ou 4 annos; cada casa d'estas tem dois ou tres buracos sem portas nem fecho. Dentro n'ellas vivem logo 100 ou 200 pessoas, cada qual em seu rancho, sem repartimento nenhum, e moram de uma parte e outra, ficando grande largura pelo meio, e todos ficam como em communidade e entrando na casa se vê quanto n'ella está, porque estão todos á vista uns dos outros sem repartimento nem divisão... porém é tanta a conformidade entre elles que em todo o anno não ha uma peleja; e com não terem nada fechado não ha furtos; se fôra outra qualquer nação, não poderiam viver da maneira que vivem, sem muitos queixumes, desgostos e ainda mortes, o que se não acha entre elles.»

Inheiguáras. Indios que outr'ora habitavam o rio Tocantins. A'cerca d'elles escreveu o padre Antonio Vieira:

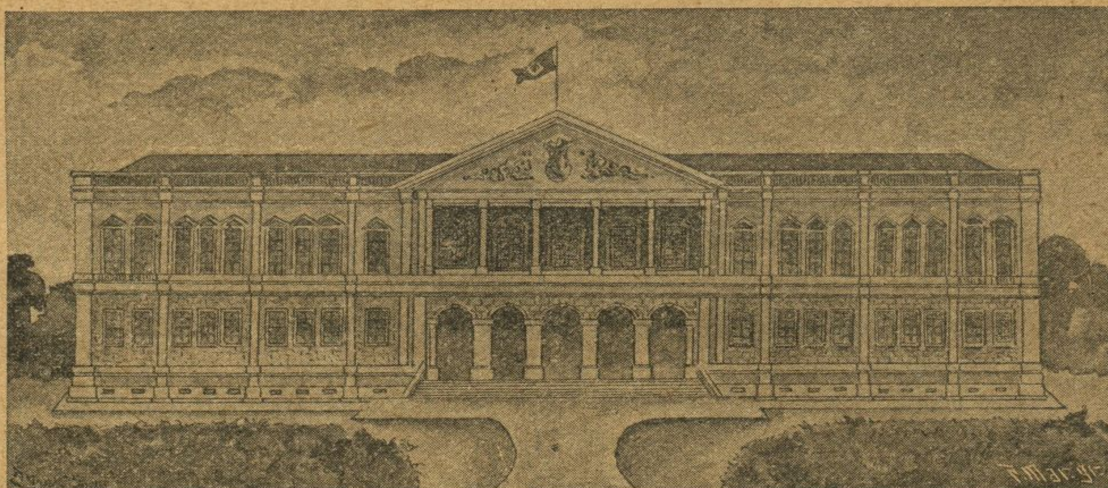
«São os *Inheiguáras* gente de grande resolução e valor, e totalmente impacientes de sujeição, e tendo-se retirado com suas armas aos lugares occultos e defensaveis das suas brenhas, em distancia de mais de cincoenta leguas, lá foram buscados, achados e cercados, rendidos e tomados quasi todos, sem damno mais que de dois indios nossos, levemente feridos. Ficaram prisioneiros duzentos e quarenta, os quaes, conforme as leis de Vossa Magestade, a titulo de haverem impedido a prégação do Evangelho, foram julgados por escravos e repartidos aos soldados.»

Instituto Lauro Sodré. E' a escola profissional mais bem montada que temos admirado em todo o vasto Brazil; é um internato para 300 alumnos, numero este que está sempre completo, pois que é incalculavel o numero de pedidos de vagas para orphãos desvalidos, o que prova evidentemente a excellencia d'esta instituição.

Desde longa data acha-se o Instituto confiado á competencia do nosso illustre amigo dr. Ernesto Mattoso, que, com infatigavel dedicação e inexcedivel zelo, muito tem trabalhado para o engrandecimento e progresso d'esta casa de instrucção.

Depois da proclamação da republica todos os governos têm dedicado ao Instituto particular attenção, convém porém, fazendo justiça, notar que ninguem como S. Ex.ª o Dr. Augusto Montenegro, tem prodigalisado ao Instituto tão uteis e necessarios melho-

ramentos. S. Ex.ª que vê no Instituto um estabelecimento que não só honra o Estado, como toda a Nação, não regateia esforços no sentido de fazel-o cada vez mais prosperar e florescer.



No livro dos visitantes lê-se o seguinte:

«O Instituto Lauro Sodré é uma das demonstrações mais eloquentes do grande progresso do Estado do Pará.

Sob a direcção do Sr. Ernesto Mattoso não póde deixar de tornar-se um estabelecimento de primeira ordem.

Belém, 30 de Dezembro de 1899. *M. Churchill,* consul de S. M. Britannica.

«O paiz que tem a felicidade de possuir um Instituto d'esta ordem, é, na verdade, um grande paiz, pois, fazendo progredir a agricultura, as artes e as industrias, promove a felicidade e bem estar de todos os cidadãos e concorre para elevar o seu nivel moral e social. Bem haja pois, o digno Governador que d'este modo fomenta o progresso do Estado, e bem haja o energico e illustrado Director Geral, que tão bem comprehende a nobre e difficil missão que tão magistralmente desempenha».

14 de Janeiro de 1900. *A. das Neves e Mello*, consul de S. M. Fidelissima.

«O Pará, póde orgulhar-se de possuir uma tão admiravel instituição como seja a escola de industrias «Instituto Lauro Sodré» — E' um monumento de caridade pratica. O Instituto como está organisado prova á evidencia a excellencia de seus methodos de educação, ensinando a mocidade a ser patriota e homens uteis, porque o melhor patriotismo é servir a patria contribuindo para a sua prosperidade.

O Pará, tem os meus mais ardentes votos para que todas as

prosperidades venham para o seu povo, assim como para o de todas as outras partes do Brazil. Desejo-lhe poder e riqueza em proporção á extensão do seu territorio e á sabedoria de seus homens publicos.

Charles Page Brian, enviado extraordinario e Ministro Plenipotenciario dos Estados Unidos da America.

Que o destino d'este magnifico estabelecimento se assemelhe ao fulgor do sol na sua maxima força e que jamais seja offuscado pelas nuvens da desgraça é o sincero voto de

K. K. Kenneday, consul dos Estados-Unidos.

«Ora, coisa devéras digna de nota; este ingente estabelecimento devia custar grossas sommas ao Estado. Quem ali entra, e verifica a magestade, a amplidão, a ordem, o asseio e a abundancia de todos os meios requeridos á saude, ao sustento, á instrucção, ao ensino, pensa naturalmente que ali se tem de empregar grossas quantias.

«Ora querem saber o que é uma zelosa e sabia direcção e aproveitamento de serviço? O Instituto Lauro Sodré dá ao Governo do Estado do Pará um lucro de muitas dezenas de contos de réis, annuaes». — *Dr. Zeferino Candido.*

Instrucção no Pará. — Um dos mais surprehendentes estados da vasta Republica brazileira é, certamente, o do Pará. Não só pela sua extensão; pelas profundas e riquissimas florestas; pelo seu Amazonas, o maior rio do mundo; pelas suas riquezas naturaes e incomparaveis de fauna, como tambem pelo impulso que nos ultimos tempos lhe teem imprimido os homens publicos que teem tido ingerencia nos negocios do Estado.

Dizemos aqui apenas do desenvolvimento, devéras admiravel, em que no Estado do Pará se encontra a instrucção publica, depois que á frente do governo se colocou o benemerito e austero dr. Augusto Montenegro — uma gloria brazileira e um organismo perfeitissimo de homem de estado e de patriota.

De 1615 a 1623, periodo colonial, não mereceu a instrucção aos governadores, grandes attenções. Os homens que dominavam a colonia, preoccupados com a conquista, com as guerras, com os assaltos dos indios, deixavam a instrucção nas mãos de jesuitas e frades. Só depois de 1836, da terrivel revolução da cabanagem, o ensino principiou a progredir, no Pará.

Ainda em 1868 encontramos apenas matriculados 4:800 alumnos, numero este que em 1873 já se elevava a 8:053 e que na actualidade tem ascendido ao numero que já vamos dizer.

Proclamada a Republica brazileira, em 15 de novembro de 1889, logo o governo fez convergir as suas vistas para o progresso

da instrucção publica, vendo o Estado do Pará organisar sobre amplas bases, estabelecimentos como o do Lyceu Paraense, Escola Normal, Instituto Lauro Sodré e outros.

Depois que assumiu o governo do Estado o illustre dr. Montenegro, o ensino publico tem-lhe merecido especial cuidado.

A instrucção primaria, ministrada no interior do Estado por meio de escolas isoladas, apesar das habitações ficarem dispersas e a grandes distancias, está-se tornando utilissima. A creação de grupos escolares, em que o governo tem sido incansavel, tem concorrido poderosamente para o desenvolvimento da instrucção em todo o Estado.

Em 1902 a matricula geral nos grupos e escolas isoladas foi de 17:410 alumnos, com uma frequencia média de 12:281. No mesmo anno, a matricula nas escolas isoladas, apesar de, como dissémos, os alumnos morarem dispersos a grandes distancias e com difficeis vias de communicação, foi de 12:469 e a frequencia média de 9:033.

O ensino publico acha-se classificado em ensino primario, ensino secundario e profissional ou technico.

O ensino elementar é constituido pelas noções propriamente indispensaveis, como leitura, escripta, arithmetica até juros simples, educação moral e civica, etc.

O ensino primario integral é o exigido para matricula na Escola Normal.

Nas escolas do sexo feminino ha tambem o ensino de costura e trabalhos domesticos.

O ensino profissional é ministrado na Escola Normal nos cursos de agrimensura e commercio.

O curso da Escola Normal é de quatro annos e comprehende 17 materias; o curso de agrimensura de 3 annos com 18 materias; o curso commercial, que dá direito á carta de guarda-livros, comprehende 13 materias e um tirocinio de 3 annos.

No Instituto Lauro Sodré, internato superiormente dirigido pelo erudito dr. Ernesto Mattoso, manteem-se trezentos alumnos pobres, educados e instruidos a expensas do governo. N'este estabelecimento, que encanta tanto pela ordem e aceio, como pela disciplina e erudição dos professores, o ensino abrange o curso primario integral e o curso profissional, comprehendendo este uma parte theorica com o ensino de portuguez, arithmetica, algebra, geometria, technologia das profissões, mechanica applicada, physica e chimica, geographia geral, cosmographia e historia. O ensino profissional comprehende o desenho, musica marcial e orchestral, gymnastica e esgrima, como já fica dito.

Afóra todos estes estudos, os alumnos dedicam-se ás artes, para o que teem magnificas officinas e excellentes mestres. Ali aprendem os officios de carpinteiro, ferreiro, caldeireiro, sapateiro, estucador e pintor, typographo, impressor, encadernador, lytographo, ourives, funileiro e alfaiate.

E' um estabelecimento modelo, que muito honra o governo do Pará.

Além d'estas fontes onde se derrama com brilhantismo e simplicidade a instrucção sobre todas as camadas populares, apresentam-se ainda, como subsidiario utilissimo, as escolas primarias para adultos, mantidas pelas intendencias municipaes, e o Lyceu d'Artes e Officios. Tem aulas nocturnas frequentadas por mais de trezentos alumnos. A matricula é franca a todos os individuos de boa conducta, seja qual fôr a sua nacionalidade.

Existe tambem no Pará o collegio Gentil Bettencourt, onde se educam mais de 200 orphãs desvalidas; o conservatorio de musica e a Academia de Bellas Artes.

O Lyceu Paraense, a Escola Normal, a Academia de Bellas Artes e o Instituto Lauro Sodré, funccionam em edificios proprios, assim como muitas escolas e grupos escolares.

O material escolar, do mais aperfeiçoado, tem merecido altos cuidados ao dr. Montenegro, que, como temos dito, é um devotado apostolo da instrucção publica.

Actualmente existem no estado do Pará 26 grupos escolares, com a matricula de 7:620 alumnos.

Como complemento a todo este grande trabalho educativo, que eleva o Pará á altura de notavel centro intellectual, não podemos deixar de mencionar a Bibliotheca Publica, superiormente dirigida pelo erudito sr. Arthur Vianna, e o Museu Goeldi, onde estão largamente representados mamiferos, aves, reptis, amphibios e peixes, além d'um bello hôrto botanico e d'um bem montado serviço meteorologico.

A Bibliotheca e Archivo Publico, ricos em manuscriptos e chronicas raras, póde dizer-se um estabelecimento modelo, pela boa ordem, cuidado, perfeição, catalogação e aceio que se nota em todo o edificio. Os «Annaes», de que jà estão publicados tres volumes sob a direcção do sr. Arthur Vianna, dão larga ideia do valor da Bibliotheca e da competencia d'aquelles que a dirigem. Basta dizer que a secção de manuscriptos se divide em duas subsecções: a primeira que abrange o periodo de 1616 a 1840, e a segunda que se refere aos annos decorridos de 1841 a 1900.

Ipadu. — E' assim chamado o pó de um arbusto que tem o mesmo nome. O pó prepara-se torrando as folhas, reduzindo-as

a pó em um pilão proprio e juntando-lhe um pouco de tapioca.

Os indigenas fazem muito uso d'este preparado, conservando, como os mascadores de tabaco, no canto da bocca, um pouco d'elle.

Suppõem que os alimenta, porque lhes tira o appetite, visto produzir a inercia estomacal.

Ipurinans. — Tribu que habita as margens do medio e alto Purus. E' tribu muito bellicosa e de maus instinctos.

Iratissoia. — Raiz cheirosa, que serve para aromatisar a roupa e similhantes serviços.

Irituia. — Freguezia de Nossa Senhora da Piedade. Villa situada na margem esquerda do rio Guamá. O municipîo tem 3:915 habitantes.

Itaboca. — Cachoeiras notaveis do estado do Pará.

Itacayuna. — Affluente da margem esquerda do rio Tocantins.

Itacoatiara. — Municipio do Amazonas. Vide *Serpa.*

Itaituba. — Freguezia de Nossa Senhora da Conceição. Cidade situada na margem esquerda do rio Tapajoz. Tem 10:000 habitantes e produz cacáo, tabaco, borracha, oleos, couros, etc.

Itapicurú. — Povoação do estado do Pará.

Itapuá. — Harpão muito curto.

Itaúba. (Madeira de) — E' rigissima e muito empregada no fabríco de canôas.

J

Jábá. — Carne secca moqueada.

Jabacopita. — Arbusto, cujas flores exhalam fragrantissimo cheiro.

Jabrebizeta. — Especie de arraia das costas brazileiras.

Jaborandi. — Planta aromatica, de folhas alternas, oblongas e lancioladas, que dá as flores em espigas reunidas, umas de um sexo e outras d'outro. Tem cheiro d'aniz.

A alfabaca de cobra, tambem no Pará é conhecida por Jaborandi.

Jabotiquara. — Povoação da margem direita do Maycuru, habitada por caboclos.

Jaboty. — E' o *testado terrestris.* Dizem os gentios que quando cae qualquer arvore sobre um jaboty, este vive sem comer até que ella apodreça. E' uma especie de kagado monstruoso, que abunda especialmente nas selvas do Tucurui e nas margens do Xingú. A sua carne é muito apreciada e comparavel á de porco.

Jaburú. — E' a maior ave ribeirinha do Brazil.

Jáca. — Fructo pouco apreciado e de grandes dimensões.

Jacamin. — Ave muito parecida com a gallinha de Angola. Tem um canto comparavel ao mugido do touro. Tambem existe no Amazonas uma arvore com este nome.

Jacaré. — E' o mesmo corcodillo da Africa. Enorme quantidade d'estes amphibios infestam os rios, lagos e igarapés do valle do Amazonas.

Principal habitante dos lagos da ilha de Marajó e o maior inimigo da creação bovina n'aquella extensa ilha.

Ha muitos de um tamanho descommunal e que são verdadeiros monstros d'estas paragens perigosas. Nas montarias algumas

vezes atacam o homem, mórmente quando se vêem perseguidos e harpoados, e vibram com a enorme cauda taes pancadas contra ellas, que fazem-n'as virar. Em Obidos, referiu-me um dos mais déstros pescadores d'aquellas circumvisinhanças, e homem sizudo, que harpoando uma vez, por engano, um jacaré, investira este furiosamente contra a montaria em que se achava, e, com tal força lhe agarrára as bordas, que as despedaçou, e victimas seriam os que n'ella estavam se a mão possante d'um remador não vibrasse contra a cabeça do monstro um golpe certeiro, que, atordoando-o, o obrigou a largar a presa.



São, em geral, mui grandes os jacarés do Amazonas, medindo alguns até 20 palmos, e mais. A cabeça é immensa, alongada e pezada, constituindo só ella quasi a terça parte do seu comprimento. Os olhos, superiores á superficie do casco, parecem indicar a malicia de que é dotado. A guéla é enorme, e tem armadas as queixadas de uma ordem de dentes, muito fortes e agudos; o corpo é sustentado por quatro patas, cobertas de uma casca durissima, assim a modo de umas pequenas conchas; o dorso é de côr escura e coberto de uma pelle rugosa e tão dura, que offerece resistencia ás balas d'espingarda, que n'ella se achatam. Para matal-os, é mistér que a pontaria seja feita nos olhos, nos ouvidos, na parte inferior da garganta ou no ventre. Em terra são muito mais perigosos do que na agua, e, dizem, que depois de terem provado a carne humana, são perigosissimos, porque assaltam com a maior temeridade.

Para atacarem mais a salvo, costumam os jacarés occultar o corpo debaixo d'agua, ficando-lhe sómente os olhos fóra d'ella, de modo a poderem espreitar a presa sem serem vistos, e, assim, muitas vezes assaltam as pessoas que, descuidadas, se vão banhar á margem dos igarapés e dos lagos.

Durante a vasante, e quando as praias ficam a descoberto, costumam sahir dos lagos e rios as femeas dos jacarés, para irem depositar os ovos nas praias e igapós. O jacaré quasi nunca se affasta do logar em que tem depositado os ovos, e, quando por qualquer motivo tem a femea necessidade de ausentar-se, ahi fica

o macho de guarda para defendel-os de qualquer perigo e preserval-os de qualquer aggressão.

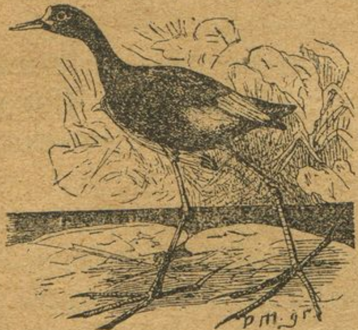
De entre todos os animaes são, talvez, os jacarés os que mais variam de tamanho no estado adulto. Um jacaré talhado para 18 ou 20 palmos, começa a multiplicar a sua especie, antes de haver attingido 8 ou 10 palmos

Asseveram diversas pessoas que o jacaré nunca ataca no no fundo dos rios e lagos, e que alli se póde passar impunemente por elles e até abalroal-os.

Ha duas especies de jacarés: o jacaré-assù e o jacaré-tinga. No Amazonas ha muita gente que aprecia á carne do *jacaré-tinga*, que dizem ser muito saborosa.

Ha ainda outra especie de jacaré, que é antes um grande lagarto, a que dão o nome de *jacaré-rana* (jacaré falso).

O jacaré exhala um cheiro fortissimo de almiscar, que é realmente insupportavel.



Jaçanã. Ave pernalta, muito vulgar no Amazonas.

Jacumá. Remo curto, que serve de léme ás montarias.

Jacumaíba. Piloto das montarias e pequenas embarcações do Amazonas.

Jacundá (Rio). Corre parallelo ao Tocantins; é pouco extenso, mas um dos mais notaveis entre o Tocantins e o Pacajá.

Nas primeiras doze léguas contadas de sua fóz, varía a largura d'este rio entre 100 até 300 braças, com fundo sufficiente para navegação a vapor.

As terras das margens são altas para o centro e baixas na sua barra e em alguns outros logares. Encontram-se n'ellas excellentes madeiras de construcção, como itaùba, pau-rosa, acapù, cedro e maçaranduba; ha tambem grande abundancia de castanhas e jutahi-sica, oleo de Copahyba, cravo, borracha e cumarù.

«Passada a bôca dos Bócas, á mão esquerda, — escreveu o padre José de Moraes, — costeando a terra firme, vamos topar com a bôca do rio Jacundá, que corre da mesma fórma que os rios Araticú e Bócas, julga-se por maior que os dous, e terá pouco mais de um quarto de legua de largura.. Defronte da bôca do rio Jacundá fica uma grande ilha, distante oito leguas da dita bôca, aonde está situada a aldeia de Guaricurû *(ou Aricurù, hoje Melgaço)*, dos Religiosos da Companhia, e consta dos indios Nheengaibas, que ainda hoje se gloriam de serem reduzidos pelo grande padre Antonio Vieira.»



Jaguar. Vide *Onça.*

Jacurutu. Ave nocturna. Tem a cabeça parecida com a do gato; alimenta-se de passaros, cobras e outros reptís. De todas as noctivagas é a que mais apavora, quando quebra a mudez da noite com as suas grandes grasnadas lugubres.

Jacytára. Especie de cipó, que deita muitos rebentos, que se estendem pela floresta a grandes distancias. Da jacytára tiram-se varinhas com que se áta a madeira e a palha da casa dos indios e com que se apertam os mólhos de tabaco; fazem-se assentos de cadeiras, cêstos e outros muitos objectos.

Jambo. Fructo que se suppõe oriundo do Oriente.

Jamundá. Rio que divide os estados do Pará do Amazonas, perto de Obidos.

Jandaira. Abelha que produz grande quantidade de mel.

Japecanga. Trepadeira muito vulgar nas florestas do Pará.

Japiim. Ave de que o valle do Amazonas contém diversas variedades. Tambem é conhecido por *chéo-chéo.*

E' uma das mais bellas aves do Brasil, e conhecida por um ou outro d'estes dous nomes. O seu tamanho é regular e só tres as suas côres: preto, amarello côr de ouro, e azul claro. O corpo é na maior parte preto, o encontro das azas amarellas, igualmente o bico e a parte inferior do meio do corpo para a cauda, os olhos azues mui luzidios, as pennas macias e lustrosas como setim. E' o Japim pouco admirado em razão de ser vulgarissimo em quasi todo o Brasil, e principalmente em Pernambuco, Parahyba, Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas. O seu ninho é um dos mais raros, não só pelo engenhoso de seu tecido, como pela similhança com um matraz, pois só tem uma abertura na parte superior que lhe serve de entrada. Tem por costume dormir dentro do ninho, mesmo sem estar chocando. O que mais admira n'esta ave é a facilidade e a perfeição com que arremeda o canto de grande parte de suas companheiras; chega a tal ponto esta imitação, que muitas vezes os caçadores inexperientes só conhecem o engano depois de terem procurado por muito tempo a ave imitada. Não é facil domestical-a, em razão de amar muito a liberdade; algumas ha, comtudo, que, roubadas dos ninhos, vivem e se tornam mansas, porém nunca chegam a cantar com tanta perfeição. Procuram para residirem a mais frondosa arvore perto das casas e ahi se junta grande quantidade d'ellas, formando uma variadissima orchestra

de encantadores gorgeios. Proprietarios ha que prohibem fazer-se-lhes mal, só pelo prazer de gozarem tão melodiosa e suave harmonia. E em verdade são dignos de attenção os diversos cantos dos japiins, como se na mesma arvore houvesse grande variedade de outras aves. A par d'essa propriedade, extremamente singular, teem o defeito de conter em suas pennas uma cantiga bastante enjoativa.

Japurá. Rio que corre das cordilheiras da Colombia. Uma parte do seu curso é obstruida por quedas d'agua, o que não evita que elle seja navegavel n'uma extensão de mais de 1:000 kilometros.

Jaquirana-boia ou **Jiquiranaboia.** Animal alado, do feitio de uma cobra, que uns dizem ser venenoso e outros inoffensivo.

Apezar do que tenho ouvido no Amazonas a respeito d'este animal, inclino-me a que elle seja inoffensivo ou que existam duas especies, uma das quaes de ferrão venenoso.

O sr. F. da Silva Castro, falando a respeito do dito animal, exprime-se assim:

«E' uma verdadeira borboleta em ponto grande, cuja cabeça se torna notavel pelo excessivo volume, representando uma protuberancia vesiculosa alongada, de estranha configuração. Os indios a tem comparado com a cigarra, e d'ahi veiu chamarem-n'a *jakirana* (cigarra em lingua tupy); e como lhe attribuem qualidades maleficas e venenosas, accrescentam-lhe o epitheto *boia*, que na mesma lingua significa *cobra* e por isso muita gente lhe chama *cobra de azas.* No entanto este insecto é inoffensivo; e tudo quanto se conta de estragos e morticinios por elle causados em tripulações de canôas, em aldeias de indios, nas roças, etc., não passa de uma mera historia fabulosa e imaginaria, adrede arranjada para amedrontar os espiritos ignorantes e crédulos.»

Entretanto, pessoa que nos merece plena fé, assegurou-nos que a verdadeira *jaquirana-boia* não é a inoffensiva lagarta ou cigarra, que assusta a tanta gente, mas uma outra, que apparece no rio Madeira, a qual tem azas e bôca armada de finos e aguçados dentes, não possuindo, porém, ferrão. O seu comprimento é pouco mais ou menos de um palmo.

Jararaca. Cobra muito venenosa. Vidè: *veneno das cobras.* Planta da familia araceas.

Jararacuçus. Cobra muito venenosa. Vidè *veneno das cobras.*

Jary. Rio nascido na Guiana Brazileira. Corre de N. a S. a lançar-se no Amazonas. E' navegavel por mais de 30 leguas. As suas margens são baixas e alagadiças, em geral.

Jatuaiba. Arvore das poucas que no Brazil mudam de folha. Temos ouvido dizer que a sua raiz produz effeitos purgativos e póde tambem ser applicada contra a esterilidade das mulheres.

Jauara-Icica. Especie de resina ou breu, de côr escura, cheiro activo e sabor acre. Emprega-se como betume.

Jauary. Planta de cujos folios se extraem fibras com que se fabricam excellentes redes, boas cordas e diversos tecidos. Rio que separa o Brazil da republica do Equador e do Peru. Tem mais de 700 kilometros de extensão.

Jauamaxim. Rio, affluente do Tapajoz e que como este tem muitas cachoeiras.

Jejú. Peixe habitante dos pequenos riachos, poças e pantanos.

Jenipapo. Arvore do tamanho da nogueira, muito ramosa e folheada, que nasce espontanea nas margens dos rios. Dá fructos do tamanho e feitio de grandes limas, de côr esverdeada a principio, que se vão tornando pardas á medida que amadurecem. Os fructos comem-se, polvilhados de assucar e da madeira fazem-se rémos, formas de calçado, coronhas, etc. A raiz é purgativa.

Jerupary. E' um dos espiritos diabolicos dos indios.

João Borges Alves.—Antigo capitão de navios, natural da ilha Terceira. Commandára longos annos vapores da navegação fluvial da praça do Pará para o alto rio Amazonas, sendo mais tarde socio ostensivo da importante firma commercial paraense de A. Berneaud & C.ª, hoje em liquidação, que succedera á mais antiga casa de commercio aviador do extincto visconde de Santo Elias, de saudosa memoria.

E' proprietario e capitalista abastado, tendo occupado cargos de direcção em bancos e companhias anonymas da cidade de Belém, onde desempenha, presentemente, as funcções de director da «Fabrica de Cerveja Paraense,» da poderosa companhia «Garantia da Amazonia» de seguros de vida, e da «Amazonia» de seguros contra fogo.

E' cavalheiro de trato ameno e de caracter lhano e philantropo.

João Coelho (Dr.)—Na data do seu anniversario, em 9 de julho de 1906, escreveu o *Jornal*, de Belem, o seguinte:

Bom, immensamente bom, intelligentissimo, com um caracter que não dobra e um coração repleto de bondade; além disso, dotado dum espirito de lealdade que não tolera a mais leve sombra.

de traição; politico que não mede sacrificios para servir a causa do seu partido; tendo aberto na sociedade em que vive, nas rodas intellectuaes e affectivas da sua terra um largo circulo de amisades sincerissimas, o dr. João Coelho, porque completa annos amanhã, começa a sentir que em volta do seu nome vão-se erguendo ondas de sympathias e de considerações.

Secretario de uma repartição onde é amado, presidente da camara dos deputados, com a confiança absoluta do sr. senador Lemos, que o presa muito, já como politico, jà como cavalheiro, o dr. João Coelho é uma figura dominante, sempre nimbada de apreço e de affecto, atravessando a sociedade com o orgulho de um forte e a meiguice de um generoso.

Todos os annos a data do seu anniversario natalicio enche-lhe a casa de amigos que gritam o seu nome, desvairam-se de alegria, acclamando-lhe a individualidade sympathica, com uma linha fidalga, desenvolvida nos moldes da mais severa educação.

Jornal (O) Excellente folha diaria, superiormente redigida, que vê a luz da publicidade em Belém do Pará. E' propriedade do ex.^mo^ sr. Senador Antonio de Lemos. Além d'um copioso serviço telegraphico, publica secção litteraria muito cuidada e importantes artigos politicos.

Jornal do Commercio. Folha diaria, fundada em Manáos pelo distincto jornalista Rocha dos Santos.

José Fernandes Antunes.—Negociante brazileiro, natural do Estado de Piauhy, socio gerente da importante casa commercial do Pará, de Montenegro & C.ª com filial em Manáos.

Esta firma, cujo objecto principal do seu negocio é a importação e aviamentos para os extractores do leite da seringueira, para o alto Amazonas, possue vapores proprios, trapiches de carga e descarga, officinas de artes metallurgicas e de reconstrucção naval, emprezas industriaes e de navegação, etc.

José Antunes, que é amigo carinhoso e incondicional dos portuguezes, sendo grande a lista dos serviços que elle lhes tem prodigalisado e dos muitos actos expontaneos e cavalheirescos que pratica continuamente, é director de varias emprezas locaes, notadamente, da «Garantia da Amazonia», da «Fabrica de Cerveja Paraense» e da companhia «Paraense de Navegação a Vapor», ora em liquidação.

José Maria da Cunha Cerqueira.—E' portuguez, e dos de lei. E' o decano dos ferragistas do Pará, o fundador e principal capitalista do grande estabelecimento de ferragens á rua 15 de Novembro, da firma Cunha Cerqueira & C.ª, d'aquella cidade.

Ninguem o excede no conhecimento da especialidade do seu

commercio, nem em actividade, pertinacia e dedicação pelos seus concidadãos e pelas coisas da patria.

E' membro proeminente da commissão consultiva do Consulado de Portugal n'aquelle districto.

Coração francamente aberto a todas as obras generosas e uteis, tem prestado ás associações portuguezas desta parte do Brazil, os melhores serviços da sua desmedida dedicação.

Nada, pois, mais justo e merecido do que a homenagem que prestamos nestas correntias linhas ás suas brilhantes qualidades de trabalhador, de cavalheiro e de patriota.



J. M. da Cunha Cerqueira

José Carlos da Rocha Franco. — E' o velho serviçal do consulado do Parà, ha quarenta e dois annos a serviço de Portugal n'aquellas paragens do grandioso Brazil. E' o chanceller-secretario do consulado, tendo varias vezes, mesmo durante longos annos, desempenhado as funcções de consul.

Encaneceu no serviço publico, pobre como Jôb, mas rico de sentimentos bonissimos, dotado d'uma bonhomia encantadora e simples.

Juçara ou **Assahyseiro.** E' uma palmeira muito alta, de tronco delgado, liso e flexivel, de que se faz uma especie de ripas. A juçara ou assahyseiro produz junto ás folhas, cachos muito grandes de bagos rôxos, do tamanho de cerejas, que amassados em agua dão uma bebida muito apreciada.

Julio Verne. Este grande romancista e homem de sciencia foi infeliz quando no seu romance, *A Jangada*, se referiu ao curso do Amazonas.

Desde a falsa descripção do Pará até á inversão de costumes e denominações locaes, as suas pretensões de conhecimentos encyclopedicos orçam pelo impraticavel das suas narrações.

Paz aos mortos..

A Academia Franceza premiando a *Jangada* mostrou que sabia tanto do Amazonas como.. Julio Verne.

De resto não temos que admirar-nos: — os escriptores francezes

no que diz respeito a Portugal e ao Brazil, são pouco escrupulosos.

Jurará (no Maranhão e *Mussuãn* no Pará). Kagado de pequenas dimensões que habita nos lagos e campos de creação d'estes dois Estados. E' manjar delicado e muito saboroso.

Jurará-assú. Uma das maiores tartarugas de agua dôce.

Juratauhy. Ave noctivaga do tamanho d'uma gallinha pedrez. O seu canto assemelha-se a gargalhadas de escarneo.

Jurity. Rola cinzenta, de peito esbranquiçado; quasi sem pennas na cabeça. A sua carne é excellente.

Juruá. Importante rio do Alto Amazonas. Tem nas suas margens, entre outras as seguintes povoações: Fonte Boa, que fica a 568 milhas da séde do estado; Coapiranga, a 594; Juruápuga, a 838; Gavião, a 894; Marary a 1:093.

Jurunas. Tribu das margens de Xingú.

Juruna, quer dizer *boca preta:* de *juru*, boca e *una*, preta. Foi ao costume de pintarem os beiços de escuro que esta tribu deve o seu nome.

Habitaram desde a Praia Grande até á Pedra Secca. Na actualidade é tribu pouco numerosa.

Jurupari-Pindá. E' este o nome porque é conhecida uma das mais fortes correntes do Solimões. Em lingua geral significa: *anzol do diabo.*

Jurupari ou **pelle do diabo.** Casca que, queimada, dá fumaça bastante forte. Sorvida produz alivio á mais violenta dôr de cabeça.

Juruty. Extincto municipio outr'ora situado na bacia central do Amazonas. O censo de 96 dava-lhe 2.534 habitantes.

Jutahy. Leguminosa de que se extrahe a gomma copal. Ha muitas diversidades d'estas arvores, cujas madeiras são apreciadas. Da casca fazem os indios canôas.

Jutaicica. Resina de jutahy, applicada em ceramica para lustrar as peças.

Jutalea. Ilha da Bahia de Marajó.

K

Kamichi. Ave pernalta, que se distingue por ter dois esporões em cada aza.

Kerosene. Nome porque é conhecido no Amazonas e em todo o Brazil, o petroleo.

L

Labrea. Povoação fundada em 1871 pelo sr. Labre. Fica situada na margem direita do rio Purús, abaixo da foz do Ituxy, 4 milhas pouco mais ou menos, aos 7.º 18′ 43′′ de latitude sul e 64.º 47′ 15′′ de longitude oeste de Greenwich e 692 milhas da foz do Purús.

Esta povoação é salubre, tem um ponto de vista magnifico, está cercada de immensas riquezas naturaes, como que lhe servindo de berço, com vastas florestas virgens e palmeiras, cujos terrenos são de summa fertilidade para toda e qualquer especie de cultura do clima do norte do Brazil e com campos de ricas pastagens para gado na distancia de tres e quatro leguas: ha fontes de agua potavel, longe do rio, cristallina e boa.

Os moradores possuem bonitas plantações; as terras são mui ricas em estrumes e de facil cultivo.

A população d'este municipio está calculada em 40:000 almas, não entrando em linha de conta os habitantes das tribus indigenas, que representam um numero consideravel.

Lages. Sitio pouco distante da foz inferior do Ramos, na margem direita do Amazonas.

Lagos do Amazonas. Dos muitos que existem, os mais notaveis são os seguintes: Saracá, Manacahuru, Lago Grande, Amapá, Faro, Arary, Melgaço, Montalegre, Juruty, Manaquiri, Cudajaz, Autazes, do Rei, Derury, Anamá.

Quasi todos estes lagos communicam com o grande rio, ainda no verão. Só nas vasantes extraordinarias seccam completamente alguns canaes.

Pelo inverno, no interior dos Lagos, de que alguns teem mais de 40 palmos de profundidade, navegam grandes canôas. E' nos lagos que, durante o verão, se fazem as mais abundantes pescarias, principalmente do pirarucú, que constitue um ramo importante do commercio do Pará e Amazonas.



Senador Antonio José de Lemos

Os lagos do valle do Amazonas não teem uma grandeza correspondente aos seus rios e florestas, mas são muito numerosos e de margens formosissimas.

Leite *(Angelo)*. Portuguez distincto e trabalhador incansavel. Com o seu esforço e intelligencia conquistou o logar eminente que hoje occupa na praça do Pará, onde é negociante respeitadissimo. A sua muita modestia prohibe-nos de aqui lhe estamparmos o retrato, como era nosso desejo e dever; mas não evita que lhe registemos o nome como um dos mais dignos membros da colonia portugueza em Belem.

Lemos *(Senador Antonio José de)*. Intendente municipal de Belem, agora reeleito pela quarta vez, senador do Congresso legislativo do Pará, coronel commandante superior da guarda nacional do Pará e chefe do partido republicano paraense. A respeito d'este elevadissimo caracter, escreveu, com maior brilho do que nós o poderiamos fazer, o sr. Tito Franco:

. . . .

«E, n'esta condição de espirito, Belem é uma surpreza.

«Aqui—apenas os poucos quarteirões da villa antiga recordam o aspecto geral e acachapado das povoações do Norte. O mais encanta: é bello, é salubre, é moderno, são paizagens encantadoras, oásis orgiacos de arvores prodigas de folhas, que o sul desconhece e cuja exuberancia põe tonturas no olhar.

«Aqui—o *touriste,* logo além do trapichete da guarda-moria, já bem impressionado pela lufa-lufa do porto, na intensa febre das ruas commerciaes, sente, desde logo, uma outra seiva e uma outra vida.

«Mas a belleza do Pará está sobretudo nas praças. Aos primeiros passeios, Baptista Campos, a praça Rio Branco, Dom Frei Caetano, Independencia, e Republica, longamente deixam, na retina do visitante, uma inesquecivel sensação de calma e symetria, que vem dos renques floridos e frescos, dos verdes ramaes primaveris, dos riachos, dos castellettes, das veredas artisticas, e, aqui e ali — brancos, redondos, immoveis, agora inuteis — os fócos redondos e grandes da illuminação electrica.

«Para tanto, foi preciso que a classica indolencia nacional tivesse um desmentido, no grande reformador de Belem--ANTONIO LEMOS.

«A elle, á sua energia e á sua dedicação, ao seu espirito claro e culto, feito de methodo e de ordem, ao seu amor pelo municipio que rege, á fortaleza inquebrantavel do seu animo, superior ás diatribes impertinentes do despeito, deve a cidade de CASTELLO BRANCO o seu adiantamento. Politico e administrador de larga

intuição clarividente, ANTONIO LEMOS, n'uma synthese rara, reune todas as qualidades necessarias para a tarefa que está emprehendendo e que o ha de immortalisar. Diariamente, o seu trabalho é espantoso: tudo quanto, porventura, se refira a engrandecimento d'esta terra, elle o estuda com carinho, e resolve, sempre com segurança, dia a dia, tanto as questões palpitantes da politica estadual, como as difficuldades administrativo-economicas da gestão das coisas municipaes.

«Pouco importa que disenções pequeninas ou clamorosas injustiças partidarias tentem, quando em quando, feril-o. E' mais velha do que o mundo a maxima de que ninguem atira pedradas ás arvores que não dão fructos. E, COLBERT, uma das figuras predominantes e sympathicas do seculo XVIII, o patriota que sonhou com a supremacia economica da França, foi enterrado á noite e ás occultas, para que o cadaver escapasse aos insultos e á sanha dos agitadores e dos demagogos de então.

«A obra de ANTONIO LEMOS, como supremo director do municipio de Belem, ahi está, vibrante e viva, immarcessivelmente forte, na cidade moderna, na cidade salubre, na cidade formosissima... Olhae! O seu nome é repetido, com louvor, por estas arvores, estas ruas, este conforto, estas praças.

E tu, Verdade viril por quem trabalho, saibas sempre conseguir que a alma agradecida dos melhores paraenses rodeie, cada vez mais, de caricias sem conta a existencia d'aquelle a quem deve o limpido fulgor das suas louçanias, para cujo conseguimento, d'esta columna modesta, ó Verdade impessoal, o teve, como diria PETRARCA, soberano e intransigente espirito

qual is mi sia, per la mia bocca s'oda».

Lendas Amazonicas. Todos os povos que habitam o grandioso valle do Amazonas tem as suas lendas, as suas historias, algumas das quaes, além da moralidade que encerram, podem dizer-se encantadoras pela ingenuidade primitiva que as enroupa e pela poesia simples que as perfuma.

Na impossibilidade de dizermos de todas quantas por lá recolhemos, diremos n'este logar apenas d'uma, que já ha annos contámos n'um jornal, pela seguinte fórma:

Com treze dias de viagem, seguindo o curso do Rio Negro, e faltando-nos ainda sete jornadas para alcançarmos a confluencia do Amazonas, chegámos uma tarde á *oca* (cabana) d'uma velha india da *taba* (aldeia) de Yara. O céu, d'um violeta forte, mostrava quasi a um metro da floresta longinqua, que formava o horisonte,

o globo sanguineo do sol, que ia desapparecer. A *jakizana*, occulta entre o bastio do cannavial, prognosticava tempestade com o seu canto monotono e os *tuyuzús* roçavam com as suas grandes azas de neve o negro polido das aguas do rio. Ia terminar o dia, que fôra d'um calor ardente. A fadiga da jornada forçára-me a estender-me logo á entrada da cabana, aguardando a *mexira* que a tapuya preparava lá dentro, adubada com oleo de *bacaba* e *carura*. Na minha frente um bosque de *tucumans* frondosas ostentava os seus lindos penachos amarellos e vermelhos, por entre os quaes se via saltitar o negro *cuatá*. As *ygaras*, no rio, vogavam ao sabor da mesma corrente, tripuladas por pescadores do saboroso *tucunaré*, emquanto qne o *jacamim*, volitando sobre a ramagem escura do *ipadú*, annunciava com o seu canto soturno a approximação da noite.

A tapuya trouxera-me a refeição nocturna assegurando-me que o gado estava pensado na *caiçarda* e que os camaradas disfructavam o sueto conversando as moças da aldeia. Comi com a voracidade propria dos vinte annos e d'um dia de fadiga. Quando acabei, o sol tinha-se mergulhado na sombra da floresta e o crepusculo avançava com rapidez prodigiosa.

A velha tapuya, sabendo que eu não fumava cachimbo, trouxera-me um dos interminaveis cigarros de *tacuary* e veio sentar-se ao meu lado, pedindo noticias das terras distantes, onde os homens eram *flores de espuma.*

Cahia a noite; os vapores condensados na atmosphera tinham velado as luminosas estrellas que em todo o Brazil nos arrancam interjeições de admiração. A noite apresentava-se escurissima, brilhando apenas, de espaço a espaço, a luz amarellenta d'um relampago longinquo.

Repentinamente, sobre a minha cabeça, um som estranho fez-se ouvir; era comparavel ao ruido produzido pelo rasgar prolongado d'uma porção de chita.

A velha tapuya que fumava, dormitando, o seu cachimbo de barro, ergueu-se, temerosa, e abrindo os seus olhos fendidos em amendoa, que brilhavam na escuridão da noite, disse-me:

— Meu branco, canta a *hiumara*, temos de recolher. Quando ella canta dá-nos o aviso de que a *curupira* deslisa sobre a agua, chamando-nos ao abysmo de que só o *pagé* poderia salvar-nos. Hontem eu ouvi cantar por tres vezes a *macaua'n;* hoje canta a *hiumara;* forte desgraça nos espera se nos não refugiarmos perto do fogo da cabana. E este logar, que é tão perigoso... soluçou a pobre india.

Duvidar das crenças dos indios é incorrer no seu desprezo e

nas suas iras. Ergui-me, pois, e acompanhei a pobre velha para junto do fogo, que crepitava ao fundo da cabana. Não pude, porém, conter-me que lhe não perguntasse em que consistia o perigo d'aquelle logar.

— Eu te digo, meu filho — contestou ella, sentando-se junto do fogo e accendendo o seu cachimbo. — Quando os brancos ainda não tinham vindo a esta terra, trazidos pelas azas palpitantes das grandes aves do mar, viviam ali defronte, na outra margem do Rio Negro, muitas familias de tapuyos, felizes e alegres. Um dia, um moço d'essa aldeia, que vivia com sua mãe, dirigiu-se em uma pequena *ygara* ao transparente regato que banha a verde ponta do Taruman.

Entre os filhos de *Tuchãu* nunca tinha apparecido nenhum mais valente e ousado.

Não havia, entre os mysteriosos palmares das margens do Rio Negro, quem com mais destreza manejasse a *zarabatana* temivel, cuja flecha certeira cortava no meio dos ares o vôo rapido e incerto da *araucuãn*.

Ninguem com mais coragem brandia a *tacapé* e entesava o arco.

Nos jogos com que celebravam as festas da lua, sempre o logar da victoria era dado ao moço tapuyo, ante quem até os velhos se curvavam reverentes.

Era o orgulho da tribu; a honra da familia; a esperança de todos e a alegria de sua mãe; era o digno successor do velho tucháun, que tantas vezes fizera morder a poeira ardente aos ferozes Mundurucús.

Mas a aza negra da *anhangá* roçou um dia pela tribu feliz que vivia lá ao fundo, do outro lado do rio, onde o branco viu o cannavial vergar-se sob o açoute da ventania.

O moço tapuyo dirigiu-se um dia em uma *ygara* ao transparente regato, que banha a ponta verde do Taruman.

A tarde estava formosa e o sol que se occultava já por traz da fertil collina sombreada por espessa matta, reflectia-se brilhante nas aguas da linda bahia que o branco viu esta tarde.

O céu estava limpido e transparente, formando as nuvens no horisonte un franjado de ouro e rosa.

E a *ygara* tripulada unicamente pelo moço tapuyo cortava ligeira as aguas buliçosas do rio.

Mas o rosto do moço era triste como o canto da *hiumara*. Voltando do passeio bem tarde, atou a *ygara* ao tronco da *mamaurana* e a noite passou-a sentado na soleira da choça, pensativo, taciturno e proferindo de quando em quando palavras entrecortadas e sem sentido.

E a pobre mãe, velha tapuya que o amava com esse estremecimento dos corações das selvas, chorava silenciosa ao ver a tristeza profunda que sombreava o semblante do filho.

—Ouve, mãe; escuta, porque só a ti me atrevo a contar tristezas que me pungem a alma:

—Era uma moça linda. . tão linda, como ainda não encontrei assim entre as filhas dos Manaus;

—A tarde era bella e a *ygara* vogava ligeira com rumo á ponta verde do Taruman;

—De repente ouvi como um canto longiquo, como uma voz harmoniosa, que se confundia com o ciciar da brisa por entre as folhas das palmeiras;

—E a *ygara* cortava ligeira as aguas do rio e mais distinctos me chegavam aos ouvidos os sons d'aquella voz que cantava;

—E depois eu a vi... como era bella a mulher...

—Estava sentada á beira do rio. Tinha os cabellos louros como se fossem de ouro, presos por flôres de *mururé* e cantava e cantava... como nunca ouvi assim.

—Depois ergueu os olhos para mim, sorriu um momento e estendeu-me os braços como se me quizesse enlaçar e desappareceu por entre as aguas do *igarapé*, que se abriram para recebel-a;

—Como era linda a moça, mãe; como eram melodiosos os sons da sua voz!

Dos olhos da velha tapuya rolaram pelas faces tostadas duas lagrimas ardentes.

—Filho, murmurou, não voltes mais ao *igarapé* do Taruman. A moça que ali viste é a *yara*, filho!... Seu sorriso é a morte... não lhe ouças a voz para que não cedas ao encanto ..

E o moço tapuyo, sentado á porta da cabana, deixou pender para o chão a fronte pensativa.

E no dia seguinte, ao erguer da lua, a *ygara* cortava de novo, ligeira, as aguas do Rio Negro. N'ella ia o moço tapuyo, o esquecido dos conselhos maternaes.

O que lhe aconteceu depois ninguem o sabe, porque tambem ninguem mais o viu.

Os pescadores, porém, que a altas horas da noite se afoitam a passar pelo *igarapé* do Taruman, ainda hoje lá vêem um vulto de mulher que entoa uma canção mysteriosa e ao lado d'ella um vulto de homem.

Se algum mais ousado se aproxima abrem-se as aguas para o sepultar.

E por todos estes logares, meu branco, quando se ouve cantar a *hiumara* é preciso refugiarmos-nos junto do fogo para que o genio mau do filho desobediente não venha arrebatar-nos para o fundo negro do rio.

Quando a tapuya acabou de contar-me a poetica lenda a tempestade desencadeava-se sobre as nossas cabeças. Os raios como serpentes de fogo, cruzavam a atmosphera em todas as direcções, fendendo em mil pedaços as arvores gigantescas da floresta. O vento bramia loucamente, destroçando tudo quanto encontrava resistente na sua passagem. Era o tufão que passava nos céus, descendo o valle do Amazonas.

— Meu filho; — disse-me ainda a velha tapuya, deitando um braçado de lenha no fogo, que principiava a extinguir-se — o branco é ainda muito creança; grave na face do seu coração o castigo do filho desobediente e quando no caminho da sua vida deparar a flor branca da experiencia não se despreze de a guardar no fundo da sua consciencia para a transmittir viçosa a seus filhos, se um dia os tiver.

Letras protestadas. Durante o anno de 1898 foram protestadas por falta de pagamento, em Manáos, 183 letras, na importancia de 550:255$223 réis,

Licinio Silva (Major). Official de gabinete do sr. dr. governador do Estado do Pará e um dos mais brilhantes jornalistas paraenses. Tem dirigido com inexcedivel competencia *O Jornal* e muitas outras publicações.

Lingua geral. Assim é vulgarmente denominada a lingua tupy ou guarani. E' fallada ainda hoje pelos indios da America do Sul, desde as Guianas até aos pampas da Patagonia. Todos que tenham de conviver com os indios devem aprender esta lingua porque elles sentem-se lisongeados sempre que ouvem fallar a sua lingua aos brancos.

Lisboa (Coronel Adolpho Guilherme de Miranda). É capitão do exercito nacional e foi coronel commandante do Regimento Militar do Estado do Amazonas, cargo que desempenhou com notavel brilho, reorganisando aquelle regimento, que é um dos mais luzidos e disciplinados do norte do Brazil.

Actualmente é superitendente do municipio da capital, cargo em que tem prestado os mais valiosos serviços, luctando pelo embellezamento da cidade, restaurando as finanças municipaes por medidas acertadas e patrioticas.

Livramento. Importante estação da Estrada de ferro de Bragança. Fica situada nas margens do rio Maracanã a 24,550 de altitude.

Livraria Classica. Importante estabelecimento pertencente ao sr. J. J. da Camara, em Manáos.

Lombrigueira ou **Cuaxingúba.** Arvore pertencente á familia das urticaceas de que se extrahem filamentos para tecidos.

D'esta arvore escolhem os indios os troncos mais grossos, cortam-nos no comprimente que querem tenha o panno e fazem-lhe na casca uma incisão longitudinal. Por entre os labios da incisão introduzem uma palmeta de madeira, disposta á maneira de cunha, para separarem a casca do tronco. Separam-n'a ainda da epiderme verde, vestem de novo o tronco, batem-n'o e expellem a humidade.



Coronel Adolpho Lisboa

A medicina emprega com vantagem o leite ou gomma-resina liquida da *cuaxigúba* pela sua acção authelmentica e caustica.

Costuma-se tomar de um a dous escropulos em café ou agua pela manhã, em jejum, por alguns dias consecutivos.

O seu effeito é real, mas tambem bastante arriscado o seu emprego, porque póde produzir violenta gastro-enterite ulcerosa, em consequencia da propriedade caustica que possue e causar a morte em poucos dias, como já tem acontecido.

Isto, porém, succede quando se dá o leite em quantidade maior do que a prescripta.

Louro Mamuy. Tem a propriedade da agua raz e como tal se emprega.

Luiz Filgueira (Padre). Jesuita e um dos primeiros que missionou no Xingú.

Este padre, naufragando na ilha de Marajó, foi victima, assim como os seus companheiros, dos indios Aroães, que depois de o matarem o comeram. A interessante narrativa d'esta tragedia encontra-se nas *Memorias para a historia do extincto estado do Maranhão. Rio 1860. Pag. 212 e seg.*

Lyceu Benjamin Constant. Com respeito a este magnifico estabelecimento paraense, a que nos referimos em outros pontos d'este trabalho, escreveu em 9 de maio de 1906, a excellente folha *O Jornal*, o seguinte:

Tem crescido progressivamente a matricula de alumnos no Lyceu Benjamin Constant.

Até hontem o respectivo livro, accusava o elevado numero de 210 alumnos.

Ora, comprehendendo-se ser este estabelecimento exclusivamente destinado ao ensino das classes operarias, para quem o dia não basta para o trabalho donde auferem os parcos salarios com que se mantêm, é um symptoma bastante animador para uma casa dessa ordem, o elevado numero de matriculados, a quem a força de vontade faz esquecer as fadigas do labor diurno, encaminhando-os para mais essa tarefa nocturna, de reaes e incontestaveis proveitos.

E' por esta fórma que se deve encarar o alcance social e moral destas instituições ás quaes, cumpre não ser recusado o maximo favor em pról da sua propria manutenção.

Alli, naquelle educandario, onde ha longos dezesete annos de continuo trabalho, se vêm instruindo centenas de operarios aos quaes quasi faltam os recursos para a propria subsistencia, cada anno que se abre maior parcella de candidatos leva á sua matricula, tendo tido occasião a directoria respectiva de providenciar no sentido de augmentar o mobiliario escholar nas differentes aulas.

Todo o corpo de professores é animado da melhor boa vontade e com a intuição perfeita das necessidades do ensino, não poupa esforços afim de ser uma realidade louvavel o funccionamento dessa casa protectora do proletariado, que é o Lyceu Benjamin Constant.

Nesse meritorio proposito, ha ultimamente instituido o corpo docente para os alumnos do Lyceu, medidas de encitamento e amôr pelo estudo, sem esquecer os magnificos premios creados pelo regulamento interno e annuálmente distribuidos pelos mais distinctos.

Durante a semana finda inspeccionou o ensino naquella casa o proprio director, senador Dr. Pereira Guimarães, sendo as suas impressões as melhores sobre o que alli observou, e as referencias mais elogiosas para os professores.

Na actual semana faz aquelle serviço didactico o sr. Antonio Smith, commerciante portuguez membro do Conselho administrativo e cavalheiro de assignalado criterio e dedicação.

M

Macacos (Rio dos). E' uma ramificação do rio dos Breves. Segue do poção dos Macacos para E. depois de receber alguns affluentes, inclina-se para o N. e entra no Aramá a E. da confluencia d'este com o Jaburá.

Macapá. Cidade situada sobre a margem esquerda do rio Amazonas. Tem 6.390 habitantes, e produz muito cacáo, tabaco, borracha, couros, gados, peixes salgados e grudes. Tem fortaleza, tempos coloniaes e guarnição militar.

Macaxera. E' uma raiz tuberosa semilhante á da mandioca, roliça e adelgaçada para a extremidade. Na casca, aspera e parda do tuberculo contem uma substancia compacta e adocicada, tendo um eixo fibroso ao centro. Cozida ou assada substitue o pão; ralada produz uma fecula de que se faz a melhor farinha para pudings e bolos. Em agosto de 1905 vimos na Bahia uma macaxera que pesava 42 kilos e que tinha sido colhida nos terrenos da ilha Itaparica, que ficam a 12 milhas da cidade.

Macucu-mirim. Com a infusão da entrecasca d'esta arvore é que dão uma especie de mordente nas cuias, sobre o qual assentam depois as tintas. Nasce pelas margens dos rios com a raiz debaixo d'agua.

Maçaranduba. Uma das arvores mais gigantescas do Amazonas.

E' facil distinguil-a no meio das florestas em que cresce. Ergue-se do solo em linha recta, diz o sr. F. Penna, como o tronco do muriti, e, como este, despida de galhos, apresentando na parte superior uma bella corôa de ramagens. As folhas são oblongas, de 1 até 2 decimetros de comprimento, verde-escuras e lustrosas na face e de um amarello pardo no dorso, com bordos lisos e nervuras mais tenues e regulares do que as do abricoseiro, formando um tecido espesso e quasi coriaceo.

O tronco eleva-se á altura de 20 a 25 metros e é revestido

de uma casca tuberculosa como a do castanheiro, e cuja superficie verde-negra é alterada por numerosas manchas brancas. Os seus fructos globulosos, muito menores do que um pecego ordinario, encerram uma polpa saborosa. A madeira é uma das melhores e mais procuradas para construcção de casas e de embarcações de qualquer dimensão ; ella resiste, mais do que qualquer outra, á acção destruidora do tempo dentro da agua. E' dura e rija, fina e de facil brunidura.

As partes empregadas da maçaranduba são — o leite ou gomma—resina liquida, que se obtem fazendo-se na casca uma incisão transversal, que chegue á madeira.

Toma-se internamente, combinado com algum cosimento emolliente ou peitoral em partes iguaes, e externamente em emplasto estendido sobre a pelle e coberto com algodão.

E' empregado com vantagem nas molestias do peito.

No Pará e no Amazonas usam d'elle como alimento e tomam-no misturado com café ou chá, tornando assim mais saborosas e nutritivas estas bebidas.

O leite de maçaranduba, combinado com a borracha presta-se ao fabrico de mil artefactos, como cadeias de relogio, anneis, castiçaes, bandejas, pulseiras etc. Um vaso de porcellana ou de barro, diz o Sr. F. Penna, uma cadeira ou qualquer outra peça de copa e de mobilia, que se quebre, recebendo no lugar fracturado uma camada d'este leite, torna-se tão perfeitamente soldada, que toma, por assim dizer, maior consistensia e solidez do que antes possuia.

Madeira (Rio). E' um dos grandes affluentes do Amazonas e um dos mais importantes pelos valiosos productos que encerram as suas margens e por ser o caminho mais facil para o Estado de Matto Grosso e para a fronteira da Bolivia. E' formado pela reunião de dous grandes rios, o *Guaporé* e o *Mamoré*, este vindo da Bolivia e aquelle de Matto Grosso.

O ponto d'essa juncção é, segundo Almeida Serra, a 11° 55' e 46'' de latitude sul e a 22° 34' e 14'' de longitude a oeste do meridiano do Rio de Janeiro.

O Madeira corre no rumo de N. N. O. da sua nascente á foz do rio Beni ; d'ahi no rumo de N. até a do Abuná e finalmente no de N. E., d'este ponto até a sua embocadura no Amazonas.

Lança-se na margem direita do grande rio, na latitude 3° 23' 43'' S. e longitude 358° 52' E. da ilha do Ferro, segundo ainda as observações do sargento-mór d'engenheiros Almeida Serra. Pelas voltas do Amazonas, acha-se a foz do Madeira distante de Belem

275 leguas, 5 acima da villa de Serpa e 25 abaixo do Solimões e da confluencia do Rio Negro.

Nos Baetas, 95 leguas acima da sua foz, é a sua largura de 400 metros pouco mais ou menos, e em Santo Antonio a 90 leguas acima de Baetas, esta largura não excede de 200 metros.

A sua profundidade até Santo Antonio regula de 10 a 12 metros.

A velocidade de suas aguas, na foz, é de 0^m 36 por segundo; em Borba, a 25 leguas acima, de 0^m, 61, e finalmente nos Baetas, a 70 leguas acima de Borba, 1^m, 8.

O seu declive é avaliado em 0,44 por legua.

O volume de agua que fornece por hora ao Amazonas, é representado pelo enorme algarismo de 6870 metros cubicos.

A área comprehendida pelo seu valle é calculada em 16.000 leguas quadradas.

A respeito da navegação dos rios Madeira e Guaporé escreveu o seguinte o Sr. senador Pompêo no seu importante tratado de geographia:

«Em 1760 o capitão general (governador de Matto Grosso), que já em 1752 visitára o Baixo-Guaporé, foi fundar no lugar onde pouco antes existia a missão hespanhola de Santa Rosa, uma fortaleza denominada de Nossa Senhora da Conceição, que em 1776 foi substituida, por achar-se inteiramente arruinada, pelo forte do Principe da Beira.

«Emquanto alli estava, chegou uma expedição ida do Pará com petrechos de guerra.

«Desde então foi tomando incremento a navegação do Madeira e Guaporé.

«Foi por ella que o districto de Matto Grosso se aprovisionou, não só da artilharia, petrechos e munições de guerra, mas tambem de outros artigos do seu mercado, como sal, ferro, aço, cobre, louça, liquidos e ainda fazendas seccas.

«Foi por elle que se retirou o governador D. Antonio Rolim, e que trazitaram na ida e na volta seus successores immediatos, bem como diversos magistrados e officiaes militares, e finalmente foi por elle que por muito tempo se transmittiu a correspondencia com a côrte de Lisboa, fundando-se entretanto nas margens dos rios alguns povoados de ephemera duração.»

Em 1867 dizia á presidencia do Amazonas o Sr. Dr. Coutinho:

«O Madeira é o caminho natural da provincia de Matto Grosso e devia ser preferido ao Paraguay, pela razão altamente politica de pertencer-nos exclusivamente....

..... A' grande vantagem politica d'este caminho liga-se o interesse commercial e desenvolvimento da industria e população, que é patente. Uma grande região, hoje deserta, rica em productos naturaes, seria animada pelos transportes e daria importancia ao paiz. A Bolivia só póde desenvolver-se com a navegação do Madeira.

«O Brazil concedendo-lhe este grande favor em troca de outros, ainda lucrava muito, porque o commercio d'esta republica vinha a ser nosso.»

Sobre o rio Madeira escreveu o erudito sr. Costa e Silva:

«Entre os indios era este rio denominado «Cayary». A primeira exploração teve principio na seculo XVII, por colonos portuguezes, que habitavam no Pará, chegando em pouco tempo a fraternisar com os selvagens, permutando artigos commerciaes; mas não tardaram a ser secundados pelos jesuitas, que a titulo de catechistas, estabeleceram no Madeira a primeira missão, subjugando alguns selvagens, que pouco tardaram com elles, por insinuação dos colonos, que estavam sendo prejudicados em seu commercio pelos missionarios.

«Em 1716 insurgiram-se os selvagens com os *cariná puranga* (homens brancos), colonos, tornando-se mais notaveis na insurreição os selvagens da tribu *Turás*, que, repellidos, foram habitar a boca do rio Madeira, onde tomaram o titulo de *muturucús*, conhecidos hoje por mundurucús, valentes e dedicados ao trabalho, sendo uma das raças mais estimadas hoje. Já viajei em canôa tripulada por alguns, e tive occasião de apreciar a honradez e submissão d'elles, chegando a affrontar um temporal no rio, que nos ia afundando, temendo encostar sem minha ordem; e de noite dormiam em volta de minha rêde, sem meu convite, cuidando de uma fogueira para afugentar os carapanás (mosquitos cuja picada é insupportavel), e como sentinellas escutavam o rugido da onça ou tigre, na floresta visinha, promptos a defender-me, em uma viagem que fiz a um lago encantador, cercado de flores e aves mimosas, navegando por entre ellas em aguas crystalinas.

«Finalmente, na época da primeira expedição, foi forçoso o auxilio do Pará para conter os selvagens, indo uma flotilha commandada por João de Barros da Guerra, capitão mór que era do Pará, mandada pelo capitão general Christovam da Costa. Seguindo esta expedição até junto do lago Manicoré, a 60 leguas de viagem, mas tão infeliz foi Guerra, que, na occasião que passava junto de uma arvore colossal, esta desaba, afunda a sua canôa e esmaga-o a elle!

«Em 1723 foi despachado do Pará Francisco de Mello Palheta

a percorrer o rio Madeira; passou muito mais além, subindo do logar Santo Antonio até á povoação, então hespanhola (hoje boliviana), denominado Exaltacion, departamento (hoje do rio Beni, palavra, que significa em lingua indigena «vento»), e então povoação pertencente a Santa Cruz, capital Santa Cruz de la Sierra, cidade povoada então por quarenta familias hespanholas, motivo porque todos os habitantes d'este departamento fallam hoje o castelhano, e não as innumeras linguas indigenas, como em todos os demais departamentos, onde apenas a imprensa escreve em castelhano, lingua official.

«Chamava-se então o pequeno logar Exaltacion de Santa Crus de los Cayubavas, por serem estes naturaes d'ali, cujos selvagens estavam a cargo de uma missão hespanhola. Subiram portanto, estes exploradores, as desenove cachoeiras, perigosissimas até ali, contadas de Santo Antonio, onde começam, e onde, logo na segunda ainda hoje, como em algumas outras, — é necessario vasar as canoas e passar as cargas por terra por ser impossivel transpor as cachoeiras, algumas em forma de açude, outras de penedos irregulares. Eram as margens então habitadas por varias tribus terriveis, (como ainda hoje ha os caripunas, que posto com algum contacto com os civilisados, são traiçoeiros, atacando, matando e roubando os tripulantes que navegam em pequeno numero) mas que a troco de bebidas alcoolicas, ajudam a arrastar as canôas, quando os tripulantes são em numero que os intimida.

«Em 1750, D. João V, mandou fazer outra exploração do Pará pelo Amazonas, Madeira até Matto Grosso, sob as ordens de José Gonçalves da Fonseca, indo até ao rio Guaporé (alto Perú ou Bolivia), da qual então aproveitou a sciencia.

«Em Santo Antonio, onde começa a primeira cachoeira que toma o nome do logar, habitou o padre portuguez, jesuita, João de Sampaio, pastor de uma missão do sitio, o qual fez tambem algumas viagens á Exaltacion.

«Vamos terminar para não tomar mais espaço a este livro, apresentando a razão porque a segunda cachoeira se denomina de «Theotonio», a quatro horas de viagem de canôa, (porque de Santo Antonio para cima não se póde viajar mais em barcos de quilha por motivo das cachoeiras); a quatro horas de viagem de Santo Antonio, dissemos, está a dita cachoeira. O juiz de fóra, na capitania do Pará, dr. Theotonio de Gusmão, irmão dos Gusmões da historia, passando alli reconheceu a necessidade de um estabelecimento de viveres para mantimento dos passageiros. Escreveu para Lisboa á sua familia participando-lhe que ia viver ali; que o logar era um «paraiso», e convidando-a a acompanhal-o,

como de facto; transformando-se de letrado em negociante, em agosto de 1758, levou comsigo além da familia, uma pequena colonia, denominando o logar «Nossa Senhora da Boa Viagem». Elle, pouco depois falleceu, pelo que me convenço que padecia dos orgãos mentaes, de contrario não só não diria que o logar era um «paraiso», como não chamaria ali sua familia, pois o sitio além de agreste e pedregoso, é sezonatico, esteril e avisinhado de selvagens, que ainda hoje fazem das suas. Que fariam então! Da colonia não ha vestigios; do nome falla apenas a historia, e do que existiu alli, não contavam os avós aos filhos ou aos netos. Os passageiros de hoje, negociantes bolivianos dos departamentos centraes de Bolivia e Matto Grosso, que descem ou sobem, e que param ali para descançar, emquanto suas cargas e barcos são trasladados ao outro lado superior, ás costas de indios tripulantes, ou arrastados com espia e talha pelo monte, entre o matto, construiram ali uma pequena e tosca barraca de palha, onde se abrigam com as mercadorias até que embarcam.

«Que de privações e fadigas ali passaria Theotonio, e, fallecido elle, a familia ameaçada por selvagens, sendo, como então era, tão falto de navegantes este rio, até se poder retirar! Restou-lhe a gloria de ter soccorrido os viajantes, os quaes em sua memoria denominaram a cachoeira «Salto do Theotonio», em attenção ao salto de mais de 25 metros que as aguas dão por cima das pedras.

Não existem vestigios da sua sepultura! No curso d'este rio, o mais civilisado e melhor habitado dos affluentes do Amazonas existem duas cidades principaes; — Manicoré e Humaythá esta fundada pelo commendador José Francisco Monteiro ancião respeitavel e digno, filho de Portugal, que alli reside ha dezenas de annos.



Magoari. — Ave ribeirinha, que tambem entra nas matas. É maior do que as garças, tem as pernas altas, o pescoço comprido, o peito agudo e sem carne, bico curto, olhos verdes com um circulo amarellado e a côr das pennas esbranquiçada.

Magoari (Ponta do). — Extremo cotovelo da ilha de Marajó.

Malcher (Dr. José da Gama). — Falleceu na sua cidade natal, Belem, a 14 d'abril de 1884. Tinha nascido em 1814.

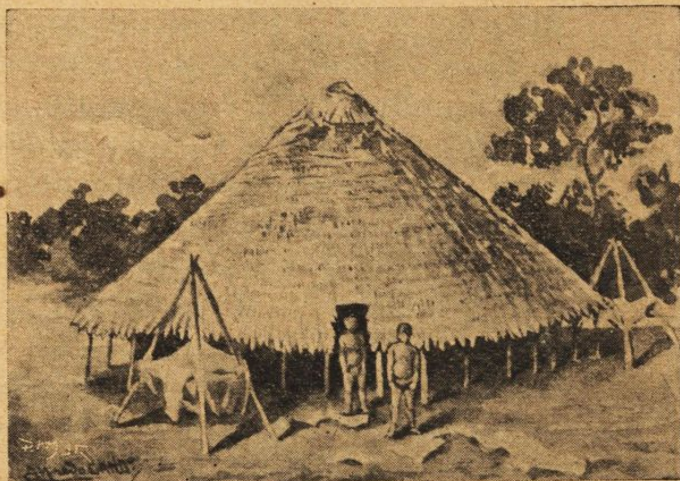
A sua morte foi geralmente sentida; muitas casas de commercio cerraram as suas portas em signal de lucto; os vapores da

companhia do Amazonas, de Marajó, o vapor francez *Tancarville*, e além d'estes, outros navios francezes, portuguezes, allemães e americanos, que se achavam no porto hastearam os seus pavilhões a meio pau. A Recebedoria Provincial conservou tambem cerradas as suas portas em demonstração de sentimento, fechando ao meio dia bem como as mais repartições. Em sessão extraordinaria a camara municipal resolveu que tanto os vereadores, como os empregados da respectiva secretaria tomassem luto por espaço de oito dias. Presidira o partido liberal e durantes largos periodos fôra presidente da municipalidade de Belem, que em sua honra lhe erigira uma estatua na praça do Visconde de Rio Branco.

Decano do corpo medico exercia, desde 1841, a clinica na capital do Pará, dedicando-se mais particularmente ao tratamento dos enfermos pobres. Foi por diversas vezes vice-presidente da Provincia, deputado provincial em mais de 15 legislaturas, presidente da camara desde 1858, quasi consecutivamente, provedor do collegio do Amparo, commandante superior da guarda nacional.

O governo imperial agraciara-o dignatario da ordem da Rosa e tinha a comenda de N. S. da Conceição de Villa Viçosa, pelos serviços prestados aos portuguezes, notadamente ao hospital D. Luiz I.

Malóca. — Pequena aldeia de indios, onde as casas são construidas de uma porção de varas amparadas interior e exteriormente de folhas de bananeira, pindova, uby e bossú ou outra qualquer qualidade de palha, segundo o local onde as construem. A sua figura é conica e quasi sempre se encontram assentes nas margens dos rios, ou lagos, onde o peixe abunde.



Mamaurama. — Arvore que cresce na margem dos rios e dá uma flôr encarnada e branca. O fructo é similhante ao do copuassú. Os troncos e os ramos offerecem uma especie de estôpa com que se fabricam cordas e calafetam embarcações.

Mameluca. — Escreve o illustrado sr. José Verissimo:

«A mameluca nasceu do sangue tupi e do portuguez. Como é formosa! É mais baixa do que alta, tem uns olhos negros, pro-

fundos, a nadarem em um fluido amoroso, coroados por sobrancelhas negras, levemente arqueadas, os cabellos são negros tambem, ás vezes ondeados, ás vezes não, o rosto é redondo, a testa curta, o nariz bem feito, mas ligeiramente chato na extremidade, com duas azas que titilam quando o prazer a commove; dentes apontados, alvos, fortes, covinhas no canto da bocca pequena e engraçada, pescoço curto mas bem torneado.

...O pé pequeno e bem feito como o do indio seu progenitor...

...Como fica linda quando se apromptà para uma festa! Como é formosa com os cabellos negros e lustrosos negligentemente enrolados e presos no alto da cabeça, por um pequeno pente fingindo tartaruga, rescendendo a trevo e a cumarú, onde ella com uma garridice, toda sua, ageitou um raminho de jasmins, sua flôr predilecta...

...Traja um vestido de setim... de manga curta e longa cauda. Usa o vestido muito decotado. Faz bem. O collo opulento e as bellas espaduas o reclamam. Usa bem curta a frente do vestido para deixar vêr os pés faceiros mettidos a meio nas chinellas encarnadas. A chinella da mameluca não é um objecto de utilidade é um objecto de luxo. Não é um sapato é uma peanha. Usa-a na ponta do pé. É o *chic*.»

Mameluco.—Filho de branco e creoula. É termo pouco usado entre o vulgo.

Manacan.—*Manacan* ou *manacá* ou *geratacaca* ou *gerataca* ou ainda *mercurio vegetal* é um arbusto de folhas alternas, oblongas, acuminadas e curtamente pecioladas. As flores são solitarias e terminaes e a corolla monopetala. A raiz principalmente é impregnada de um principio amargo e enjoativo, que estimùla a garganta.

Emprega-se internamente em decocção de meia a uma onça em libra e meia d'agua ou em tintura alcoolica, ou em infusão em vinho branco.

É um poderoso excitante do systema lymphatico e modificador energico da idiosincrasia escrophulosa; é muito recommendado na syphilis, no rheumatismo e em outros incommodos. Tambem o empregam como antidoto nas mordeduras das cobras venenosas. E' planta muito usada no Amazonas pelos pagés e curandeiros com tal ou qual resultado.

Ha duas qualidades de *manacan*, diz o Sr. Dr. F. da Silva Castro: uma de folha como a do café e outra de folha comprida similhante á da mangueira; a esta chamam—*manacan de veado* em virtude de um preconceito popular. Refere Baena—que os in-

dios acreditam que alguem embriagando-se com ella e conversando depois com uma mulher pejada, lhe passa a embriaguez, e se fôr immediatamente ao matto caçar veados, acha-os e apanha-os sem difficuldade, porque elles não correm nem fogem.

O extracto do *manacan* é empregado por algumas tribus do Alto Amazonas, para envenenar as settas.

Manacapurú. Municipio do estado do Amazonas com uma população calculada em 6.000 almas. Possue grande numero de seringaes.

Manacapurú é situada na margem esquerda do rio Solimões.

Manáos. — Importante cidade e capital do Estado do Amazonas. Conta mais de 50.000 habitantes e está situada nas margens do magestoso Rio Negro.

Da sua importancia commercial e excepcionaes recursos dizemos em outras partes.

O seu clima, como o de quasi todo o Amazonas, é perfeitamente salubre e d'uma temperatura muito mais moderada do que geralmente se suppõe.

Para isto concorrem as condições climatericas, devidas á orographia local, bem como a multiplices circumstancias de natureza physica, quaes são a abundancia das aguas, a extensão das florestas, a orientação dos valles, o regimen dos ventos, etc.

Pelas margens do Amazonas correm de continuo brizas do mar, trazidas pelas correntes aereas, as quaes offerecem como que um correctivo natural ao calor.

Pelas observações meteorologicas se póde ver que a temperatura media de Manáos é de 27°37 centigrados, sendo o mez de agosto o mais quente, com a media de 27°98 e o mais temperado o de dezembro, com a media de 26°70.

Manáos é hoje uma das mais importantes cidades do Brazil.



Monumento do Amazonas, em Manáos

Mangabeira. — Arvore que produz borracha muito inferior, chamada *mangaba*. A mangabeira não passa d'um arbusto; mas dá muito leite, ainda que de inferior qualidade.

Mangue, apareiba ou **guaparaiba**, em tupi. Cresce ao

longo da costa do Pará, tanto nos terrenos alagados pelo mar como dentro dos rios, multiplicando-se com espantosa rapidez e conquistando sobre o oceano os terrenos que os grandes rios devoram n'outros logares. A madeira do mangue é vermelha e rija e d'ella se faz carvão.

Mangueira.—Esta arvore, originaria da India, dá-se perfeitamente no Pará e em todo o Amazonas, não exigindo a sua cultura nenhuns cuidados. Desenvolve-se rapidamente até á altura de 12 metros, adquirindo o pé uma grossura de muitas braças de circunferencia. As flores nascem-lhe em cachos pyramidaes, de côr esverdeada e vermelha. O fructo apresenta o feitio de coração e compõe-se d'uma polpa tenra, mais ou menos fibrosa, adherente a um caroço reniforme, grosso no meio, envolvido em fibras, que se communicam á parte carnosa do fructo. As mangas são muito succosas e agradaveis ao paladar e apezar do que se diz a seu respeito, nós, sempre que nos encontramos no Brazil, as consummimos em grande quantidade sem que até hoje tenhamos de que queixar-nos. No entretanto aconselhamos aos recemchegados ao Amazonas toda a prudencia no consummo d'este bello fructo.

Manso. Seringueiro velho e muito experimentado.

Manteiga de peixe boi. Extrahe-se do tecido adiposo d'este peixe e emprega-se em argamassas hydraulicas.

Mapará. Peixe muito vulgar e pouco saboroso, do Tocantins.

Mapuá. Este rio nasce de varios pequenos lagos, que se encontram entre os rios *Anajás*, *Quanaticú* e *Guarajá*, e lança-se no rio *Aramá*, que é antes um braço do *Anajás*.

É navegavel por canôas e até por pequenos vapores.

Nas suas mattas e principalmente nas margens dos lagos, que lhe dão origem, ha grande abundancia de seringaes dos quaes se extrahe talvez a melhor borracha que vae ao mercado do Pará.

Maracá. Cabaço com buracos, dentro do qual mettem os indios pedras de varias côres, ossos, buzios, ou quaesquer outros objectos que produzam ruido. Alguns ha tambem que não são furados, servindo-lhe as proprias pevides que seccam dentro, para fazer chocalho. Tem uma haste que lhe serve de cabo, enfeitada com pennas de arára ou tucano.

O maracá, que serve tanto nos actos religiosos como na guerra é considerado pelos indios, como objecto sagrado.

Maracaná. Papagaio amarello.

Maracanã. A freguezia de S. Miguel de Cintra foi creada em 1757 pelo governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em execução da lei de 6 de junho de 1755.

Antes de ser villa, Cintra, era a aldeia de Maracanã. Elevada

a villa em 1700 e a cidade em 1897, os moradores não gostaram do nome de Cintra, que é povoação muito fresca em Portugal, e conseguiram o regresso ao antigo nome de Maracanã.

Maracujá. Especie de martyrio, ou flôr da paixão, muito cultivado no Pará.

Pequena onça, abundante nas florestas do Amazonas.

Marajá. Palmeira que produz um fructo rôxo, comparavel ás uvas, e de que existem diversas especies. Os foliolos d'este arbusto, dão fibras com que se fazem alguns tecidos, cordas e redes.

Marajó. A maior ilha do Estado do Pará, situada na foz do Amazonas. Tem 5.328 kilometros de superficie; dez municipios com uma população superior a sessenta e seis mil almas.

Querem alguns, e não seremos nós que lhe ponhamos embargos, que Marajó não seja uma ilha, e sim um dos maiores archipelagos do globo.

Marajóaçu. Rio que corre na grande ilha de Marajó.

Marajohi. Rio do municipio de Gurupá, no Estado do Pará. As suas margens são ferteis em seringueiras.

Marapauba. Arvore de madeira muito apreciada.

Marapanim. Freguezia de N. S. da Victoria. Cidade situada na margem esquerda do rio Marapanim. O censo de 96, dá a esta povoação 8.274 habitantes. Exporta arroz, farinha, milho, couros, gados, aves, peixe salgado, etc.

Marapatá. Ilha do rio Negro, fronteira a Manáos.

Marapenima. Arvore de formosissima madeira, que depois de polida é comparavel á casca da tartaruga.

Maratanã. Districto do municipio de Cametá.

Marimbondo. Especie de vespa. A sua mordedura é muito dolorosa, mas não offerece perigo. Os seus ninhos ou habitações, fal-os de barro esbranquiçado e teem o tamanho de uma garrafa, no Amazonas. No sul são mais pequenos.

Maruim. Pequeno bicho cuja ferroada é muito dolorosa.

Marupá. Arvore cujas raizes são medicinaes, sendo a sua acção analoga á da quassia.

Chernoviz, no Formulario, diz que esta arvore tem 60 pés de alto, e ás vezes mais, e que o tronco excede a 2 pés de diametro.

As raizes são muito grossas, e estendem-se ao longe, perto da superficie da terra, que frequentemente as deixa meio descobertas.

A casca da raiz é medicinal e emprega-se como tonico energico nos fluxos cerosos, hemorrhagias passivas, febres intermittentes, dysenterias, affecções verminosas e asthenicas.

Matalotagem. Esta palavra, posto que se torne genericamente pelo sustento diario, comtudo ella tem a sua accepção propria

entre os moradores da floresta, isto é: n'aquelles logares onde constantemente comem carne de vacca, com especialidade onde ha grandes criações, dizendo, quando matam uma vacca velha ou maninha: mata uma matalotagem.

Ésta é a definição da palavra dada pelo padre Pereira Alho, na sua traducção da *Muhraide,* Lisboa, 1819.



Mattos Areosa (Antonio de) — Nasceu em Coimbra, ha trinta e tantos annos e ha uns 14 que partiu para o Brazil, a tentar fortuna.

Mourejou por lá muitos annos, no Rio de Janeiro, indo mais tarde para o Pará e d'alli para Manáos, onde actualmente é socio-gerente da importante casa Borges Hall & C.ª

Todos que o conhecem, o estimam pelas suas excellentes qualidades e virtudes.

É um dos nossos mais dilectos amigos e por este motivo por aqui nos quedamos, no que diz respeito ás suas bellas qualidades de caracter. E' casado com a Ex.ᵐᵃ Sr.ª D. Mathilde Areosa, oriunda de illustre familia conimbricense, senhora superiormente cultivada e mimosa poetisa.

Como homenagem ao seu talento archivamos aqui uns seus sentidos sonetos, escriptos sobre a sepultura da unica filhinha que possuia e que a febre amarella lhe arrebatou dos braços de mãe amantissima, em Manáos. Eis as estrophes moldadas em lagrimas, que muitos bons poetas desejariam poder assignar:

Adormeceste, filha, e nunca mais
De teus olhos verei a doce luz!
— Ao que tudo no mundo se reduz,
Após tanto soffrer e tantos ais!

Quando estes arvoredos sepulchraes
Sacudirem, á noite, a rama fria,
Não te esqueça a piedosa romaria
Que vem aqui fazer teus caros paes.

Enganosa cilada, filha querida,
— A de andar em procura da affeição
Na aridez d'esta vida mal vivida.

Para nos vir gelar o coração
Essa dôr, a nenhuma parecida
De perder um bem nosso sem razão.

Novembro, 2, 1905.

Por occasião da visita da canhoneira *Patria* a Manáos, tambem D. Mathilde Areosa produziu o seguinte e formoso soneto:

PRO PATRIA!

"Patria, berço de amor que a alma embala,
Em quanto a luz vital nos illumina.„

João de Deus.

«Patria»! Querida Patria... Doce nome,
Que refrigerio traz para a nossa alma!
Vem aqui aportar, garbosa e calma,
Elevar inda mais nosso renome.

Em cada coração, onde se fórme
O mais puro e sublime sentimento,
Ha um impulso heroico, um movimento,
Que o manda despertar quando elle dorme.

E, se a Patria, essa Patria estremecida,
Já por outras nações tão aguerrida,
Ameaçada se vir, ou em perigo,

Terá dentre os seus filhos, como d'antes,
Outros tantos audazes navegantes
Do velho Portugal, do tempo antigo.

Manáos, Abril de MCMVI.

Matupá. Graminea que orla as margens dos rios amazonicos.
Mauaris. Ave ribeirinha, de comprido e pesado bico.
Maué. Municipio do Estado do Amazonas.
Maués. Indios que vivem nas proximidades de Parintins. Empregam-se na extracção da borracha.

Maycurú. Rio affluente do Amazonas, onde se precipita perto de Montalegre.

Mazagão. Orago N. S. da Assumpção. Villa situada na margem esquerda do Igarapé Mazagão. Tem 7.174 habitantes e produz cacáo, borracha, couros, castanhas e peixes salgados. Foi fundada em 1770 com 114 familias das que evacuaram a praça de Mazagão, na costa occidental da Africa.

Melgaço. A freguezia de Melgaço (S. Miguel), antes de ter esta cathegoria, era conhecida por aldeia de Aricurú. Fica situada n'uma formosa ilha na costa da bahia de Melgaço ou Uarycurú. Tem 5.095 habitantes e produz cacáo, borracha, couros e castanhas.

Mendes (Correa). Distincto jornalista e veterinario. E' redactor, actualmente, do *Jornal do Commercio*, de Manáos.

Meruxinga. Pequena mosca, especial da ilha de Maracá.

Mesquita (José Claudio de). E' o activo, intelligente e infatigavel gerente da collossal casa de J. H. Andressen, Successores. Vide *Estabelecimento importante*. Não ha em Manáos quem o não conheça, e quantos o conhecem, o estimam. Sympathico, generoso, bom, é uma das individualidades mais importantes e queridas da Amazonia.



Espirito recto e consciencioso, de inexcedivel actividade e das mais persistentes qualidades para a lucta commercial, deve-lhe a casa que superiormente dirige, muitos e largos serviços.

Extremamente caritativo, bom e modesto, á Sociedade Portugueza Beneficente do Amazonas, valiosissimos serviços tem prestado nos ultimos annos.

Uma das escolas moveis agricolas de Portugal, o conta como seu principal sustentaculo, facto geralmente ignorado e que demonstra a nitida comprehensão que tem dos seus deveres de patriota e cavalheiro.

Micura ou **Mucura**. Especie de raposa. Assalta os gallinheiros e é muito manhosa.

Mimbys. Instrumentos musicos dos indios.

Mineraes no Amazonas. São muitos e de toda a especie.

Mingau. Papas de farinha de mandioca, que se comem com peixe ou com molho de carne.

Miriau. Rio do Estado do Amazonas.

Mixira. Conserva indigena de peixe boi. E' feita com a carne d'este cetaceo, que assam e depois deitam em potes, que acabam de encher com a gordura do proprio animal. O seu gosto é desagradavel para os não habituados a este manjar.

Mocajuba. Orago N. S. da Conceição. Cidade situada na margem do rio Tocantins, na bacia parcial d'este rio. O municipio tem 4.663 habitantes e produz cacáo, farinha, oleos, borracha, couros e sabão. E' terra muito saudavel e aceiada, promettendo um largo futuro de prosperidades. Está cercada de extensa matta, que se prolonga a pouco mais de tres kilometros. Publica-se n'esta cidade o excellente semanario *O Tocantino.*

Mocambo ou **Quilombo.** Choça, cabana mal construida.

Mochinga. Chicote de que usavam os fazendeiros.

Mogica. Nome de todo o preparado culinario a que os indios addicionem qualquer fecula.

Mogorins. Rosas comparaveis ás conhecidas de Alexandria.

Mojú. Villa fundada em 1754 e situada na margem direita do rio Mojú. A população do municipio é de 7.102 habitantes. Exporta muito arroz, cacáo, farinha, feijão, tabaco, borracha, couros, castanhas, madeiras, gados, etc.

Molambo. Farrapo, andrajo.

Molongó. Especie de tuberosa, de perfume muito activo e delicado, produzida por um arbusto do mesmo nome.

Mondongo. Lago do Estado do Pará onde teem origem os rios Apihy e Arapixi.

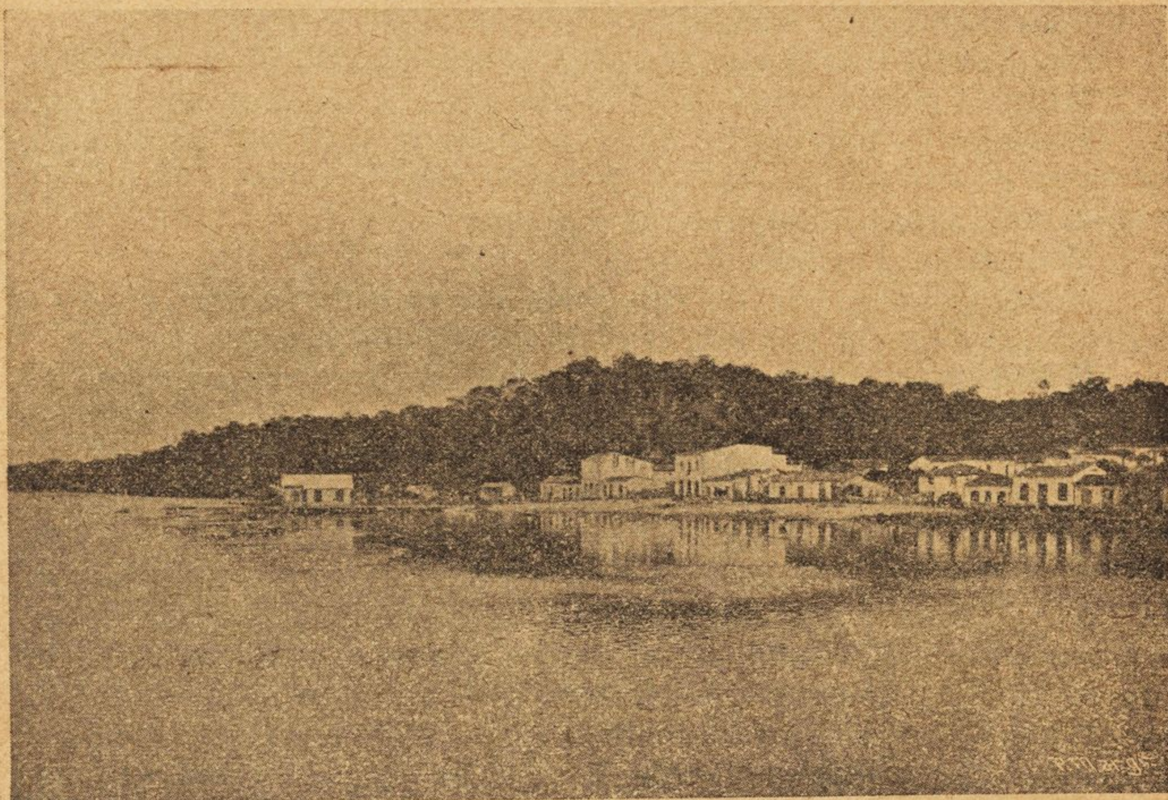
Monte Alegre. Antiga aldeia do Garupatuba, creada villa em 1758, por Francisco Xavier de Mendonça Furtado, e elevada á cathegoria de cidade, pela lei provincial de 15 de Março de 1880.

E' povoação formosissima pela sua posição na margem esquerda do Amazonas, sobre um monte bastante elevado, d'onde se avistam extensas campinas e numerosos lagos, formados pelo grande rio. Os seus 6.000 habitantes, brancos e indigenas, são mui lhanos e dos mais industriosos do Estado. Os principaes dedicam-se á cultura do cacáo e creação de gado vaccum; mas, nos campos circumvisinhos da povoação, ha tantos milhares de morcegos, que estes desvastam aquelles e impedem que se aproveite com vantagem uma das mais faceis riquezas da terra — os prados naturaes.

As indias occupam-se em objectos de costura, fiar algodão, fazer redes, cuias, taquaris, bacias e vasos de argila, que pintam simples e graciosamente. Os tapuios empregam-se na extração do cravo, salsa, na pesca do peixe boi, que abunda nas immediações e no serviço dos grandes proprietarios.

E' admiravel o espectaculo que se avista para todos os lados, do cimo da villa. O Amazonas, desafrontado das muitas ilhas, que o assoberbam de Monte Alegre para baixo, parece mais um mar interior do que um rio; porém as suas margens offerecem alli

signaes de maior desvastação; as correntes furiosas arrancam-lhe pedaços de barreiras enormes e arvores agigantadas em torno das quaes se enrosca a canarana ou capim d'agua, que forma as ilhas fluctuantes. As aguas barrentas passam fervendo, no sobpé do monte, em que está assentada a povoação e deixam-lhe vestigios constantes dos seus ataques; pelo lado detraz de Monte Alegre, vão-se formando novos lagos, que pouco a pouco se communicam uns com os outros, e todos com o grande rio; este parece correr animado por uma intelligencia destruidora contra a formosa terra!



Eis o que ácerca da situação de Monte Alegre, escrevia o bispo D. Fr. Caetano Brandão:

«Acha-se a villa de Monte Alegre situada sobre um alto monte, de onde se descortina por todas as partes variedades de objectos summamente apreciaveis; porém nada recreia tanto como o espaçoso e dilatado campo, que se vê correr ao longo do rio Amazonas, retalhado por differentes lagos e arvoredos, formando perspectiva de uma enfiada de quintas, dispostas na mais bella ordem.»

Para se chegar a Monte Alegre, deixa-se o Amazonas, em frente da ilha do *Frechal*, entra-se pelo Paraná-mirim até encontrar o rio *Gurupatuba* e subindo-se um pouco por este, chega-se ao porto da villa, que lhe fica na margem esquerda.

O rio *Gurupatuba* tem alli 260 metros de largura e fundo sufficiente para qualquer navio.

O porto de Monte Alegre constitue uma povoação á parte, ficando distante da villa talvez uma milha. Para chegar a esta é necessario subir uma ladeira areienta e encommoda, que vae quasi em linha recta até ao alto de uma chapada, onde ella está situada.

«Monte Alegre, diz o Sr. F. Penna, está junto á borda meridional de uma alta chapada, cerca de 300 metros sobre o nivel commum das aguas.

Tudo quanto ha de grandioso e bello nas margens e immediações do Amazonas, resumme-se no risonho quadro que do alto d'aquella esplanada se desenvolve ante os olhos do homem.

O volume colossal da montanha Tauajury, que se levanta ao N. da villa, a serra de Ereré ao O. com a sua fachada escabrosa quasi a prumo do lado N., o serro Maxirá e o Monte Grande, que se erguem do meio do campo como gigantescas torres conicas: e o serro Paraiso, que é o mais occidental, a vasta planicie cortada pelo Amazonas e a longiqua linha de montes do Curuá, que mal se desenham no horisonte do lado do sul; todos estes objectos de formas e aspectos variados, constituem um magnifico panorama, o mais bello painel da natureza, que é permittido admirar-se nos dois Estados brazileiros do Amazonas.

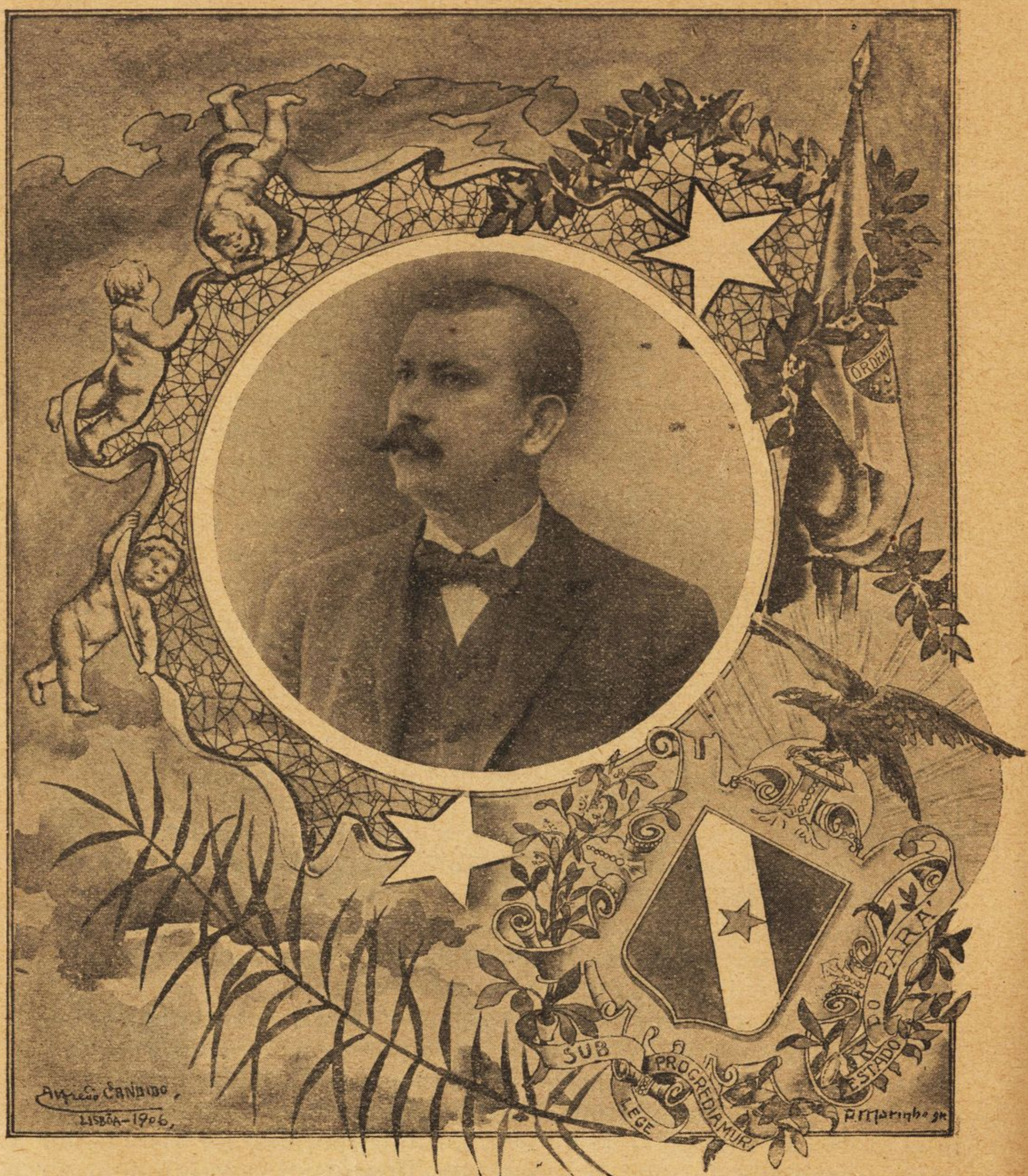
Monte Alegre não é sómente um logar alegre e enriquecido de panoramas graciosos; é sobretudo importante pela sua temperatura menos elevada do que em qualquer outro ponto do Amazonas, pela sua athmosphera pura, pela sua salubridade, emfim, concorrendo muito para isto a pureza das suas aguas nativas, circumstancia tanto mais preciosa quanto é isto um phenonemo raro nas margens do grande rio.»

Montaria. Pequena embarcação que navega em todo o Amazonas. Não tem, em geral, mais de 2,50 de comprimento $\times$ 40 a 50 centimetros de largo; muito rasa.

Montenegro. Depois d'um secular litigio, submettido pelos respectivos governos das republicas Franceza e Brazileira a arbitramento, a Suissa pronunciou em Dezembro de 1900, o seu *veredictum*, reconhecendo o territorio do Amapá como fazendo parte integrante do Brazil. O territorio foi incorporado no Estado do Pará, que d'elle formou o municipio Montenegro, reunindo-o ao do Amapá.

A villa do Espirito Santo do Amapá, fica situada na margem direita do rio Amapá Pequeno.

Montenegro. (Dr. **Augusto**). Por occasião do anniversario



Dr. Augusto Montenegro

do illustre governador do Estado do Pará (1906), escrevia o excellente orgão da imprensa paraense, *O Jornal*, o seguinte, que gostosamente e pedindo venia, aqui reproduzimos e que d'uma forma elevada e brilhante traduz a alta personalidade do distinctissimo dr. Augusto Montenegro:

«Como estadista, como administrador, s. ex.ª ha conquistado, no espirito dos homens justos, no dominio pensante da sociedade brazileira, uma reputação superior e invejavel, como bem poucas conhecemos, fructo de um longo trabalho consciencioso e optimamente intencionado no encaminhar as difficeis responsabilidades que em boa hora lhe foram confiadas.

«No paiz, aquelle que melhor se haja collocado em destaque governando, dirigindo um Estado, certo não terá feito mais nem exhibido maiores provas de competencia que o ex.mo sr. dr. Augusto Montenegro, cujo futuro se annuncia brilhantissimo, tal o relevo conseguido pela individualidade de s. ex.ª na espinhosa direcção das nossas coisas publicas.

«Não conhecemos no meio nacional, actualmente, um nome de administrador que se avantaje ao de s. ex.ª, e a prova irrefutavel d'este nosso acerto está no conjuncto immenso dos serviços que o actual governador do Pará tem prestado á sua terra, nas difficuldades vencidas, nos planos executados, em toda uma politica sadia de reconstituição financeira, de robustecimento de credito collectivo e de execução intelligente de melhoramentos de toda a ordem.

«E' uma personalidade verdadeiramente util ao seu paiz, a do ex.mo sr. dr. Augusto Montenegro; pois que nada mais fecundo, em relação á patria, do que engrandecer, conduzir superiomente qualquer dos seus departamentos, contribuindo da maneira mais proficua para o objectivo das nossas actuaes instituições.

«A Republica, como toda a instituição humana, vale menos por si mesma que pela qualidade dos seus servidores. Verdadeiro como é este conceito, podemos assegurar sem receios de contradicta que o superior estadista a quem agora alludimos tem dado o melhor das suas energias mentaes e da sua capacidade ao prestigiamento do regimen, que será tanto mais ubere em felicidades communs quanto maiores forem as aptidões dos seus responsaveis.

«De um ao outro extremo da nação, todos aquelles que acompanham com interesse e patriotismo a vida do regime, acatam com respeito o nome do ex.mo sr. dr. Augusto Montenegro, cujo governo é um exemplo de saber, de previsão, de honra, de trabalho e de verdadeiro sentimento democratico.

«Como politico, o governador do Estado, obediente ás normas

e ás aspirações do seu partido, sem encontrar entraves ao desempenho das suas funcções, vem, desde a primeira phase da sua administração, realisando um fulgurante exemplo de lealdade, ministrando aos caracteres vacillantes uma lição immensa, suggestiva e que se fôra assimilada pela maioria dos que d'ella precisam, a phase republicana que atravessamos não teria testemunhado tantos esphacelamentos de homens e de cousas, de grupos e de partidos, de intuitos e de aspirações.

«Sob este ponto de vista, aos nossos olhos, avulta immensuravelmente a figura circumspecta do illustre administrador, que não apascenta n'alma o rebanho das ambições irrequietas, que não tem sombras no caracter, que exhibe á sociedade sua contemporanea a face d'um espirito superior, excelso, com a pureza das grandes virtudes dos grandes homens, sobranceiro ao cairel em que chafurdam os ambiciosos de caracter vulgar, os pequeninos d'alma, os vis, os cheios de odios e de miserias.

«Até onde chegou, veiu s. ex.ª subindo pelos degraus do proprio merecimento, da confiança que inspira, do respeito que infunde, e por esse mesmo caminho, sejam quaes forem as circumstancias, chegará a todas as posições que lhe estejam reservadas nos destinos nacionaes.

«Nunca foi um demagogo; jamais nutriu no seu animo a loucura revolucionaria, sempre amou a ordem, o principio da auctoridade, formando em torno do seu espirito, um halo de confiança geral.

«Estudioso, sabe; homem de real talento, descortina, vê longe; estadista, conduz a administração com serenidade e segurança; espirito resoluto, não vacilla, não treme; republicano de tempera, serve o regime com dedicação e superioridade, dando azo a que todos o proclamem um dos mais distinctos homens do seu tempo.

«Como particular, na esphera das relações intimas, no seio da familia, entre os amigos, o caracter do ex.mo sr. dr. Augusto Montenegro é um pedaço de oiro fulgurando.

«Que o digam os que o conhecem de perto, os que sabem as suas normas de amizade, os que mediram a linha da sua correcção.»

Montenegro (José Casimiro Brazil). Negociante, como poucos o sabem ser. Industrial operoso e persistente, capitalista de reflexão calma e justiceira, espirito lucido, companheiro d'uma solidariedade e intransigencia admiraveis, amigo, dos de priscas eras, chefe de familia exemplarissimo e extremoso.

Era um cavalheiro e um puritano.

Acaba de extinguir-se, dolorosamente, no decorrer da impressão deste livro, a 24 de julho deste anno, em Paris, onde o levára, extremo desfallecimento do mal que lhe minava a vida.

Morreu do coração, cercado das suas mais caras vergonteas e da esposa carinhosa e desvellada.

Montenegro nascera no Ceará, a magnifica terra liberticida, de distincta descendencia. Entre seus dignos irmãos conhecemos o sr. Casimiro Ribeiro Brazil Montenegro, negociante e chefe actual da municipalidade de Fortaleza, a bella capital cearense.

Exercia o extincto os cargos de presidente, reeleito varias vezes, da Associação Commercial de Belém e da Junta Commercial do Estado, do Banco Commercial do Pará, da poderosa companhia Garantia da Amazonia de que fôra um dos seus fundadores, da Companhia Paraense de Navegação a Vapor e da Fabrica de Cerveja Paraense a cujo desvelo e tenacidade deve-se, principalmente, a sua actual e fructuosa existencia.

Era ainda director em outras emprezas e companhias, membro de diversas agremiações de philantropia e caridade e chefe da firma commercial de Montenegro & C.ª do Pará e Amazonas, successora d'uma das mais antigas firmas do commercio portuguez de Belém, — João Pinto de Araujo & C.ª

Monteiro (Joaquim Martins). E' o actual chefe e antigo derigente da importante casa commercial, portugueza, de B. A. Antunes & C.ª de Belém e Manaus, que inquestionavelmente é n'aquellas praças a primeira casa no seu genero de commercio aviador, pelas grandes ramificações que no alto Amazonas abranje a sua actividade commercial.

Monteiro é dotado de bellas e excepcionaes faculdades de trabalho, e ao seu tino, methodo e energia, deve aquella firma, que superitende, a sua existencia e pujança da actualidade.

E' membro prestimoso da colonia portugueza do Pará, tendo a sua bolsa sempre aberta para soccorrer os infelizes que se lhe dirigem e para todas as obras grandiosas e patrioticas, revestindo os seus actos de generosa philantropia com a maior singeleza e modestia, — que é um dos seus caracteristicos.

E' egualmente o presidente da companhia de seguros Loyd Paraense que hoje disfructa prospera existencia.

Monte Redondo (Visconde de). O sr. Joaquim Antonio de Amorim, actual visconde de Monte Redondo, é o prototypo do homem energico e de acção, que se soube guindar á altura social de respeitabilidade e importancia que hoje occupa, graças ao seu esforço pessoal e constante, ao seu trabalho honesto e ao seu talento arguto de homem de negocios.

E' assim que o sr. visconde de Monte Redondo, no Pará, occupa actualmente os importantissimos cargos de director-gerente da garantia da Amazonia, presidente da Companhia de Seguros

Maritimos e Terrestres Amazonia, da Companhia Urbana da Estrada de Ferro Paraense; da Companhia de Aguas *Superaris*, da Assembleia Geral da Beneficencia Portugueza, e do Pará-Club. Membro da Commissão Consultiva do Consulado Portuguez, membro do Conselho Fiscal dos Bancos Commercial e do Pará; membro da Companhia de Navegação Paraense a Vapor, membro da Fabrica de Calçados a Vapor, e membro do conselho de Honra da Associação dos Empregados no Commercio.



Em todos estes variados e multiplos cargos distribue o sr. visconde de Monte Redondo a sua muita actividade, todo o seu prestigio e a riqueza inexgotavel do seu intellecto.

Os principaes traços biographicos do sr. visconde de Monte Redondo são os seguintes:

Nasceu em Arcos de Val-de-Vez em 23 de setembro de 1856, sendo filho do sr. Manoel Joaquim de Amorim e de D. Antonia Thereza de Barros Amorim, já fallecidos. Sómente com instrucção primaria, como curso de lettras, seguiu para a cidade do Porto, em 1869, com 13 annos apenas de edade, e onde se empregou n'uma casa commercial. Ahi pouco se demorou porque o Brazil, então como agora, era a grande e irresistivel attracção de todos quantos procuraram e procuram realisar o sonho dourado, a maior parte das vezes irrealisavel, da fortuna, e eil-o que em 1870 emigra para o Pará. Mas no Pará a vida foi-lhe ardua de começo e eil-o que d'ali se retira com destino á Africa onde se aboletou em Loanda. Em Loanda, como no Pará, não lhe correram os negocios á medida dos seus desejos, voltando assim, no mesmo anno, para o Pará, onde assentou residencia e onde, com o trabalho consciente e honesto, conseguiu estabelecer uma casa commercial que tem sido um modelo de ordem, de probidade e de credito.

A energia, porém, do sr. visconde de Monte Redondo, não lhe prendeu a sua muita actividade no espaço, por muito grande que fosse, dos negocios da sua casa commercial. Aspirou a mais

na consciencia plena e lucida do seu valor, e assim metteu-se nas grandes emprezas a que tem ligado o seu nome taes como a Companhia de Seguros Terrestres e Maritimos Amazonia e a Companhia de Seguros de Vida Garantia da Amazonia, que fundou e que hoje é uma das mais poderosas companhias brazileiras no seu genero.

Mosqueiro. Amena povoação das proximidades de Belem do Pará.

Mosquitos. Em todo o Amazonas os mosquitos são perigosissimos. Os chamados *Anopholes* e *Stegomia fasciata* são transmissores da febre palustre e da febre amarella.

Não é bom conservar aguas estagnadas nos jardins e quintaes; mandae collocar téla de arame de malha miuda, nos tanques d'agua e nas caixas de descarga das latrinas, do contrario os taes mosquitos ahi depositarão os ovos e se reproduzirão ás centenas.

A téla tambem será collocada nas aberturas dos porões.

Não podendo ser completamente escoada a agua, derramae n'ella, de oito em oito dias, uma chicara de kerosene.

E' de toda a conveniencia o uso do mosquiteiro, e se fôr amarello melhor será.

Contra as mordeduras dos mosquitos aconselhamos as duas receitas seguintes:

Consiste a primeira em uma mistura de tintura de iodo com azeite doce, na proporção de 1 a 2 p. c., e a segunda em uma solução de 5 gramas de mentol em 100 grammas de bom alcool. Convem que sejam empregadas em seguida á mordedura e que a fricção seja demorada.

Motta *(Leonel Pereira da)*. Excellente caracter servido por uma luminosa intelligencia. E' um dos commerciantes mais habeis e mais queridos da praça de Manáos.

Muaná. A cidade de Muaná está situada na margem direita do rio Muaná, acima da sua foz, na costa sul da ilha de Marajó. Assenta em terrenos de alluvião. A freguezia tem por padroeiro S. Francisco Xavier. Foi fundada em 1757 e tem pelo ultimo recenseamento 6007 habitantes.

Mucája. Dos foliolos que possue tiram-se fibras com que se fazem cordas e que se podem tambem prestar para tecidos.

Mucuim. Animaculo de côr vermelha, que se agarra ao corpo, provocando insupportavel comichão. E' a maior praga que nos tem perseguido no Amazonas.

Mucura. (Ilha da) Fica entre a ilha das Onças e a ilha Trambioca

Muçu. Especie de enguia.

Mueraquitan. Referem os indios que perto das cabeceiras do famoso Nhamundá ou Jamundá existe um formozissimo lago, a que dão o nome de *Yaci-uaruá*, que quer dizer—espelho da lua —a quem é consagrado,

Dizem que em certa quadra do anno e em determinada lunação, faziam as *icamiabas* ou mulheres sem marido (amazonas) á margem d'esse lago uma festa dedicada á lua e á mãe da mueraquitan, que alli morava.

Depois de assim se purificarem por alguns dias, porque a festa era expiatoria, mergulhavam no lago, em horas adiantadas e quando nas aguas lisas e tranquillas do *yaci-uaruá* reflectia-se a luz pallida do astro da noite.

Da mãe da mueraquitan recebiam então a pedra com as configurações que desejavam, porque era certo que trazida á luz do sol, tomava a consistencia que se lhe observa, sendo impossivel dar-lhe qualquer outra fórma.

Aos homens da tribu favorecida destribuiam as *icamiabas* ou amazonas a dita pedra quando por elles eram visitadas em certas epocas do anno.

A essa pedra attribuiam grandes virtudes contra os malefícios e ainda hoje os indios a consideram como um precioso talisman.

Actualmente muito difficeis de encontrar se tem tornado as mueraquitans ou pedras das amasonas, tornando-se d'est'arte ainda mais preciosas pela raridade. Vide *Amazonas (As)*.

Muirapinima. Madeira de que se fazem bengalas e outros objectos. E' uma das mais bonitas madeiras do Amazonas, semilhando-se, depois de polida, á tartaruga.

Muirapiranga. Arvore cuja madeira é lindissima e muito applicada em mobilias.

Mujangué. Guisado com muito molho, de bom cheiro e melhor sabor. Prepara-se com ovos de tartaruga ou tracajá e farinha d'agua.

Múju. Villa do Estado do Pará, situada na margem direita do rio do mesmo nome.

Mundurucus. Tribu das mais aguerridas e industriosas do Brazil. Vive nas margens do grande rio Tapajoz, onde só nas campinas de Jauamuxim, conta mais de 1.000 individuos. O illustre brazileiro sr. Barbosa Rodrigues, tem escripto proficientemente sobre estes indios, seus costumes e tradicções. Os Mundurucus occupam um vasto territorio coberto de mattas virgens e gados, são bons caçadores e possuem excellentes cães, fazendo da caça a baze principal da sua alimentação.

Municipio de Belem. O municipio de Belém é governado por S. Ex.ª o senador Antonio José de Lemos que com uma perfeita comprehensão do cargo que desempenha, tem dotado toda a edilidade de necessarios e uteis melhoramentos, conseguindo mesmo, graças ás energias de que dispõe o seu vigoroso espirito de trabalhador infatigavel, transformar varios pontos da capital do Pará.

A praça da Republica, a de Baptista Campos, a de D. Frei Caetano Brandão, o largo de Palacio e tantos outros logares publicos, mereceram de S. Ex.ª particular attenção. Hoje essas praças offerecem o mais agradavel aspecto e n'ellas se dão *rendez vous* grande numero de familias.

Pelo lado da salubridade e hygiene, os progressos têm sido notaveis. A mais rigorosa fiscalisação é exercida sobre os generos alimenticios que, ao menor signal de alteração, são retirados dos mercados e mandados incinerar.

Além de muitos outros serviços de immediata utilidade, mantem tambem a municipalidade um disciplinado corpo de bombeiros, que tem prestado os mais assignalados serviços.

O orphanato municipal e o asylo de mendicidade são dois templos de caridade onde encontram abrigo os desherdados da fortuna. Nelles nada falta e nada ha que seja superfluo.

Belém caminha rapidamente para o alto grau de prosperidade que o futuro lhe assignala.

Mupica. Remar celer das canoas.

Muquem. Trempe feita de varas verdes com dois e tres palmos d'altura, tendo ao meio uma grade, que serve de grelha, tambem de madeira verde, e sobre ella se colloca o peixe ou carne que se pretende assar, colocando-se lume por baixo. E' invenção dos selvagens e o meio mais prompto que se póde ter nas florestas para assar ou muquear qualquer peça de caça.

Muras ou Múhras. Tribu que habita os rios Solimões, Amazonas e Madeira. São considerados como os mais dissimulados e infieis dentre todas as tribus e chamam-lhes indios de corso, porque frequentemente costumavam assaltar e roubar as canoas de commercio.

«Os Muras, diz Ferdinand Deniz, no seu livro *Brazil*, são talvez a unica nação brazileira, que ignore completamente a agricultura».

O Mura, diz o padre Cypriano Pereira Alho, no prologo da traducção que fez do poema heroico, *A Muhraida*, de H. J. Wilkens (Lisboa 1819), hoje muito rara, «foi sempre fatal aos navegantes do rio Madeira, no commercio que o Pará fez com Matto

Grosso, sendo a ferocidade d'este gentio sempre cruel em seu corso, assim para os brancos como para os indios de qualquer nação, barbaros ou aldeados, levando em seus assaltos as mulheres moças e as creanças; estas para as amoldarem a seus costumes e aquellas para abusarem d'ellas e empregal-as nos trabalhos possiveis á feição de seus usos.»

Muria-giboia. Arvore cujo tronco varia entre 10 a 15 metros d'altura e 1 metro de diametro. A madeira d'esta arvore é de excellente effeito em obra de marceneria.

Murity. Uma das mais altas e formosas palmeiras de todo o Amazonas. Das suas fibras fazem-se cordas, linhas e redes.

Muruxi. Vide *Urucu.*

Murucú. Arma de guerra empregada pelos indios muras.

Murucututu-miri. Ave nocturna de côr pedrez e olhos amarellos. Os supersticiosos tiram bom ou mau presagio do seu canto para o exito de qualquer empreza, conforme as disposições de espirito em que se acham.

Murucy. Arvore cuja casca se emprega em tinturaria.

Muru-muru. Palmeira espinhenta de quatro metros d'altura. Da sua fibra fabricam-se chapeos.

Mururés. Especie de ilhas fluctuantes que descem o Amazonas e muitas vezes são prejudiciaes á navegação.

Mutá. Girau. Armação de madeira onde se colloca carne a secar. Estrado onde se sentam os indigenas nas jangadas. Especie de escada que os pescadores erguem acima das aguas dos ipós para, empoleirados n'ellas, frecharem o peixe.

Mututy. Especie de cortiça indigena.

Mutucas. Grandes moscas cuja ferroada é mais dolorosa do que a picada de agulha.

Mutam. Ave preta nas costas e com as azas e a barriga brancas. São do tamanho dos gallipavos, tem as pernas compridas e pretas e sobre a cabeça umas pennas levantadas, como pavão. Voam pouco e baixo.

Estas aves costumam cantar de noite e dizem os naturaes que ellas sabem medir o tempo com tanta exactidão que cantam de duas em duas horas.

Mutum-quara. Logar do 1.º districto da comarca de Breves.

N

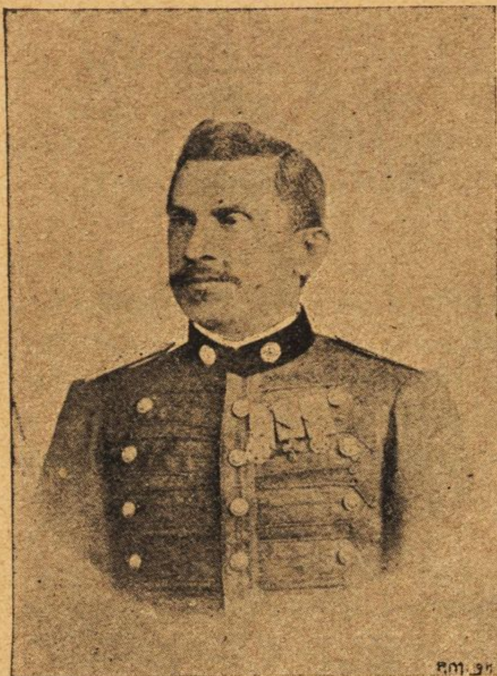
Navegação do Amazonas. O progresso do Amazonas depende, essencialmente do systema de navegação dos seus enormes rios. As construcções de estradas de ferro e de rodagem são custosissimas e nunca poderão substituir a navegação.

Navegação do Estado de Manáos. A synthese da navegação importantissima d'este fertilissimo Estado é a seguinte:

Companhias estrangeiras e nacionaes com séde em outros Estados, que chegaram até Manáos durante o anno	6
Somma dos vapores das mesmas	46
Companhias, que visitaram a bacia do Rio Amazonas	7
Vapores	63
Companhias, que communicam o porto de Manáos com os da Europa	4
Numero de vapores	26
Companhias, que communicam Manáos com o porto de New-York	2
Companhia, que liga Manáos aos portos do Mediterraneo	1
Vapores	2
Companhia, que liga Manáos aos Estados da União até ao Rio de Janeiro	1
Vapores	3
Até ao Ceará	1
Até Pernambuco	1
Vapores	3

O	Rio	Purús	é visitado por	4 companhias
O	„	Juruá	„	3 „
O	„	Madeira	„	3 „
O	„	Japurá	„	3 „
O	„	Badajós	„	2 „
O	„	Negro	„	1 „
O	„	Pauhiny	„	1 „
O	„	Acre	„	1 „
O	„	Iáco	„	1 „
O	„	Amazonas	„	1 „
O	„	Javary	„	1 „
O	„	Jutahy	„	1 „
O	„	Maués	„	1 „
O	„	Copeã	„	1 „
O	„	Manacapurú	„	1 „
Os	„	Affluentes do Purus	são visitados por	1 „

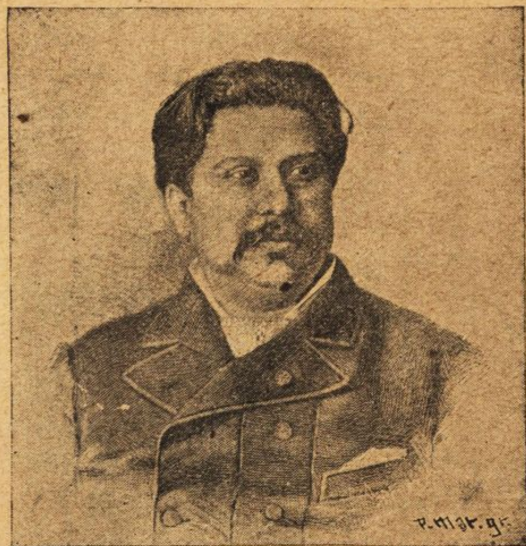
Nery (Constantino). Actual governador do estado de Manáos e um dos vultos mais distinctos do Amazonas. O Estado e á Republica devem-lhe relevantissimos serviços. E' constante o seu esforço em bem servir a terra que o considera com toda a justiça um benemerito.


Constantino Nery

Superior intelligencia, criterio nunca desmentido, dedicação altamente patriotica, taes teem sido sempre as bases da sua gloriosa vida politica.

Nery *(F. J. de Sant'Anna).* Auctor do livro *Le Pays des Amazones L'El-Dorado, Les terres a Cautchou*, e de muitos outros trabalhos de subido valor. A respeito d'este illustre brazileiro escreveu em 1884, Marianno Pina, na *Illustração*, o seguinte:

«Frederico José de Sant'Anna Nery nasceu na cidade de Belem, capital do Pará, em 1848.



Aos 7 annos d'idade, orphão de pae e mãe, foi para Manáos, capital do Amazonas, onde estudou até 1862.

N'este anno veio para França, e em 1867 era bacharel em bellas-lettras.

Em fins de 1869 seguiu para Italia e em fins de 70 formou-se em direito pela Universidade de Roma.

Em 1871, o dr. Alfredo de Macedo, actual encarregado de negocios do Brazil em Hespanha, apresentou-o ao Conde de Villeneuve, então ministro do Brazil na Suissa, o qual lhe confiou a correspondencia do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, em Roma.

Por esse tempo fundara-se em Paris, tendo á sua frente Gambetta, a *République française*, e foi Sant'Anna Nery o seu corres-

pondente em Roma, assim como da *Patrie*, de Genebra, jornal do famoso chefe radical Carteret.

Em janeiro de 1872 aceitou o logar de redactor em chefe de um jornal anti-infallibista, onde se conservou até Março de 1873.

Depois d'algumas viagens pela Europa fixou definitivamente a sua residencia em Paris em outubro de 1874. Começou então a a escrever para o *Jornal do Commercio* os folhetins *Vêr, Ouvir e Contar*, e, ao cabo de poucos annos, tendo fallecido o correspondente politico do *Jornal do Commercio*, ficou tambem com a correspondencia politica d'esta folha.

Em 1878, tomava parte no «Congresso litterario internacional» e tentava fundar uma *Associação internacional dos jornalistas*. N'este mesmo anno foi eleito membro da commissão executiva da *Associação litteraria internacional* e socio honorario da *Société des gens de lettres* de França.

Em 1879 tomava parte no «Congresso litterario internacional» de Londres, sendo na sua volta a Paris eleito vice-presidente da *Associação litteraria internacional* e nomeado, pelo sr. Julio Ferry, *official da Academia*, por proposta de Edmond About.

Tendo tomado uma parte muito activa na celebração do tricentenario de Camões em Paris e havendo feito varias conferencias em Paris ácerca do auctor dos *Lusiadas*, foi agraciado com a commenda de Christo pelo governo portuguez.

Em 1880 organisou o primeiro banquete patriotico para celebrar o anniversario da independencia do Brazil, fundando-se por essa occasião a *Sociedade de Beneficencia brazileira*. Em 1881 fundou-se um jornal brazileiro em Paris para que elle foi nomeado redactor em chefe. Em 1882 foi ao Brazil que elle não visitava havia 20 annos, e onde o nomearam official da Rosa. E ultimamente o governo francez nomeou-o cavalleiro da Legião d'Honra.

Entre as suas obras que correm impressas destacam-se principalmente: *Les finances pontificales* (1871).—*La logique du cœur* (1872).—*Un poète brèsilien:* Antonio Gonçalves Dias (1873).—*Camoëns et son siècle* (1879). — *Lettre sur le Brésil : Réponse au «Times»* (1880).—*Le pays du café* (1882).—*La question du café* (1883).—*La bataille de Riachuelo* (1883).—*La civilisation dans l'Amazone* (1884).—*Um homem de lettras* (1884).

E tem collaborado no *Jornal do Commercio* (Rio de Janeiro). — *Liberta* e *Journal de Rome* (Roma).—*Patrie* (Genebra).—*République Française, Paris, l'Opinion, le Figaro*, etc. (Paris).—*Society* (Londres).

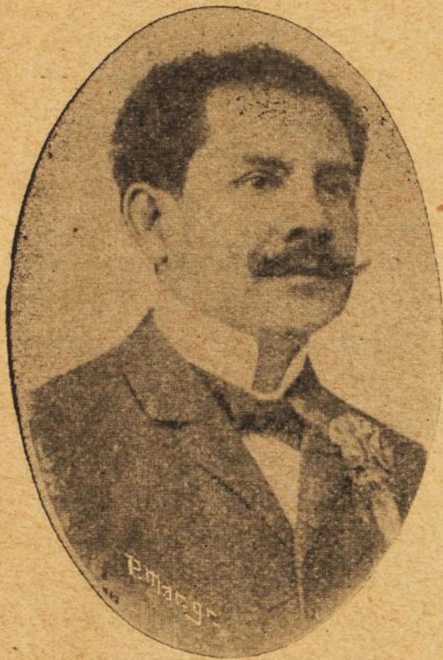
E n'este momento tem no prélo uma grande obra — *Le pays des Amazones* — 1 vol. in-8º com mais de 100 illustrações e dois

mappas para o que obteve uma subvenção da Provincia do Amazonas da qual é agente na Europa desde o anno findo.

N'estas rapidas notas está traçada toda a vida do activo e intelligente jornalista de quem hoje damos o retrato, e que o governo francez, por proposta do sr. Jules Ferry, acaba de agraciar com o titulo de cavalleiro da Legião de Honra. Sant'Anna Nery é um dos jornalistas brazileiros mais conhecidos em todo o Imperio pelos seus folhetins parisienses do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, que elle escreve regularmente ha sete annos, e onde elle dá conta aos milhares dos seus leitores do movimento francez, com grande justeza e intelligencia.

E depois não ha só a notar em Sant'Anna Nery o jornalista distincto, ha tambem a encarar o patriota exaltado, trabalhando constantemente pelo bom nome do seu paiz. Sant'Anna Nery dizia-nos um dia:

—«A minha politica cifra-se n'isto: defender o Brazil no extrangeiro sempre que o Brazil tenha razão... e defendêl-o ainda mais pertinazmente quando mesmo a não tenha. A patria é mãe. Ninguem confesse os defeitos da mãe a estrangeiros!...»



Não serão estas palavras o maior elogio que se possa fazer do seu caracter?... E quanto vale o escriptor, os nossos numerosos leitores do Imperio sabem-n'o tão bem como nós, para que estejamos aqui a accumular elogios que se poderiam levar á conta d'estima, quando da nossa parte não haveria senão a tenção firme de fazer justiça».

Nery *(Dr. Silverio)*. Ex-governador do Estado do Amazonas e uma das mais fortes mentalidades do Brazil moderno. O seu governo foi modelo de disciplina e de progresso para o Estado do Amazonas. E' um espirito culto e cheio de enthusiasmo pelos progressos da sua patria, de que prevê o grandioso futuro.

Nhamundá. Importante rio confluente do Amazonas.

Nomes respeitaveis e familiares. Um dos signaes mais respeitosos entre os indios é o nome de *tio*. O de *irmão* usa-se com os desconhecidos, que não se querem hostilisar mas de quem se desconfia; *mano*, emprega-se como prova de confiança e familiaridade.

Norte *(Folha do)*. Diario que em Belem do Pará defende a politica do sr. Lauro Sodré.

Notas sobre a Amazonia. A maior ilha do grande rio Amazonas é Marajó; a menor é a ilha dos Perdidos, dentro do canal do Boiussu, junto ao furo grande.

O ponto mais profundo do Amazonas fica fronteiro á cidade de Obidos; a sonda accusa ahi 54 braças, no verão. O ponto mais secco é a passagem do Furo Grande, no rio Boiussú.

A cidade mais alta da Amazonia é Monte Alegre.

O Purús é o affluente do Amazonas, mais navegavel.

O Purús é ainda o rio que produz mais borracha, vindo em seguida o Madeira e em 3.º logar o Juruá.

Da Amazonia, o Madeira, é o rio mais civilisado; em cada barracão encontra-se a gente com um bacharel... seringueiro.

O mais bello affluente do Amazonas é o Nhamundá e o mais monotomo o Negro.

O affluente do Purús saudavel por excellencia é o Yaco; o mais doentio o Tapauá.

O rio Madeira é ligado ao Purús pela Paranápixuna (furo).

O rio Amazonas tem tres denominações: Maranon, desde a nascente até Tabatinga; d'ahi até receber o rio Negro, Solimões, e d'ahi por diante o nome de Amazonas.

Os pontos fortificados no Amazonas são: Macapá, Gurupá, Obidos e Tabantiga.

O affluente do Amazonas pela margem direita que nos separa do Perú é o Javary.

O vento geral que sopra no Amazonas vem de E e só de inverno e raramente corre vento de O.

O rio Amazonas segue em principio a direcção de sul para norte, cortando depois de oeste para leste.

A nascente do Amazonas, segundo a maioria dos que estudaram tal assumpto, é o lago Lauricocha.

A ilha de Marajó é tão vasta que até varia de aspecto, não só na parte geologica como na botanica:

O terreno que se encontra em Chaves não é o mesmo encontrado em Breves; a seringueira que abunda n'esta ultima cidade não é encontrada na primeira. A propria zoologia soffre variações.

O maior lago da Amazonia é o lago Grande de Villa Franca.

O ponto mais estreito do Amazonas é em frente de Obidos,

Notas sobre Belem. A cidade de Belem possuia em 1894, na area sugeita ao imposto de decima urbana, 53 ruas, 52 travessas, 22 largos com um total de 790 predios altos, 9070 terreos, 182 telheiros, 11 trapiches e 2.600 barracas.

A area da formosa cidade de Belem está calculada em 40.516:568^{m},200, sendo 24.031:972 de area edificada e de area pouco edificada 6.513.896,2^{m}00.

Notavel documento. Com relação ao notabilissimo relatorio apresentado ao Conselho Municipal de Belem em 15 de novembro de 1905, pelo illustre sr. Antonio José de Lemos, escreveu a *Vanguarda*, de Lisboa, em 9 de maio de 1906, o seguinte:

«Belem do Pará é uma das cidades da vasta Republica dos Estados Unidos do Brazil onde o jornalismo se encontra representado com maior brilho, com todo o fulgor do seu grande poder moderno e com a consciencia da sua evangelisação benefica e progressiva.

«Jornalistas de pulso, de raça, de vigor, constellam com as suas pennas luminosas, n'um estylo ora burilado e terno, ora trovejante e avassalador, a vida intellectual da grande e formosa cidade, onde todas as ideias generosas são acarinhadas.

«Entre essa pleiade de luctadores, esse punhado de intelligentes, essa grey de educadores, tem logar primacial, conquistado unicamente pelo seu talento, o secretario da redacção da «Provincia» e nosso querido amigo, Fraga de Castro.

«A este bom e dedicado camarada, caracter generoso e relicario de bondades, devemos a recente remessa do «Relatorio do Municipio de Belem», em 1904, apresentado ao Conselho Municipal em 15 de novembro de 1905 pelo illustre intendente e senador, sr. Antonio José de Lemos.

«Este brilhantissimo relatorio, com os anteriormente publicados pelo sr. senador Lemos, são uma prova brilhantissima das excellencias do governo republicano, especialmente quando aproveitadas por mãos habeis e honestas. E' um bello volume de 327 paginas en 4, francez e 60 de annexos, reproduzindo documentos.

«Encerra mais o exemplar uma carta com a planta da cidade de Belem e uma carta do municipio pelo distincto engenheiro Palma Moniz, designando a divisão judiciaria do municipio.

«Leal, verdadeira, é a exposição que o sr. senador Lemos faz da sua administração como intendente de tão importante e prospero municipio. Os seus serviços a Belem são d'aquelles que a historia jámais olvidará e que a união republicana ha de premiar no futuro.

«Dia a dia, a importante capital do norte do Brazil vae prosperando e adquirindo fóros de grande emporio civilisador, devido ao exforço de Antonio de Lemos. As photogravuras que adornam o volume e reproduzem monumentos e perfeições do munici-

pio, dizem bem alto do valor e dedicação do illustre intendente. Antonio de Lemos, no Pará, e Pereira Passos, no Rio são dois vultos a quem o Brazil não poderá nunca olvidar.

«Na impossibilidade de nos referirmos a todos os ramos de serviço mencionados no relatorio e que são outros tantos padrões de gloria para o Pará, referir-nos-hemos apenas ao que diz respeito á instrucção publica, assumpto que na actualidade domina os paizes cultos.

«Na administração do sr. senador Lemos, a instrucção publica tem melhorado por fórma surprehendente. Melhoral-a, methodizal-a e desenvolvel-a, tanto na cidade como em todos os districtos do interior, tem sido uma das mais constantes preoccupações administrativas. Por isso a instrucção vae florescendo, tendo já uma matricula de 4:000 escolares de ambos os sexos.

«Da prosperidade financeira e economica do Estado Pará, temo-nos occupado por diversas vezes na «Vanguarda» e por este motivo nos dispensamos de repetir as conclusões do relatorio.

«O Pará é o mais futuroso Estado de todo o Brazil, não só pelas riquezas naturaes de que é dotado, como tambem pelas intelligencias superiores que o administram e o nobilitam. N'um futuro que se nos afigura bem proximo, o commercio, a industria e a agricultura paraenses hão de conquistar logar proeminente na grande Republica dos Estados Unidos do Brazil.»

Numero de Indios. O diccionario de Larousse, no vol. 2.º, segunda edição, publicada sob a direcção de Claude Auge, avalia a população do Brazil em 14 milhões de habitantes. D'estes segundo o relatario apresentado na exposição universal de Vienna, em 1873, são 500.000 selvagens que vagueiam pelos sertões ou matas virgens do centro da republica, completamente perdidos para a sociedade. Apesar dos governos terem sempre promovido a sua catechese e civilisação, não foi ainda possivel fazer-lhes abraçar o convivio da sociedade civilisada.

Numero de passageiros. O numero de passageiros entrados em Manáos no anno de 1897 foi de 32.035. Entraram mais do que em 1893, 12.800; mais do que em 1894, 8.650; mais do que em 1895, 3.863; mais do que em 1896, 618.



Oacaoã. Vide *Acauã*.

Obidos. Importante cidade da margem esquerda do Amazonas, assentada na extremidade d'uma linha de collinas, na parte mais estreita do grande rio, que ainda assim méde 1,890 metros e uma altura d'agua de 86 metros.

Achandc o capitão-general Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, ao passar pelo ponto em que hoje está situada a cidade de Obidos, que a situação era muito vantajosa, para uma fortificação, mandou que Manoel da Motta e Sequeira ali fosse levantar um forte.

Obedecendo á ordem do capitão general, chamou Sequeira os indios *Pauxis*, que ahi perto demoravam, afim de o auxiliarem na empreza, fazendo com que para ali mudassem a sua aldeia.

O forte subsistiu por muitos annos; entretanto já se achava completamente desmoronado, quando em 1854 construiu-se o actual.

Em 1758 foi a aldeia de *Pauxis* elevada á cathegoria de villa com o nome de *Obidos* pelo capitão-general Francisco Xavier de Mendonça Furtado, que assistiu pessoalmente á inauguração. Era então corregedor da comarca Paschoal de Abranches Madeira Fernandes, que ali mandou fixar o pelourinho.

Em 1854 foi elevada á cathegoria de cidade e o censo de 1896 dá-lhe 9.111 habitantes. E' terra fertil em cacáo, farinha, oleos, borracha, couros, castanhaes, breu, madeiras, gados e peixes salgados. Dista de Belem 1.621 kilometros.

Obituario no Amazonas. Para se avaliar da belleza do clima amazonico basta comparar a mortalidade das suas principaes cidades, Belem e Manáos, com outras importantes cidades do Brazil e do mundo. Eis essa comparação, relativa ao anno de 1903:

Cidades	População	Obituario	População 000 °/₀ ME
Manáos — 1902	50.000	1.557	31,1
Belém — 1890	120.000	4 806	40,
S. Paulo — 1896	200.000	6.306	31,53
Bombaim — 1900	821.000	34.660	41,
Moscou — 1896	753.469	29 788	39,3
Alexandria — 1896	231.395	9.978	43,1
Rio de Janeiro — 1896	650.000	18.415	28,3
Paris — 1902	2.680.000	48.843	18,
Bahia — 1901	230 000	4.317	18.76
Recife — 1898	153. 00	5.2 4	84,4
Madrid	700.000	25.480	36,4
Petersburgo e suburbios	954.400	29.998	31,3

Oculo. Circulo de cobre ou de ferro com um vidro para dar ar nas baterias, no porão ou nos camarotes.

Odivellas. Freguezia, S. Caetano. Villa situada na margem esquerda do rio Moguim. O municipio tem 6.023 habitantes. Exporta farinha, borracha, couros, madeiras, etc.

Oeiras. Antiga aldeia de Araticu, missionada pelos jesuitas. O orago é de N. S. da Assumpção d'Oeiras, em 1758. Teve a cathegoria de villa outhorgada pelo governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado.

Oeiras está situada na margem occidental do rio Araticu, na bacia central do Amazonas. Tem 1961 habitantes.

Oiára. Assim como a Curopira é o Deus do mato, para os indigenas, a Oiára é o Deus do rio. Não se pode brincar com estes deuses porque se disfarçam em homem ou mulher e furtam as tapuias e os tapuios bonitos. E digam que elles são tolos.

Oleo de Merity. E' obtido do fructo da palmeira d'este nome e tem diversas e utilissimas applicações.

Oleo de seringueira. Obtem-se do fructo da arvore da borracha. Póde ser vantajosamente empregado no fabrico de sabão duro e de tinta typographica. Não tem desecativo como a linhaça, mas sendo misturado com a gomma copal e therebentina, dá um verniz analogo áquelle que se prepara nas mesmas condições com o oleo de linhaça, e póde ser empregado nas mesmas circumstancias. Tambem póde substituir o oleo de linhaça nas preparações que empregam os vidraceiros.

Oliveira *(Joaquim Mendes Correa d')*. Negociante portuguez ha muitos annos estabelecide no Pará. E' um exeellente caracter e um dos mais distinctos membros da colonia portugueza.

Oliveira *(Commendador Joaquim Victorino de).* E' uma personalidade em evidencia entre o commercio paraense. Portuguez dos quatro costados tem prestado largos serviços á Beneficencia Portugueza.

Onça. Mamifero da familia dos felidos, muito semilhante ao jaguar. E' vulgarissimo em todo o Amazonas, onde raras vezes ataca o homem. Só é perigosa quando se sente ferida. Assegurou nos o nosso bom e querido amigo José Camillo Rodrigues da Silva, habil empregado da estrada de ferro de Bragança, que as onças o teem acompanhado muitas vezes, a distancia, sem lhe fazerem mal algum.

E' prudente, porém, não lhes atirar sem certeza de as ferir mortalmente, porque a onça amazonica é tão feroz como o tigre real da Asia.

A onça chega a medir até 1^{m},95 de comprido, sem incluir a cauda. Vide *Jaguar.*

Onças (Ilha das). E' situada em frente do Rio Guamá e da cidade de Belem e cortada pelo furo da Madre de Deus.

Oriximiná. Extincto municipio da bacia central do Amazonas. Tem 5.157 habitantes. Actualmente esta povoação, que se ergue sobre o flanco d'uma pequena colina, é muito agradavel á vista. O seu commercio é prospero. Exporta muita castanha, peixe secco e couros.

Ourem. No local onde outr'ora se erguera uma casa forte, edificada á sua custa, em 1727, por Luiz de Moura, erigiu Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em 1753, a villa de Ourem, com 150 indios tomados a contrabandistas e algumas familias açorianas. Tomou para orago o Divino Espirito Santo. Está situada na margem direita do rio Guamá, em frente de uma pequena cachoeira que no verão intercepta a navegação do rio. O municipio, segundo o ultimo recenseamento, tem 3:312 habitantes.

Ouricuri. Fructo d'uma palmeira que se emprega no fabríco da borracha.

Outeiro. Local proximo da villa do Pinheiro, no municipio do Pará, onde se acha estabelecido um magnifico instituto orphanologico.

Ovos de tartaruga. Com os ovos da tartaruga prepara-se a manteiga, que é um dos ramos de commercio das duas provincias do valle do Amazonas.

O processo que empregam é o seguinte:

Desenterram na praia os ovos que as tartarugas ali depositam durante a vasante dos rios. Enchem com elles uma montaria ou

canôa pequena, esmagando-os com os pés, como fazem os amassadores de barro, e deitando-lhes um pouco d'agua, deixam á natureza o trabalho de separar das outras materias, que entram na composição do ovo, a parte gordurosa, a qual fica na superficie, de onde é tirada para se depurar em vasilhas, ao fogo.

Depois, ou enchem com ella potes, se o logar em que foi fabricada não fica longe de algum povoado ou porto de embarque, ou levam-n'a em grandes côxes para esses portos e d'ahi passam-n'a para potes, como apparece no mercado.

Os côxes são tóros, de muitos palmos, de grandes cedros ou outras quaesquer arvores grossas e pouco rijas, nas quaes abrem um grande bojo, em que depositam a manteiga, fechando-os depois com uma tampa, tambem de madeira, que calafetam.

Tem elles a vantagem, sobre qualquer outra vasilha, de virem boiando, amarrados a uma espia ou corda e puxados por uma montaria, se a viagem é em agua morta ou rio abaixo.

No tempo em que o celebre naturalista Alexandre Rodrigues visitou o Pará, era a manteiga dos ovos de tartaruga uma das industrias ahi mais usadas. O processo era então pouco mais ou menos o que ainda hoje se emprega. Eis como elle o descreve:

«Juntam-se aos montes nas praias os ovos que se descobrem n'ellas; si se quer que funda mais a manteiga, deixa-se fermentar, de 4 até 5 dias, mas então ella sáe rançosa e com máo cheiro. Se os ovos se preparam frescos, são logo mettidos em uma canôa, que de proposito está reservada para este uso, e aos pés os vão pisando, como em Portugal se faz ás uvas.

Sobre os ovos pisados lançam agua, a qual depois de mechida e encorporada com elles, deixa sobrenadar o oleo; com a mesma agua se dissolve parte da clara: as cuyas e com preferencia as valvulas das conchas *itans* são as colheres com que tiram de cima d'agua o oleo que sobrenada e o lançam dentro dos tachos. Segue-se irem ao fogo, esfriar depois a manteiga em panellões á parte e d'elles mudar se para os potes. Esta manteiga serve para temperar o comer, frigir o peixe, entreter as luzes domesticas, e se encorporar com o breu, quando o fazem para calafetarem canôas».

Tambem se faz manteiga das banhas da tartaruga, accrescenta elle. Consiste o methodo de as fazer em frigir simplesmente as banhas; se as fregem frescas, a manteiga sáe boa para com ella se temperar o comer, nem se lhes presente cheiro, nem sabor máo. Não usam d'ella para luzes, porque nem ella é tanta como a dos ovos, nem se conserva fluida como a d'elles».

Paca. Animal do tamanho d'uma lebre, de carne muito sa-borosa. Abunda em todo o Amazonas. Pertence á familia dos roedores, descripta por G. Saint-Hilaire.

As pacas habitam as florestas baixas e humidas e alimentam-se de raizes e fructas.

Pacajá. Extenso e notavel rio que desce dos limites do Estado de Matto Grosso e desagoa na bahia de Portel. E' navegavel em grande extensão e sobre elle escreveu um antigo auctor:

«O Rio Pacajaz tem a sua barra em 2 gráos, e 25 minutos ao sul: donde desce, he abundante de páo cravo. A sua navegação he trabalhosa em razão de algumas cachoeiras e recifes de pedras. Deste Rio se desceram para a villa de Portel muitos Indios das nações Pacajáz, Taconhapéz e outras. Presentemente ainda tem gentio principalmente no Rio Iryuaná, que desagôa na margem occidental do Pacajáz quatro ou cinco dias de viagem por elle a cima. Na mesma margem, e em distancia de meio dia de viagem está o furo de Pacajay; que communica o Pacajáz com Guanapú. Este tem as mesmas difficuldades de cachoeiras, que principiam ao oitavo dia da sua navegação, e abundancia de cravo. Delle sahiram para Portel os Indios da nação Guanapú; e ainda habita algum gentio no seu centro. Em um dia de viagem por elle a cima se chega á bahia, que faz com largura de duas legoas, em cuja enseada desagoão o riacho Camory, que o communica com Tagipurú, e o riacho da Laguna, que no inverno dá igual communicação com o riacho Pucuray, que faz barra a baixo, e villa de Gurupá. Antes de entrar em Guanapú e mui perto da sua barra ha hum Canal que tambem sahe a Tagipurú.»

Pacará. Cesto redondo tecido com palha fornecida pelos grellos das palmeiras tucum, tucunean, muruty e mucajá, tintas de varias côres, antes de serem empregadas.

Padaria Siza. Estabelecida na rua do Marquez de Santa Cruz, é uma das melhores e mais bem montadas da America do Sul.

Paes de Carvalho. (Dr.) Nasceu no Pará a 12 de novembro. Medico humanitario e proficientissimo; estadista festejado e respeitadissimo pela sua illustração, patriotismo e caracter. Distinguiu-se como governador do Pará, que muito lhe deve e muito lhe quer.

Formou-se em medicina na Escola Medica de Lisboa.

Pagé. Assim chamam os indios a uma especie de mago, feiticeiro, advinhador, padre, cantor, medico, curandeiro e não sabemos que mais funcções elle desempenha. E' o sabio por excellencia entre os indios do Amazonas.

«*Piagé*, *piache*, *piaye* ou *piaga*, disse o sr. G. Dias, era ao mesmo tempo o sacerdote e o medico, o augure e o cantor dos indigenas do Brazil e de outras partes da America».

Hans Staden escreve *paigy*; o padre Vasconcellos *payé*; e Damião de Goes, *pagé*.

«Fugindo d'essa tal ou qual sociedade que tinham, diz ainda o sr. G. Dias, retiravam-se a cabanas afastadas e obscuras, ao ôco das arvores, á lapa dos rochedos, ou ás cavernas tenebrosas, onde nenhum guerreiro entrava e de cuja visita se abstinham; ali, impondo-se privações, padecendo tormentos da necessidade, em um viver austero e mysterioso, e durante longas noites passadas no silencio, apenas imterrompidas pelo borborinho confuso das mattas, dados á meditação, á maceração, ao jejum, tornavam-se os *pagés* excessivamente nervosos e de uma sensibilidade exquisita.

«O respeito que inspiravam aos demais fazia com que ainda mais se respeitassem e a consideração em que eram tidos, redobrava aquella em que se tinham a si proprios. Os segredos que possuiam, obtidos pela observação e experiencia, ou herdados de seus antecessores, eram como o sello da sua austeridade e o caracteristico do seu valimento para com Deus. Estranhava-se a sua vida, o seu isolamento, a austeridade de seus costumes, e quanto empregavam para grangear prestigio. Suppunha-se d'elles como na Edade Media dos que se clausuravam, que um guerreiro não deixava as suas tabas, o seu modo de vida, as suas festas, os seus jogos, as suas guerras, senão por uma chamada providencial.

«Eram por tanto reputados entes superiores, e em falta de amôr, inspiravam um respeito cego e um temor incrivel. Conhecendo particularmente a toxicologia americana, o menos incompleto dos seus conhecimentos, e a virtude de certas folhas, plantas e raizes, facil lhes era produzir a morte, a loucura ou provocar uma enfermidade artificial.

«Com a reputação que tinham não lhes era tambem muito difficil attribuirem-se-lhes todos os acontecimentos favoraveis ou desfavoraveis, succedidos a um guerreiro ou a uma tribu, conforme lhes fosse amiga ou inimiga. Tal era o seu prestigio, que julgava-se serem elles os que inspiravam aos guerreiros o espirito de força e que d'elles dependia o bom exito das emprezas — pelo que eram seguidos os seus conselhos, respeitadas as suas ordens e infalliveis os seus anathemas. Se vaticinavam a morte a alguem, nenhuma salvação havia para este, que, levado pela ima-

ginação e prejuizos, se deixava vencer do desanimo, de modo que o terror e a convicção da fatalidade eminente, paralisava-lhe o giro do sangue e o curso da vida. Pelo contrario, tambem, conhecendo elles quão grande era a influencia do moral sobre o physico, bastava que com algumas ceremonias grotescas assegurassem a vida a qualquer enfermo para que este em certos casos se restabelecesse».

Paiol. Compartimento onde se guardam os generos alimenticios, nas habitações ruraes do Amazonas.

Palais Royal. Estabelecimento de livraria, papelaria, typographia a vapor e officina de encadernação pertencente ao sr. Lino d'Aguiar & C.ª, na rua Municipal, em Manáos. E' estabelecimento de primeira ordem, onde se transacciona com toda a lealdade.

Palavras de ouro. O illustre barão de Marajó, que em 1883 publicou em Lisboa um excellente livrinho intitulado *A Amazonia*, refere-se pela seguinte fórma aos dois bellos Estados Amazonicos:

«As duas provincias de que tenho tratado são, sem duvida, de entre todas as que compõem o grande imperio do Brazil, as que mais promettedor futuro apresentam; à riqueza do sollo, as inumeras vias fluviaes, a diversidade de seus productos naturaes, o augmento rapido de suas cidades e populações, o sempre crescente numero de vapores e navios que demandam seus portos são seguros prenuncios de que em dois ou tres decenios a Amazonia será uma digna emula das primeiras provincias do Imperio; digo Amazonia porque as duas provincias que a compõem embora separadas por uma divisão politica e administrativa, continuam a ser irmãs pela identidade de caracteres, pela identidade de suas vias fluviaes que são a grandeza de ambas, pelos mesmos productos, porque têm os mesmos mercados consumidores, e porque Manáos e Pará centros da grande circulação Amazonica ligados e alimentados juntos e pela mesma fórma, são destinados a crescerem juntos. Não póde uma engrandecer sem que á outra tenha acontecido o mesmo, e se no presente separadas, parece-me que no futuro a união de ambas serà a condição para que um grande imperio se forme nas desertas regiões do valle do Amazonas ao qual o grande Humboldt conhecedor da grandesa d'esta parte da America prognosticou que no futuro seria o centro da civilisação do mundo americano e talvez do mundo inteiro.»

Palmeira *(Real Fabrica a Vapor)*. E' um dos mais importantes estabelecimentos do Pará, pertencente á respeitavel firma Jorge Correia & C.ª, sita na rua Dr. Paes de Carvalho, 6 a 14.

Todos os productos d'este estabelecimento, como sejam: chocolate, massas alimenticias, café moído, etc., são de primeira ordem e rivalisam com tudo quanto de melhor ha no estrangeiro.

Pamarys. E' assim conhecida uma tribu de indios, que habitam o rio Purús, um dos affluentes mais importantes do magestoso Amazonas. Estes indios são os mais asquerosos que existem nos dois Estados do Pará e Amazonas, em consequencia do mal hereditario de que enfermam, o qual consiste em uma especie de morpheia branca, ou impingem crostacea. São manchados com inumeras nodoas negras, que deixam vêr esfoliações da pelle, similhantes a farinha. Na infancia são limpos, na puberdade, porém, começam a soffrer do mal, apparecendo-lhes então as manchas nas juntas e d'ahi estendendo-se-lhes por todo o corpo.

Empregam-se pouco em trabalho, são indolentes e aquaticos por natureza; vivem nos lagos em habitações fluctuantes, que fazem sobre grossos madeiros, formando uma especie de jangada, que cobrem com folhas da palmeira *hauaassû*, afim de se resguardarem das chuvas.

Affirmam que estes selvagens dão o nome aos filhos conforme o alimento que a femea recebe no periodo da gravidez, isto é, aquelle pelo qual ella se mostra mais desejosa, tanto que todos elles são conhecidos por nomes de bichos, fructos, etc., etc. A femea, que no estado de gravidez tem desejos de comer carne de porco, o filho, ainda no ventre, já se chama *Erary*, e assim por diante. Outros, porém, são de opinião diversa e dizem que dão o nome aos filhos conforme o objecfo que primeiro vêem na hora do successo.

Effectivamente, uma occasião um viajante, que se achava com esses indios, viu uma india no estado dos nossos primeiros paes no Paraizo, e levado por grande curiosidade, perguntou a um dos indios, que fallava alguma coisa o portuguez, como se chamava aquella mulher. Este, depois de uma breve troca de palavras com a selvagem, respondeu que o seu nome era *Amassicú*, cujo significado era *lua*. Cremos, portanto, que os objectos que primeiro vêem no momento do parto, são esses os que lhes dão o nome para o batismo.

Alguem nos affiançou que o dialecto d'esses indios pouco differe do dos *Macús*, tribu errante e antropophaga que habita o alto rio Negro. Esses *Macùs*, logo que a noite começa a desenrolar o seu immenso manto, deitam-se em circulo no centro do qual collocam as femeas, e ahi dormem com um dos ouvidos contra o chão, afim de ouvirem qualquer ruido.

Em certo periodo do anno, estes *macùs* revolvem os res-

tos dos seus irmãos já finados e reduzem-nos a cinza, que misturam com certo liquido, que preparam para beber. N'esta occasião proferem as seguintes phrases, acompanhadas de soluços e prantos:

Diabuny, diabuny, cadádi ániny nácum náfuny o cuanigny —Uany narana cucuaniqny odianary budiny panaquy.

A traducção d'este *imbroglio* é, pouco mais ou menos, a seguinte:

Ah! meu parente, meu parente, eu vou beber a tua cinza porque a terra é incapaz de guardal-a.

Que sacrario aquelle!

Os *pamarys* são pescadores e remadores perfeitos; as suas canôas são construidas de um só tronco, e chamam-lhe *ubá*.

Paneiro. Especie de cesto, que, forrado interiormente de folhas de mangueira, serve para transportar farinha de mandioca. A sua fórma mais vulgar é a d'um cóne com o vertice voltado e truncado.

Panema. Tanso, acanhado.

Páo d'arco. Arvore colossal que muitas vezes se eleva a 25 e 30 metros, chegando algumas a 3 metros de diametro. Tem o lenho muito resistente e elastico e emprega-se em construcções civis e navaes.

Páo ferro. Como o seu nome indica é de grande resistencia e peso e emprega-se tanto na marcenaria como em construcções.

Pará *(Belem do)* Deve datar-se de 1:500 a descoberta do Pará pelo navegador hespanhol Vicente Yanez Pinzon, que deu ao Amazonas o nome de Santa Maria de la Mar Dulce.

Depois de varias peripecias, que não podem ter cabimento n'este trabalho, o capitão Francisco Caldeira Castello Branco fundou em 3 de dezembro de 1615 a cidade de Belem do Pará, construindo, logo a seguir, o fórte do Santo Christo.

Mezes depois tendo-se fortificado e recebido reforços do Maranhão, ordenou Francisco Caldeira a Pedro Teixeira que, á frente da aguerrida força, expulsasse os hollandezes que demoravam pelas terras Amazonicas.

Com brilho e gloria cumpriu Teixeira as ordens, conseguindo aprisionar um navio flamengo e expulsar os hollandezes

Corria o anno de 1619 quando disensões politicas vieram. Castello Branco foi deposto do governo e preso pelos seus proprios amigos.

Em vista d'estas occorrencias o Governo Geral nomeou Jeronymo Fragoso d'Albuquerque para governador do Pará e Bento

Maciel Parente, chefe de uma expedição contra os indios domiciliados n'aquelle territorio. Foram taes os actos de miseravel barbaridade que este chefe poz em acção contra as tribús dos selvagens, que ainda hoje contra ellas nos revoltamos quando a historia nol-as recorda. Sendo mais tarde nomeado capitão-mór do Pará a sua crueldade não abrandou, continuando as correrias contra os pobres indios por um modo aterrador e infame, e intitulando-se «primeiro investigador e conquistador dos rios Gurupá e Amazonas!»

Depois do morticinio e perseguição, que demoraram até 1624, sendo expulsos os estrangeiros, Filippe IV separou as possessões do Maranhão e do Pará do governo central do Brazil, formando o Estado do Maranhão, para cujo governo nomeou Francisco Coelho de Carvalho.

Para governar o Pará foi nomeado Manuel d'Eça, que muito curou de fomentar o desenvolvimento das finanças da nova colonia.

Sentindo necessidade do braço selvagem para a lavoura, que desejava desenvolver, ordenou o resgate ou o captiveiro dos indios. Para esse fim mandou uma expedição ao rio Tapajoz, expedição que poucos resultados deu.

O governador geral do Estado, desejando conhecer de «visu» a florescente região paraense foi ao Pará, sendo recebido entre festas e enthusiasmos. Por esta occasião foi concedida á camara a legua patrimonial, onde actualmente se ergue a formosa cidade de Belem do Pará.

Tendo regressado ao Maranhão, Francisco Carvalho, governador geral do Estado, Manoel d'Eça, contra as ordens do capitão general, enviou Pedro Favella ao Pacajá para resgatar indios, que auxiliassem os trabalhos dos colonos.

Não agradou esta dominação ao governador e Manoel foi chamado ao Maranhão e substituido por Feliciano Coelho.

Ao novo encarregado da capitania ordenou Pedro Favella que organisasse uma expedição com o fim de capatar as sympathias dos indios e expulsar os inglezes, estabelecidos no Amazonas.

Favella, auxiliado por Pedro Teixeira, atacou um forte situado na ilha Tucujus, tomou-o e arrasou-o.

Conseguida esta victoria, Teixeira retirou com a sua gente para a aldeia Mariocay. Ahi foi atacado repentinamente por uma força ingleza que destroçou e obrigou a retirar.

Luiz Aranha de Vasconcellos, que substituira a Manoel d'Eça na administração, tendo dado provas de incompetencia para o

cargo, foi suspenso, sendo substituido por Jacome Raymundo de Noronha. Este mandou bater os inglezes, que, alliados aos indios, se fortificavam na ilha de Tucujus, actual de Gurupá.

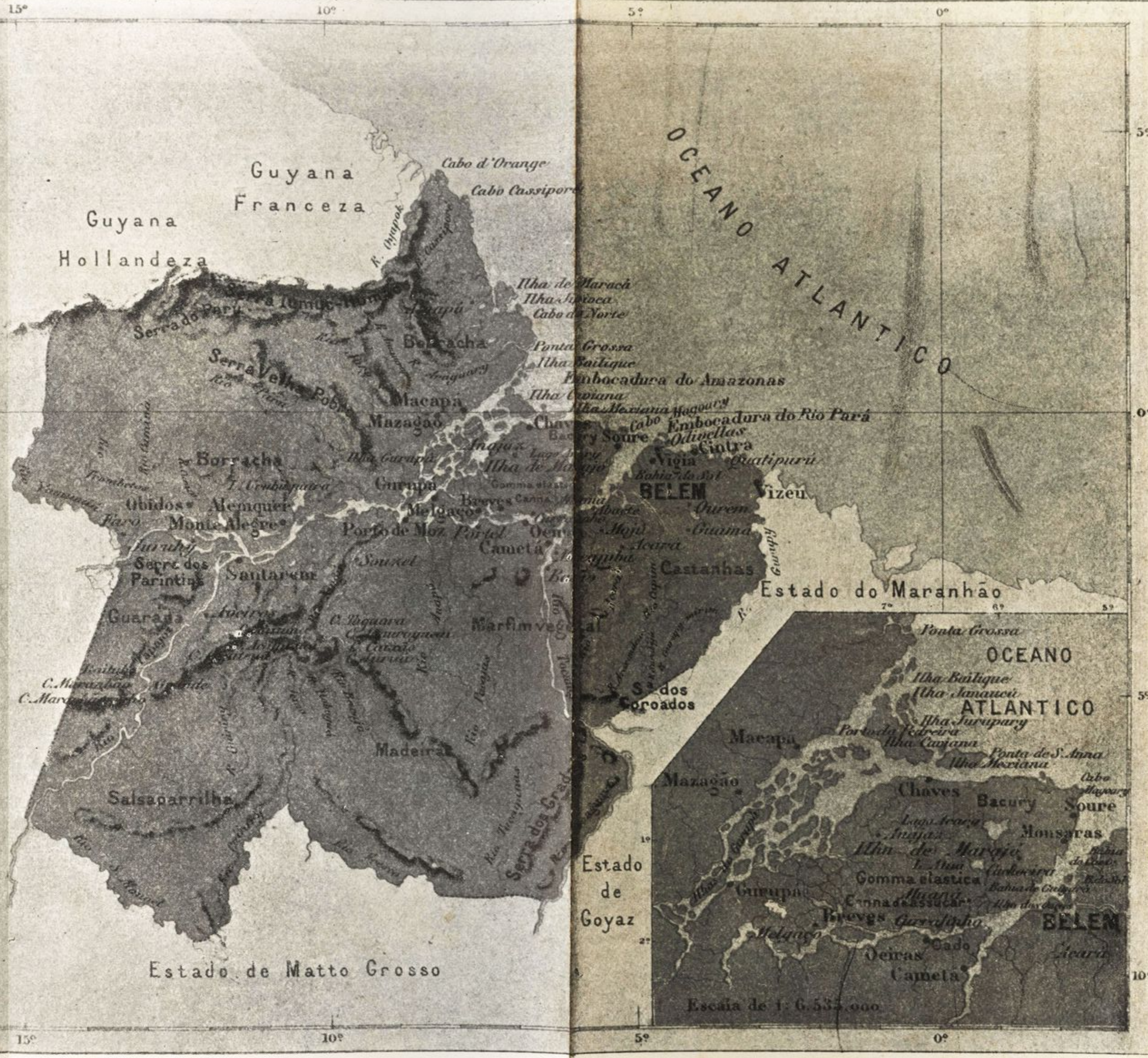
O exito d'esta expedição foi ainda favoravel aos portuguezes, que prenderam os intrusos e lhes apprehenderam um navio.

Em 1636 voltou Rego Barros à Belem na qualidade de capitão-mór, praticando então alguns actos dignos de louvor, que serviram para minorar as antigas diatribes.

Emquanto se desenvolveram estas scenas sempre emolduradas em sangue e violencias, a cidade de Belem do Pará era um simples conjuncto de choças, barracas de guerreiros, origem dos palacios sumptuosos e da casaria elegante que hoje por lá admiramos. Aos caminhos lamacentos e vielas tortuosas, apenas transitadas pelos indios opprimidos e pelos guerreiros ferozes e avidos de gloria, succederam-se as estradas sombreadas de vejetação luxuriante e as ruas calçadas de commodos parallelipedos, de granito ou madeira, onde a multidão vestida segundo os ultimos requintes da civilisação parisiense, passea em luxuosas carruagens ou deslisa pelos passeios esmeradamente cuidados. A escuridão das noites tempestuosas, que outr'ora tantas tragedias encobriu, é hoje vencida por milhares de lampadas electricas, que attestam o poder da civilisação e o espirito de progresso que tem presidido aos actos dos modernos governadores do Pará.

A ideia que illumina, o pensamento que vibra e as relações que servem a estreitar a amizade dos povos cultos, que nos tempos passados eram desconhecidos, são hoje brilhantemente vibrados por jornaes superiormente cuidados e impressos aos milhares nas mais aperfeiçoadas machinas, escriptos por jornalistas de pulso e de convicção, por talentos que se admiram e respeitam.

São as distancias vencidas pelas locomotivas, pelos vapores que sobem e descem os rios magestosos, pelo telephone e até pelo telegrapho Marconi. Na travessa de Campos Salles ou na praça de Baptista Campos, sabe-se, poucas horas depois, o que occorreu no boulevard parisiense ou na camara dos lords, em Londres. Todas as linguas são faladas e cultivadas na florescente cidade onde a instrucção tem um culto fervoroso. Uma preciosa bibliotheca, dirigida por um erudito, fornece o pão do espirito a quem o deseje alimentar. Um museu superiormente organisado, presta o ensinamento a quantos o visitem. Passeios deleitosos, como o Bosque; theatros luxuosos, como o


ESTADO
DO
PARÁ
Escala de 1:11.110.000
Guyana Hollandeza
Guyana Franceza
Cabo d'Orange
Cabo Cassiporé
OCEANO ATLANTICO
Ilha de Maracá
Ilha Jipioca
Cabo do Norte
Ponta Grossa
Ilha Bailique
Embocadura do Amazonas
Ilha Caviana
Ilha Mexiana
Embocadura do Rio Pará
Serra do Pary
Serra Velha Pobre
Borracha
Macapá
Mazagão
Chaves
Soure
Odivellas
Cintra
Vigia
Quatipurú
BELEM
Vizeu
Ourem
Guamá
Castanhas
Gurupá
Melgaço
Breves
Porto de Moz
Portel
Oeiras
Cametá
Souzel
Obidos
Alemquer
Faro
Monte Alegre
Serra dos Parintins
Santarem
Guaraná
Marfim vegetal
Madeira
Salsaparrilha
Estado do Amazonas
Estado de Matto Grosso
Estado do Maranhão
Estado de Goyaz
S. dos Coroados
Serra dos Gradaus
OCEANO
ATLANTICO
Ponta Grossa
Ilha Bailique
Ilha Janaucú
Ilha Jurupary
Porto da Pedreira
Ilha Caviana
Ponta de S. Anna
Ilha Mexiana
Cabo Maguary
Macapá
Mazagão
Chaves
Bacury
Soure
Monsaras
Ilha de Marajó
Gomma elastica
Canna de assucar
Gurupá
Breves
Melgaço
Oeiras
Cametá
BELEM
Escala de 1: 6.533.000

da Paz; sociedades musicaes e bandas marciaes, lançam no espirito a suave consolação de que as modernas gerações carecem nas suas horas de repouso.

O Amazonas, o magestoso rio mar, que só pode ser comprehendido por quem já o viu, que n'outros tempos apenas era cortado pelas igáras dos indios ou pelas pesadas caravelas dos navegantes do seculo XVI, vê-se hoje sulcado pelos monstruosos trasatlanticos que fazem a carreira entre a Europa e a America.

A arte, que n'outras epocas só encontrava guarida nos retabulos das egrejas ou no cantochão dos frades, merece hoje sentido culto aos paraenses, que sabem apreciar Carlos Gomes e Verdi, Victor Meirelles, Parreira e Rubens.

Finalmente: esta cidade que a natureza ataviou com as suas mais formosas galas não tem hoje mendigos nem abandonados; possue asylos e instituições caridosas, sustentados pelo Estado, onde os desherdados encontram pão e os doentes remedios gratuitos para seus achaques, para suas enfermidades.

O Estado do Pará continua a prosperar e florescer desenvolvendo-se gradativamente e firmando cada vez mais o conceito de que goza, quer no Paiz, quer no extrangeiro.

Mantem relações com as principaes praças commerciaes da America e da Europa, sendo o seu commercio um dos mais importantes da União. Basta dizer que a alfandega do Pará é actualmente, em rendimentos, a 3.ª da Republica.

Dotado pela natureza de uma mina inexgotavel e que tem sido e será sempre largamente explorada — a borracha, — o Pará póde sobre ella firmar os mais solidos alicerces de um progresso duradouro, e de uma solida riqueza, bastando para isso uma simples lei que obrigue os extractores do leite da Hevea a fazerem o plantio de umas tantas arvores, por anno, em seus seringaes.

O Pará produz tambem com facilidade, cacáu, canna de assucar, café e tabaco, tendo sido mesmo o primeiro Estado brazileiro que cultivou o café, cereaes e grande variedade de fructas, muitas das quaes dotadas de qualidades alimenticias em alto gráu.

O Governo do Estado muito se tem devotado á causa publica; além de muitos estabelecimentos de instrucção prodigamente espalhados e da restauração das finanças tem tambem S. Ex.ª o Dr. Governador empregado todos os esforços para conseguir que a estrada de ferro de Bragança attinja o seu ponto terminal, o que será de grande vantagem para toda a região do salgado.

D'esta via-ferrea parte um ramal para o Pinheiro.

Quanto ás industrias tem tambem o Pará progredido regularmente, assim é que já possue fabricas de calçados, de licores, de vinagre, de sabão, de vellas, de chapeos de palha, de chapeos de sol, de roupas, de luvas, de louças, de cerveja, de pregos, de gelo, etc. etc.

Manifestam-se assim com toda a pujança os primordios do deslumbrante futuro do grande Estado, onde só faltam braços.

Pará *(Escravatura no)*. Em todas as manifestações grandiosas dos mais nobres sentimentos humanos sempre os paraenses se distinguiram. Foi este pujante Estado um dos primeiros onde mais viva se travou a lucta contra a escravatura e onde os escravos, mais cedo, encontraram justiça nas consciencias. Em 1878 tinha o Pará 29.781 escravos e em junho de 1882 só contava 23.449.

O differencial tinha sido liberto pela humanitaria alma paraense, que não tinha festa ou regosijo que não celebrasse com a carta de alforria.

Paracanha. Arvore cujo tronco varía entre 8 e 11 metros d'altura e cerca de 1 metro de diametro. A sua madeira é muito resistente.

Paracutaca. Arvore do Amazonas de que se sustentam as tartarugas. Da madeira fazem-se rémos para as canôas. Nasce pelas margens dos rios, com as raizes debaixo de agua.

Paraense macrobio. No dia 14 de setembro de 1906, falleceu no hospital da Santa Casa, no Pará, o preto Manoel Pedro de Jesus, natural d'esta cidade, que tinha a bonita edade de 150 annos!

Quando Manoel Pedro nasceu, o Pará vivia ainda vida de colonia, sob a dependencia de Portugal, e era então governado por D. Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão do marquez de Pombal.

Aos vinte annos de edade, isto é, em 1776, o macrobio fallecido devia ter conhecido o governador João Pereira Caldas, que andava em uma serpentina, carregada por dois negros e coberta por um grande guarda-sol, que um terceiro negro empunhava.

Elle egualmente devia ter conhecido o governador José de Napoles Tello de Menezes, o capitão-general Martinho de Sousa e Albuquerque, D. Francisco de Sousa Coutinho, que mandou rachar a palmatoadas as mãos de tres parteiras e depois afogar as infelizes no Guajará; o conde dos Arcos, o conde e a condessa de Villa Flôr, esta fallecida no Pará.

Quando se deu a proclamação da independencia, em 1823,

tinha Manoel Pedro já a respeitavel edade de 67 annos, e pela cabanagem, era um velho, pois contava 79 annos!

Deante dos seus olhos devem ter passado muitas scenas tragicas do largo periodo dos motins politicos, occorridos de 1821 a 1836.

Era talvez Manoel Pedro de Jesus o unico paraense-portuguez ainda vivo.

Assistiu o macrobio á entrada de dois seculos — o seculo XIX, no dia 1 de janeiro de 1800 e o seculo XX, no dia 1 de janeiro de 1900.

Já é ter folego!

E ainda ha quem tenha a audacia de dizer que o clima do Pará é doentio.

Paraná-mirim. Esta palava, na lingua tupy, quer dizer: — *paraná*, rio; *miri*, ou *mirim* — pequeno. E' um canal, uma especie de aberta, que leva as aguas do rio pela terra dentro.

Pari. Panno de talas, chatas, de um ou dois dedos de largura, tiradas e aperfeiçoadas do tronco da palmeira marajá. O pari serve para fazerem as tapagens nos lagos e igarapés e prenderem o peixe que n'elles se encontra, nas vasantes.

Paricatuba. Quer dizer: lugar da Acacia. Antiga villa de Mont'Alegre.

Parintins. Municipio do Amazonas, outr'ora denominado Villa Bella da Rainha e Villa Bella da Imperatriz.

E' uma pequena e elegante cidade, excellentemente situada na margem direita do Amazonas e na esquerda do rio Maués.

Além de muita borracha exporta Parintins, cacau, tabaco magnifico e pirarucú.

Esta povoação foi fundada em 1796 pelo capitão José Pedro Cordovil. E' séde de municipio e de comarca e limite do Estado.

Parintins *(Serra de)* Na margem direita do Amazonas e em frente á foz do Nhamundá, corre a serra de Parintins, que é a divisa official dos dois Estados do Pará e do Amazonas, na ponta mais saliente da dita serra e que caminha para o rio.

Em uma curva que esta serra descreve, já dentro do Estado do Amazonas e proxima á parte inferior do paraná-miri, de Parintis, vê-se ainda o aterro e palissada mandados fazer pelo antigo governo da Barra do Rio Negro, com o fim de fazer o registro das embarcações, que entrassem n'aquella capitania.

Pretendeu o presidente, Tenreiro Aranha, servir-se d'essa mesma obra e para o mesmo fim e ali collocou um destacamento sob as ordens de um sargento de nome Vasconcellos. A experiencia porém incumbiu-se de demonstrar que nenhuma utilidade

havia em semelhante medida, e pouco tempo depois foi dissolvido o destacamento, ficando ainda ali abandonadas diversas madeiras compradas para a edificação de uma casa ou quartel.

Os indigenas olham para a serra de Paratins com certo temor supersticioso, e não é sem grande acatamento e respeito, que por ella passam. Dizem que ali ouvem tocar sinos á noite, «o que, diz o capitão tenente Amazonas, se attribue á tradicção de algum estabelecimento jesuitico, que abandonado, tenha sido invadido pelo matto e em sua espessura perdido os sinos».

«A montanha de Parintins, diz Baena, assumiu este nome dos sylvicolas assim denominados, que a habitaram. Altos arvoredos a enramam até á sua lomba, que é uma planura, onde dizem ter existido uma aldêa dos ditos Parintins, fundada pelos jesuitas e que os mesmos aldeanos se revoltaram contra os que lhe ministravam a doutrina, queimaram as casas, esboroaram a igreja, enterraram os sinos e fugiram para as brenhas. Ainda dura nas circumvisinhanças a tradição oral, de que em todas as noites de Natal se ouvem os sinos soterrados».

Parintintins. Tribu de indios sempre em guerra com os Mundurucus e os Corajás. Habitam entre os rios Tapajoz e Xingu.

«São demasiado traiçoeiros, mas dos mais valentes e arrojados, havendo em tempo chegado a atacar Pasto Grande, para onde passaram o rio em suas ubás, quando ali morava o sr. José Francisco Monteiro com sua familia, a quem de noite surprehenderam, não lhe dando mais tempo que o necessario para conduzir esposa e filho, e mettel-os em uma sua canôa, voltando com os companheiros a casa a combater os selvagens.

«Estes indios preferem morrer de fome e não viver entre os de outra raça, mesmo com os brancos, como tem succedido, quando n'estas refregas alguns ficam em poder dos vencedores.

«Tem nas suas *malocas*, roças de milho, macacheira, banana, canna, etc., e domesticam diversos animaes selvagens que criam como *cherimbabos*.

«Aguçam suas flechas de bico de tacuára, com dentes de animaes, por lhes serem desconhecidas as nossas ferramentas, porém já hoje fazem uso de algumas que tem roubado nas barracas que atacam. Nas suas malocas tem sido encontradas redes feitas por elles, bem tecidas, de fibras de *naycema*.

«Affirmam alguns que estes selvagens habitavam em tempo as margens maritimas, por se ter encontrado em seu poder, figuras de peixes que só lá podem existir.

«São estes indios robustos e bem delineados, e as mulheres

tem formosos e compridos cabellos que lhes descem até abaixo da cintura, e untam o corpo de *urucú*, arbusto de lindas flores branco-rosadas, cujo fructo está envolto n'uma capsula cheia de espinhos, contendo sementes encarnadas, que são as que dão a côr com que elles se pintam, fructo que se emprega na arte culinaria para colorir as comidas e que se applica tambem na tinturaria. Pintam tambem o peito com tinta azul que extráem da fructa do genipapo e de outras plantas do matto.

«Na vasante das aguas, que é quando podem passar para as margens do Madeira e de outros rios, por se acharem seccos os ribeiros pois pouco usam de barcos; —vem então pescar na bocca de um igarapé que fica um pouco acima de Pasto Grande, chamado Tambaquí.

«Em 1870, o negociante portuguez Antonio Martins d'Oliveira, achando-se no matto caçando, foi surprehendido por elles; attrahido por canto de aves que elles imitavam com o fim de o enganarem até ao alcance de suas flechas, que elle não via; caminhando de arma em punho, procurando a caça, em vez d'esta avistou um tucháua, todo emplumado de vistosas e longas pennas na cabeça e cintura, batendo fortes palmadas no peito, em signal de guerra ou ataque, emquanto os outros, approximando-se, retesando os arcos, disparam flechas. Então Oliveira, intrepido e corajoso, engatilha a sua arma, aponta e faz fogo sobre o chefe, matando-o.

«Os selvagens vacilam, disparam setas ao acaso, emquanto Oliveira faz novas descargas com que estira mais alguns, — elles, afinal, fogem ficando comtudo, o valente portuguez ferido no braço direito e incapaz de poder usar da arma mas os parintintins, covardes, já tinham felizmente desapparecido, quando então a sua victoria seria certa.

«Estes selvagens pertencem á raça *mundurucania*.

«A unica tribu que elles respeitam é a dos *mundurucús*, hoje quasi extincta, por haver fraternisado com os brancos, e portanto em caminho de civilisação».

Parú. Notavel rio da Guyana, de onde desce, lançando-se no Amazonas.

E' navegavel por mais de trinta leguas e habitado por diversas tribus de indios. Na barra d'este rio fica situada a povoação de Almeirim.

Passés. Indios que tinham por distinctivo uma malha negra, que principiando nas maçãs do rosto, e comprehendendo parte do nariz, descia até a baixo da mandibula inferior, aonde se quadrava perfeitamente. Da raiz do cabello sahia um risco negro que pas-

sando por entre os olhos terminava sobre o nariz na malha, que o cobria. Dos temporaes de ambos os lados desciam muitos riscos negros, que faziam uma gelosia de largura de pollegada e meia, que chegava pelo comprimento á malha grande sobredita. Na extremidade inferior das orelhas tinham um furo largo, em que mettiam pedaços de flexas, e outro no beiço, debaixo do qual tapavam com uma chapa espherica de pau preto da grandeza de uma moeda de cobre de vinte réis.

Patanã. Palmeira de que se extrahe um oleo, que substitue o azeite e com que os indios untam o corpo para se preseverarem das mordeduras do pium.

Pauxis. Antiga fortaleza dos portuguezes, contigua á villa de Obidos.

Peixe. E' tal a abundancia de peixe em todos os rios e lagos da Amazonia, que Guedes Aranha diz o seguinte:

«... passando qualquer canôa de noite accendendo luz, é tal a nuvem de tainhas que a cerca e acompanha saltando, como fazendo floreio de vêrem entre si aquella novidade, que do muito que se enganam no salto e caem dentro da canôa é necessario retirar d'ella com brevidade apagando a luz, para não metter a canôa no fundo.



Uma vista de Manáos

Por aqui se póde calcular a abundancia de peixe que existe em toda a região.»

Escrevia Agassiz, em 1866:

«Todos os rios da Europa, reunidos, desde o Tejo até ao Volga, não alimentam cincoenta especies de peixes d'agua dôce; no entretanto, n'um pequeno lago das proximidades de Manáos, no lago Hyanuary, que tem apenas quatrocentos ou quinhentos

metros quadrados de superficie, encontramos duzentas especies distinctas, das quaes a maior parte nem sequer ainda foi observada.»

Peixe boi. E' muito commum nos lagos e rios, que banham o valle do Amazonas. E' o *manatus americanus* de Desmarest. Os indigenas dão-lhe o nome de *manay*.

A semelhança da cabeça d'este animal, mais ou menos approximada á da vitella, fez-lhe talvez dar a denominação que tem.

A carne, e com particularidade a do ventre, dizem ser muito saborosa. O peixe boi chega a ter até 5 metros de comprimento.

Fallando acerca do peixe-boi, escrevia no seu curiosissimo Diario da Viagem o bispo do Pará. D. Fr. Caetano Brandão:

«Entre as cousas que aqui tenho admirado, foi um chamado peixe boi. Disseram-me que era dos mais pequenos e comtudo seria do tamanho de um novilho de um anno. Só tem o focinho semelhante ao do boi; nada mais. Junto ao pescoço vêm-se-lhe dous pequenos braços e a cauda. O resto tudo é carne muito succosa. Tem banhas como de porco e d'ellas se extrahe muita copia de azeite que contribue para a fartura do Estado, como tambem a carne, que é semelhante á do porco. Este animal pare os filhos e os cria aos peitos; sustenta-se unicamente de feno ou herva que nasce nas margens dos rios... Asseguram-me que deita 20 a 30 potes de azeite ou manteiga».

Affirma o sr. Em. Liais que o peixe boi não é absolutamente herbivoro e que come peixe. No Amazonas todos me asseveraram o contrario.

«Ha outro peixe-boi, diz Baena, que differe d'estes na corpulencia, que é maior, e na gordura e toucinho, cuja quantidade é tal, que muito pouca carne se lhe divisa. A' este chamam peixe-boi de azeite, porque só para isto serve. Nos lagos de Faro ha muitos d'esta qualidade e alguns tamanhos, que de um se póde extrahir quasi uma pipa de azeite.

O peixe-boi vive em geral nos rios e nos lagos d'agua doce e mesmo salgada.

Pedra de amollar. Nas margens do rio *Gurupatuba* encontra-se excellente pedra, conhecida pelo nome de pedra de amollar.

Pelle. Porção de borracha, de fórma espherica e diversos tamanhos.

Penas. Indios da região do Xingu. E' tribu já pouco numerosa.

Pequiá. Arvore de grandes dimensões, que dá fructos comestiveis.

Periperioca. Planta cujas raizes são empregadas como perfume.

Piassabeira. Palmeira muito abundante no Amazonas, cujos filamentos teem muitas applicações.

Piassoca. Ave ribeirinha, de plumagem vermelho-escura, bico e pernas carmesim.

Picada. Caminho de pé posto, que atravessa a floresta.

Chama-se picada aos signaes que toda a pessoa tem necessidade de fazer quando entra na matta virgem, para poder achar o seu caminho no regresso. Logo que se penetra na floresta vão-se cortando com o sabre, companheiro inseparavel d'essas excurções, os cipós e os ramos, que impedem o transito; aqui e ali dão-se golpes nas arvores, de modo que se lhes tire um pedaço de casca, para os tornar bem visiveis, e durrubam-se algumas plantas das mais grossas; mas tudo isto é feito sem parar, para não perder tempo, e nem sempre se repara se fica sufficientemente indicado o caminho que se vae levando. Quando muita gente segue o mesmo trilho é facil dar com elle sem esforço, e até conservál-o por algum tempo desobstruido; mas se foi só um viajante que o traçou, não é raro que o perca, algumas horas, e até alguns minutos, depois de o ter deixado e se veja na impossibilidade de voltar ao seu ponto de partida!

Pica Pau. Ave do tamanho d'um pombo; pennas côr de cinza com uma lista branca cintando o pescoço. Na cabeça tem um pennacho encarnado; bico direito, de 5 a 6 centimetros de comprido.

O pica-pau perfurando a madeira secca tem por fim não só caçar os insectos que encontra na madeira podre, como tambem utilisar-se do buraco que ahi faz, para sua habitação.

Os indigenas aproveitam as pennas d'este passaro para embelezar as guias de suas flexas, e tambem para adornar os seus capacetes, tangas, e varios objectos e utensilios.

Os indios *araras* que habitam os mattos dos rios Madeira e Purùs, tapam com uma fina camada de barro a entrada dos buracos ou ninhos feitos pelos pica-paus, e põem-se de parte a espreitar o seu regresso. Effectivamente, não tarda que elle appareça, trazendo quasi sempre preza no bico uma folhinha secca. O passaro, encontrando aquelle orificio tapado, larga a folha para de novo o desobstruir.

E' isto que os *araras* desejam e esperam.

Então immediatamente um d'elles apanha a folha que cahiu e guarda-a como um *talisman* precioso.

As virtudes attribuidas a esta folha são innumeras; effectivamente, na sua singeleza, os indios acreditam que ella lhes serve de infallivel barometro, pois dizem que quando se torna verde é

certo haver chuva com tempestade, e que quando se torna de novo secca é certo voltar o bom tempo. Mas não é só esta propriedade barometrica que torna tão queridas dos indigenas a folha do *pica-pau*. Ella tem tambem poderes quasi sobrenaturaes. E assim, foi voz corrente e por todos acceite, que um facinora que em tempo percorreu o sertão de um dos Estados da União Brazileira, se servira d'essa mysteriosa folha para abrir as portas de todas as casas, alta noite, sendo bastante, para isso, introduzir nas fechaduras a ponta d'uma d'essas talismanicas folhas.

No rio Negro encontra-se esta ave em grande quantidade, sendo muito respeitada e quasi temida pelos indigenas.

Pindá-siririca. Com estes nomes designam os indigenas duas maneiras de pescar o *tucunaré*, que é um dos peixes mais estimados no Pará e Amazonas e que abunda no grande rio e em seus affluentes.

Consiste a primeira em ligar pequeninas pennas encarnadas ou outra qualquer materia de igual côr, como pedaços de baêta e chita etc., ao estorvo de um anzol (*pindá*, em linguagem indigena), de modo que este fique occulto. Isto feito, o pescador segurando a vara do anzol, vae com elle frisando de leve e ligeiramente a face d'agua; então o *tucunaré*, que se alimenta de peixinhos, muitos dos quaes tem as barbatanas encarnadas, vendo esta côr passar á flôr d'agua e suppondo ser algum dos que ordinariamente fazem o seu pasto, arremessa-se contra o anzol com a voracidade de que é dotado, ficando assim fisgado.

A segunda differe da primeira em que, em vez de ser atada a uma vara a linha do anzol, atam-n'a á popa de uma montaria, que o pescador fazendo correr velozmente á força de remos, faz que o anzol vá tambem correndo á flôr d'agua e dê em resultado o mesmo effeito, que a primeira. N'esta segunda maneira, é necessario que a linha seja muito comprida, para evitar que o barulho do remo afugente o peixe.

Pinheiro. E' a Cintra do Pará. Situada esta localidade á beira d'agua e cercada de arvoredo gosa-se ali d'um agradavel clima. Desde 7 de janeiro de 1906 que o Pinheiro se encontra ligado a Belem por uma linha ferrea, que demora uma hora a percorrer. Depois de 1885 as relações entre o Pinheiro e o Pará eram feitas pelos vapores da Companhia do Amazonas, subvencionada pelo Governo.

Pindoba ou **pindova.** Palma de tronco grosso, direito, que cresce até grande altura. A flôr semelha-se á da tamareira; o fructo nasce em cachos e substituem a farinha de mandioca. Os cachos são tamanhos que um só carrega um homem. Do olho

d'esta palmeira extrahe-se o palmito que é delicioso em conserva e esparragado. As folhas servem de cobertura das casas.

Pirabas. Rio que corre nos municipios de Quatipuru e Salinas, no Estado do Pará.

Piracuhy. Farinha fabricada com o peixe pirarucu.

Piraén. Peixe seco. *Pira*, peixe; *én*, seco.

Pirahiba. Amarrado de piassaba. Peixe do tamanho do pirarucu. Tem a pelle bruno-esbranquiçada e grossa. A sua carne não é muito saborosa, apezar de ter grande consumo no Pará.

Pirá-jaguára. Pirá, peixe; jaguára, cão. E' o nosso antigo boto. E' necessario, porém, não confundir os de agua salgada com os de agua doce. Estes ultimos, que são os que temos visto em bandos no Amazonas, cortam a agua com incrivel rapidez e chegam a encostar-se ás embarcações. Muitos suppõem que quando cae á agua qualquer pessoa, que não saiba nadar, o pirá-jaguára a conduz a terra sobre o dorso. E' uma historia como qualquer outra.

Piranha. Ave de côr preta, que tem a cauda aberta em fórma de thesoura.

Com este nome tambem é conhecido um peixe de dentes muito afiados e cortantes, que ataca o homem em cardumes e o devora, se tiver tempo. E' o terror dos banhistas e a sua voracidade chega a causar pavor.

Quando, em cardumes, percebe sangue ou carne, avança como lobo faminto. Um arranhão ou signal de sangue é o bastante para qualquer mortal, em poucos momentos, ficar reduzido a esqueleto. Anda no fundo dos rios e méde um palmo de comprido.

Pirapitinga. Bello e gostoso peixe, sarapintado, pouco menor do que o tambaqui.

Pirarara. Peixe cujas banhas teem a particularidade de misturadas em qualquer alimento e ingeridas por aves, fazer com que estas alterem a côr natural da sua plumagem por outras de diverso matiz.

Pito. Cachimbo.

Pium. Mosquito menor que o carapanã; morde sómente durante o dia e alimenta-se de assacu. E' venenoso e a sua picada produz uma chaga. Ataca tanto o homem como os animaes.

Poita. Grande pedra que serve de ancora nas embarcações de pesca da costa do Pará. Servem-se d'ella amarrada a uma corda ou mesmo a um cipó. *Estar de poita* — estar parado.

Pombal. Povoação da margem do Xingu.

Ponta do Paraurari. «Legoa e meia acima do logar de Al-

varey, e na mesma margem austral do Amazonas fica a ponta chamada Parauarí. N'esta diz Mr. de Condamine pag. 53 e 59 do seu Diario, que estivera a aldeia do Ouro, onde o Capitão Mór Pedro Teixeira erigiu um Marco, e tomou solmemnemente posse por parte da Corôa Portugueza, e 26 de agosto de 1639. Funda-se em que no auto da posse se faz menção dos Gueyariz defronte das boccainas do Rio do Ouro. E suppondo que a dicção — Pará — no idioma geral dos Indios do Brazil equivale ou significa — Rio —; infere que o nome — Paraguari — vale o mesmo, que Rio dos Gúariz, ou Rio que banha a terra dos Gúariz; e consequentemente, que em Paraguari se tomara aquella posse, e que o Jupará é o Rio, cujas boccainas se declararam fronteiras.

Para o exame d'esta questão seria necessaria maior extensão, da que permitte este livro. Apontarei todavia as noticias que bastam para desvanecer a conjectura de Mr. de Condamine. A ponta sobredita chamam, e sempre chamaram os Indios — Parauárí, — e não Paraguari: e no idioma geral dos mesmos Indios não se denomina o Rio Pará, mas sim — Paraná. — E ainda que se verificassem estas duas supposições; isto é, que a ponta se chamasse Paraguarí, e a dicção — Para — fosse propriamente significativa de Rio, ou se conceda que o nome Paraguarí se acha syncopado, por se lhe tirar a syllaba — na — não podia legitimar-se a etymologia, que inculca Mr. de Condamine, por dois motivos.

O primeiro, porquê na invariavel phrase do idioma geral dos Indios do Brazil concorrendo dois substantivos, precisamente se antepõe o do genitivo ao do nominativo, sem que possa descobrir-se o exemplo contrario: e por isso havendo de significar-se — Rio dos Guariz, se deve dizer indispensavelmente — Guari Paraná, e não Paraguari; porque d'este modo vale o mesmo que — Guari do Rio. O segundo porque na ponta referida, ou suas visinhanças nunca houve gentio, ou outra qualquer cousa com denominação de Guariz ou Guayariz.

Não ha precisão de se dar origem a todos os nomes: porque só dependem de uma livre, e voluntaria imposição dos homens: nem é facil saber-se a etymologia dos nomes, que a tem, ignorando-se a linguagem dos que os imposeram: o que succedeu em muitos d'estes sertões impostos pelos seus primeiros habitantes e conservados até agora: no caso de ser o nome Parauri imposto pelos Indios, que usavam da lingua geral, e havendo de buscar-se-lhe alguma etymologia, é muito natural, que se derivasse do nome Parauai, que significa — periquito; talvez porque fossem vistos muitos d'esta especie n'aquelle sitio; e que ao depois se

accrescentaria na pronunciação mais um — r — para se dizer — Parauari — em vez de Parauai.

O padrão ou marco foi erigido pelo Capitão Mór Pedro Teixeira na margem septentrional do Rio Napo, alguns dias de viagem por elle acima, aonde se acham verificadas todas as indicações do auto da posse. Julgando o sr. Alexandre de Sousa Freire no tempo, que governou o Estado do Pará, que já estaria corrupto o sobredito marco, despediu para o renovar Belchior Mendes de Moraes com uma escolta de 15 soldados e 2 sargentos, os quaes chegando ao Rio Napo, encontraram posto que muito damnificado o marco no sitio confrontado no auto da posse, e erigiram outro, estando presente o Jesuita João Baptista Julião, Superior das Missões de Quito, que andava em visita.

Este facto desvanece evidentemente a conjectura de Mr. de Condamine, e muito mais se se attender a que sempre os Portuguezes conservaram a posse do Amazonas de Parauari para cima, praticando todos os actos d'ella na navegação do Rio; na extracção dos seus generos; na reducção dos Indios seus habitantes; e na fundação de muitas colonias; não obstante as contrarias diligencias dos jesuitas Hespanhoes, que pertenderam arrogar a si o dominio, e posse do Rio Amazonas até á barra do Canal de Cuchiuará, como confessa o mesmo Mr. de Condamine na pag. 53 e sem embargo do attentado do jesuita Samuel Fritz, que descendo pelo Rio abaixo com animo de privar os Portuguezes da posse, e fazel-a sua, suggeriu praticas aos Indios Cambebas, ou Mauaz, para os reduzir á sua communhão e mudal-os d'onde habitavam para as margens do Rio tratando-os por seus catecumenos.

Mr. de Condamine, talvez por não ter mais noticias das que a seu favor lhe communicaram os jesuitas de Hespanha, affirma absolutamente na pag. 42 do mesmo Extracto que os Portuguezes principiaram a allegada posse do anno de 1710 em diante: e parece attribuir-nos violencia, por dizer na pag. 34 que no mesmo anno, espantados dos Portuguezes os indios Cambebas, ou Mauaz, este é o verdadeiro nome da nação, e não Omagna reduzidos ao gremio da Igreja pelo jesuita Samuel Fritz, abandonaram as suas terras, e subiram pelo Rio acima, até ao sitio, aonde fundaram a sua nova povoação. Porém esta asserção é muito livre, e o convence a verdade do facto, que se passou da fórma seguinte:

Em o tempo da guerra entre Portugal e Hespanha, pela alliança de Carlos VI, se quizeram aproveitar os jesuitas de Hespanha d'aquella opportunidade para a execução de seus intentos, e a este fim fizeram descer pelo Rio abaixo no anno de 1709, Brancos, Indios e Mestiços, os quaes chegando á povoação de No-

gueira, aprisionaram n'ella o missionario Fr. Balthazar da Madre de Deus, Religioso Carmelita, e dois Brancos, levaram todos os indios, que tinhamos em uma povoação fundada na margem septentrional do Amazonas, em o sitio chamado Tayaçútyba fronteiro e pouco mais acima do Rio Juruá, com os quaes estabeleceram os jesuitas Hespanhoes a aldeia, a que deram o nome dos Jurimaguas; levaram finalmente alguns Indios Cambebas das quatro povoações, que então dominavamos: a saber: S. Paulo, hoje villa de Olivença, S. Christovão, hoje logar de Castro de Avelans, N. S. da Guadalupe, hoje logar de Fonte Boa, S. Mathias, que se encorporou com Castro de Avelans; e os estabeleceram na aldeia, a que chamam os Hespanhoes S. Joaquim.

Logo que chegaram estas noticias, Christovão da Costa Freire, que governava o Estado do Pará, despediu uma grossa tropa commandada por José Antunes da Fonseca, o qual subindo pelo Rio Amazonas aprisionou em uma ilha o Jesuita Francisco de Sana e outras mais pessoas: e chegando á aldeia de St.ª Maria Maior, recobrou o nosso missionario Fr. Balthazar da Madre de Deus, e outros portuguezes.

Este é o unico facto a que póde referir-se Mr. de Condamine, pelo qual se mostra contra elle, primeiro: que já n'aquelle tempo tinhamos a cidade de Parauari, quatro povoações de Cambebas, ou Omauas, além de outras differentes nações de indios; segundo: que os Cambebas foram para a aldeia de S. Joaquim, não espantados dos Portuguezes com os quaes viviam em boa harmonia, e ficou a maior parte conservada até agora nas tres povoações de Olivença, Castro de Avelans, e Fonte boa; mas sim levados violentamente pelos hespanhoes; terceiro: que a expedição portugueza foi posterior á hostil invasão dos hespanhoes, e dirigida unicamente á restituição da nova posse, e prisioneiros, e para desaffrontar as nossas armas.

Defronte da ponta de Parauari está a quinta, e principal barra do Rio Jupurá em 3 gráos ao sul. Ella tem a sua origem em uma serra que fica ao oriente de Popayaó, e corre de oeste a leste, parallelo aos Rio Negro, e Amazonas. Os Hespanhoes chamam á parte superior d'elle Caquetá. Os Portuguezes deram a todo o Rio o nome de Jupurá, que lhe impozeram os indios, por ser muito usual entre o gentio d'elle uma massa branda, negra, e de ingratissimo cheiro feita de certas fructas chamadas Yupurá (assim pronunciam tambem os indios o nome do rio) depois de corruptas, a qual come com o seu pão, ou Beiju, e com tudo o que lhe parece: e tambem por serem da nação Yupurá os indios que antigamente habitavam nas margens d'este rio».

Ponta de Pedars. A freguezia de N. S. da Conceição de Ponta de Pedras, fundada em 1737, foi elevada a villa pela lei 888, de 16 d'abril de 1877. Está situada na ilha de Marajó, na margem esquerda do rio Marajó-assú. O seu nome primitivo era o de Mangabeiras, que perdeu pelo segundo, em razão das muitas pedras que existem no local. Tem 3828 habitantes. E' terra abundante em cacáo, cachaça, farinha, gados e couros.

População do Brazil. A Directoria Geral de Estatistica, apurando e calculando, organisou o seguinte quadro das populações dos diversos Estados da União em 31 de dezembro de 1900.

Alagoas	649.273
Amazonas	249.756
Bahia	2.117.956
Ceará	849.127
Districto Federal	746.749
Espirito Santo	209.703
Goyaz	255.284
Maranhão	499.308
Matto Grosso	118.025
Minas Geraes	3.594.471
Pará	445.356
Parahyba	490.784
Paraná	327.136
Pernambuco	1.178.150
Piauhy	334.328
Rio de Janeiro	926.035
Rio Grande do Norte	274.317
Rio Grande do Sul	1.149.070
Santa Catharina	320.289
S. Paulo	2.279.608
Sergipe	356.264
A União	17.371.069

Em 1892 a população do Brazil era calculada em 10.112.061; em 1890, em 14.333.915; no anno de 1900, a directoria avalia em 17.371.069.

O accrescimo de 1872 para 1890 subiu a 4.211.854; e o augmento de 1890 para 1900 foi de 3.037.154.

O crescimento médio annual da população do Brazil teria diminuido? E' uma interrogação natural, que faz quem lê a synopse distribuida pela Directoria de Estatistica.

População do Pará. — Sobre a população do Pará escreveu o illustre engenheiro e brilhante talento, dr. Palma Muniz, n'um seu recente trabalho o seguinte:

«A resenha dos estados por que passou a população do Pará, desde a independencia até aos nossos dias, é um estudo que póde servir de base para o calculo da população actual.

«Baena, em 1833, deu á Provincia do Pará, excluidas as zonas de Turiassú e da Provincia do Amazonas, um total de 128.458 habitantes; em 1851, esse computo havia subido para 179.415; Balbi, em 1858, o calculou em 207.000; em 1867, Gautier calculava a população do Pará em 320.000; o senador Pompeu, em 1869, dizia que o seu total era de 380.000. O recenseamento de 1872 deu ao Pará 275.237 almas, recenseamento que foi muito incompleto, affirmando-se que a população da Provincia n'essa época não podia ser inferior a 300.000 habitantes. Em 1882, o dr. Freitas calculava o numero de habitantes do Pará em 350.000. Moreira Pinto e Alves da Cunha diziam que em 1887 a Provincia era habitada por 500.000 pessoas.

«Para a determinação do numero de representantes que cada Estado da Federação Brazileira devia ter na Camara dos deputados, o Pará figurou com 328.455 habitantes, população evidentemente muito inferior aos dados estatisticos anteriormente estabelecidos, isto em 1891. Em 1893, o dr. Ignacio Moura deu ao Estado do Pará 500.000 almas; e no recenseamento de 1896, que é um trabalho considerado como deficiente pelos que fazem criterio sobre o caso, apparece um computo de habitantes 428.678.

«Seja-me licito dez annos depois estabelecer algumas bases para offerecer uma nova cifra que pareça mais approximada da realidade.

«De 1883 a 1896 decorreram 63 annos; pela comparação da cifra dada por Baena com a fornecida pelo recenseamento de 1896, verifica-se que n'aquelle periodo a população do Pará cresceu apenas de 3 vezes e 1/3. Ora, não póde ser admittido este resultado que, a ser verdadeiro, constitue uma excepção rarissima em calculos de estatistica e de probabilidades, excepção inadmissivel para o Pará, onde não tem havido modalidade alguma anormal para produzir a diminuição da população; o contrario se deu, pois que o Pará, depois da secca de 1899, tem tido a sua população accrescida com uma immigração constante de cearenses e rio-grandeses do norte.

«Evidentemente as cifras do recenseamento de 1896 não

constituiam a verdade sobre o numero de habitantes do Estado do Pará, para a época. Só a cidade de Belem, que os recenseadores de 1896 deram como possuindo 90.122 habitantes, possue actualmente quasi o dobro 177.000; si considerarmos que o municipio do Pará contribue para o computo do Estado com 277.000 almas. O Estado do Pará conta 51 municipios, com o da capital.

Dos 50 póde-se admittir, com todos os vizos de verdade, que tenham 30.000 almas; 4 contenham 25.000; 8, 15.000; 17, 10.000; e os 17 restantes 5.000, sommando chega-se ao total de 277.000 para a capital e 594.000 para o interior, obtendo-se a cifra geral de 872.000 habitantes para todo o Estado do Pará. Este valor não é exaggerado.

Estou convencido de que um recenseamento feito em regra, observando-se cuidadosamente as regras que regulam taes trabalhos, offerecia um computo superior áquelle valor».

Poqueca. Embrulho ou mortalha. Os indios mettem n'uma folha verde, bem amarrada com cipós, peixe ou caça, convenientemente temperada; enterram-n'a no rescaldo e assim assam perfeitamente. A isto chamam peixe ou carne de poqueca.

Pororoca. A respeito d'este phenomeno, que nunca nos foi dado observar, escreve um illustre brazileiro:

Occupar-me-hei de outro assumpto inteiramente alheio á Historia e que toda a relação tem com as sciencias naturaes. Vou fallar do phenomeno chamado pelos naturaes do Brazil *pororoca* e pelos portuguezes da Asia, *macaréo*, como se pode ver em João de Barros, Decada 3.ª, livro 5.º, cap. 1.º, e em Diogo do Couto, Decada 6.ª, livro 4.º, cap. 3.º

A pororoca não se passa somente em alguns rios perto do mar; como julga o sr. Varnhagen. Este estupendo phenomeno observa-se tambem longe da costa a trinta e quarenta e talvez a cincoenta legoas do mar; como succede nos rios Guamá, Mojú, Capim, Arary e outros.

Tambem é certo que se manifesta com toda a regularidade *nas marés vivas perto da costa*, em quasi todos os rios da Guyana Brazileira ou Terras do Cabo do Norte, especialmente no Araguary e no Amapá. E não é menos certo, que nunca foi visto esse phenomeno no rio Amazonas, o que é explicavel pelo que se segue.

A primeira condição para que se dê a *pororoca* é a presença das marés vivas e da sua enchente, em cuja occasião *rebentam as pororocas*, como se explicam os naturaes da terra.

A segunda é a do rio, cujo leito tenha pouco declive, seja

bastante raso e sem embaraços e cachoeiras na sua corrente, desde a foz até ao logar assignalado para a pororoca.

Succede então, que as aguas do rio represadas pela maré que vae enchendo e ganhando força de momento para momento, são vencidas por ultimo na sua marcha, saltando por cima a maré com grande estampido, que se ouve a tres e quatro leguas de distancia, e formando ondas tão altas e encapelladas, e um rebojo d'aguas tamanho, que alaga em poucos minutos espaços enormes e tudo destroe quanto diante de si encontra, enchendo de prompto o que havia vasado em horas!

Já se vê, que para se dar o facto da *pororoca* não é preciso a concorrencia da *agua salgada* ou do *poderoso mar*, como pensa o Sr. Varnhagen, para se estabelecer o triumpho n'essa luta entra as aguas do monte e as da maré, que nem sempre são salgadas.

Finalmente:

A pororoca é um problema de hydrodynamica que está já de ha muito resolvido .. Dois factores principaes: maré vivissima e corrente vertiginosa do rio . que se precipitam uma contra a outra como dois iracundos esquadrões de cavallaria, como duas machinas de caminho de ferro que se chocam... Nada mais.

Portel. Antiga aldeia de Aracuará, fundada pelo celebre padre Antonio Vieira com indios Nheengaibas, que retirou de Marajó. Actualmente é villa e fica situada na face oriental da ponta Manarijó, em uma formosa bahia. Tem 4.802 habitantes e é municipio muito rico em cacáo, azeite, borracha, couros, etc.

Portinhola. Pequena porta movel de ferro tendo uma fresta com vidro. Está presa por duas dobradiças do lado de fóra do navio; serve para dar ár e claridade para dentro.

Porto *(Commendador Francisco G. da Costa)*. Toda a cidade de Manáos o respeita e o conhece pelas suas virtudes e pelo seu inexcedivel patriotismo. E' natural do Porto, mas conhece e admira o Brazil como poucos. Excellente coração e amigo dedicadissimo.

Porto de Belem. — Dentro de poucos annos o porto de Belem será um dos mais importantes do Brazil, se á frente dos negocios do Estado do Pará continuar o illustre dr. Augusto Montenegro.

Desde a doça de Ver-o-peso, n'um dos extremos da cidade será construido na direcção do mar um caes, onde atracarão navios de differentes tonelagens.

A 1.ª secção d'este caes terá a extensão de 1.500 metros,

sendo 500 com seis metros e cincoenta centimetrros de profundidade nas aguas minimas, e 1.000, de nove metros e vinte e quatro centimetros nas mesmas condições.

A 2.ª secção, que só será construida quando a 1.ª se tornar insufficiente, constará de 1.000 metros, com 10 de profundidade.

Na 1.ª secção, haverá onze armazens e edificio para a Alfandega; na 2.ª nove armazens, e em todo o correr do caes todos os apparelhos modernos de carga, descarga, etc.



Commendador Francisco G. da Costa Porto

Ao longo do caes será dragado um canal de 300 metros de largura com a profundidade esta que será levada a dez metros quando começarem as obras da 2.ª secção.

Sendo pessimo o estado actual do littoral de Belem, cujo maior fundo é de quatro metros, e ainda menos, ha para retirar uma enorme quantidade de terra, que deve servir para aterrar uma area immensa, em toda a extensão do caes, maior de 2.000 metros e com uma largura maxima de cerca de 600 metros. Póde-se dizer que essa nova área dará para fazer uma nova cidade em admiraveis condições de belleza e hygiene.

Junto ao caes fica reservada uma faixa de 100 metros para o respectivo serviço e depois d'esse recinto, que será fechado passará um «boulevard» de trinta metros, já em parte existente e que se estenderá por mais dois kilometros.

No plano das obras está projectado um grande dique, na altura da 2.ª secção; mas antes d'elle ser feito será installado um dique fluctuante em que se poderão executar todos os serviços que forem necessarios.

Estas obras estão orçadas em 30.942:546$ ouro para a 1.ª secção e 26.555:953$ oiro para a segunda. A 1.ª secção deve estar concluida a 31 de dezembro de 1913, havendo para o concessionario a multa de 10:000$ por mez até o praso de seis mezes em caso de demora.

Cinco mezes depois da assignatura do contracto serão submettidas ao governo as plantas e orçamentos definitivos e seis mezes depois de approvados estes estudos são obrigados os con-

cessionarios a ter em Belem material na importancia de réis 1.000:000$ ouro com o qual possam iniciar as obras.

O uso e goso d'estas pelos concessionarios findarão em 31 de dezembro de 1973 no caso de só ser feita a 1.ª secção e em 1996 se as obras forem além da segunda. Findo o praso da exploração, reverterá tudo para a União, sem indemnisação de especie alguma, havendo, porém, o direito de resgate a partir de 1 de janeiro de 1923.

Os concessionarios poderão cobrar taxas, sujeitas á approvação do governo, e que não poderão exceder ao maximo das cobradas em Manáos.

Para o custeio e conservação das obras destinam-se 35 % da renda bruta.

Porto de Moz. Cidade fundada em 1639 sobre as ruinas da aldeia Muturu. Tem por padroeiro S. Braz e está situada na margem direita do rio Xingu. Tem 2.964 habitantes, que se dedicam á colheita do cacáo e da borracha. Dista 420 kilometros do Pará e suppomos que é uma das mais antigas povoações de todo o Amazonas.

Porto Salvo. Villa situada em frente de Collares, nas margens do Rio Pará.

Prainha. A freguezia de N. S. da Graça, da Prainha, antes da sua fundação, chamava-se Outeiro e era situada no rio Urubuquara, muito acima da sua foz. Só em 1758 foi creada freguezia. Transferida para a foz do rio acima nomeado, ficou definitivamente instalada na margem esquerda do Amazonas. O municipio tem 2.230 habitantes.

Preá. Pequeno quadrupede sem cauda, comparavel a uma ratazana. Tem o pello escuro. Os naturalistas dão-lhe o nome de *cavia aperea*.

Preços das passagens. Os preços das passagens entre Portugal e o norte do Brazil variam conforme as companhias e os vapores. No entretanto approximam-se dos seguintes: De Leixões a Lisboa 1 libra; de Lisboa á Madeira 5 libras; da Madeira ao Pará 15 libras; do Pará a Manáos 3 libras. Estes preços são de primeira classe.

Prefeituras do Amazonas. O Estado do Amazonas tem as seguintes prefeituras, que são 64:

Prefeituras	Localidades
Primeira da capital	Manáos
Segunda da capital	Manacapurú
Terceira	Anamá

Prefeituras	Localidades
Quarta	Arimá
Prefeitura de Ayrão	Ayrão
Idem de Moura	Moura
Idem de Barcellos	Barcellos
Idem de Itacoatiara	Itacoatiara
Idem de Urucurituba	Urucurituba
Idem de Silves	Silves
Idem de Parintins	Parintins
Idem de Barreirinhas	Barreirinhas
Idem de Maués	Maués
Primeira de Borba	Borba
Segunda de Borba	Borba
Prefeitura de Manicoré	Manicoré
Idem de Humaytá	Humayatá
Idem de Aripuaná	Aripuaná
Idem de Canumá	Canumá
Idem de S. Gabriel	S. Gabriel (Rio Negro)
Idem do Rio Branco	Villa da Boa Vista
Idem de Tauapessasú	Tauapessassú
Idem de Codajás,	Codajas
Idem de Coary	Coary
Primeira de Teffé	Teffé (cidade)
Segunda de Teffé	Ega
Prefeitura de Caiçara	Caiçara
Idem de Fonte-Bôa	Fonte-Bôa
Idem de S. Paulo de Olivença	S. Paulo de Olivença.
Idem do Japurá	Japurá
Idem do Rio Jutahy	—
Idem do Rio Javary	—
Primeira do Juruá	Juruapuca
Segunda do Juruá	Marary
Terceira do Juruá	Mapurumé
Quarta do Juruá	Taranacá
Quinta de Juruá	Sobral
Sexta do Juruá	Bocca de Gregorio.
Setima do Juruá	Redempção
Oitava de Juruá	Rio Juruá
Nona de Juruá	Bocca do Môa
Prefeitura Ayapuá	Ayapuá
Primeira de Canutama	Abufary
Segunda de Canutama	Paraná Thixuma
Terceira de Canutama	Arimá

Prefeituras	Localidades
Quarta de Canutama	Paripy
Quinta de Canutama	Tapaná
Sexta de Canutama	Canutama
Decima de Juruá	Ipixuma
Primeira de Labréa	—
Segunda de Labréa	—
Terceira de Labréa	—
Quarta de Labréa	—
Quinta de Labréa	—
Sexta de Labréa	—
Setima de Labréa	—
Oitava de Labréa	—
Nona de Labréa	—
Decima de Labréa	—
Decima primeira de Labréa	—
Decima segunda de Labréa	—
Prefeitura do Axioma	Axioma
Idem do Anhurary	Antemary
Idem de Xapury	Xapury

Primavera. Povoado do municipio de Quatipurú.

Primeiro portuguez. O primeiro portuguez que pisou o solo abençoado do Pará, chamava-se Antonio de Deus e fazia parte da expedição de Francisco Caldeira Castello Branco. Teve este desembarque no dia de S. Francisco Xavier. Pelo menos assim o affirma o jesuita José de Moraes, na sua *Memoria para a historia do extincto Estado do Maranhão. Rio de Janeiro, 1860.*

Prôa. Extremidade de ávante de um navio. A prôa é a parte posterior.

Provincia do Pará. Excellente jornal que ha 31 annos se publica diariamente e mantem com pouco vulgar brilho na cidade de Belem.

O seu 31.º anniversario, em 26 de março de 1906 foi muito festejado, apesar do lucto de seu redactor-chefe, senador Antonio Lemos, pela morte de sua nora, Madame Pindobassú Lemos.

A' meia noite começaram as visitas de saudação, já individuaes, já de corporações.

De manhã, das 10 ao meio-dia, houve recepção no gabinete, ornamentado, do redactor-chefe, por onde passaram milhares de pessoas, inclusive o governador, dr. Augusto Montenegro, altas auctoridades, alto commercio, corporações, funccionarios publicos e outros cavalheiros.

A *Provincia* recebeu, além de varios brindes, avultados

donativos para o seu Livro de Caridade e distribuiu pelos pobres 200 cartões, dando direito a dois kilos de carne a cada um e mais o rateio de 500$000 réis, que recebeu em esportulas diversas.

Foram-lhe dirigidas centenas de felicitações, em cartas, cartões e telegrammas procedentes de todos os Estados e do estrangeiro

O *Jornal*, orgão do partido republicano, no seu artigo de fundo disse o seguinte, sob a epigraphe *A Provincia*:

«Nos 31 annos que hoje commemora, está a *Provincia* imarcessivelmente ligada a todos os melhoramentos, ao progresso e á cultura actual e ás actuaes conquistas d'esta parte da Amazonia.

Não houve aqui tentamen valoroso que não lhe devesse enthusiasmo e acolhimento. Não se praticou iniciativa benefica, não se pugnou pela realisação de idéas alevantadas, senão depois que a palavra vehemente e apostolica do jornalismo medrasse pelo caracter finamente temperado, nobre espirito de eleição, genio excepcionalmente creador, coração amantissimo, honradez illibada de sobrexcellencia adamantina de Antonio Lemos.

E' verdade que os nomes gloriosos do dr. Assis e Cerqueira não devem ser esquecidos; mas tambem é verdade que dos tres vultos que idearam a *Provincia* destaca-se o seu actual redactor-chefe».

Olhando para o passado, referiu-se á campanha abolicionista e á campanha republicana da *Provincia*, a que chama «primeira empreza do periodismo do norte».

«Como o berço onde emplumaram as aguias do jornalismo paraense, continua o *Jornal*, a *Provincia* revê-se orgulhosa na obra de um João Marques de Carvalho, de Paulino Heliodoro de Brito, de Celso Vieira, de Alfredo Pinto, de Fraga de Castro, de Licinio Silva, de Antonio Marques, de Ludovico Lins, além de outros».

Olhando para o presente, diz o contemporaneo que desde o extremo norte ao extremo sul, não encontra a *Provincia* simile senão na Capital Federal.

Dizendo que a *Provincia* faz honra ao Brazil, termina o *Jornal* chamando a filha dilecta do grande chefe, senador Lemos, por elle amada até ao sacrificio, de onde emanam idéas que elle, principe do jornalismo paraense, acalenta e encoraja.

Pupunha. Palmeira cujos fructos se comem cosidos e tem sabor agradavel.

«Um dos signaes de haver povoações quando se viaja, diz o naturalista A. R. Ferreira, é em se avistando ao longe as ditas pupunheiras, por serem das primeiras plantas, que se costumam plantar nos estabelecimentos de povoações, de fazendas e das casas dos mesmos lavradores, e isto, tanto pela sua formosura e extraordinaria altura, como pela essencial utilidade de lhe comerem os fructos.»

Puraqué. — Peixe que habita os lagos, igarapés e rios do Estado do Pará, em grande quantidade, chegando alguns a a terem até metro e meio de comprido e 2 decimetros de diametro. A sua pelle é de côr preta, excepto na parte inferior da mandibula, e por baixo do pescoço, que é de um bello vermelho. A sua configuração em geral é como a das enguias, pelo que os francezes lhe teem chamado *enguia electrica*.

Tem a propriedade fulminante em alto grão, dando choques ou commoções electricas vigorosas nos seus inimigos e em tudo quanto a toca, por forma que abate e fere de torpor inevitavel e temporario, não só os peixes como tambem os homens e os mais animaes. Quando a descarga electrica é muito forte e o torpor profundo, sendo ao mesmo tempo dirigida sobre algum, ou alguns dos orgãos importantes e essenciaes á vida, acontece algumas vezes seguir-se a morte, á qual sobrevém então por asphixia. O apparelho ou pilhas, onde por uma singular faculdade este animal segrega a electricidade, occupa os lados da cauda ou rabo, e toma o volume de nove decimos do corpo e talvez metade da sua espessura.

A sua composição organica é admiravel, e recebe na estructura extraordinarissimo numero de nervos, e finas cartilagens.

A sua carne é pouco ou nada utilisada nos usos culinarios, não só por ser mal saborosa, como porque é de consistencia mucilaginosa, e de cheiro de alguma sorte desagradavel.

Purus *(Rio)*. O nome *Purús* deriva-se da palavra *purú-purú*, que quer dizer — pintado; ou de *myra-purú*, — gente pintada.

Em tempos idos eram assim chamados pelos habitantes do Amazonas e Rio Negro os selvagens da nação *Paumary*, moradores n'esse rio, por serem pintados ou manchados de branco. «Tornam-se foveiros, diz o capitão-tenente Amasonas, os indios que habitam suas margens, defeito sem o qual nascem e que se communica com o contagio».

Com o andar dos tempos, denominou-se o rio — Purús — simplificando-se assim a palavra.

O nome primitivo dado ao rio pelos Paumarys era *Wainy*, dando-lhe os outros selvagens, que o habitam, differentes no-

mes, segundo o seu dialecto. Tem um curso superior a 3.500 kilometros.

Corre de O. para L. e lança-se no Solimões, 45 leguas acima do rio Negro.

Para melhor precisar as distancias e localidades dividiu-se este importante rio em Baixo-Purús—da sua foz até o rio Taphanha, 505 milhas; em Medio-Purús—da foz do Tapanha ao rio Mamoryha-Grande, 385 milhas; e em alto Purús da foz do Mamoryha-Grande até as cabeceiras do mesmo Purús, mil e tantas milhas.

Por differentes vezes organisou o governo expedições com o fim de descobrir as cabeceiras do Purus. Uma das primeiras senão a primeira, foi dirigida por um certo João Cametá, que apenas chegou até á embocadura do Ituxy, percorrendo sómente 700 milhas.

A segunda expedição foi effectuada em 1852 por um individuo de Pernambuco, chamado Seraphim da Silva Salgado. Partindo de Manáos no dia 10 de maio, em duas grandes canôas tripuladas por doze indios e com uma força de dose praças e um cabo, percorreu Salgado 1,300 milhas; mas á excepção dos nome e grandesa apparente de poucos tributarios ou affluentes do Purus e a noticia importante da ausencia de cachoeiras, nenhum resultado valioso offereceu a sua viagem.

A terceira expedição foi em 1860, levada a effeito, durante a administração do sr. dr. Adolpho de Barros, por Manuel Urbano da Encarnação, homem bastante intelligente e ousado. A sua missão não tinha por fim explorar as cabeceiras do Purus, mas verificar se de facto o rio Ituxi, o mais importante dos seus affluentes, offerecia, como se dizia, a desejada communicação com o Madeira, acima das numerosas cachoeiras d'este rio.

Em 1862 foi mandada uma nova expedição, que voltou sem ter conseguido resultado algum satisfactorio.

De junho de 1864 a favereiro de 1865 procurou o sr. W. Chandless explorar o rio em busca de suas cabeceiras, mas apesar de ter avançado mais que o pratico Manuel Urbano, não logrou resolver aquelle importante problema hydrographico. Chegou até 10.º 5' de lat. S., e á distancia de 1620 milhas geographicas da foz.

Hoje está o rio Purus explorado e vão sendo aproveitadas as grandes riquezas das suas margens.

* **Putirúm.** Por este nome designam os habitantes do interior do Estado do Pará, uma festa agricola, que equivale ás *semea-*

* Puchirum ou ajury

duras e *ceifas* da Europa. O proprietario d'uma fazenda convida os seus parentes, amigos e visinhos a ajudal-o a plantar as suas terras, ou a colher os fructos do seu trabalho, ao que todos se prestam de boa vontade, porque teem a certeza de que esse favor lhes será retribuido em occasiões identicas. Nada mais pittoresco do que no dia aprasado vêr e analysar essa multidão de embarcações de differentes feitios, desde a ligeira e caprichosa *igarité* até ao pesado e patriarchal *batellão*, tripuladas por gente de todas as côres, desde o bronzeado, filho das florestas, até ao negro-lusidio dos areaes d'Africa, cortando as aguas d'esses rios-gigantes.

Toda essa multidão é recebida com ingenua franqueza pelo dono da festa, e entrega-se com alegria aos trabalhos laboriosos para que foi convidada.

Quasi ao cair da tarde é que principia a parte *mais confortativa* do *putirúm*. Os convidados recolhendo-se do campo, tomam logar na mesa abundantemente servida de caça brava, aves, e peixes, de que todos aquelles rios abundam. A variedade de iguarias n'estes banquetes é immensa, contribuindo para isso a prodigalidade da natureza n'aquelle clima.

Ao lado do *veado* tão elogiado na Europa, apparece a *anta*, o *macaco* e a *guariba* tão apreciados pelos indigenas: juntamente com o *pato*, que ainda ha pouco se espanejava orgulhoso nas aguas christallinas do seu patrio rio, vê se a vagabunda *cigana* despojada de suas variegadas pennas.

A variedade de peixes é ainda maior; desde o *camorim*, (o *robalo* em Portugal), até á *tartaruga* e *jacaré*, todos dão o seu contingente para o banquete. Depois da comida segue-se a dança que dura mais ou menos conforme o effeito produzido pelo *caxiry* com o qual fazem continuadas libações. Findos os trabalhos retiram-se os convidados para suas casas, onde recaem na sua proverbial apathia e indolencia, até que outro *putirúm*, venha por alguns dias alterar a monotonia da vida que levam na roça.

Puxiri. Puchury, pichurim, pexurim, piexiri, pechury é a *Nectandra puchury*, de Mart. Tem as folhas ellipticas, rijas, conicas, glabras e assoveladas; as flores terminaes, dispostas em corimbos; o fructo em fórma de baga, com uma semente de dois lobos cotyledonarios, sempre isolados e completamente nús. Estes lobos é que são vulgarmente conhecidos pelo nome de favas puchury. Elles são ellipticos, oblongos, do comprimento de 2 centimetros, com 1 de largo, convexos do lado externo, planos na face por onde se tocam. Teem a côr do chocolate exteriormente e um pouco variegados no interior, o que é devido á presença de um

oleo botyraceo, que pode extrahir-se por expressão a quente ou por ebulição na agua. São de cheiro forte e aromatico, de sabor um pouco acre e picante, analogo ao da noz moscada.

Esta fava, ralada, é um valioso medicamento indigena.

ESTADO do AMAZONAS

Escala de 1:13.883.500

Q

Quadro comparativo do valor da producção da borracha do Pará, nas safras de julho de 1899 a junho de 1906.

Safras	Ilhas	Itaituba	Caucho	Total	Sterlinas
1905 a 1906	10.105 tons.	947 tons.	830 tons.	11.882 tons.	£ 3.623.440
1904 a 1905	9.888 »	893 »	959 »	11.740 »	£ 3.462.391
1903 a 1904	9.861 »	836 »	665 »	11.362 »	£ 2.807.641
1902 a 1903	9.998 »	831 »	507 »	11.336 »	£ 3.059.000
1901 a 1902	9.355 »	845 »	133 »	10.332 »	£ 2.799.720
1900 a 1901	8.413 »	718 »	116 »	9.247 »	£ 2.647.185
1899 a 1900	9.124 »	803 »	30 »	9.957 »	£ 2.862 400

Quatipurú. Fica situada na margem esquerda do rio do mesmo nome, em terreno plano.

A lei n.º 729, de 3 de abril de 1900, do estado do Pará, estabeleceu o municipio de Quatipurú, incorporando-o aos municipios de Bragança e Salinas. Foi restabelecido posteriormente. O censo de 1896 dá-lhe 3.040 habitantes. Exporta cacáo, farinha, tabaco, couros, cumarú, madeiras, gados, aves cal e grudes.

Queimada. E' difficil poder-se avaliar o que são as queimadas das pastagens do Pará e Amazonas sem uma vez se terem presenceado. Imagine-se o effeito que produziria o oceano a arder e ter-se-ha feito idéa approximada do espectaculo imponente que apresentam os campos de Marajó quando se lhes deita fogo, no verão.

Querena. O costado do navio desde a quilha até á cinta da agua. Esta parte do navio está sempre dentro d'agua, mesmo quando o navio não está carregado.

Quijú. Peixe de que se servem os pescadores para iscarem os anzoes, na pesca do pirarucú.

Quilha. Peça de ferro batido sobre a qual estão ligados a roda de prôa e o codaste da pôpa do navio. E' a primeira peça que se colloca no estaleiro para começar a construcção do navio.

Quilombos ou **mucambos.** Antiga tribu formada de escravos fugidos de diversos pontos.

Quindins. Gomes de Amorim, nas notas do *Odio de Raça*, dá a esta palavra, desconhecida em Portugal e muito adoptada em todo o Brazil, as seguintes significações: — encantos, carinhos, meiguices.

Concordamos.

Quitute. Petisco de peixe ou de carne.

R

Ramalho *(Coronel)*. Individualidade sympathica, energica e intelligente, tem sabido conquistar a estima e amisade dos habitantes do Amazonas. Já foi vice governador do grande Estado, a que muitos serviços tem prestado.



E' d'um trato affavel e um bom amigo dos portuguezes, vivendo em Lisboa, sempre que os encargos de politica lh'o permittem.

O sr. coronel Ramalho, José Cardoso Ramalho Junior, nasceu em Manáos e conta 41 annos de edade. E' filho d'um honrado artista, que o ensinou a amar tanto a patria brazileira como elle sempre amou a portugueza.

Foi eleito vice-governador do Amazonas em 25 de março de 1876, logar que desempenhou a contento de todos os seus concidadãos.

Raymundo Affonso de Carvalho (*Coronel*). E' uma individualidade politica de extraordinarias aptidões para a lucta, de uma tenacidade e reflexão que não conhecem entraves na defesa dos seus ideaes. O coronel Affonso de Carvalho é um dos poucos espiritos que sabem conquistar. E' este, certamente, o seu melhor titulo de gloria.

A elevada posição que occupa na politica Amazonense, de que é um do chefes mais prestigiosos e conceituados pela sua intelligente e desinteressada dedicação á causa publica, deve-a unicamente aos seus meritos, postos em evidencia durante largos annos.

Actualmente exerce os cargos de presidente do Congresso Amazonense, para que foi reeleito em 1904; de Provedor da Santa Casa de Misericordia e de director do Instituto Benjamin Constant.

E' co-proprietario da empreza do magnifico jornal *Amazonas* e uma robustissima intelligencia.

Real Sociedade Portugueza Beneficente, do Pará. Depois da Beneficencia Portugueza, no Rio de Janeiro, d'onde o colleccionador d'este livro é o socio n.º 32.779 e onde, por diversas vezes, tem ido procurar remedio a seus achaques, sempre curados com carinho e sapiencia, especialmente por parte do seu illustre amigo dr. Leal Junior, nenhuma sociedade portugueza beneficente, no Brazil, temos visto exceder a de Belem do Pará.

Fundada em 1854 pelos exforços e altruismo de Francisco Gonçalves de Medeiros Branco (Vide Supplemento) póde dizer-se que levou vida amargurada até dezembro de 1864, em que se realisou a eleição da directoria, que tinha de governar durante o anno seguinte.

Esteve renhida e pouco ordeira a eleição, escreveu o erudito e brilhante publicista Dr. Arthur Vianna, no extincto *Jornal do Commercio*, de Belem, em 12 d'outubro de 1904.

Os socios estavam divididos em dois partidos, um que pretendia reeleger a directoria de 1864, outro que cabalava pela exclusão de Medeiros Branco e de todos os seus da administração social.

Causas diversas haviam determinado esta lamentavel desharmonia: Medeiros Branco estabelecera-se em fins de 1861 ou principios de 1862 e os seus negocios prosperaram de modo assombroso, quer porque a sua intelligencia os guiasse com firmeza, quer porque a sorte chegasse a fazel-o um seu predilecto.

Esta prosperidade grangeàra-lhe muitos desaffectos, que o não pouparam, segundo se desprehende de publicações insertas em uma gazeta da época. A estas rivalidades commerciaes juntava-se o côro dos inimigos de José Joaquim Mendes Cavalleiro, 1.º secretario da sociedade.

Portuguez de nascimento, illustrado, possuidor de um bello talento, jornalista de pezo, penna satyrica e mordaz, espirito vivo e irriquieto, alliando a este todo sympathicó e insinuante um coração magnanimo, era Mendes Cavalleiro um amigo precioso e um inimigo formidavel.

Andava elle envolvido nas cousas da politica: companheiro dedicado de luctas do provecto jornalista Frederico Carlos Rhossard, proprietario do *Diario do Gram-Pará* e filiado ao partido conservador, intransigente.

Sua penna rija e mordaz deixára signaes indeleveis da sua superioridade, mas captára-lhe tambem adversarios rancorosos.

Vinham ainda engrossar esta corrente, questões e rivalidades angariadas no proprio seio da sociedade.

Instigados pelas suas paixões, preparam-se os dois grupos para a lucta, arrastando à reunião um numero consideravel de socios, pois o negocio todo cifrava-se no triumpho eleitoral.

No dia aprazado reuniram-se no salão das sessões 286 socios; esta desusada concorrencia, cuja maioria ficou de pé, contribuiu para que a eleição corresse em meio de grande confusão, não obstante os esforços de Medeiros Branco para restabelecer a ordem.

Apuradas as cedulas recebidas, verificou-se este resultado: presidente, Francisco Gonçalves de Medeiros Branco, 251 votos; vice-presidente, Pedro Antonio Machado, 279 votos; 1.º secretario, José Joaquim Mendes Cavalleiro, 154 votos; 2.º secretario Luiz Gonzaga Sarmento, 153 votos; thesoureiro, Victor Rodrigues d'Oliveira, 152 votos; procuradores, José Coelho de Meirelles, 156 votos, e José Joaquim Novaes da Cunha, 154 votos.

A inferioridade da chapa adversaria não foi muito grande como demonstraram os votos reunidos: presidente Antonio Joaquim Pereira, 131 votos; vice-presidente, José de Castro Freitas, 34 votos; 1.º secretario, Francisco Liborio Fernandes, 127 votos; 2.º secreetario Sebastião Augusto Gonçalves Pereira, 120 votos; thesoureiro, José Antunes Martins, 128 votos; procuradores, Antonio Joaquim de Novaes Coutinho, 125 votos, e Francisco da Costa Junior, 122 votos.

Dissolveu-se a sessão e marcou-se a posse da nova directoria. Entretanto os vencidos não se conformaram com a derrota e trataram de envidar os esforços para annullar a eleição, pelo que, logo no dia 5, fizeram uma petição dirigida à directoria, na qual impetravam a convocação de uma assembléa geral para, na forma do § 9.º do artigo 15 dos estatutos, decidir sobre a validade do pleito.

Só a 9 poude a petição ser enviada à presidencia, que no seu despacho mandou informar o 1.º secretario.

Conhecendo Medeiros Branco o alcance da lucta e do golpe que pretendiam desfechar-lhe, excusou-se com todos os membros da directoria aos cargos para que tinham sido eleitos e mandou publicar convite para nova eleição.

N'esta opposição a Medeiros Branco e aos seus companheiros, nem em muitas outras peripecias que se lhe seguiram, conseguiram desviar a marcha de tão benemerita associação.

Em 31 d'outubro de 1874, setimo anniversario da installação d'uma enfermaria provisoria que a Sociedade então possuia, lançou-se no terreno onde hoje se encontra, a primeira pedra do magestoso edificio onde demora o hospital.

Coube ao architecto Frederico José Branco conceber o plano da obra. O artista comprehendeu bem o que se desejava e revelou de modo inconcusso a sua competencia, traçando um projecto geral de um grandioso edificio, devendo ser uma parte executada para servir ás exigencias de então e outra quando mais tarde o desenvolvimento interno do serviço hospitalar requeresse uma locação maior.

Seguiram-se de perto as condições hygienicas dos estabelecimentos congeneres; planeou-se um edificio amplo, com muita luz e muito ar.

E começou a faina.

Nomeou-se logo uma commissão administrativa das obras do hospital, compondo-se do commandante José Antunes Rodrigues de Oliveira Catramby, Joaquim Nogueira da Rocha e Antonio Gilberto Moreira, commissão esta que prestou relevantes serviços durante toda a construcção.

Trabalhou-se desde logo, activamente, e o edificio começou a elevar-se do solo com rapidez, tanto assim que logo em janeiro de 1875, Gilberto Moreira, propunha em sessão da directoria que fossem vendidas as acções do Banco Commercial com antecedencia a fim de ficar a sociedade habilitada a proseguir na sua tarefa.

Por outro lado recorria-se a todas as fontes de receita que podiam ser aproveitadas; a directoria transmittia o enthusiasmo de que se achava possuida a todos e de todos recebia decidido apoio.

Acceitava-se tudo: beneficios theatraes, bazares, dadivas em dinheiro, em materiaes de construcção, subscripções particulares e publicas.

Uma companhia de campanologos, que trabalhava no theatro de Santo Antonio, offereceu o producto de um beneficio, no valor de 1:260$000; abriu-se em 1 de novembro uma subscripção permanente até á conclusão das obras; varios rapazes, unificados com os humanitarios fins da sociedade, resolveram fundar uma associação dramatica, denominada—*Thalia*—devendo o dinheiro dos espectaculos reverter em favor do hospital.

A' frente d'esta idéa collocaram os associados o presidente Antunes Sobrinho, para quem não existiam tropeços quando se tratava de levar por diante o magestoso plano.

Em 1879, estava quasi concluida a parte projectada do plano, tendo as obras importado na avultada somma de réis 153:690$438. A inauguração realisou-se em 29 de abril de 1877, com grande pompa e satisfação de todos os socios.

Em setembro de 1877, lançou a Sociedade um emprestimo de 30:000$000 em condições originalissimas: a Sociedade passaria titulos de cem mil réis cada um, que seriam os documentos dos credores; o emprestimo seria annualmente amortizado por meio de sorteio, segundo os recursos que a sociedade podesse dispôr para esse fim; o possuidor dos titulos poderia transferil-os quando lhes conviesse, sujeitando-se o cessionario ás condições expressas do emprestimo que seria amortizado integralmente o mais breve possivel; nenhum credor poderia constranger a sociedade ao pagamento de seus titulos, antes do ultimo sorteio; o primeiro sorteio realizar-se-hia em dezembro de 1878; a sociedade, logo que tivesse em caixa fundos sufficientes, seria obrigada a fazer tantos sorteios quantos fossem precisos para pagamento integral do emprestimo. Pois apesar de não se falar em juros e de se estabelecer um pagamento indefinido, o emprestimo foi completamente coberto, tal era a bôa vontade dos capitalistas para com a Sociedade.

E o que é mais curioso, a sociedade não fez o sorteio em 1878, nem nos annos subsequentes e ninguem protestou contra isto. A amortização começou por acceitar remissões de socios pagas com os titulos do emprestimo, o que era um excellente negocio.

No fim de 1879 a importancia total achava-se reduzida a 18:400$000, e, no anno seguinte, baixava a 5:000$000 que haviam sido subscriptos pelo prestimoso socio Antonio José Antunes Sobrinho.

Os outros titulos fôram uns resgatados com 40% de abatimento e os outros doados espontaneamente pelos seus possuidores.

A construcção do hospital foi evidentemente um grande passo na senda humanitaria da Beneficente. D'ella derivou a sua completa estabilidade e do anno da installação do novo edificio se deve contar a vida regular da associação.

Como era de esperar, os diversos serviços, ao influxo de uma locação especial e apropriada, methodizaram-se consideravelmente.

A sociedade ganhou um logar muito distincto no conceito publico, como agremiação pujante e destinada a subsistir; entretanto a consulta ao quadro dos socios conduzia a uma negativa apparente d'esta verdade.

Em 1878 ascendia o numero de socios a 1171.

Leve-se ainda em conta o movimento n'esse anno, em que foram eliminados por diversos motivos 56 socios, e admittidos apenas 73, para se ter um augmento insignificante de 17 associados.

Desde os primordios da sociedade até hoje, essa deploravel desproporção entre o numero de portuguezes residentes no Estado e o numero de socios da *Beneficente* tem persistido sempre apesar dos esforços constantes da Sociedade para supplantal-a.

Tomando para exemplo o decennio de 1878—1888, encontramos no primeiro anno 1170 socios e no ultimo 1580, o que nos dá o augmento total de 410 associados ou um accrescimo annual de 40 socios apenas.

D'este facto manaram os maiores obstaculos para a sociedade cuja vida se bazeiava, principalmente, na receita de joias e mensalidades.

Em sessão de 6 de agosto de 1865, o socio Henrique Roberto Rodrigues propoz que fosse nomeada uma commissão de tres membros, a fim de encarregar-se de organisar uma associação de paes de familias portuguezas, sob a denominação de —*Asylo Portuguez da Infancia Desvalida*, destinado a assegurar aos filhos de seus socios fallecidos em pobreza, os meios de subsistencia, educação e instrucção até à puberdade e a proporcionar-lhes n'esta idade uma profissão honesta.

Logo que esta associação estivesse organisada legalmente, a Beneficente lhe entregaria a importancia equivalente á decima parte da capitalisação annual.

Approvado este projecto, receberam o encargo de dar-lhe execução os socios Manoel Joaquim da Silva, Francisco Joaquim Pereira e Ignacio Pereira da Motta, que cumpriram a sua tarefa.

A Beneficente entrou sempre, annualmente, com as importancias devidas até que a reforma dos estatutos acabou com o auxilio aos orphãos.

Em 1875, o asylo contava 46 socios, apenas, e dava um pequeno auxilio mensal, sómente a dois orphãos, ao passo que o seu capital elevava-se a 10.059$625 réis.

Não obstante esta prosperidade financeira, via-se que o asylo definhava e acabaria por desapparecer.

A directoria propoz então á Beneficente a fusão, que foi acceite e realisada em 5 de fevereiro: a sociedade recebia todo o capital existente e obrigava-se a educar os dois or-

phãos, a inscrever no quadro dos seus associados os socios do Asylo, creditando-se-lhes as importancias por elles pagas, e a estabelecer e manter uma escola. O compromisso com a manutenção dos orphãos terminou em 19 de outubro de 1884, apurando a Beneficente d'este negocio um saldo liquido maior que 8.000$000 réis.

Obrigando-se ás despezas do enterramento dos socios pobres, tinha de longa data a sociedade o projecto de possuir um carro funebre proprio, não só por uma questão economica, senão tambem para maior regularidade da sua missão. A Assemblea Provincial satisfazendo um pedido que lhe foi feito, votou a lei n.º 936 de 24 de agosto de 1879, dando-lhe permissão para usar o carro.

Entretanto só em 1893 foi de novo tratado o assumpto, promovendo o socio Agostinho Gomes de Carvalho, já benemerito por muitos serviços anteriores, uma subscripção especial, que produziu o total de 7.850$000 réis, despendendo-se 7.600$000 réis com a acquisição do coche, transporte e serviços inherentes.

O carro principiou a ser utilisado em 1895.

Em sessão de 11 de abril de 1881, o socio benemerito Luiz José Martins d'Albuquerque propoz que se promovesse um bazar e outras fontes de receita, com o fim de constituir um capital que permittisse a creação de varias camas de caridade no hospital.

N'estas camas seriam tratados indigentes sem distincção de nacionalidade e a que se prodigalisariam todos os recursos.

Esta humanitaria idéa triumphou brilhantemente, concorrendo todos ao appello da sociedade.

A 29 de outubro inauguraram-se, com grande festa, os leilões dos objectos enviados, no proprio hospital, proseguindo nos dias 30 e 31 d'aquelle mez e a 6 de Dezembro.

Transferiu-se depois a festa para o *Pavilhão dos Recreios*, repetindo-se os leilões de 1 a 4 de dezembro.

Por outro lado o commendador José Tavares Albano de Amorim, com alguns companheiros, promovia um espectaculo de gala no theatro da Paz, para festejar a 31 de outubro o anniversario de D. Luiz I, que rendeu 1:778$180. Nos primeiros dias de dezembro a Beneficente tinha reunido 29:635$960, tal fôra o acolhimento benevolo do povo pelo seu philantropico tentamen

Deu-se toda a solemnidade á inauguração das alludidas camas que se effectuou a 8 d'aquelle mez, dia de Nossa Senhora

da Conceição, padroeira do hospital. Ao acto compareceram o presidente da provincia, o consul portuguez, auctoridades civis, ecclesiasticas e militares e muitas senhoras.

Depois de celebrada a missa na capella do hospital, foram inauguradas quatro camas na enfermaria Bocage.

Depois d'esta louvavel empresa avulta no historico da benemerita sociedade a reforma dos estatutos em 1881.

Julgados necessarios diversos retoques nos estatutos anteriores, resolveu a assembléa geral reformar a lei basica da instituição, o que se fez, subindo os estatutos à approvação da presidencia da provincia. A 26 de março o presidente José Coelho da Gama e Abreu, approvou-os sem alteração, para todos os effeitos.

Em confronto com a lei que a precedera, deixaram os novos estatutos patente a idéa de ampliar os beneficios aos socios, precisamente contraria á que presidira a reforma anterior.

Ficaram extinguidos o beneficio pecuniario de 1$000 diarios ao socio desempregado, decrepito ou preso; subsistindo o tratamento, inclusivé os soccorros medicos e cirurgicos, no hospital aos socios enfermos; a passagem de ida para qualquer ponto que a sciencia aconselhasse ao socio doente e a diaria de 1$000, emquanto durasse a molestia, e mais 100$000, para ajuda de passagem de regresso e o enterro decente aos socios fallecidos.

Ainda para caracterisar a idéa que presidiu à reforma, permittiu-se às mulheres e filhos dos socios, mediante certa contribuição, o direito aos beneficios distribuidos pela sociedade. A esposa, no caso de invalidez ou morte do marido, receberia a diaria de mil réis, e o filho ou filha a de quatrocentos réis, ficando ainda a sociedade obrigada a fazer-lhes um enterro decente, no caso de virem a fallecer.

As outras alterações referiam-se a varios pontos, respectivos à organisação e administração dos negocios da sociedade.

Trabalhando sempre n'um afan generoso e nobre, succediam-se as directorias eleitas e a todas preocupava um facto constante, de consequencias graves para a vida da instituição, que vinha resistindo de longa data aos pertinazes esforços dos corpos dirigentes.

Inegavelmente a installação do hospital D. Luiz I fôra um decidido triumpho, conquistado com muito esforço pela sociedade, pois firmára de modo difinitivo a sua existencia e a sua pujança.

Todavia o hospital tornou-se desde logo um encargo oneroso, fonte de um *deficit* tão repetido e prolongado, que chegou quasi a ser tradicional.

O desiquilibrio financeiro appareceu logo, no primeiro anno do funccionamento; restabeleceu-se nos subsequentes a equiparação da receita com a despesa, mas depois firmou-se um regimen insustentavel. De 1885 em diante accentúa-se o mal.

Todos os annos registravam os presidentes nos seus relatorios o facto, procurando soluções para removel-o, buscando com esforço suppril-o com outras verbas.

Em 1890, ascendeu o *deficit* a 12:120$951, e o presidente, commendador Domingos José Dias, mostrava a necessidade de um profundo estudo do caso, apresentando como unico recurso capaz de surtir effeito, a esforçada e tenaz propaganda para a admissão de novos socios, pois mais de dois terços dos portuguezes residentes no Estado não faziam parte da Sociedade.

Vendo que qualquer resolução, embora acertada, serviria apenas o futuro, não podendo remediar o passado, o presidente lançou mão do recurso extraordinario de uma subscripção especial, para cobrir o *deficit.*

A subscripção produziu a quantia de 5:370$000, importante relativamente, mas insufficiente para cobrir o saldo contra a receita.

Quatro annos depois, em 1895, a situação aggravara-se, com a elevação do *deficit* a 28:334$246.

A causa capital do desequilibrio era de todos conhecida, manava unica e exclusivamente da difficuldade senão impossibilidade de manter uma administração rigorosa e economica, dentro do hospital. Havia grande difficuldade em encontrar um director e um pessoal com a indispensavel dedicação ao serviço e zelo pelos interesses da Sociedade.

Varias directorias aventavam a idéa de admittir nos trabalhos hospitalares irmãs religiosas, importando isto em uma solução para o inquietante rumo que iam tomando as finanças da sociedade. Entretanto levantavam-se em opposição as crenças de uns, os preconceitos de outros e a ogerisa systematica de muitos

As directorias diante d'isto recuavam e a idéa emperrava.

Em 1896, porém, a respectiva directoria, tendo à sua frente o presidente Joaquim da Silva Vidinha, resolveu assumir toda e qualquer responsabilidade que podesse advir e contractou com a irmã regente do Hospital da Caridade dez irmãs da Congregação de Sant'Anna, de Roma.

Tudo se praticou com rapidez e sem vacillações. Assignado o contracto em 19 de novembro de 1896, chegavam as irmãs ao Pará em 7 de abril do anno seguinte e tomavam conta do hospital, a 9 do mesmo mez.

No seu relatorio o presidente dizia com segurança aos seus consocios que a admissão das irmãs hospitaleiras muito e muito havia de concorrer para o completo escopo commum, e que o hospital ia entrar n'um periodo de rasgada regeneração moral e economica

Em 1898 ainda o presidente Vidinha, mais uma vez reeleito, expunha, rejubilado, e os ultra espectativos resultados obtidos.

Os resultados foram admiraveis: no triennio de 1893 a 1895 houvéra o *deficit* de 13.023$955 réis, e no triennio seguinte de 1896 a 1898 obteve-se um saldo positivo de réis 143:474$580. Addicionando a esta importancia o saldo de réis, 109:643$893 réis, obtido em 1899, ter-se-ha para o 1.º quatriennio da administração das irmãs, o saldo total de réis 253:118$47. réis ou 28% aproximadamente do capital da sociedade em 31 de dezembro d'esse anno.

Em 1895 fez-se uma nova reforma dos estatutos, para a qual havia auctorisação da assembléa geral desde o 1.º de outubro de 1893. Atropellos oriundos de serviços mais urgentes impediram a projectada alteração.

A directoria d'esse anno nomeou uma commissão para elaborar o projecto da reforma dos estatutos, composta dos socios Visconde de S. Domingos, Manoel João Gonçalves, Alberto Alves da Motta, Gregorio Porphirio da Costa, Constantino Quadros de Carvalho, Miguel José Vieira Braga e Francisco Augusto de Araujo Vianna. Nas sessões extraordinarias de 14 e 28 de julho discutiu o novo projecto, que foi approvado e entrou en vigor a 28 de outubro.

Esta reforma conservou as bases geraes da sociedade, aliàs immutaveis desde 1854, retocando simplesmente artigos e disposições sobre assumptos administrativos.

Merece tambem uma especial menção o projecto de um estabelecimento hydrotherapico, levantado pelo dr. José Paes de Carvalho, um dos mais distinctos e mais operosos facultativos que o hospital tem possuido.

Desde 30 de julho de 1877, contava a Beneficente com os serviços relevantes d'esse illustre medico, cuja abnegação, desapego generoso aos proventos da sua profissão e devotamento ao philantropico fim da instituição, tornaram-se proverbiaes e dignos do maior acatamento.

Em 1887, a idéa do dr. Paes de Carvalho era levada ao seio da assembléa geral e ahi convenientemente apoiada.

Em 1889 e 1890 reuniram-se 1:100$000 réis para serem applicados ao estabelecimento projectado, quantia esta doada

pelos drs Paes de Carvalho, Luiz Bahia e Barão de Bacellar, mas a sociedade viu-se obrigada a transferir sempre a execução da empresa, porque as suas finanças não comportavam os grandes dispendios.

A idéa do illustrado facultativo, utilissima e urgente, requeria recursos de que a associação não dispunha n'aquella época.

Em 1904, porém, vendo-se a Sociedade desassombrada de obstaculos lançou a primeira pedra do grande estabelecimento hydrotherapico.

N'este mesmo anno ascendia o patrimonio á importante somma de 448:392$710 réis, assim discriminada: 1500 acções do Banco do Pará — 170:725$300; 1000 acções do Banco Commercial do Pará -- 226:584$310; 67 acções do Banco Norte do Brazil — 2:580$000; 68 acções da Companhia Urbana — 4:080$000; 40 acções dos seguros Lealdade — 4:000$000; 21 apolices federaes — 14:925$000; 18 apolices municipaes — 16:300$000: predios á rua 13 de Maio — 109:098$000.

A receita geral do anno anterior attingiu a somma de réis 243:815$181 e a despeza a 180:458$062, havendo, portanto, uma capitalisação de 63:307$119.

O capital social em 31 de dezembro de 1903, accusava 1.090:071$600, havendo a sociedade despendido durante este anno, em soccorros aos socios 120:802$568.

Estes eloquentes algarismos falam mais do que todos os encomios á benemerita associação; bastam por si só para firmarem a sua reputação e para convidarem todos os portuguezes, residentes no Pará e suas proximidades, a filiarem-se em tão indispensavel e benemerita corporação.

Rede. Nada mais simples e mais commodo para dormir do que uma rede. A maior parte da gente, em todo o Amazonas, bem como, no Pará, nem sequer usa de almofada, coberta ou lençol. Deita-se na rede e dorme suavemente embalada.

Para tornar a rede superior ás camas basta a circumstancia de se poder conduzir commodamente para toda a parte; de não dar outro trabalho senão atar se de um para outro esteio, em casa; de uma para outra arvore, na floresta; de um para outro mastro, na canôa. Não ha que mecher ou bater colchão, que fazer cama todos os dias e que soffrer as pulgas a todas as horas.

As redes mais bellas são as chamadas de *maqueira*, fabricadas do filamento d'uma arvore, tão fino e sedoso como o proprio linho.

Estas redes podem ser franjadas de pennas variegadas das mais formosas aves do Amazonas e vendem-se, estas, por preços fabulosos.

Rego *(João de Deus)*. O mais mavioso e talentoso poeta do norte do Brazil, nos tempos modernos, bruscamente arrebatado ás agruras da vida terrena, ainda no periodo da juvenilidade sonhadora, ha uns quatro annos, apenas.

Era natural do Maranhão, d'onde, ainda creança passára para o Pará, com sua velha mãe e uma irmã, que o poeta idolatrava de origem mestiça e pobrissimo de haveres.

Fôra empregado no commercio, estudando nas horas vagas do afanoso trabalhar, d'onde sahiu para a grande lucta da vida jornalistica.

Pouco depois da fundação da *Folha do Norte*, de Belém, assumiu João de Deus o encargo de secretario da redacção, que exerceu, com elogio dos proprios adversarios, até ao seu fallecimento.

Deixou varias obras poeticas, entre as quaes o volume — *Primeiras Rimas*, muita producção dispersa e outras ineditas.

Relogio Amazonico. Quando no Rio de Janeiro é meio dia e em Lisboa duas horas e quarenta e cinco minutos é em:

	h m		h m		h m
Manaos	10 53	S. Luiz	11 56	S. Salvador	12 20
Cuyabá	11 7	Minas	11 56	Natal	12 30
Porto Alegre ...	11 29	Nitheroy.......	12 —	Maceió	12 30
Goyaz	11 33	Therezina....	12 2	Parahyba	12 33
Curytiba	11 35	Victoria	12 15	Recife	12 33
Belem	11 38	Fortaleza	12 20	Florianopolis ...	12 33
S. Paulo ...	11 46	Aracajú	12 20		—

Rendimentos da alfandega. Para se calcular da importancia commercial do opulento Estado do Pará, diremos que durante o anno de 1905 o rendimento da alfandega de Belem foi o seguinte:

Janeiro	2.293:584$023
Fevereiro	3.309:513$786
Março	3.657:637$584
Abril	2.281:365$063
Maio	2.577:184$031
Junho	1.952:376$514
Julho	1.924:071$435
Agosto	2.094:958$132
Setembro	1.919:017$231
Outubro	2.482:454$472
Novembro	2.017:291$619
Dezembro	3.896:030$184
	30.404:504$074

No referido anno foram processados 60.447 despachos de consummo.

Entraram no porto d'esta cidade 257 embarcações de longo percurso e 757 de portos nacionaes.

O serviço interno da Alfandega deu logar á inspectoria baixar 741 portarias.

Nos tres annos da administração do inspector, sr. coronel Alfredo Nicolau dos Santos, rendeu a repartição aduaneira d'este Estado 75.939:409$775.

Repiquetes. Falsas vasantes ou enchentes do Amazonas, determinadas por causas occasionaes.

Resenha demonstrativa do balanço do exercicio de 1905, do Estado do Pará:

Receita	Importancia	Despeza	Importancia
Receita propria do exercicio.......	9.167:488$320	Despeza do exercicio....	8.467:840$632
		Differenças cambiaes verificadas nos vencimentos dos funccionarios, na forma do decreto n.º 1371 de 29 de abril de 1905...............	489:329$197
		Differenças cambiaes verificadas nos pagamentos em virtude de contractos e leis	166:856$234
Saldo do exercicio de 1904.........	15:128$672	Saldo para o exercicio de 1906...............	58:590$929
	9.182:616$992		9.182:616$992

Revista Commercial. Hebedomadario que vê a luz da publicidade no Pará, sob a direcção do sr. Americo Rodrigues.

Ribeiro Bithencourt *(Coronel Antonio C.)* Actual vice governador do Amazonas, caracter austero e digno. Manáos deve-lhe importantes serviços. Tem uma intelligencia elevada e um criterio nunca desmentido.

Ribeiro *(Eduardo Pinto)*. O commendador Eduardo Pinto Ribeiro é uma das individualidades mais altamente cotadas em Manáos. Industrial e commerciante gosa de grande estima entre os seus concidadãos.

E' um elemento valioso da colonia portugueza e foi um dos membros da commissão que tão bizarramente recebeu a canhoneira *Patria* quando visitou Manáos.

Ribeiro da Fonseca *(Armindo)*. E' antigo commerciante e importante armador da praça de Manáos.

Espirito emprehendedor e tenaz, tem sabido luctar e vencer, atravez dos naturaes contratempos da sua carreira.



Coronel Antonio C. Ribeiro Bithencout

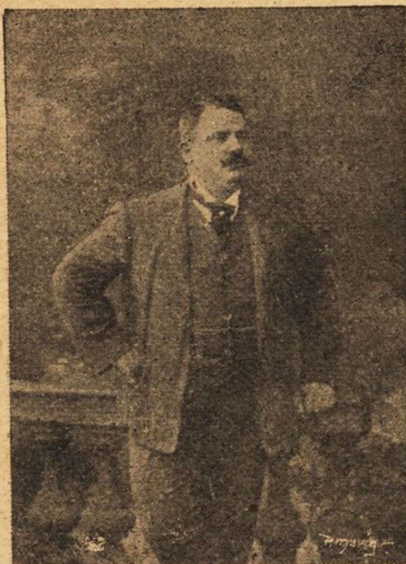
Tem exercido varios cargos electivos na Sociedade Portugueza Beneficente, assim como em Bancos, Companhias e outras instituições, onde a sua prudencia e criterio lhe grangearam sympathias.

Possue a commenda de Nossa Senhora da Conceição.

Rio Branco. Um dos tributarios do rio Negro, descoberto e senhoreado pelos portuguezes.

Rio Negro. Nasce o rio Negro a E. do Popayan, na Nova Granada, ao NE. de Caquetá, na lat. de 2° 30' N. e 36° 49' O. de Olinda, segundo o capitão-tenente Amazonas.

Davam-lhe os indigenas a denominação de *Quiary* e ainda de *Guriguacurú*, e na parte superior a de *Heneiá*.



Commendador E. Pinto Ribeiro

Corre na direcção E. S. E. e vem confluir com o de Solimões em 3° 9" de latitude S e 25° 17' de longitude.

N'este logar estreita consideravelmente, de modo a não exceder de um quarto de legoa, quando a alguma distancia da sua confluencia alarga de tal modo a ter 4 a 6 leguas, ou, como diz o ouvidor Ribeiro Sampaio, de 7 para 8.

Sem duvida nenhuma que a côr das aguas d'este rio, que contrasta com a do Solimões, foi que deu motivo a lhe terem dado nome de rio Negro.

«Ellas vistas no rio, diz o Ouvidor Sampaio, são de um escuro tão fechado, que parecem um lago de tinta preta; porém a sua verdadeira côr é de alambre, como se conhece quando se tomam em um copo. Pelas observações optico-phisicas se chega ao claro conhecimento d'aquella côr preta, que se deve procurar nas

rasões d'onde se tiram as causas da opacidade dos corpos. Uma só superficie ou lamina d'aquella agua é de côr de alambre e transparente, mas unindo-se diversas laminas e superficies, turbam a transparencia e causam a opacidade, e por consequencia quanto maior fundo, tanto maior será o escuro, o que bem se observa, reparando-se que á borda d'agua, até tres palmos d'extensão, em que o fundo não chega a um, mostra agua côr de alambre. A causa d'esta côr de de alambre conjectura-se provir dos betumes, que encontra o rio nos grandes e multiplicados rochedos por onde passa em quasi todo o seu curso, descendo das cordilheiras de Popayan. Outros querem que esta côr provenha das arvores, que inunda, por ser todo cheio de ilhas alagadiças; o que não parece improvavel.»

«As aguas, diz La Condamine, mostram aos olhos um escuro tão carregado que mais parece um lago de tinta preta. Não é difficil de conceber que unindo-se muitas laminas ou superficies d'agua, hão-de turvar infalivelmente a sua transparencia, e quanto mais alto for o fundo, tanto maior deve ser o escuro: d'aqui vem que junto á beira, onde o fundo é mais baixo, a agua quasi que mostra a sua côr natural.»

As aguas do rio Negro continuam por algumas milhas a nodoar as aguas do Amasonas e durante a vasante, ainda perto de Serpa, isto é na distancia de mais de 80 milhas descobrem-se na margem esquerda do grande rio largas manchas escuras, que muitos attribuem ás aguas do rio Negro.

N'essa epoca (da vasante), diz o sr. Dr. Adolpho de Barros, da confluencia do rio Negro até quasi á villa de Serpa, distinguem-se, cada vez mais pronunciadas, duas graduações na côr das aguas do Amazonas: uma mais amarellenta junto á margem direita, outra mais escura do lado opposto. Figuram dois rios correndo unidos no mesmo.

N'este rio existem as seguintes povoações; Tanapessassea, a 65 milhas de Manáos; Ayrão, a 135; Moura, a 174; Carvoeiro, a 291; Barcellos, a 268; Moreira, a 314. Thasseau, a 358 e Santa Isabel a 423.

Riqueza do Pará. Para avaliar só as riquezas naturaes que póde proporcionar o estado do Pará a quantos pretendam exercitar a industria em suas multiplas manifestações, basta que o leitor veja n'este livro os principaes productos, que poderá explorar com toda a facilidade, fornecidos pelo abençoado solo amazonense.

Nenhum mercado da America Latina pode porfiar com os mercados do Pará e Amazonas, debaixo do ponto de vista da energia productiva.

Guatemala, que tem 1.323:000 habitantes, exporta menos 10.000:000$ contos do que o Pará.

Egual facto se dà na Bolivia, na Columbia, no Perú, no Mexico, etc.

A opulencia da terra amazonense attinge proporções positivamente fabulosas.



Romeu Mariz

Roçado. Lugar onde se derrubou o arvoredo primitivo com o fim de se poder cultivar a terra. A este arvoredo, depois de secco, se lança fogo (Vide *Queimada*) e no roçado se faz a sementeira. As cinzas do incendio servem de estrume, depois de surribado o chão á enchada.

Roceiros. Assim se chama aos moradores das roças, aos habitantes campesinos do interior do norte do Brazil, entre os quaes melhor se póde estudar e admirar a indole e caracter nacional, destacando-se, pela maior simplicidade de habitos e de costumes, do pedantismo e immoralidade deturpante dos centros populosos que tudo desvirtuam e aniquilam.

Rodrigues *(Luiz Eduardo)*. E' chefe d'uma importante casa de Manáos, onde tem sabido conquistar com a sua probidade e constante trabalho, muitas sympathias.

Romeu Mariz. Distincto jornalista paraense, cheio de talento e de vigor, de cuja amizade muito nos orgulhamos. *

Roteiro de viagem. A gravura que offerecemos aos leitores, representa o roteiro dos diversos navios da Companhia Booth Line, entre a Europa e a America.

* Grande poeta, ora bolas!

As cruzinhas indicam os nós ou milhas a percorrer

S

Sabiá. E' a ave mais melodiosa das florestas brazileiras. Do tamanho d'um pombo, pés vermelhos, olhos tambem vermelhos e redondos, plumagem roxa. Quando solta o delicado e saudoso canto, pousado sobre o galho d'uma arvore, disséra-se que lugubres idéas o accommettem, pois fixa a aboboda celeste como o desgraçado que implora o auxilio do ceu. O sabiá é por excellencia o terno cantor dos bosques; nenhum outro imita o seu doce e melancholico trinar, que muito se assemelha ao do nosso rouxinol.

O Brazil é o paiz verdadeiramente previlegiado na classe das aves, quer quanto ás bellezas multicores de encantadoras plumagens, quer no delicioso dos canticos e singularidade dos habitos.

O *sabiá* é considerado passaro inspirador dos poetas brazileiros, cantado por Gonçalves Dias, entre outros, na popularissima *Canção do Exilio:*

Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá,
As aves que aqui gorgeiam
Não gorgeiam como lá

. . . .

Não permitta Deus que eu morra,
Sem que volte para lá;
Sem que desfructe os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Sáhyré. No dizer de Baena é um semi-circulo de cipó, de seis palmos de diametro, quadripartido, com uma cruz e um espelho em cada uma d'essas partes e outra cruz no meio da peri-

feria. Todo este artefacto é cingido de algodão batido e adereçado de malacachetas e fitas adherentes a seis pequenas varas tambem cobertas de algodão batido, as quaes seguram tres indias, sendo a do meio denominada mestra, e péga outra india na ponta d'uma longa fita que está atada por baixo da cruz.

Este sáhyré era passeado em outros tempos, em dias de festa, por diversas ruas, cantando em lingua geral o seguinte hymno:

—*Itá camuti pupé neiássúcaua pintanguê puranga ité.*

E o estribilho em portuguez:

—E Jesus e Santa Maria.

—*Santa Maria cuian puranga, imemboira iauerá iuáté pupé, oicou curussá uassú pupé, ianga túrama rerássú.*

E o estribilho:

—E Jesus e Santa Maria.

A traducção do primeiro hymno, é esta:

«Em uma pia de pedra foi baptisado o Menino Deus».

E a do segundo:

«Santa Maria é uma mulher bonita: o seu filho é como ella: no alto céo está n'uma cruz grande para guardar a nossa alma».

Levam o *Sáhiré* as mais das vezes quando acompanham alguma imagem á egreja para ser festejada ou quando desembarcam a corôa do Espirito Santo, na vespera da Ascenção. Nas festas de S. João e S. Thomé, que são feitas pelos indigenas, ao dito *Sahiré* acompanha muito de perto um tambor, tocado por um sujeito que ao mesmo tempo toca uma gaita: o sério e satisfação com que elle desempenha esta original duplicata, importa uma bem agradavel curiosidade.

A festa do *Sahiré* já vae ha muitos annos cahindo em completo desuso.

Salinas. O governador Vidal Negreiros mandou em 1656 estabelecer uma atalaya que avisasse com tiros de canhão os navios que demandassem o porto de Belem, evitando assim os constantes sinistros que se davam. Escolheu-se para a atalaya a ponta mais saliente da ilha contigua á bahia de Virianduba.

A villa de Salinas está situada na bahia de Salinas, na costa do Oceano Atlantico. Tem 3.316 habitantes e exporta arroz, farinha, milho, peixe salgado, etc.

Samambaia. Especie de feto.

Samba. Baile de roceiros.

Samburá. Cesto feito de cipó. Tem diversas applicações.

Santarem. Era a antiga aldeia dos Tapajóz. Foi elevada em 1754 á cathegoria de villa, com o nome de Santarem, pelo capitão-

general Mendonça Furtado e em 1848 foi elevada á cathegoria de cidade.

Está situada da margem direita do Rio Tapajóz, no Estado do Pará, na juncção d'este rio com o braço meridional do Amazonas, e está a 2°24 48',2 de latitude sul e 11°31'29" de longitude occidental do meridiano do Rio de Janeiro. O censo de 1896 dá-lhe 16.231 habitantes, o que nos parece exagerado. Henri Coudreau dá-lhe apenas 3.000 habitantes. Nem tanto nem tão pouco.

Santarem-Novo. Cidade situada na margem direita do rio Maracanã no Estado do Pará. Segundo o recenseamento de 1896 tem 3.010 habitantes. E' terra abundante de cacáo, farinha, milho, tabaco, oleos, borracha, couros, madeiras, aves, etc.

Sant'Anna da Barreira. Povoação do Alto Araguaya. Conta 3 familias com 299 pessoas.

Santa Izabel. Importante povoação do municipio do Pará. E' cortada pela estrada de ferro de Bragança.

S. Domingos da Boa Vista. Villa assente em uma ponta de terra pouco elevada na frente e muito baixa e alagada na parte posterior, na confluencia dos rios Guamá e Capim. Tem uma bella perspectiva e foi fundada em 1758. O ultimo recenseamento dá-lhe 11.903 habitantes.

S. Filippe. E' uma das mais vastas e das mais ricas circumscripções territoriaes do estado do Amazonas. O municipio é povoado por perto de quartorze mil habitantes, laboriosos, que se empregam na sua quasi totalidade no fabríco da gomma elastica e na industria extractiva de generos de producção expontanea. A receita da Intendencia eleva-se a perto de quinhentos e cincoenta contos.

S. Gabriel. Municipio do estadó do Amazonas.

S. José de Matary Freguezia a 14 leguas de Serpa, na margem septentrional do Amazonas.

S. Miguel de Guamá. Cidade fundada em 1758, na margem direita do rio Guamá. O municipio tem 4.063 habitantes e exporta muita cachaça, cacáo, farinha, feijão, milho, tabaco, borracha, etc.

S. Paulo de Olivença. Municipio do estado do Amazonas. Possue muitos recursos naturaes, quasi todos abandonados por falta de braços. A receita municipal regula por cento e sessenta contos.

O clima do municipio é excellente, sendo a população da villa calculada em 500 almas.

S. Sebastião da Boa Vista. Villa creada em 1758 e situada

na villa de Santo Antonio. O recenseamento de 1896 dá-lhe 2.352 habitantes. O municipio produz cacáo, borracha e couros.

Santos Sobrinho & C.ª Importante casa bancaria do Pará. Saca sobre Londres, Paris, Lisboa, Porto e todas as cidades e villas de Portugal e Hespanha.

Sapopema. Arvore que tem as raizes chatas como taboas, da largura de 1 e 2 metros, crescem do tronco 12 a 15 palmos de altura, descendo unidas a elle até ao chão, onde se alargam enormemente. A arvore, muito vulgar nas margens do Amazonas, parece mettida em raios, formando angulos agudos com o tronco e a terra e deixando entre uma e outra raiz espaços onde podem caber muitas pessoas. Quando alguem se perde na floresta, bate n'essas raizes com o machado ou com a coronha da espingarda e o éco repercurte-se a immensa distancia. E' a fôrma de que se servem os exploradores para se communicarem.

Sapucaia. Arvore que vegeta nas matas virgens e tem a casca grossa e fendida.

Sapucaia Oroca *(Lenda da).* Sapucaia-oroca é uma pequena povoação na margem do rio Madeira.

Pouco abaixo do logar em que se acha assentada, referem os indios que existiu outr'ora uma outra povoação, muito maior do que esta, e que um dia desappareceu da superficie da terra, sepultando-se nas profundidades do rio.

E' que os *Muras*, que então a habitavam, levavam vida desordenada e má e nas festas, que em honra de *Tupanã* celebravam, entregavam-se a dansas tão lascivas e cantavam cantigas tão impuras, que faziam chorar de dôr aos *angaturámas*, que eram os espiritos protectores, que por elles velavam.

Por vezes os velhos e inspirados *pagés*, sabedores dos segredos de *Tupanã* haviam-nos advertido de que tremendo castigo os ameaçava, se não rompessem com a pratica de tão criminosas abominações.

Mas cegos e surdos, os *Muras* não os viam, nem os ouviam.

Succedeu um dia, em meio de festas e das dansas e quando mais quente fervia a orgia, que tremeu de subito a terra e na voragem das aguas, que se ergueram, desappareceu a povoação:

As altas barreiras que ainda hoje ali se vêem, attestam a profundidade do abysmo em que foi arrojada a povoação e os reprobos...

Depois, muitos annos depois, foi que começou a surgir a actual povoação, que ainda não poude attingir ao gráo de esplendor da que fôra submergida.

Foram de novo habital-a os *Muras*; mas em breve, por entre

a escuridão da noite, começaram a ouvir, tranzidos de medo, como o cantar de gallos, que provinha d'aquelles mesmos *angaturámas*, que deploraram outr'ora a miserrima sorte da povoação submergida e que sempre protectores dos filhos da tribu dos *Muras*, serviam-se do canto despertador dos gallos da *Sapucáia-oroca* submergida, para recordarem o tremendo castigo porque passaram seus maiores e desviarem a nova geração do perigo de sorte igual.

E' este o facto que deu origem ao nome da povoação— *Sapucáia-oroca*.

Saracá. Lago a seis leguas do Amazonas no qual desagua por diversas boccas ou canaes.

Sararaca. Comprida flecha tendo as extremidades armadas, uma com uma ponta de ferro e a outra armada de pennas de guará. Emprega-se muito na caça da tartaruga.

Saúva. Formiga que em uma noite deixa as arvores, plantações, hortas e roças, sem uma unica folha.

Seguros *(Companhias de).* Possue o Pará sete sociedades anonymas de seguros contra os riscos do fogo e do raio, tanto terrestres, como maritimos.

E' esta a ordem da sua antiguidade:

Paraense, Commercial, Segurança, Lealdade, Amazonia, Alliança e *Lloyd Paraense.*

Actualmente a mais prospera, ou aquella cujas acções são mais bem cotadas, é a companhia *Amazonia* e a *Segurança* a de inferior cotação.

Varias companhias do sul e da Europa teem ali agencias.

Seringal. Vide **Estrada.** São chamados *seringaes* os grupos de seringueiras de que se extrahe a borracha. Ha seringaes com quatrocentas barracas onde vivem, na maior parte, cearenses que exploram o leite da seringueira.

Os vastos seringaes do Amazonas têem n'estes ultimos 20 annos, attrahido para as margens do Madeira, Xingú, Purús e Juruá immensas levas de emigrantes dos Estados nortistas, que para lá se dirigem fascinados pelas aventuras da fortuna.

E as ricas florestas da região d'esses rios foram e continuam a ser exploradas pelos seringueiros em uma extensão já de quasi mil leguas.

O Purús, poderoso affluente do Amazonas, é o que mais tem chamado a cobiça dos exploradores.

A seringueira, é uma arvore alta, perpendicular e de copa pouco frondosa.

Desenvolve-se principalmente nas varzeas, entre uma densa arborização e de constante verdura.

A altura da seringueira mede de 20 a 40 metros, tendo no tronco um metro de diametro.

Todos os annos, mais ou menos em setembro, as suas folhas caem para, em 15 ou 30 dias, revestir-se a arvore novamente.

Quasi toda a bacia do Amazonas está coberta de seringaes nativos, mas ha tambem já quem se dedique ao plantio da seringueira em terras particulares.

A sua cultura é de bem facil amanho, o que, porém, induz os exploradores de preferencia a atirarem-se ás mattas virgens, é que cada semente plantada leva de 15 a 20 annos para que se possa d'ella extrair o leite.

Em um dos affluentes do Madeira no rio Maués, já existem grandes plantações de seringueiras.

Seringueira. E' a maior riqueza da Amazonia a celebre arvore, geralmente conhecida por *seringueira*. E' alta, perpendicular, de cópa pouco frondosa. Mede como já dissémos de 20 a 40 metros de altura, tendo de grossura um metro e alguns centimetros de diametro. A folhagem imita á primeira vista a folha da maniva.

Os indios *Cambebas* chamavam-n'a *cau-uchú*; no commercio é conhecida por borracha ou gomma elastica; o povo dá-lhe o nome de *seringa* ou *seringueira*.

O nome de *seringa* deu-lhe o padre Manuel da Esperança, que a descobriu entre os indios cambebas. Tendo notado que os selvagens se serviam d'ella na confecção d'uns vasos do feitio de seringas, deu o nome de seringueira á arvore de que elles extrahiam o leite com que confeccionavam os mesmos vasos.

E' no verão que começa o trabalho da extracção da seringa; ha, porém, outros pontos como no alto Purùs, em que essa extracção se faz desde o mez de maio. Geralmente, por toda a bacia do Amazonas, a labuta nos seringaes vae de setembro até á queda das folhas.

Apoz a brotação, o trabalhador tem o cuidado de não tocar na arvore, para dar *robustez*, permittam-nos a expressão, ao leite, por ser elle então muito fraco e aguado.

Com esse leite assim em começo da brotação, a gomma elastica diminue dois terços no seu peso ordinario e portanto decresce em valor.

Sernamby. Assim chamam a borracha ordinaria, restos das defumações, e como tal menos valiosa. Em geral vale menos do que a borracha fina, dois mil réis em kilo, pouco mais ou menos.

Serpa. Villa situada n'uma pequena collina, na margem es-

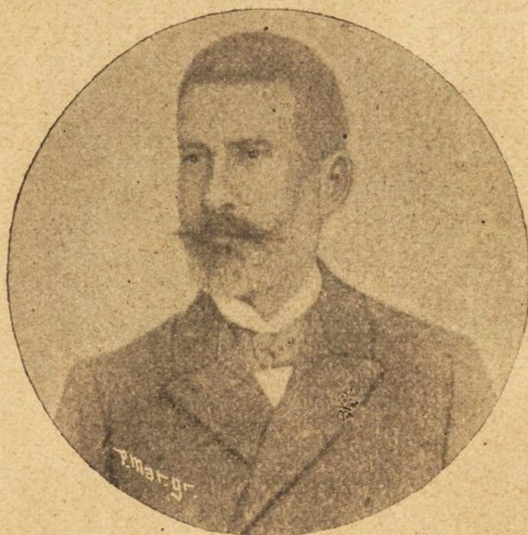
querda do Amazonas, 270 leguas acima da sua foz e quasi defronte da foz do rio Madeira. Tem um excellente porto, onde podem carregar encostados á terra os navios de maior calado. O seu nome presente é Itacoatiara, o que quer dizer *pedra pintada.* Fica a 130 milhas de Parintins, e está excellentemente situada. E' séde de municipio e de comarca e acha-se ligada á capital pelo telegrapho terrestre.

Vide *Itacoatiara.*

Silva. *(Bernardo da Costa e).* Portuguez, suppomos que natural do Minho, que fez uma travessia do Pará á costa do mar Pacifico, pelo valle do Amazonas.

Em 1891 publicou, no Porto, um interessante livro intitulado *Viagens no sertão do Amazonas.* A este bello trabalho devemos muitas informações.

Silva *(Machado e).* E' este illustre cavalheiro o digno vice-consul de Portugal em Manáos. Os seus serviços á colonia portugueza são valiosissimos, sabendo defender os interesses dos seus compatriotas com equidade e grande amor.



Todos os portuguezes encontram em Machado e Silva um desvelado protector e um caracter integro e justiceiro.

Como cavalheiro é d'um fino trato e d'uma primorosa educação.

Silva Ferraz *(F. J. da).* Distincto chimico e pharmaceutico pela escola de Coimbra, onde fez um curso brilhantissimo, tendo sempre as primeiras classificações. Tem tambem o curso de chimica do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa. E' membro correspondente da Sociedade Pharmaceutica Lusitana, da Sociedade de Sciencias Medicas, de Lisboa, da Société Chimique de Paris, da Academia Litteraria de Mont Real, de Tulose, ex-chefe do serviço de desinfecção publica da cidade de Manáos e chimico do Laboratorio d'Analyses da Directoria do Serviço Sanitario do Amazonas. E' tambem jornalista vigoroso, fazendo parte da redacção do excellente jornal *Amazonas,* de Manáos, onde os seus artigos são muito apreciados.

A uma intelligencia robusta reune uma cultura pouco vulgar e todos os primores d'alma merecedores dos affectos que lhe de-

dicam os seus amigos, no numero dos quaes nos ufanamos de figurar.

Silva Santos *(Bento José da)*. De origem modesta e pobrissima, natural de São Caetano de Odivellas, pequeno povoado ribeirinho, principalmente empregado na apanha do carangueijo, é hoje o mais importante fazendeiro da ilha de Marajó, senão pelo tamanho das suas fazendas, pelo menos pela sua prosperidade e producção; é um dos maiores proprietarios de novos predios urbanos da cidade de Belém; industrial deligente quer no ramo pastoril a que principalmente se dedica, quer na constante melhoria da sua fabrica de productos ceramicos e estaleiro de construcções navaes que possue avantajadamente, na bella ilha Arapyranga, de sua propriedade; commerciante astuto, para quem o negocio sempre progride, quer no seu armazem á travessa Marquez de Pombal, quer no amplo commercio de marchanteria que explora de conta propria, com a producção das suas fazendas creadoras.



F. J. da Silva Ferraz

E tudo isto se fez, e tudo isto se conseguio, com o esforço perseverante do seu trabalho activo e intelligente, simplesmente.

Nada mais nobre conhecemos.

Iniciara sua actividade ahi pelo Ver-o-pezo. Administrára as fazendas de creação do extincto Visconde de Arary e depois os campos das fazendas nacionaes em Marajó.

Assim lhe começára a vida, utilmente aproveitada.

E' cidadão probo, trabalhador infatigavel mesmo n'este quartel da sua velhice, com o espirito d'uma lucidez admiravel.

Silves Municipio do Amazonas. E' uma das villas mais antigas d'este Estado, situada na formosa ilha do lago Saracá, na raiz d'uma serra e olhando para o Oriente. O seu aspecto torna-se magestoso quando se contempla de longe.

A receita do municipio importou em 1898 em 12:839$073 réis. E' terra saudavel, de seis mil e tantas almas. Exporta cacáo, pirarucú, borracha, couros, castanha, etc.

O valor da sua exportação regula por cento e tantos contos, estando a desenvolver-se no municipio a creação de gado vaccum e cavallar.

Simbahibinha. Planta vulgarmente conhecida por *cipó de caboclo*.

Simão da Costa *(Commendador)*. Espirito de *elite*, fidalgamente cavalheiresco e altruista.

Portuguez madeirense, passára as primicias da sua mocidade na capital da Guyana ingleza para onde emigrára e mais tarde passou-se para New-York, onde concluiu a sua educação.

E' portador de varios titulos scientificos e exerce de alguns annos o encargo de actuario da poderosa companhia de seguros de vida a Garantia da Amazonia, residindo, portanto, no Pará, de ha algum tempo, onde se tem superiormente evidenciado.

Simões *(Dr. Aleixo)*. Medico portuguez, natural de Gôa, formado pela faculdade de medicina de Paris.

Ainda estudante servira como cirurgião no exercito turco durante a guerra contra a Grecia, prestando valiosos serviços em campanha, pelo que o governo da Turquia lhe conferiu honras militares e lhe adornou o peito com valiosa condecoração.

De ha alguns annos está clinicando no Pará, havendo praticado os mais notaveis trabalhos de alta cirurgia, o que lhe tem grangeado larga estima e profundo acatamento.

E' medico dos hospitaes de Caridade, dos estabelecimentos municipaes e do hospital de D. Luiz 1.º da Beneficente Portugueza.

Soares *(Dr. Luiz)* Medico portuguez, natural do Funchal, que de alguns annos clinica no Pará. E' um espirito culto e um medico que honra a sua classe. No Pará todos o estimam tanto pelas fidalgas acções que pratica, como pela dedicação com que caltiva a melindrosa sciencia a que se dedica.

Sóca. E' a novidade que brota depois do primeiro corte da canna. A que brota depois do segundo corte chama-se resoca.

Sociedade Portugueza Beneficente do Amazonas. Logo que o portuguez abandona a patria e põe de parte artes, preconceitos e teimosias em que por aqui gastamos a vida, em qualquer parte onde se estabelece, allía, n'uma tocante espontaneidade, a audacia na lucta e um vivo enternecimento na dôr. A' sua perseverança no trabalho, honestidade no proceder, tenacidade na lucta e ambição de progredir, reune o grande instincto, moral, de espalhar o bem, de mitigar dôres e de soccorrer os desvalidos. De quantas colonias existem no Brazil, e numerosas ellas são, desde o Prata até ao Amazonas, nenhuma é tão unida e affectiva como

a portugueza, que por todas as partes e sob variadissimas fórmas e estructura fortalece nucleos associativos, que representam solidas garantias de conservação social e de progresso intellectual.

Em toda a parte os elementos portuguezes ligam-se, unificam-se em grandes centros de energia, de actividade e pensamento, não para se defenderem ou fecharem egoisticamente n'um sentimento de grandeza, mas para espalharem com a serenidade dos bons e dos crentes os limpidos brilhantes dos seus affectos; para avolumarem a trasbordante corrente de bondade, que é o mais erguido tropheu da nossa raça e o documento mais encantador de toda a nossa historia.

O emigrante portuguez, lançando-se no rude trabalho d'uma vida para elle desconhecida e cheia de surprezas, nem esquece a patria, que lhe fica do outro lado do Atlantico, nem deixa amortecer, antes revigora, o dom de commover-se antes as infelicidades dos desprotegidos.



São, certamente, ás saudades da patria e á nação de grandeza da nossa raça, sempre energica, audaciosa, muitas vezes persegnida e nunca vencida, que nos unem fóra da terra, que nos inspiram o desejo de nos tornarmos uteis, espalhando consolações que fazem brotar nos espiritos a perfumada rosa do reconhecimento.

Se nenhum povo, como o portuguez, soube batalhar rijamente, em todos os pontos da terra e á custa de todos os soffrimentos; se nenhum escreveu em caracteres, que os seculos jamais apagarão, nos muros das fortalezas de todo o mundo, com a ponta das suas lanças triumphantes, a mais sublime de todas as epopeias conhecidas; se nenhum nos egualou em arrojo, em espirito bellico e em conquistas civilisadoras, nenhum tambem ao lado d'essas glorias, justificadas pelos louros colhidos n'um sem numero de batalhas, poude erguer mais alto o tropheu da docilidade amorosa, da solidariedade christã; da caridade sensata e proficua. D'esta grande e inegualavel qualidade deriva a abnegação, o zelo, o carinho com que os portuguezes, dentro

e fóra da sua terra, nos confins da America, nos sertões da Africa ou na longiqua Asia, formam as mais proveitosas instituições hospitalares e as mais caridosas confrarias, sempre dirigidas com sagacidade, acerto e escrupulo.

As sociedades portuguezas beneficentes, espalhadas desde Porto Alegre até Manaus, e até na California, todas mantidas á custa de muito devotamento, são grandioso testemunho, perante o qual todos se curvam, da elevação d'este grande povo, algumas vezes, acabrunhado, mas sempre grande e invencivel. Uma das mais brilhantes provas do que levamos dito está na Sociedade Portugueza Benificente do Amazonas, de que ora nos occupamos.

Creada no meio de mil embaraços, que affectam todas as iniciativas, conseguiu, pelo devotamento dos seus socios, a superioridade e o esmero em que hoje se encontra e que representa apenas o inicio do que será no futuro.

A Sociedade Portugueza Benificente do Amazonas foi creada em 31 de outubro de 1873 e inaugurada vinte annos depois, em 17 de dezembro de 1893.

Vencendo corajosa e dignamente todas as difficuldades e attrictos que procuraram embargar-lhe a acção, a energia persistente d'um homem, servida por um espirito lucido e um generoso coração, conseguiu inaugurar o hospital, esse bello e cuidado edificio em cujas enfermarias banhadas de luz, providas de mosquiteiros, cercadas de quanto a sciencia moderna aconselha, teem encontrado abrigo e lenitivo ás suas dôres todos quantos soffrem e são minguados de recursos sem distincção de nacionalidade ou religião.

Os principaes fundadores d'esta sociedade que tanto honra o nome portuguez, foram os srs. commendadores José Teixeira de Sousa, B. A. de Oliveira Braga, Francisco de Sousa Mesquita, Domingos d'Almeida Souto, Antonio P. Brito Amorim e José Ferreira de Barros, dos quaes só o primeiro suppomos que ainda existe.

Para a realisação de tão alevantada ideia muito contribuiu tambem a boa vontade do então governador da Provincia do Amazonas, ex.^{mo} sr. dr. Domingos Teixeira Peixoto, que pelo governo portuguez foi agraciado com o titulo de barão de S. Domingos.

Instituido o hospital, foi tal a paixão com que os seus directores se dedicaram a aperfeiçoal-o, que muitos postergavam até os proprios interesses commerciaes para que a obra de caridade não soffresse faltas de possivel remedio.

Foi um dos benemeritos luctadores o sr. Francisco Nicolau dos Santos, que a troco de muitas canceiras e de dissabores conseguiu comprar, sob sua inteira responsabilidade, o terreno onde hoje vemos erguer magestoso o hospital.

Fructo de tanta honestidade, de tão ensinativo desprendimento e de tão nobre patriotismo, o pensamento principiou de encontrar écho em toda a colonia e o hospital de destacar-se entre os muitos que os portuguezes teem edificado no Brazil e que muito deixam a perder de vista os que temos erguido em Portugal. Affluiram os generosos donativos; augmentaram as dedicações; conglobaram-se as boas vontades e a grande obra de amor e progresso lá está n'um dos mais ridentes pontos de Manáus, attestando o valor do genio portuguez e a generosidade d'alma de quantos para ella tem contribuido.

São já enormes os beneficios prestados por esta instituição de caridade, não só aos seus associados, o que é para louvar, como até aos estranhos, o que nos deixa surprehendidos.

Quando ali estivémos pela ultima vez percorremos as enfermarias onde reinava a paz bemdita e consoladora, o evangelico socego dos crentes e o incomparavel desvelo dos justos, trabalhava a direcção com afinco na augmentação do edificio. Oxalá que essas obras se continuem e dilatem porque ellas dilatarão e tornarão respeitavel o nome portuguez em tão longiquas paragens.

Socó. Ave ribeirinha cinzenta.

Sodré *(Dr. Lauro).* Tenente-coronel de engenharia, lente da Escola Superior de Guerra, occupando, agora, uma cadeira no Senado Federal pelo eleitorado da capital da União, havendo antes exercido n'aquella casa identico mandato pelo Parà, seu Estado natal.

E' republicano combatente desde o regimen decahido, fazendo parte activa da insignificante legião dos tempos da propaganda.

Foi o primeiro governador constitucional do Pará, no novo regimen, cargo que exerceu sete annos, cujo periodo se assignalou pela mais ampla prosperidade d'aquelle Estado.

Solimões. Nome dado ao Amazonas até ao ponto em que funde as suas aguas com o caudaloso rio Negro, defronte de Manáos.

De onde lhe vem semelhante denominação? Provavelmente por causa dos indios *Sorimões* que o habitaram, desde a confluencia do Rio Negro até ás fronteiras de Tabatinga.

La Condamine pensa que o nome do rio *Solimões* (rio dos venenos) foi-lhe dado, talvez, por causa das flechas envenenadas que usavam os habitantes de suas margens.

N'este rio existem as seguintes povoações;

Codajáz, a 155 milhas de Manáos; Coary, a 239; Teffé, a 347; Caiçara, a 362; Jauatá, a 407; Araras, a 470; Fonte Boa, a 485; S. Paulo d Olivença, a 721 e Tabatinga, a 826.

Soure. Antiga aldêia dos indios Maruanazes, elevada a villa em 1757 pelo governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Actualmente é cidade e tem por orago o Menino Deus. Está situada em terreno elevado, na margem esquerda do rio Paracuary ou Igarapé Grande, que desagua na costa oriental da ilha de Marajó. Tem 4277 habitantes.

Souza *(Conego Francisco Bernardino de).* O seu bello livro *Lembranças e Recordações do Valle do Amazonas*, impresso no Pará em 1873, foi-nos luminoso guia, tanto nas viagens que temos realisado nos dois opulentos Estados amazonicos como tambem no enfeichar das materias d'este livro, onde muitas paginas lhe pertencem.

Souza *(Alves de).* Pertence á redacção d'*A Provincia do Pará*, onde diariamente faz jorrar em torrentes de verbo litterario, as faculdades superiores do seu culto espirito observador, de jornalista moderno.

Sobre a intellectualidade de Alves de Sousa, escreveu ha tempos a penna insuspeita de J. Eustachio de Azevedo:

— «E' mais um bello talento que surge e poderá ser mais tarde uma gloria das lettras do norte, se não fraquejar na lucta, resvalando para o terreno do scepticismo, onde se debatem, como naufragos exhaustos, os tresloucados cultores do symbolismo.—»

Do intelligente poeta paraense corre mundo um mimoso livro de bons versos, intitulado — *Crepuscularios* — e outras mais producções esparsas em revistas, jornaes e em varios opusculos.

Souzel. A freguezia de S. Francisco Xavier, de Souzel, creada em 1639, era a antiga aldea de Aricari. Teve cathegoria de villa em 1758 e erguia-se na margem esquerda do rio Xingú. Em 1846 foi transferida para a margem direita, onde se encontra. Está edificada em terreno um pouco elevado e enxuto. O censo de 1896 dá-lhe 3.345 habitantes.

Suassureçá. Fructa silvestre, de sabor muito apreciado e de forma orbicular.

Sucupira ou **Sapupira.** Arvore grandiosa, de lenho durissimo, que se emprega em vigamentos, peças de engenho, instrumentos de lavoura e construcção naval.

Sucuriju ou **cobra veado.** Genero de cobra que devora até um veado, tal é a sua corpulencia. E' a maior serpente aquatica

da America. No Alto Amazonas temos ouvido chamar-lhe *yacu-mama*, que quer dizer *mãe do rio*.

Tambem se chama cobra de agua. E' reptil de movimentos preguiçosos e demorados, muito venenoso.

Entre os indigenas, matar uma sicuriju é signal de infelicidade.

Sumaumeira. Arvore muito alta que produz umas cabacinhas cheias da felpa que se emprega no enchimento d'almofadas.

Superficie do Brazil. A titulo de curiosidade e para que, devidamente, se possa avaliar da grandeza da grande republica de que nos occupamos n'este trabalho, damos a seguir o quadro da superficie e população do Brazil:

Estados	SUPERFICIE	POPULAÇÃO
	Kilom.²	Habitantes
Amazonas	1.897.020	240.000
Matto-Grosso	1.279.651	157.000
Pará	1.149.712	652.400
Goyaz	747.855	340.000
Minas-Geraes	574.855	4.277.400
Maranhão	459.884	660.000
Bahia	426.527	2.335.000
Piauhy	301.797	425.000
S. Paulo	290.876	2.520.000
Rio Grande do Sul	225.453	1.350.000
Paraná	221.319	360.000
Pernambuco	128.395	2.089.500
Ceará	104.250	1.000.000
Parahyba	74.731	596.000
Santa Catharina	74.156	405.800
Rio de Janeiro	68.392	1.300.000
Alagôas	58.491	781.600
Rio Grande do Norte	57.485	407.200
Espirito Santo	44.839	201.600
Sergipe	39.090	450.000
Districto Federal	1.394	730.000
TOTAL	8.337.218 [1]	21.278.500

(1) O tratado de 17 de novembro de 1903 alterou este total, pois por elle foi reconhecido brazileiro todo o chamado territorio do Acre, comprehendendo 142.909 kms.² de area litigiosa e 46.100 kms.² de terra reconhecida boliviana (ao todo 189.009 kms.²) e a Bolivia obteve uma area de 3.164 kms.² de territorio do Brazil.

Surubim. Peixe de côr azul escuro, do tamanho e do feitio do congro.

Surubiú. Formoso lago, situado proximo de Alemquer e do Curumú.

Surucucú. E' uma cobra terrivel do Amazonas, existindo abundantemente nos campos de Marajó (Pará), assim como a *coral* e a *cascavel.*

Sururina. Ave similhante ao inhambu.

T

Taba. Cabana ou palhota. Muitas tabas formam uma *maloca.*

Tabaco. Esta planta que se póde cultivar com largo resultado em todo o Amazonas é conhecida na Europa desde 1492 ou 1493, em que Christovão Colombo viu fazerem uso d'ella, na ilha de S. Salvador, os indigenas, fumando-o e mascando-o, d'onde elle trouxe aquelle uso para a peninsula hispanica. De Lisboa foram remetidos para França por Juan Nicot a Catharina de Medicis, mulher de Henrique II, que era muito dada á botanica, por este seu representante em Portugal, as primeiras sementes, d'onde á planta lhe deram o nome de nicotina ou herva da rainha, em 1560, passando seis annos depois á Allemanha novas sementes. No seculo XVI, chegaram tambem á Italia, em seguida á Asia, Africa, e pouco depois á Australia e Oceania. No emtanto não affiançamos as datas nem o individuo importador primeiro acima mencionado, porque variam as opiniões. Dizem alguns que em 1569, Fernandes de Toledo, o introduziu em Hespanha e Portugal, vindo da ilha de Tabago, d'onde é provavel se derive o nome da planta do fumo; ilha que fica na costa de Venesuela e que pertence ás pequenas Antilhas. No primeiro de dezembro de 1674, foi o tabaco arrematado pela primeira vez em França, findando o contracto, pelo seu limitado consumo, no primeiro de outubro de 1680, sendo livre a sua venda em 1720 até setembro do anno seguinte.

Em outubro de 1723 até 30 de egual mez de 1730, tomou conta e fez d'elle monopolio para se pagar de uma divida do governo, a companhia das Indias, que o fez circular em maior escala; e em 1747 tornou a ser propriedade do estado.

A primeira arrematação do tabaco em Portugal foi por 40$000 réis. O chronista hespanhol Rodrigo Garcia, que acompanhou Christovam Colombo na descoberta da America, conta o seguinte a respeito do tabaco:

«Poucos dias depois de haver desembarcado, encontrava-me uma tarde com outros companheiros na parte oriental da ilha de Ceuta, junto das margens do rio Cannáo, e todos occupados em explorar aquellas formosas margens, quando avistamos uma pequena povoação para a qual nos dirigimos logo.

«Muito nos surprehenderam os costumes dos sẽus habitantes porém o que mais despertou a nossa attenção foi ver como aspiravam o fumo d'uma planta secca, chamada *cogiva* entre elles; a sua paixão por este vegetal era tão grande, que não só aspiravam o fumo pela bocca, mas tambem pelas narinas, etc.

«O instrumento pelo qual se serviam para aspirar o fumo, era um pau ôco, conhecido entre os indigenas pelo nome de *tabaco* cujo nome nós applicámos depois á planta que elles denominam *cogiva*.»

O tabaco que em abundancia exportava a provincia do Amazonas, em época não mui remota, é hoje objecto de pequena exploração.

Tal é a cegueira pelos lucros que a borracha offerece, que aquella importante lavoura foi quasi que de todo abandonada, com excepção do municipio de Maués, onde é ainda algum fabricado.

Lá está o Purus, lá estão o Madeira e o Rio Branco offerecendo as suas terras prodigiosamente uberrimas ao lavrador; elle vê-as... mas cega-o, fascina-o a seringueira.

O povo não se quer convencer de que a lavoura é a verdadeira fonte da riqueza e da felicidade de um paiz. A extracção da seringa é uma mina no Amazonas, mas sempre são pobres as regiões das minas.

No Amasonas salientam-se os fabrícos e qualidades de Serpa e do Rio Negro.

No Pará o cultivo é comtudo muito mais abundante, concorrendo, largamente, para a receita do Estado. Os municipios productores são principalmente os de Bragança e Acará d'entre os de melhores qualidades.

Tabatinga. Argila de que é formado parte do solo amazonico.

Cidade do Amazonas, fronteiriça ao Perú, no curso do rio Gavary, que devide, por aquelle lado, as duas nações sul americanas.

Lá existem as ruinas d'uma grande fortaleza, construida nos tempos coloniaes, de reconhecido valor estrategico, hoje em abandono.

Ha alguns, annos uma commissão militar, que lá fôi enviada

pelo ministerio da guerra, levantou d'aquellas ruinas poderosos canhões que haviam sido fundidos no arsenal de Lisboa, no seculo XVII.

Taboca. Pedaço de canna, que resguarda dentro d'agua a via urinaria do ataque do *conduzu*.

Tacacá. Bebida indigena, muito apreciada na Amazonia, principalmente no Pará, onde teve a sua origem. E' preparada com a tapioca, (gomma), cosída, á qual se addiciona um molho quente composto de bom tucupi, alhos, folhas de jambú, sal e pimentinhas amarellas, de cheiro, tudo fervido com camarões seccos, salgados.

A's tardes, pelos bairros afastados de Belem, encontra-se á venda esta estimada bebida, que se tomava em cuias de Cametá.

Tacuára. Canna brava com que os indios do Amazonas fazem as suas frechas de caça.

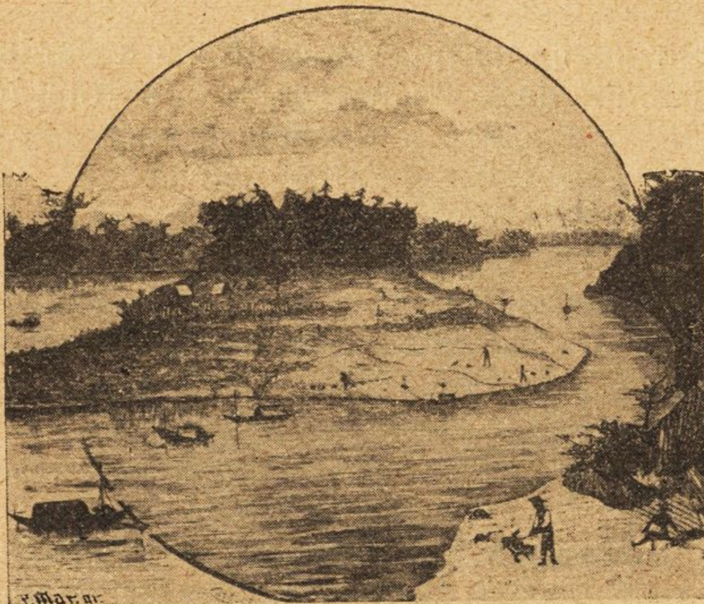
Tacurua. Assim chamam os indios a tres pedras onde assentam as panelas em que cozinham.

Tagy-puru. Um dos canaes naturaes que formam a grande ilha de Marajó.

Tajapuca. Planta que os indigenas suppõem dar felicidade.

Tamacarica. Nome porque é conhecido o toldo das pequenas embarcações, que cortam os rios da Amazonia.

Tamanduá. *(Ilha de)* Fica situada no rio Madeira e é celebre pelas inumeras tartarugas que ali vão desovar.



A uns quatrocentos metros acima da ilha de Tamanduá, lado esquerdo, afundou-se, por bater de encontro a umas pedras que alli ha, uma lancha a vapor, de guerra, vinda de Santo Antonio, onde se achava em serviço da ultima commissão de estudos da estrada de ferro d'aquelle logar á Bolivia.

A lancha perdeu-se totalmente, salvando-se a guarnição e o engenheiro Leitão da Cunha que ia para Manáos, doente de febres intermitentes, tendo de regressar em canôa a Santo Antonio. Falleceu pouco depois, concorrendo para abreviar os seus dias o haver-se molhado completamente no rio.

Uma lapide no cemiterio de Santo Antonio, indica a sua ultima morada.

Tamaquaré. Especie de lagarto, que as tapuias dão a comer aos inconstantes, persuadidas de que elle os reconduzirá ao bom caminho.

Tambem com este nome é conhecido um oleo, que se extrahe, golpeando a arvore Tamaquaré e collocando algodão nos golpes, o qual se embebe do liquido; espremendo-se depois o algodão, passa-se o liquido para uma vasilha. E' um anti-dartroso muito energico. Na Amazonia fazem d'elle grande uso, untando-se a parte affectada.

Tamaquaré. Arvore de que se extrahe um oleo medicinal.

Tamarana. Clava de pedra, de quatro faces, de que os indios usavam antigamente nos combates.

Tambaqui. Peixe muito saboroso e apreciado, quasi preto e comparavel á tainha ou fataça. Attinge 50 a 60 centimetros de comprimento com uma altura maxima de 22 a 30. A sua gordura é aproveitada na fabricação d'um oleo destinado para illuminação e para uzo culinario.

Tamuatá. Pequeno peixe dos igapós, muito saboroso e de que se servem os pescadores para iscarem os anzoes, na pesca do pirarucú.

Tangapema. É uma especie de espada de pau, tambem conhecida por *tacapé* e *cuidaru* e que os indios trazem pendurada ao pescoço, cahida para as costas, afim de poderem empregar outras armas primeiro do que ella.

Tapajoz. Grande rio situado a perto de 800 kilometros do Pará. Tem diversas cachoeiras, entre as quaes a mais poderosa denomina-se Apuhy. Possue ilhas fertilissimas e a arvore da borracha nasce espontanea por toda a parte, sendo nomeados os seus seringaes.

A população do Tapajoz, calculada em 1896 por Henri Coudreau, é a seguinte:

Indios civilisados..........	2.985
Mundurucús	1.460
Apiacás	100
	4.545

Sobre este rio escreveu um antigo chronista:

«O Tapajoz tem as suas fontes, junto á cordilheira das Geraes. Desce de sul a norte, parallelo aos Rios Xingú, e Madeira, e desagua na margem austral do Amazonas, em 2 gráos, e 25 minu-

tos; ao mesmo pólo do sul unem-se-lhe varios rios; um dos quaes é o das Barras, que lhe é oriental, onde o Sargento Mór João de Sousa de Azevedo achou ouro no anno de 1746; o Rio Arinoz, onde no mesmo anno forão descobertas as minas de Santa Isabel, por Paschoal Arruda, passando por terra de Mato Grosso ao Rio Arinoz; cuja jornada se faz em quinze dias, e em menos de Cuyabá.»

Tapanhunas. Indios bravos que habitam na fronteira do Pará e Matto Grosso.

Tapera. Aldeia velha, abandonada. Diz-se tambem dos sitios ermos.

Tapir. Quadrupede que nada e mergulha perfeitamente. Alimenta-se de fructas e folhas. E muito pacifico e facilmente se domestica.

Tapuia-Eretê. Nome pelo qual é conhecida uma tribu que habita na parte oriental do rio Xingú. Os individuos, que a compõe, são altos, musculosos e de côr trigueira e trazem o rosto pintado de preto até meio. São antropophagos.

Em vez de rêdes ou de pelles de animaes, que servem de leito á maior parte dos indios das tribus conhecidas, repousam estes dentro de uma especie de *balaio* comprido.

O armamento de que usam é em geral o mesmo de que se servem as outras tribus selvagens, havendo apenas a differença de ser mais grosseiro, pezado e forte.

Tapuio. Dá-se este nome a todo o indio civilisado. Um escriptor brazileiro, o sr. João Francisco Lisboa, affirma que o termo *tapuya*, como hoje o de tapuio, servia para designar genericamente todo e qualquer indigena, ainda que oriundo de raça diversa.

Sux e Martipis são de opinião que os *tapuyas* primitivos pertencem á raça mogol, assim como os tupys teem grandes semelhanças com alguns ramos da raça caucasica.

Taquari. É uma varinha ôca, muito direita, que, depois de bem limpa por dentro, se pinta de varias côres e serve para tubos de cachimbo, ou pito, como lá lhe chamam.

Tarubá. Bebida preparada pelos indios com a raiz da mandioca e folhas da arvore cumarim.

Tarabá. Bebida preparada com a raiz da mandioca.

Tarauyra. Pequeno peixe que vive nos riachos e lagos.

Tartaruga. Diversas especies de tartarugas existem na Amazonia, sendo as mais vulgares a tracajá, a pitu, e a matamatá. A sua carne é tão apreciada que dizem que a tartaruga é o boi do Amazonas.

A tartaruga alimenta-se muito de folhas d'aninga, que abunda pelas margens dos rios e os seus ovos são como os de gallinha, na côr e quasi no sabor.

A pesca da tartaruga, no dizer do padre Antonio Vieira, requer mais noticia do que industria pela muita cautella e pouca resistencia das tartarugas.

Quando querem desovar na praia levam adiante duas como sentinellas, que demoradamente estudam o campo; logo depois d'estas, com bom espaço, vão oito ou dez como descobridoras do inimigo e depois d'ellas, em maior distancia vae todo o exercito das tartarugas, que consta de muitos milhares. Se as primeiras ou as segundas sentem algum rumor, voltam para traz e com ellas as demais e todas se somem em um momento, por isso os que vão á pesca se escondem todos detraz dos mattos e esperam de embuscada com grande quietação e silencio.

Sahem, pois, as duas primeiras espias, passeiam de alto a baixo toda a praia e como estas acham o campo livre, sahem tambem as da vanguarda e fazem muito devagar a mesma vigia, e como dão a campanha por segura entram na agua e voltam e depois d'ellas sae toda a multidão do exercito com os escudos ás costas e começam a cobrir as praias e a correr em grande tropel para o mais alto d'ellas. Applica-se cada uma a fazer a sua cova e quando já não cabem mais e estão entretidas, umas no trabalho, outras fazendo a postura, rebentam os pescadores da emboscada, tomam a parte da praia e remettendo ás tartarugas, não fazem mais do que ir virando e deixando; porque em estando viradas não pódem mais bulir.

Taruman *(Cachoeira do)*. Fica situada a uns vinte kilometros de Manáos, pouco mais ou menos.

Domina uma elevada ribanceira, formada de pedra; tem oito braças em sua queda e a correnteza é de quatro milhas.

E' formada por um verdadeiro parallelogrammo tão symetrico, que mais parece obra esmerada da mão do homem do que producto da natureza. As margens são ornadas de magestosos arvoredos e o fundo da cachoeira é todo como matisado de pedras delicadas.

A pancada é tão forte, que se chega a ouvir a distancia de duas legoas e o nevoeiro que se desprende das aguas, reflectido pelos raios do sol, forma um dos mais lindos e deslumbrantes panoramas.

Em Manáus é conhecida geralmente por *Cachoeira grande*, para differençar-se de outra mais proxima da cidade e a que dão o nome de *Cachoeirinha*.

E' um sitio de tradiccionaes recordações para os habitantes do logar.

Tatú. Animal do tamanho d'um leitão. Tem as pernas curtas e escamosas, o focinho comprido e cheio de conchas, orelhas e cabeça pequenas, sendo esta egualmente revestida de conchinhas; olhos pequenos, cauda comprida. É muito vagaroso no andar e vive em tocas, que elle mesmo abre, como os coelhos. A sua carne, que é muito saborosa, é apreciada.

Tauá. Rio do municipio de Vigia, no Pará.

Tauá-tapuerá. Antiga tribu das margens do rio Xingú, de ferozes instinctos.

Tavares Cardoso *(Eduardo).* Proprietario da antiga *Livraria Universal*, a maior e mais notavel papelaria e de trabalhos de composição typographica de Belém.

E' director do Banco do Pará e occupa, na colonia luza d'aquelle Estado, lugar saliente.

Taxireiro. Arvore em cuja casca mora a *formiga de fogo.*

Teffé. Municipio do estado do Amazonas. Comprehende a freguezia de Caiçára e as povoações de Nogueira, Uaringa e outras.

Teffé. Rio que tem um curso de mais 1.000 kilometros, dos quaes mais de 600 são navegaveis.

Tejupar. Choça, cabana, casa de habitação.

Telegrammas. Os telegrammas para o Amazonas são transmittidos até ao Pará e d'ahi por diante pelo cabo da *Amazon Telegraph Company*, cuja tarifa, por palavra, a contar de Belém do Pará é a seguinte:

Soure	$200	Macapá	$800
Mosqueiro	$200	Monte Alegre	$800
Pinheiro	$200	Santarem	$800
Cametá	$200	Alemquer	1$000
Breves	$400	Obidos	1$000
Gurupá	$400	Parintins	1$200
Prainha	$600	Itacoatiara	1$400
Chaves	$800	Manaos	2$000

O expedidor póde, porém, encaminhar o seu telegramma do Pará ou de outro qualquer Estado em diante pelo correio.

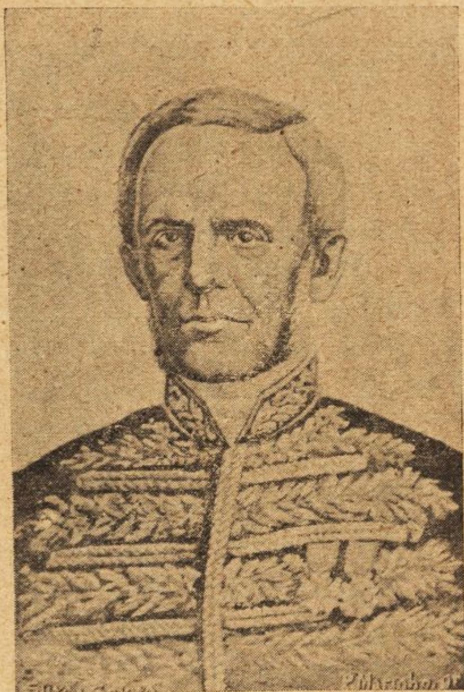
Tenreiro Aranha. Espirito prespicaz e muito cultivado. Foi um dos grandes admiradores e protectores do grandioso Amazonas, que muito lhe deve. Foi o fundador da antiga provincia do Amazonas, no tempo do Imperio.

Tento. Fava pequena, de um encarnado vivo e resistente. Reduzida a pó e de infusão em agua, applica-se com vantagem a enfermidades dos olhos.

Terça. E' uma medida que corresponde, pouco mais ou menos, a dois decilitros, e de que se faz muito uso no baixo Amazonas.

Terra da Promissão. Assim denominou Gomes de Amorim, sempre pranteado pelas letras portuguezas e discipulo querido de Garrett, o torrão Amazonico. E' verdadeira terra da promissão onde todos nós encontramos o amor dos homens casando-se com o amor da Natureza.

Assim como o pescador, em muitos dos rios do Pará e do Amazonas, de pé nas margens, póde escolher, através das aguas transparentes, o peixe a que ha de arremessar o arpão ou a frecha, a abundancia e variedade da caça, que povoa as selvas, permitte ao caçador o mesmo luxo! a Natureza comprovou-se em tornar facil e commoda a vida do homem n'aquellas ferteis regiões. Rios enormes, que dispensam estradas e caminhos; arvoredos immensos, carregados de fructos, de oleos e resinas preciosas, de mel de abelhas e de leites nutrientes; plantas medicinaes, tão variadas e numerosas, que se se podesse conhecel-as todas e adivinhar-lhes as maravilhosas propriedades fazia-se em cada cem casos de doença recuar a morte noventa e nove vezes; temperatura quente, sem as aborrecidas exigencias do vestuario; atmosphera embalsamada, provocando suavemente o somno; terra gratuita para quem quer trabalhar; e sustento facil para os que detestam o trabalho!



Tenreiro Aranha

O viajante, penetrando no interior d'aquelle paiz prodigioso, sente-se logo tentado a fixar n'elle a sua residencia para sempre! Tudo que vê e ouve o incita e persuade a que siga esse pensamento. Longe das cidades e das grandes villas, a terra é livre. Póde escolher o local mais aprazivel, á margem dos rios ou dos lagos, e derrubar os arvoredos na extensão que lhe convier. Com tres paus amarrados com cipós, de umas para outras arvores, improvisa uma barraca e cobre-a com folhas de palmeira; áta uma rede de um para outro esteio, e eis a casa e a cama! Com plantas apropriadas ou com cascas de arvores filamentosas, tece uma linha de pescar; serve-se para iscar os an-

zoes dos fructinhos silvestres, que pendem das ramadas sobranceiras ao rio; e deita a linha, prendendo-a ao punho da rede, onde dorme. O peixe, pegando, acorda-o; mesmo deitado, puxa-o para casa, isca novamente o anzol e torna a arremessal-o á liquida dispensa!

As tartarugas nas praias e os jabotys nos mattos, quasi que pedem por obsequio, que os voltem de peito para o ar, para os impedir de fugirem! Milhares de aves de todas as grandezas andam incessantemente a cruzar diante da vista do homem, como que a perguntar-lhe se voltaram porventura os tempos do Paraiso Terreal ou se já se não usa comer passaros deliciosos! A caça de pé, torce ás vezes o caminho, a fim de vir mostrar-se, para que se não esqueçam de que ella existe ali, quasi sem esperança de ser caçada! O unico objecto inteiramente inutil n'aquelles sertões encantados é o dinheiro!

E, apezar d'isto, ha indios n'aquelle fertilissimo paiz, que muitos dias se alimentam unicamente de farinha de pau molhada em agua dos rios! Chama-se *xibé* ou *ticuára*, em lingua tupy, esta abominavel coisa! Tal é o odio figadal que têem os indigenas a tudo quanto se pareça com trabalho! Ah! elles comprehenderiam bem, se podessem lêl-o, o sabio economista que diz, que quando falla do homem se não refere ao immundo animal que fossa a terra!

O sertão do Amazonas é o ideal dos vadios! Não se precisa roupa lavada, porque não ha necessidade de a sujar, visto poder-se andar nú! Basta possuir um sabre e um machado para se ser opulento. E isto explica perfeitamente a rasão por que muitas pessoas se deixam lá ficar! O maximo trabalho, para os que não se sustentam com a farinha molhada em agua fria, consiste em pescar deitado, e em caçar do modo que mais d'uma vez temos referido.

Daria muitos volumes a enumeração das coisas uteis e agradaveis, que jazem desprezadas ou desconhecidas no interior do Brazil. A navegação e o commercio fazem-se quasi exclusivamente pelos grandes rios; os exploradores da borracha, da copahiba, da salsa e do cravo, limitam-se á procura das arvores que produzem essas drogas ou a pouco mais. O resto das riquezas naturaes, que é a maior parte, uma immensa parte! fica prejudicado pela falta de conhecimentos e de população. E' necessario andar, durante muitos annos, pelo meio das florestas virgens e pelos milhares de rios, ainda mal conhecidos ou completamente ignorados, para se avaliar a assombrosa e variada opulencia com que lá se ostentam os thesouros da natureza.

Theodomiro Martins. Oriundo da classe operaria, ergueu-se pelo seu talento e pela sua honestidade a uma das figuras importantes da politica paraense. E' empregado superior da Estrada de Ferro de Bragança, redactor-chefe do magnifico jornal *O Trabalho* e deputado estadual.

Tiborna. Bebida preparada com mandioca. É muito desagradavel e prejudicial á saude.

Ticuára. Vide Xibé.

Tiépiranga. É um passarinho do tamanho do pintarroxo, que tem o corpo vermelho e as azas pretas. Dos peitos d'esta avezinha fazem os gentios vistosas carapuças.

Tijellinha. Receptaculo de folha ou de barro onde se colhe o leite da seringueira.

Tijuco ou **Tijuca.** Lodo, lama, salão.

Timbó. Arbusto de que se extrahe um succo que serve para matar o peixe. É perigoso o seu uso porque o peixe morto com timbó tem por muitas vezes produzido envenenamento áquelles que o comeram.

O modo porque no Amazonas se pesca com o timbó é comparavel ao usado na Europa, na pesca, com a coca e o barbasco.

Pisa-se uma porção da planta, espreme-se na agua, junto ás bordas dos rios ou lagos e passado pouco tempo o peixe embriagado vem ao de cima e mata-se facilmente.

Timbó-assú. Cipó muito grosso.

Tinguí. Planta que, na pesca, produz os effeitos da *coca*. É um arbusto leguminoso a que em Pernambuco ouvimos chamar *xinquexique*. Os mamiferos que comerem esta planta morrem dentro de poucas horas.

Tiquinho. Expressão muito usada, que significa bocadinho.

Tocantins. Grande rio, que nasce na serra dos veadeiros da Chapada Grande; corre ao norte da capital de Goyaz e desagua na bahia do Limoeiro e costa de Marapatá, a cento e tantos kilometros de Belem. As suas margens, que são fertilissimas, produzem muita castanha. Tem importantes cachoeiras, entre as quaes citaremos as do Naná e a Grande.

Trabalho. *(O)* Excellente revista operaria que se publíca em Belem sob a direcção do nosso illustre amigo Theodomiro Martins.

Tracajá. Pequena tartaruga de agua doce, que serve de alimentação na Amazonia. Temol-a comido de diversas fórmas e sempre a achámos excellente.

Trambioca (Ilha). Está situada no rio Pará e é cortada pelo furo do Guajará.

Trapiche. Barracão construido á beira d'agua para armazenagem de mercadorias e embarque e desembarque de passageiros.

Tribus caboclas. Ainda habitam o Estado do Amazonas as seguintes:

Rio Purus: Jumas, Muras, Pamaris, Apuriñas, Catianas, Jamamandis, Mehaniniris, Catauxis, Anamares.

Rio Negro: Jaupiris ou Crichanãs.

Rio Branco: Pauxianas, Guapixúnos (barbas de gato), Mucuxis, Aturaibas e Canahinés (ambas estas tribus vivem nos campos) e Juricunas, Tarumans e Tapiocas (as quaes habitam nos mattos).

Rio Japurá: Coerunas, Juris, Maués, Juritabocas.

Rio Teffé: Catauxis, Catuquinas, Marauás.

Rio Solimões: Muras.

Rio Javary: (Fronteira do Perú) Uaraicús, Mangeronas, Tecunas e Passés.

Rio Madeira: Araras, Parintintins.

Rio Amazonas: Maués.

Tribus indigenas. O illustre barão de Sant'Anna Nery inclue no seu bello estudo *Le Pays des Amazones*, uma lista alphabetica das tribus indigenas do Estado do Amazonas, desde 1768, da qual constam nem menos de 337 tribus. Avalie-se a que cifra phantastica não attingiria um recenseamento geral da população aborigene se fôsse possivel leval-o a cabo.

Tripulantes e passageiros entrados no porto de Belem do Pará de 1898 a 1905:

Em 1898	88.630
» 1899	126.953
» 1900	120.107
» 1901	58.693
» 1902	57.836
» 1903	65.363
» 1904	87.778
» 1905	71.904
	677.264

Trocano. Instrumento de guerra adoptado pelos antigos gentios do Estado do Pará.

Servia ao gentio de caixa de guerra para as suas chamadas e tambem para os avisos, que de parte a parte faziam umas a outras aldeias, quando havia novidade que participar aos alliados, que estão mais distantes. De sorte que a primeira aldeia, que ouvia o signal do Trocano, o participava a outra sua immediata, fazendo o mesmo signal, e assim em breve tempo

se avisavam ainda as que estavam mais remotas. Tambem servia para chamada de baile.

«Fazem-n'o de algum tronco de arvore, cuja madeira seja dura e compacta, que não suffoque o som que procede das pancadas das vaquetas. A *Cupi-ihûa* é uma das mais empregadas. Escavam o tronco ao fogo, e dão polimento á obra com os dentes de cutia, caititú e conxa uruá, com que lhe abrem seus lavores. Nem todos tem o mesmo numero de aberturas, mas duas, tres e mais. A forma tambem varia, pois o que descreve Gumilia no seu *Orinoco illustrado* tem a figura de um rabecão».

«As vaquetas são duas maças á maneira de embolos de seringa, com estopadas feitas de nervo de borracha, ou com os engaços do cacho da palmeira *patauá*. Para o tocar, suspendem-n'o do chão com o cipó *timbó-titica*, sobre duas forquilhas».

Trombetas *(Rio)*. Ou Oriximina é um dos importantes affluentes do Amazonas, e notavel por sua extensão, 600 kilometros, e falta de sinuosidade na parte inferior do seu curso. Desce das cordilherias da Guyana e lança-se no Amazonas a 4 milhas a O. N. O. de Obidos. Tem um curso de mais de duzentas e quarenta milhas navegaveis, na cheia, para qualquer canôa e ainda vapores, que não demandem grande calado.

As terras de suas margens são baixas e ás vezes alagadas até á barra do *Cuminá*, seu principal affluente. D'ahi em diante começam as cachoeiras, que vão subindo gradualmente até ás terras altas e montanhosas do Rio Branco. Tem uma milha de largura até á foz do *Cuminá*, que com elle corre quasi parallelamente, cortando sempre a norte.

As margens d'este rio notavel e ainda pouco explorado, contém abundancia de pedra calcarea, e muitos piri'es de ferro. D'ahi se tem tirado amostras de ouro e em uma praia achou-se já um diamante. E' ainda conhecida por esse motivo pelo nome de *praia do diamante*.

Fórma no centro duas grandes bacias, que são um verdadeiro labyrintho de ilhas. Acham-se nas suas praias diversas crystalisações e muito cascalho. Todo esse terreno tem certo aspecto mineralogico muito pronunciado, mór-mente nas cachoeiras onde se acham grandes massas de ferro, e de onde já se tiraram amostras de crystal de rocha, estanho, antimonio, plombagina e mica,

O leito do Trombetas é arenoso, a agua é muito clara, e formado por elle ha um lago cujas aguas são tão salitrosas, que se não pódem beber e tem por isto a denominação de «lago salgado».

Tributarios d'este rio são muitos igarapés e lagos, nos quaes abunda o peixe. Em suas mattas é prodigiosa a quantidade de caça: a sua flora é superabundante. Entre os seus productos distinguem-se a castanha, o cacáo, a salsa, o cravo, o oleo de copahyba e o cumarú. Tem excellentes madeiras de construcçã naval e civil, sobresaindo entre ellas a bella *muirapinima*. Encontram-se tambem ali *taquaras*, que medem palmo e meio do diametro.

A parte inferior do rio é pouco habitada, havendo todavia alguns estabelecimentos de homens civilisados.

Os indios, que habitam o rio Trombetas, moram além da ultima cachoeira e são descendentes dos indios *Pacris*, que viviam na aldeia d'este nome, convertida depois em *Pauxis* e finalmente em Obidos. Fallam um dialecto especial, que não se assemelha aos das outras tribus.

Trombeteiro ou *trombeta*. Ave do genero das pernaltas. Emitte um som comparavel ao *dó* natural da trompa.

Tronco. Instrumento de supplicio onde se atormentavam antigamente os escravos. Constava o tronco de dois grossos paus com buracos no meio, affeiçoados á grossura da perna e alli prendiam o padecente, que não podia levantar-se.

Tucandeira. Formiga negra, grande, cuja mordedura é dolorosa e quasi sempre produz febre.

Tucano. Ave do tamanho d'um corvo; tem as pernas curtas e pretas, a penna das costas azulada, e das azas e do rabo anilada, o peito cheio de frouxelo muito miudo, de finissimo amarello (alaranjado esplendido, quasi vermelho). Tem a cabeça pequena, o bico branco e amarello, muito grosso e comprido.

Estas aves parece que pronunciam no seu canto gritador as duas silabas: *tu can*, muitas vezes repetidas, e d'ahi proveio naturalmente o seu nome indigena.

As pennas d'esta ave são objecto de commercio em toda a Amazonia e muito apreciadas na Europa.

Tucum. Filamentos extrahidos dos foliolos da palmeira *astrocarium vulgare*, de tronco bastante espinhoso e sem ramos, e que abunda em todo o valle do Amazonas.

Do cimo d'esta palmeira partem cinco a sete folhas recortadas, das quaes se extrahem filamentos muito semelhantes ao linho e que se prestam á mais delicada fiação, embora um pouco mais escuros.

O *tucúm*, manipulado em delicados cordões, serve no fabrico de lindas maqueiras para rêdes, linhas de pescar e differentes usos domesticos. Em cordoalhas, torna estas mui superio-

res ás que são fabricadas com linho e canhamo europeos, tanto pela sua flexibilidade natural e resistencia, como tambem pela sua longa duração, embora sempre exposta á acção do tempo.

Tucupi. Chama-se ao caldo da raiz da mandioca.

E' empregado como môlho de meza, quer para peixe, quer para carne.

Com este mesmo caldo, cosinham-se peças de caça ou peixe, dando-lhes um sabor agradavel tanto mais temperado de alhos, pimentas e d'uma folha caustica chamada jambú, que viceja nos logares alagadiços.

Tucuman. Palmeira que produz cachos de côcos amarellos e vermelhos. Dos seus filamentos fabricam-se cordas. Os côcos são empregados em diversos objectos artisticos; são muito rijos e magnificos para combustivel.

Tucunaré. Peixe do tamanho d'um pequeno pargo, mas mais escuro e menos largo; tem no rabo uma especie de mancha azulada e côr de ouro a que os indios chamam estrella.

Tucuruí. Rio que desagoa na margem occidental do Xingú.

E' muito fertil e abunda em madeiras preciosas para construcções navaes.

Tucuxy. Especie de botto, côr de carne. A sua carne é mal cheirosa e de gosto desagradavel, mas aproveitavel para azeite.

Tumba. Machado de fabrico americano.

Tumucumaqué. Importante serra do Estado do Pará.

Tupá ou *tupan.* Deus dos indios.

Tupés. No Pará e em Manáos dão este nome a uns tecidos ordinariamente feitos da casca dos braços das palmeiras guarunã ou uarumã e muruty. São quadrilateros ou compridos: quando o seu tecido é mais denso, e formando flores ou quadros, servem-se d'elles como de tapete debaixo das rêdes, para as perservar da humidade; e quando mais grosseiros e maiores servem para n'elles seccar-se ao sol os fructos do café, cacáu e outros e ainda assucar.

Tupinambarána. Ilha do Amazonas. Tem a superficie de 2.453 metros quadrados.

Tupinambaranas. Rio que tomou o nome dos seus primeiros habitadores, os indios Tupinambás.

Tupinambás. A tribu supposta mais antiga entre os indios do Brazil.

Turury. Arvores de que se extraem fibras empregadas em tecidos e outros mistéres.

Tuxáua. Em lingoa geral, *chefe de tribu.*

Tuyuyú. Ave ribeirinha de peito branco e azas e olhos pretos. Sustenta-se unicamente de peixe e edifica o ninho no cucuruto das arvores. Temos ouvido dizer que não põe mais do que um ôvo e que d'este uma vez sahe femea e outra macho. Algumas d'estas aves chegam a pezar até 10 kilos.

U

Uaicimã. Planta d'onde se extrahe uma fibra que se emprega em diversas confecções.

Uaycurupá. Rio no municipio de Villa Bella da Imperatriz. As suas margens são muito ferteis e abundantes em madeiras preciosas.

Ubá. É a denominação da canoa cavada n'uma arvore, sem nenhuma costura nem outra peça anexa, alem de tres ou quatro paus atravessados dentro, que servem de bancos.

Ubim. Palmeira cujas folhas servem para empaneirar farinha e para toldos de canoas e barracas. As folhas d'esta palmeira chegam a tres e mais metros de comprido.

Ucuúba. Planta medicinal que dá leite côr de sangue. Do seu fructo oleoso tira-se uma especie de sebo amarellado, que serve para vellas.

Uirary. Veneno que os indios empregam para hervarem as flechas.

«O veneno das flechas, diz o sr. G. Dias, ervadura, *curare* como dizem os viajantes francezes, ou *uirary*, como dizem os filhos da Amazonia, é um instrumento de destruição como Deus creou poucos n'este mundo. Qualquer animal, mesmo aquelles de maior porte, expira em alguns segundos, principalmente se o toxico se introduz nas proximidades do coração; todavia os naturalistas preparadores podem tirar d'elle grandes vantagens, desde que se conhece o seu antidoto, tão prompto no contra-effeito como o proprio veneno».

Este antidoto é o chlorureto de soda, ou sal commum.

Tambem dizem que o succo do limão é um antidoto poderoso.

Diz Baena que esse veneno é extrahido de um cipó chamado *uirary*, grosso, escabroso e guarnecido de folhas parecidas com as da maniva.

«A sua manipulação, continua elle, consiste em mascotar a casca, borrifada com agua fria, destilal-a e fervel-a ao lume, até ficar o sumo inspissado em ponto de linimento. Para augmentar a energia do toxico, addicionam-lhe succos exprimidos de outros vegetaes e cipós, que sejam de natureza venenosos.»

«O *uirary*, diz o sr. Ignacio Accioli, sem a mesma commixturação de outras particulas vegetaes e animaes, é mortifero. Pertence á classe dos cipós, dá-se nos logares paludosos; suas flores tetrapetalas são de cor amarella pallida, ás quaes succedem pequenos fructos do formato de uma fava, n'uma capsula periforme. Os indios são ciosos em patentear a maneira do fabrico, todavia este consiste na extracção por meio de fogo dos succos venenosos da casca, que é escabrosa, e raizes, colhidas no tempo do verão, tomando na acção do cosimento uma forma espessa, á qual então reunem outras substancias vegetaes venenosas e formigas tocandeiras, guardando depois o veneno em pequenas panellas, onde se conserva em continua fermentação, que perde pelo trato do tempo, tornando então a soffrer nova ebulição no fogo, misturando-se-lhe o tucupi ou sumo da mandioca».

O animal, que é ferido pela flecha impregnada de *uirary* fica no primeiro momento como que attonito e surpreso; immediatamente sobrevem-lhe vertigens, torpor, vomitos, se d'isto é susceptivel, e a morte.

No estado de torpor ou vertigem em que se acha, póde ser sem resistencia posto em gaiola ou jaula, introduzindo-se-lhe depois na boca uma pedra ou, melhor, uma solução de sal de cosinha. Quando o animal volta a si, acha-se preso, mas em estado tal de prostracção, que lhe não permitte nas primeiras horas o menor acto de colera ou de desespero.

Conservam as flechas impregnadas de veneno a sua força por longos annos, e antes de arremessal-as costumam os indios metel-as na boca para salivarem. Nenhum mal lhes faz isto, porque o perigo está sómente no contracto do veneno com o sangue.

Ultima mensagem. A ultima mensagem apresentada pelo illustre dr. Augusto Montenegro, ao Congresso Legislativo do Pará, em 1906, é mais um documento comprovativo da prosperidade em que entrou aquelle grande Estado.

Essa mensagem, como as anteriores, contém minuciosa exposição dos diversos departamentos do governo, encara com solicitude e energia a actualidade economica do Estado e discute com

vantagem todos os pontos em que gira a situação financeira, apresentada com clareza.

Ao governador previdente não satisfaz a estabilidade sempre progressiva da producção especial do Estado, a borracha, que se elevou no exercicio de 1905-1906 a 11.882 toneladas, no valor de 3.623:440 esterlinos.

Elle lembra a plantação systematica, que da arvore prodigiosa está sendo feita nas colonias inglezas da India, e concita os lavradores a não se fiarem no futuro, senão zelando por elle e preparando-o.

O anniquilamento da producção do cacau é na mensagem explicado, deplorado e censurado. O provecto governador lembra a volta da lavoura á sua antiga producção.

Não seria possivel destacar todas as differentes partes da mensagem, iguaes pela sua importancia. Entretanto, não poderemos deixar de salientar a que se refere á instrucção publica, que nos mostra o Pará como um dos Estados mais adiantados da Republica e daquelles que mais se esforçam e mais dispendem com o ensino primario. Em muitas paginas d'este trabalho acentuamos esta evidencia.

A mensagem é, resummindo, um brilhante trabalho de administrador que tem consciencia da sua obra, e que se póde ufanar de dizer que fez mais do que podia e quasi tudo o que devia.

Os competentes no assumpto e os interessados pelo progresso e pelas conquistas do governo republicano, acharão na mensagem ensinamentos e conforto, que muito recommendam a capacidade do illustre governador do Pará.

Umbrauha. Arvore que produz uma especie de cera.

Umiry. Arvore de que se extrahe um oleo empregado na perfumaria. Em certa epoca do anno esta arvore está tão carregada de oleo que por si mesmo o expelle, aromatisando o ár.

Uraienga. Rio do Estado do Pará.

Uratinga. Garça branca.

Urú. Pequena cesta de palha de *guarumã* ou outro qualquer cipó fino, de tampa corredia e formas caprichosas, e muito conhecidas. E' usada nos dois Estados da Amazonia.

Bem que não seja usado a tira-cólo, póde-se dar a esse sambarasinho a denominação de «indispensavel».

Em casa, assim como na pesca ou na caça, serve-se invariavelmente o indio do *urú*, para acautelar pequenos objectos de uso diario e com especialidade para guardar o *isqueiro* e seus pertences, o *taúary* e o tabaco.

Urubú. Palavra tupi composta de *urú*, ave e *bu*, comer; isto é: passaro voraz.

O urubú preto é semilhante ao corvo, mas tem o bico mais grosso e a cabeça como a da gallinha.

Presta serviços á hygiene publica pois que apenas se alimenta de carnes em putrefacção. Temol-os visto em todo o Brazil.

As municipalidades castigam quem os destroe.

Urubú *(Rio)*. Depois de ter recebido o caudaloso e importantissimo rio Madeira, recebe o Amazonas as aguas do *Arauató*, que lhe levam as aguas do rio Urubú, o qual tambem recebe em seu curso as aguas do lago de Canumã, em cujas margens existiu a freguezia de N. S. da Conceição, e banha as tapéras das antigas freguezias de S. Raymundo e S. Pedro Nolasco.

O rio Urubú, acha-se deserto e as tapéras das abandonadas freguezias serviram de mocambos a escravos fugidos. Davam-lhe os indigenas o nome de *bururúrú*, de uma de suas tribus, mas substituiram-no os portuguezes pelo de *Urubú*, porque é hoje geralmente conhecido.

Habitavam-n'o, entre outras, as nações *burururú*, *Guanavena*, e *Cabouquena* contra as quaes em 1661 commetteu Pedro da Costa Favella, em represalia, horrivel carnificina em que pereceram 700 indigenas, foram prisioneiros 400 e incendiaram-se 300 malocas.

Eis o facto que deu lugar a tão lamentavel acontecimento:

Em consequencia das ordens do Governador Ruy Vaz de Siqueira, diversas missões, escoltadas por mosqueteiros, internaram-se pelos sertões do Amazonas e de alguns rios, que n'elle affluem.

Uma d'estas escoltas, commandada pelo sargento-mór Antotonio Arnaud Villela, entrou com o missionario Fr. Raymundo, da ordem das Mercês, no rio Urubú e teve a infelicidade de perder parte dos seus companheiros, com o commandante e o alferes Francisco de Miranda, nas mãos dos Cabouquenas e Guanavenas, que com mostras de paz conseguiram illudil-os. Apenas lograram escapar o missionario e o seu companheiro mal ferido e alguns mosqueteiros e indios amigos, que se apressaram em montar as canoas.

Senhores do campo, embarcaram-se os selvagens em 45 canoas para a aldeia de Saracá, onde sabiam que se achava o alferes João Rodrigues Palheta; mas, pouco antes de chegarem á aldeia, encontraram-se com elle, que os esperava á frente de desoito soldados e duzentos indios em cinco canoas e os poz em completa debandada.

Informado o governador de semelhantes acontecimentos, resolveu tomar prompta desforra e infligir nos indios do Urubú exemplar castigo.

A 6 de setembro do mesmo anno sahio de Belem a expedição contra os indios do Urubú, commandada pelo capitão Pedro da Costa Favella. Compunha-se esta expedição de trinta e quatro canoas com quinhentos indios sob as ordens de seus superiores e de quatro capitães de infanteria e de outros officiaes subalternos.

A 25 de setembro chegou a expedição á aldeia de Tapajós, hoje cidade de Santarem, e depois de chamar a si muitos indigenas domesticados das aldeias d'aquelles contornos e de refrescar a sua gente, partio o capitão Favella para o seu destino.

A 4 de novembro partiu da cidade de Belém o governador com o fim de vigiar de mais perto a expedição, levando com sigo o maior numero de gente que poude pôr em pé de guerra. Não foi porém alem de Porto de Mós visto como interesses momentosos da politica chamaram-n'o com urgencia á cidade. Em seu lugar porém partiu o sargento-mór Antonio da Costa, em demanda da expedição.

No dia 25 do corrente desembarcou o capitão Favella no primeiro porto dos indios inimigos no rio Urubú e depois de fortificar-se na margem do rio e deixar ali tropa sufficiente para defender as canoas e as fortificações, penetrou com a força no interior das mattas.

A 7 de janeiro encontrou os Cabuquenas já unidos aos Guanavenas e outros das serranias do Parú, que marchavam tumultuariamente contra a expedição, em bandos numerosos. Travou-se então encarniçada peleja e depois de tenaz resistencia conseguiu Favella pol-os em debandada.

Foi horrivel: morreram 700 selvagens; cahiram prisioneiros 400 e as chamas produsidas pelo incendio de 300 aldeias illuminaram sinistramente essa scena de luto e de sangue.

Assim terminou essa celebre expedição do rio Urubú.

Urucará. Municipio do Estado do Amazonas. A sua população regula por quatro mil almas.

Possue este municipio enormes seringaes, especialmente nas cachoeiras dos rios Jatapu e Atumã, a maior parte das quaes estão por explorar, por falta de braços.

Exporta cacau, pirarucú e borracha.

Urucuri. Palmeira que produz um caroço com que se defuma o leite da seringueira, para o fazer coalhar e transformar em borracha.

Urucurituba. Municipio do Estado do Amazonas e centro importante de seringueiras. O nome de Urucurituba deriva d'uma grande ilha que existiu n'estas proximidades, no centro do Amazonas e que se submergiu lá pelo anno de 1840. Este phenomeno é frequente na Amazonia.

Uxituba. Antiga aldeia dos Mundurucús, situada na margem direita do rio Tapajoz. Actualmente tem umas cincoenta casas.

Urucú. Abelha que produz um mel muito escuro. Arvore cuja casca se emprega na tinturaria e serve tambem para os indios pintarem o corpo. Dá umas sementes de quantiosa tinta vermelha.



Valores Commerciaes. Em 1902 entraram em Manáos capital do Estado do Amazonas: 135.597.597,5 kilos de borracha por cabotagem, havendo uma differença para menos comparativamente ao anno de 1901 de 4.179.082.5 kilos; cacáu 520.536 kilos havendo differença para mais de 459.835 kilos; castanha 71.170.5 hectolitros, notando-se differença para mais de 33.201.5 hectolitros.

O rio que mais borracha produziu foi o Purús, com 4.962.656 kilos, seguindo-se-lhe o Juruá, com 4.011.99.5.

Além do cacáo que entrou em Manáos foram exportados directamente do baixo Amazonas para Belem do Pará, Liverpool, Havre e Nantes 765.656 kilos, que sommados com aquelle dão uma producção de 1.286.192 kilos.

O municipio que mais produziu foi o de Parintins com 409.315 kilos seguindo-se-lhe Itacoatiara com 371.258 kilos.

Foram exportados para a Europa e America do Norte, directamente, do baixo Amazonas 11.699.5 hectolitros de castanhas e de Manáos 71.170 hectolitros.

Comparando-se a média da pauta semanal organisada pela Associação Commercial, unica que vigora de accordo com a consolidação da lei das alfandegas, do anno de 1901 (6$326) com a de 1902 (5$115) para cobrança de direitos sobre a borracha, verifica-se uma differença para menos de 1$211.

Passaram em transito, procedente das Republicas limitrophes, os seguintes productos: da Bolivia, 2.730.535 kilos de borracha e 25.211 de piassava em rama.

Entraram por cabotagem nas praças de Belém e Manáos, procedentes de Matto Grosso, 142.639 kilos de borracha e em transito para Nova York, Liverpool e Hamburgo 85.637 kilos.

O movimento do porto de Manáos foi de 1.402 embarcações, sendo 1.257 brazileiras, 110 inglezas, 29 allemães e 6 italianas.

Comparando com as entradas de 1901, ha uma differença para mais de 378 embarcações.

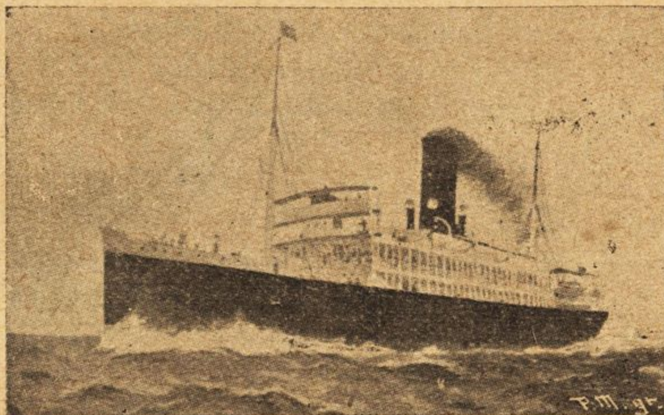
Entre a taxa do fechamento do anno de 1901 (12 1/2) e a de 1902 (11 7/8, bancario), verifica-se uma differença contra o papel moeda de 1$010.

A importação estrangeira foi de 1.318.661 volumes e a nacional de 236.317 ditos.

O valor da exportação de 1901 attingiu a 82.192:038$385 e a de 1902 a 62.960:416$055 havendo uma differença para menos de 19.231:622$330.

Os impostos cobrados renderam ao Estado do Amazonas 15.207:460$520, em 1901, e 12.393:953$955 em 1902, sendo a differença para menos de 2.813:506$574».

Vapor. O primeiro vapor que sulcou as aguas do Amazonas até Manáos, foi o *Guapiassú*, em 1842. A viagem do Pará a Manáos demorou dez dias. A companhia Booth Line faz actualmente essa viagem em tres dias de subida e 48 horas de descida.



Vapores de carreira. São magnificos e luxuosos todos os vapores que fazem carreira entre a Europa e o norte do Brazil. A nossa gravura representa o vapor *Ambrose*, da companhia Booth-Line, um dos mais modernos e valentes navios que cortam o Atlantico.

Varanda. Renda que cerca as redes onde se dorme.

Veiros. Povoação da margem do Xingu.

Veneno das cobras. Quem viaja pelo interior do Amazonas a muitas leguas das pharmacias e dos medicos, sujeito á mordedura de qualquer ophidio, deve estar sciente de todos os meios simples de evitar o effeito d'essas mordeduras, quasi sempre perigosas.

O sr. Filippe Arns, residente em S. Martinho de Capivary, communicou á imprensa do Rio de Janeiro ter applicado o kerozene em grande numero de individuos mordidos por jararacas e jararacussús, obtendo os mais felizes resultados em todos os casos.

Se a mordedura fôr no pé ou na mão, o sr. Arns aconselha

que a parte affectada seja immersa no kerozene até desapparecer a dôr. Se fôr em outra qualquer parte do corpo, conservar-se-ha sobre a ferida um panno embebido no mesmo liquido.

—*A Gazeta da Franca*, S. Paulo (Estado de) assevera que o cosimento do broto de taboca, empregado interna e externamente, é de grande proveito nas mordeduras de cobras.

A *Estrella da Apparecida*, do mesmo Estado, recommenda este outro tratamento:

Logo que a cobra tenha mordido, trata-se de coser 3 ou 4 ovos de gallinha. Quando a gemma estiver bem dura, tira-se, corta-se metade e põe-se assim bem quente sobre a mordedura. Depois de 10 minutos, quando essa porção de gemmas apresentar uma côr verde, azinhavrada, tira-se e colloca-se outra quente como a primeira; e assim se continúa emquanto as gemmas se fizerem verdes.

Para que este tratamento dê bom resultado é preciso que a pessoa mordida não tenha comido ovos antes do accidente e que os evite depois.

Vida (A) no Pará em 1759. Sobre a facilidade de viver no Pará, no anno de 1759, escreveu o padre José de Moraes, nas *Memorias para a historia do extincto estado do Maranhão*:

«Basta por agora o que temos dito para se chegar no conhecimento do muito que tem avultado esta nobilissima capital e cidade de Bethlem do Grão Pará, onde se póde passar a vida com muito pouco gasto, (fallo ao tempo em que isto escrevo); porque um alqueire de farinha, que é o pão da terra, não passa de um cruzado, excedendo quasi em dobro a medida de Portugal; um arratel de carne de vacca não sobe nunca a 8 réis, etc.»

O que dirão a estes preços os paraenses de nossos dias?

Vidinha *(Joaquim da Silva)*. Negociante portuguez em Belém do Pará, que ás aggremiações portuguezas, bem como á colonia d'ali, tem prestado os mais relevantes serviços.

A Beneficente Portugueza, que dirigiu longos annos, deve-lhe, incontestavelmente, a sua prosperidade d'agora e talvez mesmo que a sua existencia.

Ao Gremio Litterario Portuguez tem prestado, egualmente, os mais dedicados serviços.

Caracter integro e nobre, encontra-se sempre, Vidinha, prompto a prestar os maiores serviços e até sacrificios por toda e qualquer idéa alevantada e, sobretudo, patriotica.

A sua generosidade e philantropia tambem não tem limites; apesar da muita simplicidade e modestia de que reveste todos os

seus actos, de perto conhecemos o valor da sua amisade e a grandeza da sua alma — que mais d'uma vez temos impetrado para minorar males alheios, para auxiliar a tentamens grandiosos.

Bom amigo e bom patriota.

Vigararia Geral do Rio Negro. O primeiro vigario geral da comarca do Rio Negro foi o Dr. José Monteiro de Noronha, tão conhecido pelo seu importante *Roteiro da viagem da cidade do Pará, até ás ultimas colonias do sertão da Provincia*, escripto na villa de Barcellos, no anno de 1760.

A vigararia geral do Rio Negro foi confirmada por Carta Regia de 18 de junho de 1700.

Vigario *(Conto do).* Apesar de conhecidissimo e sediço o expediente do *conto do vigario*, de que lançam mão os audaciosos gatunos de dinheiros e joias, ainda ha incautos que se deixam por elle arrastar.

Citemos um dos muitos casos para prevenção dos incautos e para darmos uma ideia do que seja o celebre conto:

Em principios de 1906, o sr. Antonio da Rocha Nascimento, residente em Belem, foi abordado por dois contadores do conto do vigario. Acercaram-se e mostraram-lhe um magnifico annel, com uma linda pedra, que offereciam pelo bello preço de 300$000, garantindo ser de brilhante purissimo a mesma pedra.

E o sr. Nascimento que ama as coisas bellas, esfregou as mãos contentissimo, vendo chegada a occasião de possuir um annel de brilhante.

—De brilhante e barato, dizia elle. Com certeza isto é quebradeira. Não ha duvida, estes dois individuos andam *apitando!* Coitados! Tambem os tempos andam tão *bicudos*. E eu é que não sou arara de perder a occasião de enfiar no dedo um bello annel do mais puro brilhante. Ah, como ficará contente a Chiquinha quando me vir os dedos! Ella tinha tanto desejo que eu possuisse um brilhante!

E voltando-se para os dois individuos:

—Sim, senhores; está muito bom. Com que então os senhores querem *apenas* trezentos *ferros?*

—Apenas, 300.

—Bem, n'esse caso, cá têm o cobre. Façam o favor de contar. Está certo?

—Certissimo! Obrigado.

Os dois ganharam o tempo, emquanto o sr. Nascimento se dirigia a casa Baumann, para mandar examinar a pedra e o annel.

Lá, porém, o aguardava uma dolorosa decepção, uma d'estas decepções que matam.

Esta pedra, não é brilhante, é uma pedra atôa, commum, sem o minimo valor, e o annel de ordinaria prata doirada, affirmou o profissional.

—E agora? O meu rico dinheiro?

—Vá á policia.

—Oh, bella idéa! Vou já e n'um pulo!

E na repartição policial o sr. Nascimento apresentou queixa áo subprefeito.

Vigia. Cidade situada na margem direita do furo Guajarámiry que vae desembocar na bahia do Sol. Está sobre uma lingua de terra plana e dista da cidade de Belem 35 milhas.

Limita-se ao norte com a freguezia de *Collares* pelo rio *Tupinambá;* a leste com as freguezias de S. Caetano e Curacá, pelos rios *Camapú*, *Mojuhym*, e *Mocajuba;* ao occidente com a freguezia de Bemfica pelo rio *Tauá*.

Foram os Tupinambás os seus primeiros habitadores, que a denominaram aldeia—*Uruitá*, por causa de uma lage, que havia no porto, e que ao longe assemelhava-se a um bahú.

Depois, mandou o governo da capitania para ali uma forte guarnição, afim de proteger e dar o *Visto* ás embarcações costeiras, que iam e vinham do Maranhão; e para que não passassem sem darem o registro, havia no porto do *Pombal*, no ponto mais elevado, uma guarita, d'onde dia e noite uma sentinella vigiava. D'ahi, pois, lhe proveio o nome de *Vigia*.

A cidade é dividida em dois bairros ou districtos, que tem as denominações de *Simão* e *Igarapé*.

Tem duas igrejas; uma, a matriz, antiga igreja dos jesuitas. E' um dos bellos templos do Estado; a sacristia é magnifica. Está edificada no extremo occidental da cidade, no bairro *Simão*. Foi construida em 1702 pelos jesuitas, para ali terem um grande estabelecimento de ensino.

Por disposição da Carta Regia de 11 de Junho de 1761, passou esta egreja a servir de matriz.

Actualmente tem a cidade um grupo escolar frequentado por 287 alumnos. O municipio, segundo o censo de 1896, tem 10.660 habitantes.

Vigilengas. Grandes canoas de pesca.

Villa Franca. *(Lago de).* Grande lago, considerado o maior e mais profundo da Amazonia. Fica situado perto de Santarem.

Virgilio Cardoso d'Oliveira. Illustre director do Ensino Municipal de Belem. E' escriptor fecundissimo, tendo produzido muitas obras de alto valor intellectual e moral. O seu bello livro

A Patria Brazileira, illustrado com 260 gravuras, póde dizer-se um modelo de leituras escolares.

Visconde do Rio Branco (Praça do). E' uma das mais formosas praças do Pará, ao centro da qual se encontra uma magnifica estatua do Visconde de Rio Branco, o illustre brazileiro que tanto contribuiu para a prosperidade e bom nome do Brazil.

Visconde de S. Domingos. Falleceu, cercado das maiores considerações, quer publicas, quer particulares, ha cerca de tres annos, no seu palacete em Belém do Pará, na Avenida Independencia.

Era o decano da colonia portugueza e seu respeitado mentor.

Domingos José Dias, como se chamava, fôra antigo negociante aviador, onde lograra grangear fartos meios de fortuna.

Na Beneficente Portugueza, exerceu durante annos a sua presidencia, sempre util e aproveitavel, com um desinteresse e abnegação inexcediveis; fizera parte do conselho de varias agremiações de beneficencia e de instrucção, annos seguidos presidiu na Associação Commercial de Belem; foi membro da commissão consultiva do consulado portuguez d'aquella cidade, até ao seu fallecimento.

Possuia uma alma replecta de blandicias e a sua bolsa estava sempre aberta para tudo que fosse util e generoso.

Vizeu. Cidade situada na margem esquerda do rio Gurupy, que separa o Pará do estado do Maranhão. Tem 8.981 habitantes.

X

Xarão. Nome porque são conhecidas as bandejas no Amazonas, bem como no Pará.

Xingú. Rio que tem o seu berço ao norte das vertentes de Cuyabá, na latitude de 12°42' e na longitude de 32°.

As suas aguas, na primitiva. tem a côr ferraginea e as margens são ricas de seringaes. Tem muitas cachoeiras, tornando-se por este motivo difficil de navegar.

Y

Yáyá. É o tratamento dado ás senhoras em quasi todas as localidades da Amazonia.

Ygaçaba. Vaso que se usa para agua de beber, fabricado de barro.

Ygára. Canoa fabricada de um só toco de madeira.

Ypadu. E' a conhecida cóca do Perú, cujas folhas mastigadas anesthesiam a mucose do estomago. Em todo o baixo Tocantins é este vegetal cultivado pelos habitantes, que d'elle usam abusivamente.

Yrapurú. Pequenina ave que ao romper do dia canta melodiosamente. A's suas penas são pardas, o bico é comprido e fino. Quando a yrapurú canta todas as aves emudecem.

Suppõem os indios, de algumas tribus, que esta ave é a alma d'uma india formosa, filha do pagé, que morreu d'amor por um portuguez e actualmente canta os desastres do seu idilio no silencio da floresta. Diz-se que nunca ninguem viu o ninho do yrapurú e que nunca pessoa alguma conseguiu aprisional-o em gaiola.

Z

Zarabatana. Arma terrivel e certeira de que usam os indios. Dentro d'um tubo interior, introduzem uma seta de paxiùba ervada *(haumiri)* e na extremidade superior da seta, enrolam um pouco de *sumaúma*, de fórma que tape hermeticamente o orificio do cilindro, e offereça tal ou qual resistencia ao ár, para ser expellida com mais violencia.

Este modo de caçar póde ser de muita utilidade aos naturalistas preparadores, porque não só não se espanta o animal, acontecendo errar-se o tiro, e nem se estraga a pelle, no caso de acertar-se.

SUPPLEMENTO

Livros com a feição d'este, que vamos concluir, estão sempre sujeitos a erros e lacunas, especialmente quando a sua laboração é rapida e feita a muitas léguas de distancia dos locaes que se procuram descrever ou dos personagens que se mencionam.

Tendo chegado a Lisboa, em fins d'agosto de 1905, da minha ultima viagem por diversos estados do Brazil, tratei logo de reunir os apontamentos dispersos que tinha sobre a bellissima região Amazonica e em abril de 1906, oito mezes depois, entregava na typographia o original d'este trabalho. Pela fórma, porém, porque as folhas se iam compondo e imprimindo, ia-se-me formando no espirito a crença das faltas e erros, que a precipitação tinha accumulado. Indispensavel se tornava, pois, este supplemento, onde se exarassem as faltas e corrigissem muitos erros. Umas filhas da morosidade com que conseguimos os indispensaveis apontamentos outros derivados da rapidez com que executámos o trabalho.

Se, como esperamos, o publico nos animar com a sua boa vontade, se os habitantes do magestoso valle amazonico, nos dispensarem a sua proverbial benevolencia, se o plano d'este livro for julgado, além d'um preito de gratidão e amizade, um trabalho util, nova edição mais correcta e completa virá substituir a prezente, onde, se me não falleceu a boa vontade, encontrei difficuldades insuperaveis.

Nova e demorada viagem no Valle do Amazonas, que tenciono fazer e o bom conselho dos dedicados amigos de Belem e de Manáos, me permittirão respigar e enfeixar novos e mais puros materiaes.

O que aqui fica é o simples fructo da minha boa vontade e o reconhecimento pelos dois florescentes Estados e pelos primores de espirito dos seus povoadores.

A quantos me auxiliaram n'este emprehendimento, e que muitos foram, desde o illustre Governador do Estado do Pará, ex.mo sr. Dr. Augusto Montenegro, até ao meu bondoso e querido amigo sr. Domingos Pires Barreira, que levou a sua amabilidade até ao ponto de escrever algumas das mais brilhantes paginas d'este livro, a minha eterna gratidão.

Lisboa, novembro de 1906.

LINO DE MACEDO.

Advogados em Belem. D'alguns que nos occorrem:

Drs. Arthur Porto, José Malcher e Alfredo Sousa, T. 7 de Setembro.

Drs. Arthur Lemos, Amazonas de Figueiredo e João Chaves, R. 13 de Maio.

Dr. Barroso Rebello, R. 15 de Novembro.

Dr. Samuel Gama Costa Mac-Dowel, á travessa Campos Salles.

Dr. Elyseu Cezar, na redacção d'*O Jornal*.

Desembargadores Accioly Lins e Borborema, R. 13 de Maio, 13, 1.º.

Dr. Demetrio Bezerra, R. 13 de Maio 53 esquina da travessa de São Matheus — Sobrado.

Dr. José Ferreira Teixeira, R. Nova de Sant'Anna, 36. — Sobrado.

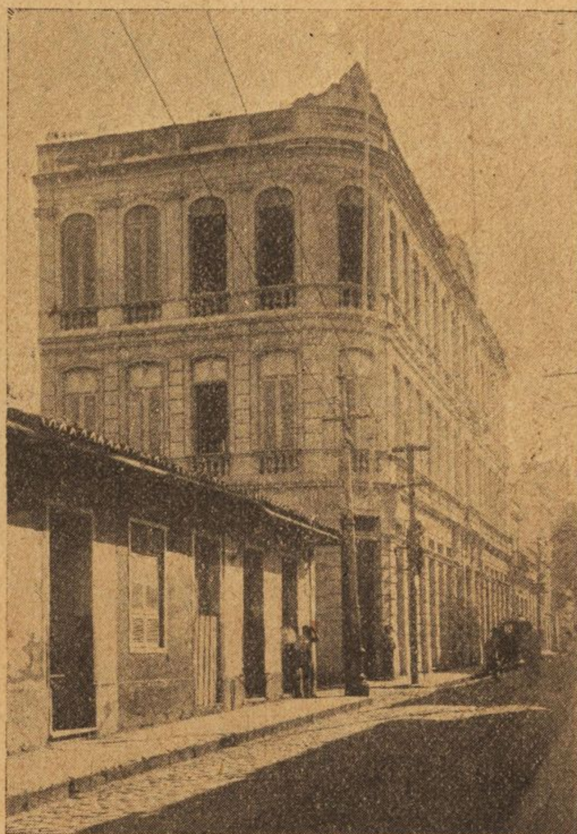
Dr. Sá e Souza, R. 13 de Maio. 61, 1.º.

Drs. Justiniano de Serpa e Franco de Sá, 13 de Maio, 17.

Dr. Antonio Francisco Pinheiro, travessa Quintino Bocayuva, actualmente o mais antigo advogado do fôro de Belem.

Dr. José Bricio da Gama Abreu, R. Conselheiro João Alfredo.

Drs. Elydio Lima e Ledo, nos altos da livraria Maranhense.



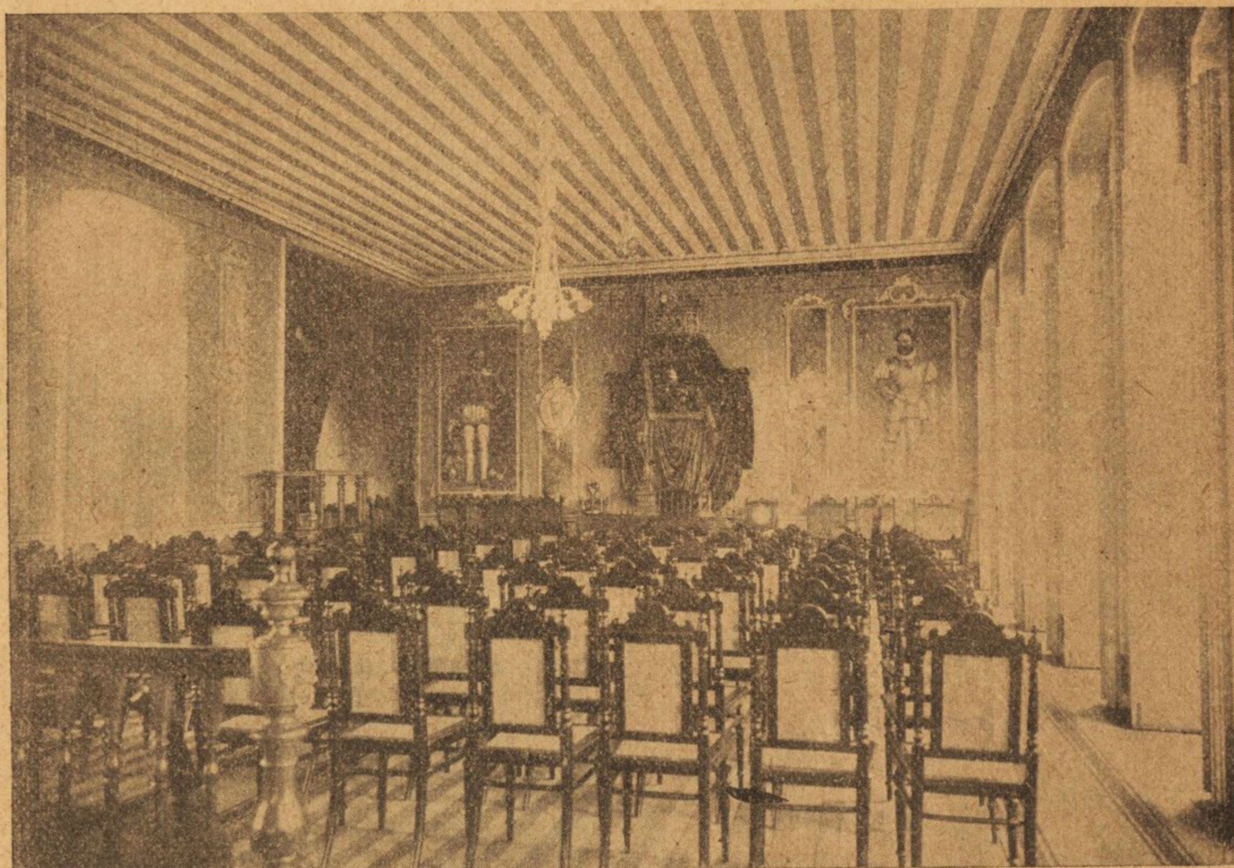
Gremio Litterario Portuguez (Fachada do edificio) do Pará

Aguiar (Francisco Baptista da Silva) Portuguez pela naturalidade e pelo sentimento.

Chefe da mais antiga casa de louças e vidraria de Belem, na rua 15 de Nevembro, a — *Casa Aguiar.*

Presidente e gerente do Banco Norte do Brazil, coronel da Guarda Nacional de guarnição na capital do Estado e deputado ao congresso legislativo estadual, reeleito para varias legislaturas.

Alcobaça. Povoação marginal do Tucantins, no Estado do do Parà. Tem em construcção uma estrada de ferro para a Praïa



Salão das assembléas geraes do Gremio Litterario Portuguez do Pará
(Segundo photographia de F. d'Oliveira Filho)

da Rainha, estrada que ligará o Estado do Pará ao Estado de Goyaz, reputada de grande valia commercial pela riqueza da zona que atravessará e pela facilidade de transporte para a industria d'aquelle Estado central.

Amazonas. Excellente jornal que ha muitos annos vê a luz publica em Manáos. E' um dos mais brllhantes orgãos da Amazonia, publicando em todos os numeres magnificos artigos e chronicas.

Anajá-mirim. Rio que desagoa na margem direita do Arary na ilha de Marajó.

Anapú. Rio que desagoa na Bahia de Marajó.

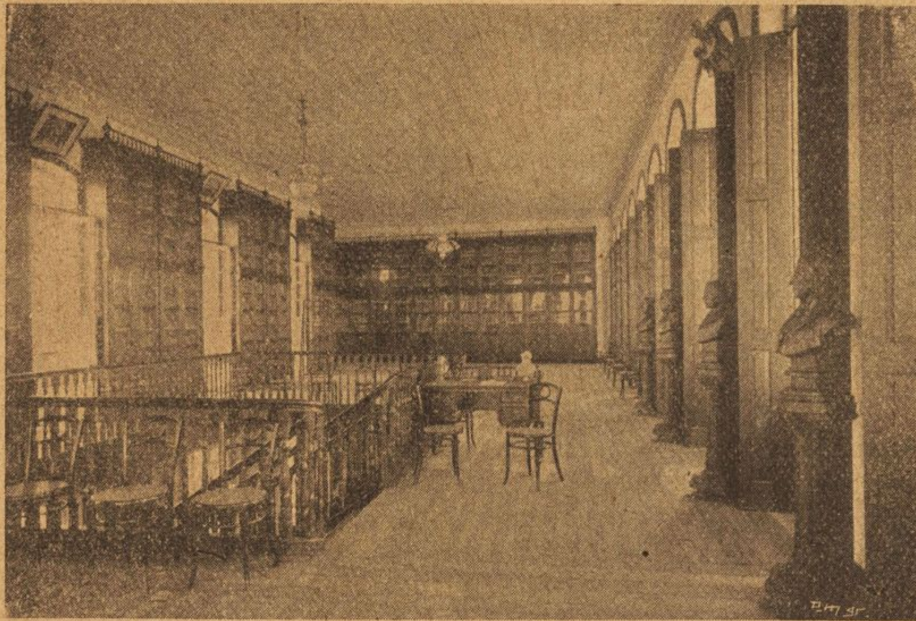
Antimary. Povoação do Amazonas, actualmente denominada Floriano Peixoto.

Apehy. Rio da ilha de Marajó.

Apehú. Villa do Estado do Pará, marginal á estrada de ferro de Bragança.

Apuyseiro. Cipó que pela forma que vae engrossando se enrosca nas arvores, matando-as e ficando elle com vida folgada.

Arapixy. Lugar do municipio de Alemquer.



Salão de leitura do Gremio Litterario Portuguez do Pará
(Segundo photographia do distincto amador F. d'Oliveira Filho)

Arary. Este rio, de que já démos conta resumida, fica collocado na costa da ilha de Marajó, como o primeiro em extensão e importancia.

Dois pequenos rios — o Genipapucú e o Apehy — correm para o lago Arary, onde entram quasi juntos. E da sua reunião que nasce o — Arary.

Esse lago Arary gosa tambem da primasia entre os demais da ilha.

Fica quasi ao centro de Marajó, em meio de campinas verdejantes e lindas. Mede a respeitavel extensão de 2 a 2½ milhas de largura, sobre 10 milhas na linha N. S.

Esta extensão duplica-se, proseguindo pela parte inferior do rio Apehy, serie de pequenos lagos, visivelmente prolongamento do grande lago.

A profundidade varia com a estação: 1 a 2½ metros de verão e 5 a 7 de inverno.

De inverno o lago deslumbra pelo seu lençol d'agua; parece um mar tranquillo que um bom paquete levaria uma hora a atravessar.

No verão, porém, o sol abrazador evapora aquella grande massa dagua, até reduzil-a a lama liquida, côr de zinco e de sabor *sui-generis*.

A vegetação em volta do lago e mesmo dentro d'elle tem o cunho caracteristico da pujante flora brazileira.

Sahindo da ponta sul do lago, o rio Arary toma o rumo de S. E., não em linha recta mas em sinuosidades graciosas.

Recebe então pela direita o Anajá-mirim, e mais abaixo, em mais de meio do seu curso, o Goiapy.

Banha a Cachoeira, que está situada em sua margem esquerda, e dahi em deante estreita-se, torna-se sombrio e triste, desfeiado pelo lôdo e pelas touças de aningas que o marginam, que lhe tomam o leito, fortes e abundantes, como no proposito de barricarem as aguas, de as represarem ali, impedindo-lhes o curso.

O rio, que viéra lindo, serpenteando quasi sempre por entre campos vastos e verdejantes, perde de subito a sua belleza.

Mas è uma simples mutação de scena: a primitiva belleza restabelece-se.

As paisagens das margens do Arary são lindissimas.

Araujo (*Commendador Joaquim Gonçalves de*). Activo chefe d'uma das mais importantes casas aviadoras de Manáos. E' presidente da Sociedade Portugueza Beneficente do Amazonas, a cuja instituição tem prestado relevantes serviços. Tambem é membro consular do vice-consulado de Portugal, em Manáos.


Joaquim Gonçalves de Araujo

Foi o presidente da commissão dos festejos em homenagem á officialidade da canhoneira *Patria*, quando este navio portuguez esteve na bahia do Rio Negro e a elle se deve, em parte, o brilhantismo das festas.

Araujo (*José Correia de*). Negociante portuguez da praça de Belem, socio ostensivo da acreditada firma de Montenegro & C.ª, o qual residíu longos annos em Manáos, onde grangeou as mais affectivas relações.

N'esta cidade fôi director do Banco Amazonense, presidente

da Sociedade Beneficente Portugueza e fez parte da commissão de festejos á recepção da canhoneira *Patria.*

Espirito culto e caracter franco e leal, Araujo é um amigo apreciavel,

Araujo (*José Joaquim Pereira de*). Commerciante brazileiro, socio da acreditada firma de Pereira de Araujo & C.ª, com grande armazem de ferragens no Boulevard da Republica, no Pará.

Annos atráz dedicára-se ao jornalismo. Conhecemos-lhe dois jornaes, que eram de sua redacção e propriedade.

Desempenhou já papeis salientes na maçonaria do Pará, sendo um esforçado paladino da democracia.

Autaz. Rio que corre no Estado do Pará.

Ayayá. Rio do Estado do Pará.

Azevedo. (J. Eustachio de) Poeta e prosador aprimorado, paraense, author das *Orchideas*, *Nevoeiros*, *Farrapos* e outros livros em verso, e dos *Viuva*, *Alva Fifi* e *Anthologia Amazonica*, em prosa, além de varios opusculos.



José Correia d'Araujo

E' jornalista apreciado, fazendo, de longa data, parte da redacção da *Folha do Norte*, de Belem, onde usa o pseudonimo de *Jacques Rolla.*

Azevedo (*João Lucio de*). Portuguez dos mais distinctos e illustrados que tem contado o commercio paraense.

Fez parte da extincta firma de A. Berneaud & C.ª.

Reside actualmente em Lisboa.

Dado às coisas da imprensa e á litteratura, possue varios trabalhos apreciaveis, esparsos nos jornaes do Pará, e outros em dois ou tres volumes publicados.

Bacury ou Pacury. Arvore de tronco recto, de 6 a 7 metros de altura e 1 de diametro. Tem os fructos do tamanho d'uma laranja, quasi esphericos, com cinco luculamentos, contendo cada um uma semente oblonga, de quasi uma polegada de comprimento, coberta por uma membrana fraca, um tanto coriacea.

A polpa do fructo é branca, mas torna-se amarella ao ar. O sabor é agradavel. Da polpa faz-se dôce e as amendoas comem-se.

Baena (*Coronel Antonio Ladislau Monteiro*). Contando 62 annos de edade, falleceu em Belem do Pará, em 4 d'abril de 1906,

este distinctissimo funccionario publico. Era charadista apreciado e muito querido dos seus concidadãos.

Badajos. Rio que corre no Estado do Amazonas.

Balaio. Chama-se a um cesto tecido de cipós finos e de talas de guarumà, de diversos feitios e misteres, principalmente usado na guarda e conducção de roupas.

Bailique. Povoação do municipio de Macapá.

Banana. Fructo muito abundante em todo o Brazil, possuindo notaveis propriedades alimenticias.

Banqueiros em Manáos. London of Brazilian Bank Ltd, Dusendschon, Nommenson & C.ª, Brocklehurst & C.ª, Banco Amazonense.

Barcellos. Antiga povoação indigena, conhecida por Murúiá, no Estado do Amazonas. Ahi esteve estabelecida, durante muito tempo, a capitania do Rio Negro.

Barreirinha. Municipio do Amazonas.

Baures. Indios das margens do rio Madeira.

Beijú. Bôlo de fina espressura, feito de farinha secca de mandioca.

Usa-se muito torrado para comer com café, e tambem se emprega para as papas das creança.

Beja. Villa situada na margem do rio Pará.

Berneaud. *(Augusto Fernando)*. Antigo negociante da praça do Pará, de nacionalidade brazileira, que pertenceu á extincta firma de A. Berneaud & C.ª, com filial em Manaus; esta firma commercial succedera á de Elias José Ennes da Silva & C.ª, que fôra a primeira casa e a de maior vulto de negocios, no ramo do commercio aviador de Belém, fundada pelo portuguez Visconde de Santo Elias, de saudosa recordação.

Berneaud, creara-se ali; empregado de varias categorias, interessado, socio e por final chefe da importante casa.

Disfructa hoje na Europa, residindo em Lisboa, os fartos meios de fortuna de que dispõe e é um dos directores da filial da *Garantia da Amazonia* n'esta cidade.

E' cavalheiro de fino trato e de sentimentos noblissimos.

Bibose. Especie de estopa extrahida da casca do Turury, pelos indios baurés.

Borges de Lima. *(José Maria)* Commerciante portuguez, e dos mais estudiosos e illustrados na praça de Belem, chefe da firma Borges & C.ª.

De ha pouco e por alguns annos o vemos occupando a meza da assembleia geral dos socios do Gremio Litterario Portuguez, e preside ainda a uma das lojas maçonicas do Pará.

E' egualmente director do Banco de Credito Popular e prestigioso membro da colonia luza, n'aquella cidade.

Braga *(Adolpho)*. Portuguez, quiçá dos mais instruidos da colonia portugueza do Pará.

Prestou relevantes serviços ás sociedades portuguezas d'aquella capital e na Beneficente Portugueza tem o seu nome inscripto entre os benemeritos da sociedade.

Deixou ha alguns annos as lides activas do commercio, entregando-se a trabalhos bancarios.

Preside actualmente á direcção do Banco do Pará.

Brito *(Floriano Bernardo de)*. Antigo commerciante de Belem, chefe da respeitavel firma de A. B. de Brito & C.ª.

Os seus serviços ás sociedades portuguezas do Pará, contam-se por um sem numero de trabalhos e dedicações inexcediveis.

E' um enthusiasta pela meritoria acção da Associação das Escolas Moveis pelo Methodo de João de Deus e faz parte da commissão que no Pará subsidia esta agremiação lisboeta.

Burityseiro. Pertence á familia da *carnaúba*. Arvore que dá um fructo muito saboroso e fornece madeira de composição flacida, que póde substituir a cortiça e que se emprega na construcção de jangadas.

Burrachudo. Mosquito de terrivel ferroada. Abunda no Alto Madeira.

Cachoeira. Vinte e duas milhas acima da foz do Arary, fica situada nos campos, á margem esquerda, a villa da Cachoeira, cabeça do municipio do mesmo nome, municipio essencialmente creador e exportador de gado vaccum, possuindo riquissimas pastagens.

Cachoeira teve o seu berço n'uma excellente fazenda do capitão-mór André Fernandes Gavinho. Tendo obtido uma carta de data e sesmaria, Gavinho escolheu para fazer a sua casa de vivenda, um logar fronteiro á pequena cachoeira que alli existe.

Construiu uma excellente casa, uma boa egreja e as dependencias necessarias.

A fazenda prosperou bastante.

Em 1747, o governo portuguez, por pedido dos visinhos e consentimento do proprietario, erigiu alli uma parochia, dando-lhe por orago Nossa Senhora da Conceição.

Não se formou, entretanto, uma povoação, porque os donos da fazenda vedavam a quem quer que fosse fazer casas alli.

Em 1791, os fazendeiros visinhos requereram que o logar tivesse a cathegoria de villa, visando assim a faculdade de edifi-

carem casas e constituirem o povoado; porém o proprietario oppoz-se terminantemente e a pretenção cahiu.

Pouco depois, o governador Coutinho foi á ilha para pessoalmente ajuizar do melhor modo de executar uma ordem régia, sobre o fabrico de carnes seccas, e n'essa occasião se entendeu com o proprietario, pedindo-lhe que cedesse o terreno necessario á villa.

Esta conferencia nada resolveu, porque o dono da Cachoeira reluctou e não cedeu aos rogos do capitão-general.

Por isso, apezar da informação favoravel de Coutinho na representação de Frade e outros, a villa não se fundou.

Muito mais tarde, em 1811, creou-se uma villa no logar affastado e tentou-se ahi fazer um povoado: tudo em vão, a villa ficou apenas representada pelo pelourinho. Ninguem alli edificou.

Por fallecimento do proprietario da Cachoeira, descendente do primeiro Gavinho, a edificação foi apparecendo, de modo que o povo augmentou relativamente depressa.

Em 1833, quando o conselho do governo, para obedecer ao codigo publicado então, teve de dividir o territorio da provincia em comarcas e termos judiciarios, foi creada a villa com o nome primitivo da fazenda.

Da actual povoação damos conta no logar respectivo.

Caeté. Rio do municipio de Bragança, no Estado do Pará.

Cainahã. Rio do municipio de Labrea, no Estado do Amazonas.

Camará. Porto e rio da ilha de Marajó.

Camara *(J. J. da)*. Proprietario da importantissima Livraria Classica, de Manáos, e uma das individualidades mais salientes da operosa colonia portugueza.



Muitos annos de infatigavel trabalho, moldado por um superior criterio, deram-lhe os meios de que hoje disfructa.

Campos *(João Marinho de)*. Antigo e muito distincto commerciante brazileiro na praça do Pará e proprietario n'aquella cidade.

E' o progenitor do brilhante maestro paraense sr. Menelen Campos, que até ha pouco dirigia o Conservatorio Carlos Gomes e que actualmente se encontra na Europa.

Preside á direcção do Banco Commercial do Pará.

Canaticú. Rio que corre no municipio do Carvalhinho.

Canna de Assucar. E' oriunda da India d'onde foi transportada para a Arabia, Syria e Egypto, mas já no tempo das Cruzadas começou a ser mais conhecida, sendo plantada na ilha de Rhodes, Malta e Sicilia.

Da India a levaram os portuguezes para ilha da Madeira, em 1420, e d'ahi para o Brazil em 1531, Martin Affonso.

Na Madeira, em 1501 fabricavam-se já 63.800 arrobas de assucar, segundo Barros, dando cada espaço de tres leguas occupado de canna, 60 arrobas ao quinto; e Bluteau diz: na mesma ilha, chegaram a haver 150 engenhos que davam um producto de quatrocentas mil arrobas. A primeira canna cultivada no Brazil foi em S. Paulo.

Em 1666, o Conde de Castello Melhor, ministro de estado, mandou a plantar no Pará, inda da ilha da Madeira, e d'aqui foi tambem para as de S. Vicente e Canarias.

Esta planta vegeta facilmente em todo o Amazonas e seria fonte de receita se os braços não andassem todos occupados na extracção da borracha.

Canuman. Na margem do rio Madeira, do lado direito, vê-se uma pequena capella e tres ou quatre casas de vivenda e de negocio. Juzante corre o rio que deu nome á freguezia, creada em 1802 por Joaquim Alvarez Corte Real. Não se vê do Madeira a povoação porque fica no interior.

Là para o centro existem grandes malocas de indios civilisados.

Capanema. Povoação do Estado do Pará.

Capella. Insignificante povoação do municipio de Parintins.

Capitary. Macho da tartaruga. E' muito mais pequeno do que a femea, tem a cabeça e o rabo mais alongados, o peito chato e mais estreito.

A sua carne é menos saborosa de que a da femea e um quanto nociva.

Cardoso. *(João Joaquim).* E' um dos mais distinctos e sympathicos membros da colonia portugueza, em Manáos. Socio da importante firma Villas Boas & C.ª. tem sabido conquistar grande estima commercial.

Como socio da Beneficencia do Amazonas, de cujos directorias tem feito parte, tem prestado relevantes serviços a tão nobre instituição.

Caracter singelo e bom, obezequiador e amavel, a sua convivencia deixa-nos captivado.

Caripunas. Indios que habitam nas proximidades das cachoeiras do Girau, no alto Madeira.

Carnauba. O curuto d'esta arvore, quando é nova, é inapreciavel como alimento e d'ella se extrahe vinho, vinagre, e uma materia sacharina. Da sua madeira fazem-se instrumentos musicos e tubos de bombas. Da folha seca fazem-se esteiras e chapeus, cestos, etc. Além da cêra que as folhas conteem, muito empregada actualmente no fabrico de cylindros phonographicos, produz a *carnaúbeira* uma gomma similhante ao sagu. As suas folhas fornecem excellentes fibras para tecidos. A madeira d'esta arvore é muito resistente.

Carvalho. *(Agostinho Gomes de)* Antigo commerciante e esforçado membro da colonia luza no Pará.

E' o presidente da florescente companhia de Seguros Lealdade, de Belém, e por vezes, differentes, tem exercido o cargo de director da Beneficencia Portugueza, a quem já nos referimos n'este livro.

Carvalho. *(Dr. José Paes de).* Ex-governador do Estado do Pará e um dos clinicos mais illustres de todo o Brazil. O Pará deve-lhe importantissimos serviços e muitos dos seus doentes a vida.



Formou-se em medicina pela Escola Medica de Lisboa e em Portugal é tão estimado e admirado como no Brazil.

Carvalho *(Coronel Raymundo Affonso de).* Illustre presidente do Congresso Legislativo do Estado do Amazonas e prestigioso chefe politico na mesma região, onde todos o acatam e estimam.

Casas Aviadoras de Manáos: B. A. Antunes & C.ª; Mentenegro & C.ª; J. G. de Araujo; Mello & C.ª; Freitas Ferreira & C.ª; B. Levy & C.ª; J. C. Arana & Hermanos; Tavares Gomes & C.ª; Gomes & Pereira; A. C. de Araujo; M. Lobo; M. Vicente Carisca; Antonio Cruz & C.ª; S. Garcia & C.ª; Armindo R. da Fonseca; Carvalho & Barros; Costa Santos e C.ª; Deffues & C.ª; F. E. Snape; Enéas Malaguti & C.ª; Caetano Monteiro; Fernandes & C.ª; Gaspar Almeida & C.ª; A. Leite & C.ª; Luiz de Mendonça & C.ª; João Martins & C.ª; Neves Castro & C.ª; João Alves de Freitas; Ribas & C.ª; J. C. del Arguila.

Cascavel. A mordedura d'esta cobra produz rapida inchação e horriveis dores, victimando horas depois se no logar da picada se não applicar immediatamente uma injecção de pramanganato de Potassa, segundo a formula do dr. Lacerda, que é a seguinte:

Agua destilada..........	100 gram.
Pramanganato de potassa..	1 »

Injecta-se com uma seringa de Pravaz.

Castro. *(Dr. Francisco da Silva)*. Distincto medico paraense formado na Universidade de Coimbra. Nasceu no Pará a 21 de abril de 1815, fallecido ha uns dez annos.

Deixou numerosa e distincta prole, entre a qual os Drs. Liberato e Leonardo Castro e o medico Dr. Luciano Castro.

Caviana. Ilha pertencente á comarca de Chaves, no Estado do Pará.

Chermont (*Dr. Antonio Leite*). Official reformado da armada brazileira.

Exerceu funcções publicas no Pará, nos primeiros annos do governo republicano e foi o gerente e cô-proprietario do importante jornal *A Provincia do Pará*.

Actualmente é o agente, na capital d'aquelle Estado, da companhia «Lloyd Brasileiro».

Chermont. (*Dr. Justo Leite*). Bacharel pela faculdade de direito de Pernambuco.

Republicano da propaganda, presidiu o Club Republicano do Pará, a sua terra natal, e o triumvirato governativo d'este Estado na primeira phase da Republica.

Occupou a carteira dos negocios exteriores do Brazil, no governo do primeiro presidente, marechal Deodoro.

Occupa actualmente uma cadeira no senado Federal.



Coronel Raymundo Affonso de Carvalho

Chorimbabo. Animal selvagem que os indios domesticam.

Usa-se egualmente chamar aos pequenos animaes domesticos.

Coary. Rio affluente do Amazonas.

Correa. (*Angelo Costodio*). Nasceu em 1805, na villa de Cametá, sendo seu pae o negociante portuguez Francisco Custodio Corrêa, depois uma das victimas dos cabanos. Aos dezesete annos partiu para a França, onde estudou até alcançar o titulo de bacharel, regressando então ao Pará. Por occasião da cabanagem prestou elle relevantes serviços á causa publica, em constante lida a favor da legalidade.

Quando em 1835, a anarchia varreu o Pará, o seu nome, já

respeitado por todos, foi suffragado nas urnas por legaes e rebeldes, sendo elle eleito deputado provincial e tomando a vice-presidencia da provincia por ter sido o mais votado.

Depois do restabelecimento da legalidade, governou o Pará em 1850, 1853 e 1855, na qualidade de seu 1.º vice-presidente.

Falleceu victima do cholera-morbus em 25 de maio de 1855.

Corrêa. *(José Augusto)* Oriundo de Cametá e da mesma familia de Angelo Custodio Corrêa.

Antigo commerciante do Pará, exerceu cargos de administração em varias companhias anonymas e ainda ha pouco era o agente, n'aquella praça, da companhia Lloyd Brazileiro.

Cypriano Santos *(Dr.)* Medico paraense pela escola da Bahia.

Chefia actualmente, o partido politico que acompanha o Dr. Lauro Sodré, contrario á actual situação administrativa do Pará.

Exerceu já o cargo electivo de deputado estadual e a cadeira presidencial da respectiva Camara.

E' o gerente e chefe do jornal belemnense a *Folha do Norte.*

Distancias. Alem das distancias que já indicámos, percorrem-se mais na bacia do Amazonas, as seguintes:

De Belem a Manáos 1.720 kilometros; de Manáos a Iquitos (rio Solimões) 2.260; de Manáos a Santa Izabel, (rio Negro), 780; de Manáos a Hyutanahan (rio Purus), 1.800; de Manáos a Santo Antonio (rio Madeira), 780; de Belem a Bayão (rio Tocantins), 260; de Leopoldina a Santa Maria (Tocantins Araguaya), 950. Total 8.550 kilometros.

Faria. (*Coronel José Corrêa de*). Velho coronel do exercito brazileiro, de grande estima e popularidade em Belem, onde falleceu ha uns quinze annos.

Conhecemol-o de perto e muitas vezes lhe admiramos o espirito alegre e folgazão que nunca o abandonava, e a linguagem picaresca de que se servia na sua inexgotavel collecção de contos e anedoctas, ora em prosa, ora em verso.

Era grande conhecedor da lingua geral, que manejava facilmente.

Deixou um filho, José Faria, habil pintor, que falleceu no verdor dos Annos, e uma filha D. Virginia Faria, um dos mais notaveis ornamentos do moderno professorado publico do Pará.

Fonseca *(Marcelino Alves da)*. Artista e negociante portuguez em Belem do Pará.

Foi o iniciador e fomentador do grande movimento sportivo d'aquella cidade e ainda hoje o cyclismo tem nelle o seu principal propugnador.

Em 1891, por sua iniciativa e do commendador Manuel Pereira Dias, fundou a pujante Associação Dramatica Recreativa e Beneficente, da qual tem sido o presidente até á actualidade.

Fôra esta agremiação que dera inicio e impulso ás festas publicas da velocipedia no Pará, que fundára as grandes provas annuaes, que installou o Velodromo Paraense onde se teem effectuado as mais concorridas festas do sport.

Possue ainda esta sociedade um bom grupo scenico, aulas de dança, gymnastica, de tiro ao alvo, etc., além d'uma grande piscina para natação.

E' um trabalhador infantigavel.

Fraga de Castro. Distincto jornalista, redactor-secretario do magnifico jornal *A Provincia do Pará.* A sua modestia rivalisa com o seu alto valor intellectual.

Sobre este notavel jornalista e comprovado talento, vide, *Notavel documento.*

Frasqueira. A frasqueira d'aguardente regula por 24 litros.

Genipapo. Planta com que os indios fabricam tinta azul.

A fructa do genipapo é saborosa e de poderosa valia na fabricação de vinhos tonicos ferruginosos.

A madeira é utilisada em varios misteres e utensilios domesticos.

Genipapucu. Rio da ilha de Marajó.

Gondim. Pequena povoação do Estado do Pará.

Guimarães *(Evaristo Lopes).* Capitalista portuguez em Belém do Pará.

Occupa lugar saliente, de ha mais de vinte annos, na importante casa allemã de Schrader, Gruner & C.ª e acha-se ligado a distincta familia paraense.

E' Cavalheiro apreciavel, possuidor d'uma alma bemfaseja, predisposta sempre á pratica do bem, e um excellente patriota.

Humaythá. Ao que levamos dito no lugar competente temos a acrescentar que Humaythá se encontra situada na margem esquerda do rio Madeira, em terreno bastante elevado. Foi fundada em 1869 pelo portuguez commendador José Francisco Monteiro, natural da cidade do Porto e elevada a villa em 4 de novembro de 1888. Segundo Keller a povoação está a 40^{m} sobre o nivel do mar.

Indicações uteis para Manáos. *Materiaes de construcção*: Sotto-Maior, Ferreira & C.ª; Villas-Boas & C.ª.

Agentes de companhias de seguros: Borges, Hall & C.ª; Peters & Kiernen; Domingos A. P. de Queiroz; Carvalho & Barros; Montenegro & C.ª; Freitas Ferreira & C.ª; Mello & C.ª e Brochlehurst & C.ª.

Livrarias e papelarias: Jayme & Camara; Lino d'Aguiar & C.ª; M. Silva & C.ª; Livraria Azevedo e F. R. Queiroz & C.ª.

Importadôres de fazendas: Borges, Hall & C.ª; J. U. Andresen, succursal; Bernardo Bockris & C.ª; B. Levy & C.ª; Braga, Rego & C.ª; Cunha & C.ª; Jorge Dau & C.ª; Marius & Levy; Prado & Lins; Dusendschou & C.ª; Teves Ferreira & C.ª; Casa 22; Luiz Schill & C.ª; Canto das Novidades; Paquete das Novidades; Domingos de Mattos.

Mercearias: J. A. Amorim; Guerra & Santos; A. J. Vianna; Ribeiro & Irmãos; Percey Vanghan; Theodomiro Argente & C.ª; Abrantes & Silva; Costa, Pinheiro & C.ª; Grillo & C.ª; M. Cantanhede & C.ª; J. Gonçalves Velloso & C.ª e Pinho & Mendonça.

Agencias de vapores: Lloyd Brazileiro; Dusenchschon, Nommemen & C.ª; Borges, Mello & C.ª; B. A. Antunes & C.ª; J. G. Araujo; Montenegro & C.ª; Ahlers & C.ª; João Alves de Freitas; Gomes & Pereira; B. Levy & C.ª; Armindo R. da Fonseca; Mello & C.ª e Luiz de Mendonça & C.ª.

Importadores de ferragens: J. H. Andresen, succursal; Moraes, Carneiro & C.ª; Ahlcrs & C.ª; J. G. Araujo; J. Gomes & C.ª; Ventilari, Canavarro & C.ª; Adrião Bairo & C.ª; J. Soares & C.ª e Julio Seixas & C.ª.

Importadores de estivas: Tancredo Porto & C.ª; F. G. da Costa Porto; A. Ferreira Bacellar & C.ª; J. G. Araujo; Dias d'Oliveira & C.ª; João Alves de Freitas; A. Carvalhaes; Cravo & Braga; Albino Araujo e Costa Cantanhede & C.ª.

Exportadores de borracha e generos do Estado: Dusendschori, Nommemen & C.ª; Schlolz & C.ᵉ; Scholz & Skats; Adelbe H. Aideu e Lenis Crouan & C.ª.

Agentes de casas nacionaes e estrangeiras: Ahlers & C.ª; Vianna & Lyra; Julio Garay & Irmão e Reeks & Astlett.

Pharmacias: Carlos Studart; Borba; Humanitaria; Araujo; Arnoud; Municipal; do Povo; Fonseca e Barreira.

Drogarias: Nacional; Freitas e Universal.

Tabacarias: Cubana, de José Gonçalves Bastos e Boer, de Cezar Barata & C.ª.

Depositos de farinhas do Pará e tabaco de Bragança: Borges, Hall & C.ª; Ahlers & C.ª e Recks & Astlett.

Funilarias: Ed. Pinto Ribeiro; F. Luiz Pereira & C.ª; Cerqueira Braga e Funilaria Senna.

Itaituba. Em relação ao Municipio de Itaituba, escreveu o illustre sr. Palma Muniz: os documentos officiaes passados offerecem uma disparidade notavel de cifras, como se póde verificar pelas que se seguem.

Segundo um relatorio official de 1850, o districto de Itaituba, Aveiros, Boim e Pinhel, tinham uma população de 29.502 habitantes, sendo 25.254 livres e 4.248 escravos. Em 1868, segundo Ferreira Penna, só o municipio itaitubano tinha 30.000 almas. Em 1890, excluidos os indios mansos do Tapajós, calculava-se em 8.500 o numero dos seus habitantes. Segundo o relatorio do tenente-coronel Moraes Sarmento, excluidos os indios, contava o municipio 10.686 almas, em 1900. Attendendo ao desenvolvimento actual do municipio de Itaituba, incluindo os indios mansos que manteem relações com os civilisados, póde-se dizer que a sua população não póde ser inferior a 25.000 almas.

Japerica. Rio do Estado do Pará.

Jauapery. Rio do Estado do Amazonas. As suas margens são abundantes em seringaes. Fica a uns 12 dias de viagem de Manáos.

Javary. Rio triburtario do Amazonas.

Lins. *(Ludovico)* Jornalista e poeta apreciado, natural de Pernambuco, de ha algum tempo ao serviço redaccional d'*A Provincia do Pará.*

Algumas das suas producções poeticas correm mundo em pequenos opusculos.

Lisboa *(Coronel Adolpho Guilherme de Miranda)* Já a paginas 137 publicamos um retrato d'este illustre cidadão; mas, como posteriormente nos fosse facultada uma photographia mais recente de S. Ex.ª, resolvemos aqui estampal-a, como preito ao distincto brazileiro.



Lopes. (*Ricardo Ferreira*) Caracter e alma noblissima.

Portuguez de velha tempera.

Patriota exaltado e digno.

Commerciante, de cêrca de quarenta annos, no Pará, d'onde se acha retirado, para a terra natal, ha perto de tres annos.

E' actualmente socio commanditario do maior armazem de estivas, de Belem, da firma Araujo, Castro & C.ª.

As sociedades portuguezas d'aquella cidade devem-lhe copiosa somma de trabalhos.

Maçonaria. No valle de Belem do Pará, existem sete lojas em actividade, sob os titulos distinctivos abaixo, e todas sob a obediencia do grande oriente do Brazil:

Firmeza e Humanidade (rito escossez), *Harmonia e Fraternidade* (rito francez), *Cosmopolita* e *Renascença* (rito escossez), *Aurora* (rito adinhoramita) e *Antonio Baena* (rito francez).

Existem mais uma Grande Loja e um Conselho de Kadosck.

A antiguidade official das lojas infere-se pela ordem escripta, se bem que a primeira tenha sido a loja *Harmonia*, fundada em 1856 pelo maçon portuguez José Eutychio da Rocha Leão, sob a obediencia do Capitulo das lojas reunidas *Harmonia* e *Filha da Harmonia*, do Oriente do Porto (Portugal), a qual só jurou obediencia ao poder da Maçonaria Brazileira em 1859, quando já no anno anterior se havia fundado a *Firmeza e Humanidade* sob os auspicios e leis do oriente do Brazil, resultando, portanto, ter aquella, nos quadros officiaes, inscripção posterior a esta loja.

De varias scizões na loja *Harmonia*, sahiram os elementos fundadores das lojas *Cosmopolita* e *Aurora*.

Ainda da *Harmonia* sahira a *Harmonia e Fraternidade*, em 1865, que nos primeiros tempos fôra considerada a primitiva *Harmonia*, pelos poderes competentes, antes da fusão do oriente expurio dos *Benedictinos* a que aquella loja jurára posterior obediencia, pelo oriente historico do *Lavradio*.

A fundação da *Renascença* originou-se d'uma scizão da loja *Cosmopolita*, e a creação da *Antonio Baena* é uma homenagem ao inexquecivel maçon paraense, major Antonio Nicoláo Monteiro Baena, que presidiu longos annos á *Harmonia*, além de outras elevadas funcções que exerceu no Valle do Pará.

Edificios proprios, e bem grandiosos, possuem-nos apenas, a Firmeza e Harmonia, Harmonia, Harmonia e Fraternidade, Aurora e Cosmopolita.

Antes da fundação d'estas lojas existiu uma outra, fundada em Belem, no anno de 1828, que trabalhava no largo dos Quarteis, hoje praça Saldanha Marinho, á esquina da rua Lauro Sodré, mas que o fanatismo religioso dos revolucionarios da *cabanagem*, em 1834, destruiu pelo incendio.

Mamão. Excellente fructa, de effeitos medicinaes. As suas folhas empregam-se como saponaceo e das flôres compõe-se um xarope contra a tosse.

Mandioca. Assim se chama a raiz da maniva, que produz a fecula alimenticia, vulgarmente conhecida na Europa por farinha de pau.

E' um arbusto sarmentoso e trèpante, de que Chernoviz menciona muitas variedades, Na America cultiva-se desde o Estreito de Magalhães até ás Antilhas. Como alimento representa o papel do trigo ou do milho, em Portugal. A raiz contém um suco muito venenoso, acido cyandrico.

Sobre a fórma de a preparar vide *Farinha d'agua*.

Maniva. Folha da mandioca com que se aduba um bello prato indigena chamado *maniçoba* de que já tratámos n'este livro.

Manicoré. Rio e povoação do Estado do Amazonas, nas margens do Madeira.

A povoação foi fundada em 1859 por Antonio Pedro Aguirre.

Marajó (Barão de). José Coelho da Gama e Abreu. Nasceu no Pará em 1831. E' formado em philosophia e mathematica pela universidade de Coimbra, descendente de antiga familia distincta que alli residia desde os tempos coloniaes.



Exerceu no tempo da administração monarchica varios empregos publicos, inclusive o de presidente da antiga provincia natal que occupára a contento geral.

No novo regimen foi o presidente da municipalidade de Belém e, de algumas legislaturas, occupa um *curul* no senado do Pará, do qual actualmente, é o vice-presidente.

Reside ha alguns annos em Lisbôa, onde é muito conhecido e estimado, indo ao Pará, sómente na época da abertura do Congresso do Estado, para os trabalhos parlamentares.

Maranhão (*Paulo*). Habil e talentoso jornalista paraense que, na *Folha do Norte*, succedeu ao malogrado João de Deus do Rego, no cargo de secretario da redacção, que ainda exerce.

Conhecendo muito o interior do Estado, onde exercera o magisterio publico, tem publicado um sem numero de contos sobre a vida na roça, que são lidos e apreciados sempre com muito agrado.

Marques Braga (José). Brazileiro, paraense, de origem portugueza.

Fez parte activa do partido republicano no tempo da propaganda e n'esse posto o veio encontrar a Republica á sua proclamação no paiz.

Espirito culto, dedicou-se sempre ao alto commercio.

A temerosa crise commercial e bancaria que teve inicio nos ultimos dias do seculo XIX, colheu-o nas suas tramas, vorazes, arrastando-o tristemente, como a tantos outros, a uma quebra infeliz.

A sua prodigiosa actividade, porém, e as qualidades excepcionaes de trabalho e lucidez que lhe são innatas soergueram-no de novo, prospera e rapidamente.

Fundara e dirigira varias companhias e emprezas; presidira á Associação Commercial e á Junta Commercial de Belém.

E' senador ao Congresso Legislativo do Estado do Pará, reeleito para varias legislaturas.

E' um excellente e dedicado amigo, quanto é máo e intransigente adversario.

Marques de Carvalho (Antonio) Digno intellectual, irmão de João Marques de Carvalho.

Collaborador assiduo d'*A Provincia do Pará*, d'onde escreve umas criticas d'arte sempre lidas com prazer pelos competentes; primoroso poeta e profundo prosador, de quem possuimos varios volumes; lente de francez na Escola normal, e d'outras materias na Escola Pratica de Commercio; commerciante activo, a cuja carteira de trabalho se encontra sempre ás horas estabelecidas; deputado ao Congresso legislativo do Pará, em cuja Camara sua voz aprimorada e sonóra de orador consummado é ouvida sempre com especial agrado.

Possue ainda, as dragonas de tenente-coronel da guarda-nacional, e, no pittoresco bairro suburbano do Marco da Legua a mais bella e artistica habitação, que denominou *Castel de Amor.*

Marques de Carvalho (*João*). Escriptor e jornalista paraense de rara competencia litteraria.

Nasceu em Belém a 6 de novembro de 1866, filho d'um honrado negociante portuguez, de lembrada memoria.

Estudou as primeiras lettras na escola de dona Maria Britto Inglez e mais tarde passou para o collegio dos professores Valente do Couto e Alexandre Pinheiro.

Em 1879 o pae o enviára para Lisboa onde cursou as aulas do Instituto Commercial e Industrial. Fez com brilhantismo o curso de humanidades nos lyceus do Reino, passando em seguida para a França, e varios outros paizes européos.

Voltando em 1884 ao Pará, iniciou ahi a sua carreira jornalistica pelo *Diario de Belém* e depois n'*A Provincia do Pará* onde hoje occupa, com brilhantismo, o cargo de secretario da redacção.

Em 1886 fundou o *Commercio do Pará*, jornal de feição moderna, que grangeou larga circulação e onde se congregaram os mais distinctos escriptores da época.

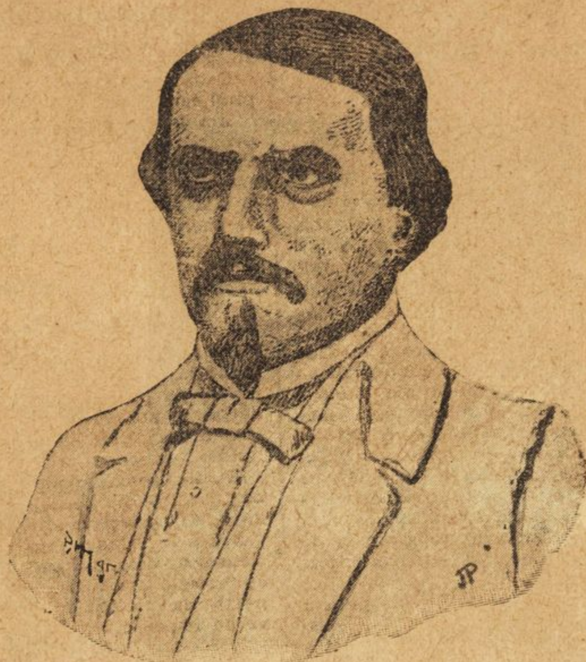
Quando em 1889 se proclamava a Republica, Marques de Carvalho, que de ha muito perfilhava as ideias democraticas, se não nos falha a memoria, exercia o cargo de secretario do Club Republicano Paraense, passando logo ás funcções de secretario do governo provisorio do Estado e deputado á assembleia constituinte da sua terra natal.

E' um espirito de *elite*, tendo varios volumes em prosa e verso, que correm mundo.

Actualmente encontra-se na Europa em busca de melhoras a pertinaz enfermidade.

Medeiros Branco (*Francisco Gonçalves*). Foi um dos principaes fundadores da Real e Benemerita Sociedade Portugueza Beneficente, do Pará.

Nasceu Medeiros Branco na pittoresca aldeia de Vassal, no concelho de Valpassos, da provincia de Traz-os-Montes, a 28 de Setembro de 1823, tendo como progenitores Sebastião José de Araujo e Anna Gonçalves de Medeiros Branco, lavradores transmontanos, pobres e felizes.



Aos treze annos, seguiu a sorte de tantos outros, deixando após si, quiçá para sempre, o lar da familia, buscando em terra extranha a fortuna e quantas vezes a morte.

Seguiu seu tio Luis Gonçalves Medeiros Branco a Pernambuco, onde esteve alguns dias, indo depois fixar-se na bella capital do Maranhão e mais tarde no Pará.

Caixeiro humilde de uma casa de commercio, entregue o dia todo ao trabalho material, o pequeno exilado revelou uma tendencia notavel para os estudos, empregando com afinco as suas horas vagas nos livros.

Chegou a negociante abastado e cultivou com primor a poesia.

Suppomos que falleceu em Lisboa, em data que ignoramos.

Medicos em Belem. Nomes d'alguns que nos occorre citar n'esta occazião:

Drs. Lyra Castro, Luciano Castro, com consultorio na pharmacia Cesar Santos.

Dr. Luiz Soares, na pharmacia Navegantes.

Dr. Caribé da Rocha, na pharmacia Maravilha.

Dr. Aleixo Simões, na Drogaria do Povo.

Dr. Cyriaco Gorjão, na pharmacia Galeno.

Drs. Torreão Roxo e Bricio, na pharmacia Lobão.

Drs. Pondé e Leite Velloso na pharmacia Kós (Reducto).

Dr. Deoclecio Corrêa, na pharmacia Universal.

Dr. Mecena Salles, na pharmacia Cesar Santos.

Dr. Pedro Miranda, na pharmacia Lobão.

Dr. Brito Pontes, na pharmacia Pontes.
Dr. Silva Rosado, á rua 13 de Maio.

Miranda Filho (*Guilherme Augusto de*). Negociante aviador, em larga escala, da praça do Pará para o alto Amazonas, de nacionalidade brazileira, cearense.

E um dos caracteres mais nobres que conhecemos em Belém, encarado por qualquer feição que caracterisa o homem honesto.

E' um puritano, como hoje raros se encontram.


Leonel Pereira da Motta

Nosso conhecimento, embora de largos annos, é de cortezia, simplesmente.

Motta (*Alberto Alves da*). Commerciante e armador de Belém, socio gerente da firma Solheiro, Motta & C.ª.

Fôra presidente do Gremio Litterario Portuguez e exercera outras funcções quer nesta quer em outras associações portuguezas.

Motta (*Leonel Pereira da*). Intelligente commerciante portuguez que de ha muito reside em Manáos. E' um caracter nobilissimo a quem todos muito estimam e apreciam.

Moura. (*Coronel João Gonçalves de*). Nasceu a 14 d'abril de 1826, na cidade de Cametá. Foi militar illustre e valente, batendo-se com heroicidade na campanha do Paraguay. Falleceu no Pará em 21 d'abril de 1901.

Moura. (*Ignacio Baptista de*). Engenheiro civil, formado na escola do Rio de Janeiro, filho do coronel João Gonçalves de Moura, de Cametá, e actual deputado estadual.

E' orador fluente e cultiva as bellas lettras, tendo n'elle as classes trabalhadoras um amigo, em sua constante defeza.

Naycema. Planta de que se extraem fibras com que os indios fabricam redes.

Nigua. Insecto que se introduz na pelle dos pés, produzindo horrivel comichão o deposito ou ovario que a femea ali deposita. E' facil de extrahir.

Oliveira Gomes. (*José Antonio de*). Em meiados do anno de 1906, falleceu em Bellas, suburbios de Lisboa, este benemerito cidadão, possuidor de avantajada fortuna e socio da importante firma paraense Moreira, Gomes & C.ª.

Não tendo familia distribuiu pela seguinte e generosa forma

a sua fortuna: á Real Sociedade Beneficente Portugueza, em Belem, 50 contos; ao Gremio Litterario Portuguez, tambem 50 contos; a Domingas Julia de Souza, 50 contos, bem como os moveis e utensilios da casa em que residia antes de embarcar para a Europa; a Damasia Firmina dos Santos, 20 contos; a Pio Julio de Souza, 20 contos; a Sabino Raymundo Cardoso, 10 contos; a Lucia Anna Agostinha da Silva, 10 contos; a Olivia Maria da Conceição, 10 contos; a Maria Magdalena do Rosario, 10 contos; a Adelina Duarte Ferreira e seus filhos, 30 contos; a Manoel Antonio de Abreu Castello Branco e sua esposa, 50 contos; a Victoria Correia de Almeida Bulhão Pato, 50 contos; aos pobres de Bellas, em Portugal, 100$000 réis; aos pobres da cidade de Belem, 100$000 réis; e ao dr. Jeronymo Gonçalves Ribas, 50 contos, o usofructo de uma propriedade na avenida S. Sebastião, em Bellas, Portugal, e todos os moveis e utensilios n'ella existentes, passando, por sua morte, a Manuel Antonio de Abreu Castello Branco, e o remanescente da herança.

Constituiu testamenteiros, na ordem em que se acham, os srs. dr. José Paes de Carvalho, dr. Augusto Numa Pinto, Manoel Rodrigues Caetano, Carlos Simões Pereira e Manoel Joaquim Barbosa.

Opinião valiosa. O illustre dr. Ernesto Mattoso, escrevendo de Paris, em 19 d'outubro de 1906, ao collecionador d'este trabalho, dirigiu-lhe palavras tão carinhosas e repassadas de bondade, que não podemos deixar de aqui as archivar, como prova de quanto apreciamos a sua valiosa opinião.

Escreveu o amavel sr. Dr. Mattoso:

. . «O seu bello livro sobre a *Amazonia* já está muito fallado; d'elle tive noticia pelos jornaes, mesmo de Lisboa e ancioso espero o momento de lel-o, com o prazer e interesse que despertam os seus judiciosos conceitos, sempre que escreve sobre o nosso caro Brazll.

«Como admirador dos seus elevados dotes intellectuaes e como seu amigo, esse livro, ainda em impressão, dá-me o desejo de o lêr. Transmittir-lhe-hei logo a seguir a impressão que me causar a leitura».

Orchideas. De seis mil especies classificadas em todo o globo, o Brazil possue 1.059 e todas ellas de surprehendente Belleza.

Palma Muniz (*João de*). Distincto engenheiro civil, chefe da 3.ª secção da Secretaria de Obras Publicas, Terras e Viação do Pará. Além de engenheiro é um escriptor primoroso, a quem este trabalho muito deve.

Pinho (*conselheiro Antonio José de*). Portuguez de velha tempera, que habita no Pará ha cerca de cincoenta annos, forte e d'uma actividade admiravel.

Possue um nome respeitabilissimo, quer entre os seus compatricios naturaes, quer entre a sociedade brazileira, á qual pertence por naturalisação de ha longa data.

Pelos direitos á nova nacionalidade, militára no partido liberal, exercendo, no tempo do Imperio, por varias vezes, cargos de funcção electiva. Abandonára a politica com a transformação das instituições no Brazil.

Conta avultados meios de fortuna e possue um coração em extremo bondoso e caritativo.

E' um benemerito das instituições de beneficencia e de estudo, tanto portuguezas como brazileiras, do Pará.

Placido Felippe Ribeiro. E' dos novos d'entre os membros do alto commercio da praça do Pará, tendo-se, porém, revelado competente e digno.

Tem parte solidaria na importante firma portugueza de Belém e Manáos, de A. B. Antunes & C.ª.

Poesia indigena. Extrahimos d'um raro opusculo do velho coronel Faria, a quem nos referimos n'outro logar, impresso no Maranhão em 1880 com o titulo *Miscellanias*, a seguinte poesia, em lingua tupy, que o auctor manejava com rara habilidade:

Xê potari iomani indé
cunhã catú xê pyá;
nê roá, poranga eté
iacy talá ne reçá.

Eu te quero abraçar
meu coração, moça bella,
o teu rosto é bem galante
teus olhos são como a estrella.

RESPOSTA DA AMANTE

Çaé indé ixé çauçub
ixê indé çauçub ué:
curumi o açú catú
kerimbáua maia ué!

Se tu a mim tens amor,
a ti eu amo egualmente
és um rapaz de primor
que me pareces valente.

Paraguay mira poxi
Maramonhangára ayba;
xê retama etá
aé kerimbáua tyba.

Paraguay é povo vil,
Brigão de pouca valia;
a gente da minha terra,
tem valor em demasia.

Xé remiricó mondó
iepé cuité turuçú.
ariá oicó tericèmo
ty pyaca mingáu.

Manda-me minha mulher,
(para eu levar á bocca)
uma grande cuia cheia
de mingau de tapioca.

Pirahen tycupy póra
coccé ué i mondó
ixé uó cetá reté,
coy xé maacy oicó.

Tão bem hontem ella mandou
peixe secco em tucupy;
eu comi tanto a fartar,
que doente estou aqui.

Eré iúr ikêcoty,
xê keuyra catú,
tévé pecyc nê mocáua
t'evé iucá *guyrá o açú* (passaro grande)

Eia, vem p'ra cá
ó meu bom irmão,
pega a tua espingarda
máta o gavião.

[1]) Aép'oicó iepé acará,
t'eréapecúi meguérupi,
irakaquéra ué iúr
[2]) moçapyr *aty-aty* (son onomatopico)

Distante está uma garça,
de mansinho vae remando
atraz d'ella tambem vem
tres gaivotinhas voando.

Paludismo *(Malaria, febres intermittentes, sezões* ou *maleitas).* Affecção morbida produzida pela presença, no sangue, do hematozoario de Laveran, e caracterisada por accessos repetidos de febre, precedidos ou não de calefrios, segundo as modalidades da doença, e acompanhados de prostração geral, inappetencia e outros symptomas secundarios de bastante gravidade, quando a enfermidade é desprezada ou mal combatida.

Ésta terrivel endemia, que tão grande numero de victimas faz nos paizes tropicaes, é transmittida ao individuo são por um culicideo (mosquito) denominado *Anophelis*, muito abundante nos logares pantanosos e humidos. A femea deposita os ovos á superficie das aguas estagnadas, onde elles se desenvolvem e evoluem com uma rapidez espantosa e em infinito numero. Os anaphelis, sugando o sangue dos individuos affectados, quando os mordem, conservam em si, durante algum tempo, o germen da doença, que vão transmittindo aos individuos, sãos que perseguem, inoculando-lh'o no sangue.

Os organismos fracos e depauperados por uma má alimentação ou pelo abuso do alcool estão mais sujeitos a contrahir a doença e á marcha e persistencia dos seus ataques, ao passo que aquelles que se alimentam convenientemente ou se preservam mais ou menos das mordeduras dos mosquitos *anopheles*, lhe resistem mais facilmente.

Um dos meios mais praticos e efficazes de combater o paludismo consiste, segundo a opinião dos mestres no assumpto, largamente confirmada pela experiencia, no exterminio dos mosquitos transmissores, a que nos acabamos de referir. Para isso emprega-se o petroleo, que se lança nos charcos, canos de esgoto e

---

[1]) Aépe : adv. la.
[2]) N. NB. — A traducção é — tres gaivotinhas; escrevi — voando, não só por que assim andam á tona d'agua, como para rimar com — remando.

poças de agua estagnada, em quantidade sufficiente para cobrir a superficie liquida. O petroleo destruirá rapidamente os ovos dos anopheles. Varias substancias, taes como o pyrethro do caucaso, o Pó da Persia, o Polvilho Antiseptico, de Silva Ferraz, tem sido preconisadas para afugentar os mosquitos, e com o ultimo preparado, principalmente, se hão colhido resultados muito satisfactorios.

O mais seguro, porém, é usar mosquiteiros de gaze, de preferencia amarellos, nos leitos, assim como rede de arame, fina, nas bandeiras das portas e em outros orificios que possam dar entrada a esses perigosos inimigos da humanidade.

O paludismo, em todas as suas mais graves e variadas modalidades, é a enfermidade que, n'esta opulenta e privilegiada região da Amazonia, maior numero de victimas produz, dando para a estatistica mortuaria um espantoso contingente, especialmente no interior dos dois Estados, onde abundam e prevalecem, pela falta de prescripções sanitarias e da execução de quaesquer medidas prophylaticas, as causas originarias d'esse terrivel flagello.

Muito mais devastador do que a febre amarella — o espantalho dos europeus — de que apenas apparecem alguns casos, o paludismo tem merecido ultimamente a maior attenção e estudo por parte dos governos e das auctoridades sanitarias, — que n'uma encarniçada e victoriosa lucta procuram vencel-o em seus ataques traiçoeiros, até que uma prophylaxia racional, bem encaminhada e melhor comprehendida e executada pelo publico, consiga, se não extinguil-o de vez, pelo menos attenuar-lhe as consequencias e limitar muito o nnmero de casos fataes.

Oxalá que um tão nobre e patriotico *desideractum* em breve se converta em realidade, para o bom nome d'aquelles que teem a seu cargo velar pela saude publica, — condição essencial da riqueza e felicidade dos povos.

Polvilho antiseptico. E' um especifico soberano, preparado em Manáos pelo nosso dedicado amigo e habil chimico, sr. F. J. da Silva Ferraz, para o tratamento radical de erysipelas, ozena, eczemas chronicas, darthros, impingens, furunculose, brotoeja, assaduras, prurigo, queimaduras, sardas, pano do rosto e todas as erupções de pelle.

Tambem o temos visto empregar vantajosamente na cicatrização de golpes e ulceras de mau caracter. E' muito hygienico para depois do banho e magnifico para a barba.

Os mais poderosos antisepticos de que a therapeutica moderna pode lançar mão para o tratamento de variadissimas affecções

da pelle, combinados com algumas substancias absorventes e cicatrisantes, formam a base do *Polvilho Antiseptico*, de Silva Ferraz.

De uma extrema tenuidade, completamente inalteravel e inodoro, este precioso medicamento veio produzir uma verdadeira revolução na sciencia dermatologica, pois substitue com inexcedivel vantagem, as velhas pomadas, glycerados e vaselinatos, sendo preferivel sempre a todas essas preparações, pelo asseio e simplicidade do seu emprego.



Quanto á sua efficacia no tratamento das mais renitentes dermopathias, ella se acha eloquentemente comprovada, ha muitos annos, em numerosos e repetidos ensaios realisados por distinctissimos medicos de Portugal, E. U. do Brasil e Africa,, em sua clinica hospitalar e particular.

Os numerosos attestados medicos comprovativos dos resultados beneficos obtidos com o uso do Polvilho Antiseptico de Silva Ferraz são a melhor garantia do que deixamos exposto,

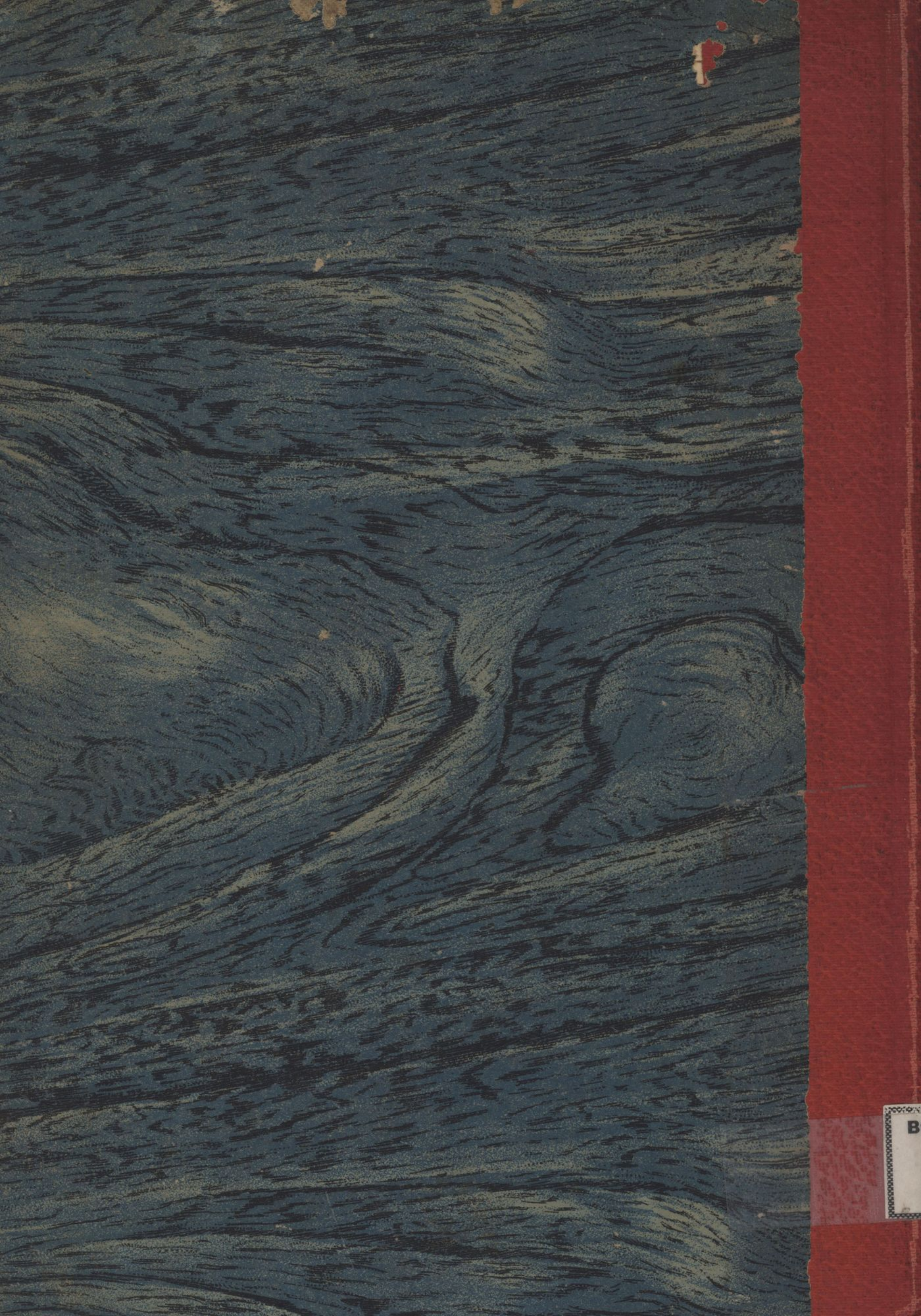
O Polvilho Antiseptico de Silva Ferraz é da mais facil e simples applicação.

Na maioria dos casos, quando as partes affectadas, pela natureza da enfermidade ou do seu periodo de evolução, estiverem humidas, como nos casos de eczema vesiculoso, chagas, ulceras, golpes, cancros venereos, gretaduras, etc.; basta polvilhal-as ligeiramente tres ou quatro vezes ao dia, tendo-se o cuidado de as lavar, antes de cada applicação, com agua de sublimado, boricada ou qualquer solução antiseptica. E quando a pelle, no logar atacado, se apresentar muito secca, é, ás vezes conveniente humedecel-a com alguma das soluções indicadas ou com glycerina pura, antes da applicação do Polvilho Antiseptico.

A applicação deve fazer-se, tocando o Polvilho Antiseptico com um pouco de algodão hydrophilo, e salpicando em seguida a parte atacada.

Ás vezes é conveniente cobrir essa parte com uma leve camada de algodão hydrophilo ou gaze antiseptica, segundo as instrucções do medico assistente.

Conforme geralmente succede com todos os bons preparados, o Polvilho Antiseptico de Silva Ferraz, que conta dez annos de ininterrompido successo therapeutico em Portugal, Africa e Brazil, já tem despertado a cubiça dos imitadores gananciosos e sem escrupulos.



Secretaria de Estado
de Cultura e
Economia Criativa



Comunicado

As imagens, textos e obras disponibilizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Amazônia estão na maioria em domínio público ou possuem termo de cessão para publicação da versão digitais produzida pela Secretaria de Cultura.

Se porventura, você identificar alguma obra que não esteja de acordo com a Lei de Direitos Autorais (lei 9.610/98), entre em contato conosco para que possamos identificar e proceder com regularização.

O objetivo da Biblioteca da Amazônia na disponibilização das versões digitais é a preservação da memória e difusão da cultura do Amazonas e região norte do Brasil, sem prejudicar os direitos patrimoniais do autor, herdeiros ou quem possuir o direito de uso.

O uso destes documentos digitais, digitalizados ou nascidos digitais são apenas para fins pessoais (privado), sendo vetada a sua venda, edição ou cópia não autorizada.

Lembramos, que esses materiais podem ser encontrados nos acervos do Sistema de Bibliotecas Públicas da Secretaria de Cultura e Economia Criativa e seus parceiros.



ACERVOS DIGITAIS

https://beacons.ai/cdmam_sec

FALE CONOSCO

(92) 3090-6804

cdmam@cultura.am.gov.br

acervodigitalsec@gmail.com



CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DA AMAZÔNIA - CDMAM